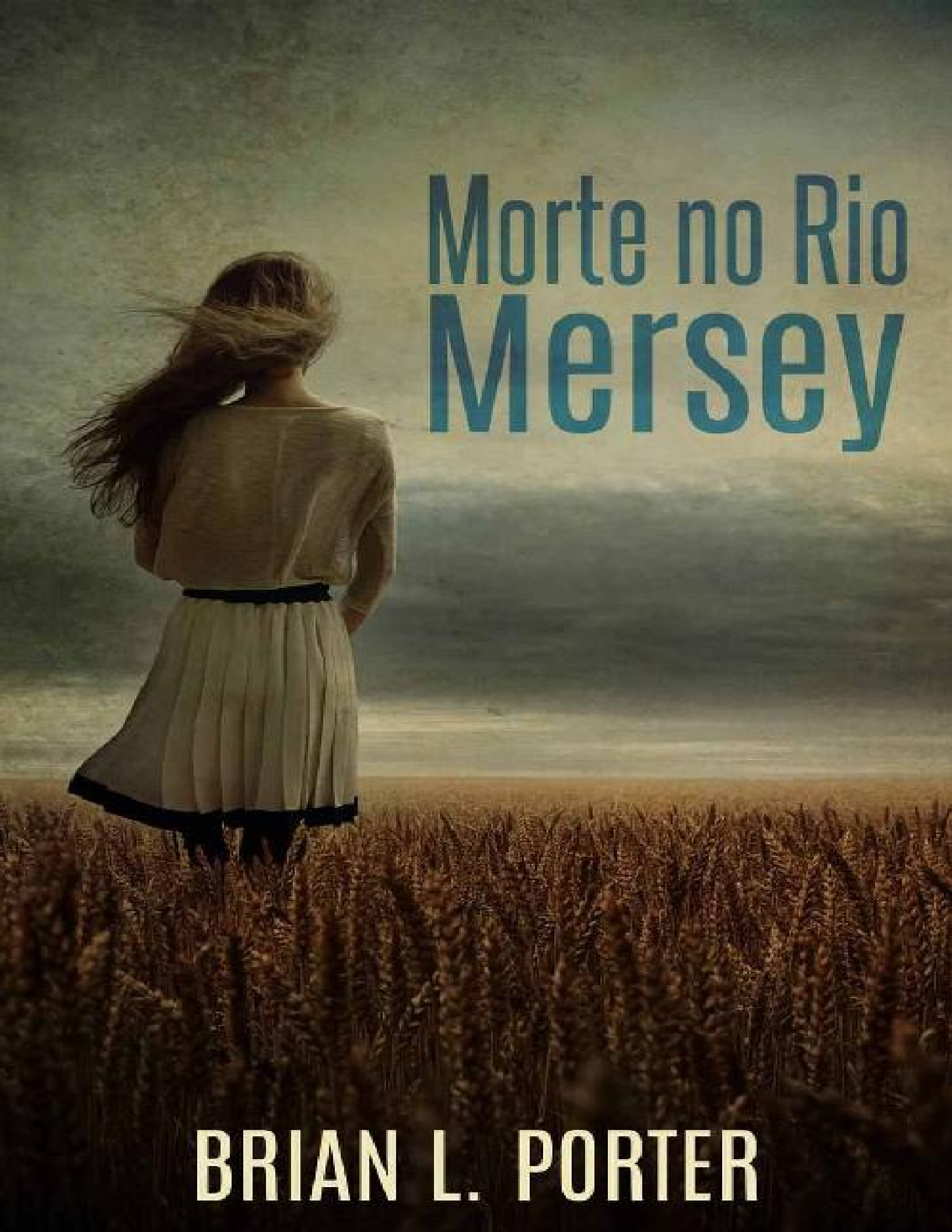


A woman with long, dark hair, seen from behind, stands in a field of tall, golden-brown grain. She is wearing a white, long-sleeved, pleated dress with a dark belt. Her hair is blowing in the wind. The background is a vast, open landscape under a dramatic, cloudy sky with a mix of grey and yellow tones.

Morte no Rio Mersey

BRIAN L. PORTER



Um esqueleto e uma mulher desaparecida. Um romance condenado. Um mistério que se estende por duas gerações. Liverpool, 1961. Um grupo de jovens rapazes se reúne em busca da fama e da fortuna, enquanto os sons emergentes dos "Swinging Sixties" se consolidavam na cidade. Muito em breve, Liverpool se tornaria sinônimo da música e dos grupos que moldariam uma geração. Liverpool, 1999. Restos de um esqueleto encontrados nas docas conduzem o Inspetor Andy Ross e a Sargento Izzie Drake a uma viagem pelo tempo, levados pela investigação aos primeiros dias do "Mersey Beat". De quem são os ossos enterrados na lama do rio Mersey por mais de trinta anos e qual a ligação deles com uma jovem moça, desaparecida durante todo esse tempo? Morte no Rio Mersey, o primeiro livro da série Assassinatos Misteriosos do Mersey, é o relato de um crime enraizado nos primórdios do rock 'n' roll.

Morte no Rio Mersey
Brian L. Porter

Traduzido por Rodrigo Leye

“Morte no Rio Mersey”

Escrito por Brian L. Porter

Copyright © 2017 Brian L. Porter

Todos os direitos reservados

Distribuído por Babelcube, Inc.

www.babelcube.com

Traduzido por Rodrigo Leye

Design da capa © 2017 The Cover Collection

“Babelcube Books” e “Babelcube” são marcas comerciais da Babelcube Inc.

Índice Analítico

[Página do Título](#)

[Página dos Direitos Autorais](#)

[Outros livros do autor](#)

[Agradecimentos](#)

[Introdução](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Epílogo](#)

[Sobre o autor](#)

Outros livros do autor

Suspenses por Brian L Porter

- A Study in Red - The Secret Journal of Jack the Ripper
- Legacy of the Ripper
- Requiem for the Ripper
- Pestilence
- Purple Death
- Behind Closed Doors
- Avenue of the Dead
- The Nemesis Cell
- Kiss of Life

Coletânea de contos

- After Armageddon

Poesia de memórias

- Lest We Forget

Livros infantis (como Harry Potter)

- Wolf
- Alistair the Alligator, (ilustrado por Sharon Lewis)

Em breve

- Tilly's Tale
- Dylan's Tale
- Charlie the Caterpillar, (ilustrado por Bonnie Pelton)
- Hazel the Honeybee, Saving the World, (ilustrado por Bonnie Pelton)
- Percy the Pigeon, (ilustrado por Sharon Lewis)

Como Juan Pablo Jalisco

- Of Aztecs and Conquistadors

Agradecimentos

Muitas pessoas foram instrumentais de diversas maneiras para ajudar a garantir que *Morte no Rio Mersey* chegasse à sua versão final, então levaria muito tempo para mencionar todas, mas espero que aqueles cujos nomes não são mencionados aqui saibam quem são, e como sou grato a todos e a cada um de vocês. Alguns, no entanto, achei que deveria incluir pelo nome, então aqui vai.

Os agradecimentos devem ir ao meu editor, Miika Hannila da Creativia Publishing, que tinha tanta fé no livro que redigiu um contrato para ele antes do primeiro capítulo ter sido concluído e, da mesma forma, para Mario Domina, CEO da ThunderBall Films, que fez a opção do livro para uma adaptação em filme ao mesmo tempo. Tal confiança no seu trabalho é verdadeiramente gratificante para um autor.

Em um nível mais pessoal, amorosos e sinceros agradecimentos a todos os membros da minha família na grande cidade de Liverpool. Principalmente aos primos do meu pai e seus descendentes — meus pensamentos e lembranças de todos vocês ajudaram a moldar a maioria dos personagens da história a seguir. As incríveis personalidades típicas de Liverpool de "Tia Ada" e "Tia Alice" se combinaram para dar origem a Connie Doyle, e o primo George aparece como George Thompson. Ron e Iris, em cuja casa ficamos muitas vezes durante minha adolescência, me ajudaram a formar algumas das personalidades que compõem muitos dos personagens secundários.

Uma palavra de gratidão para minha prima, Rachael Tiffen, que gentilmente me permitiu usar os nomes de seus filhos, Ethan e Clemency, como personagens, e para Ethan e Clemmy pessoalmente por me darem sua aprovação pessoal para que eu o fizesse. Espero que vocês gostem de ler o livro. Como autor, acho que é muito mais fácil desenvolver uma personagem baseada na realidade de alguém que conheço. Isso me permite acrescentar substância à personagem que poderia ser difícil de incorporar efetivamente de outra forma.

Tenho uma dívida de agradecimento também com minha colega escritora e amante de cachorros, Carole Gill, autora bem-sucedida de uma série de romances de horror de sucesso. Leia seus livros de vampiro se tiver coragem! Durante um período de dificuldade técnica no final do livro, quando parecia que a conclusão final de *Morte no Rio Mersey* poderia ser adiada por muitas semanas, sua ajuda e apoio se provaram inestimáveis. Um milhão de vezes obrigado, Carole.

Semelhantes agradecimentos vão para o já citado Mario Domina, que também ajudou imensamente durante este período.

A todas as pessoas da maravilhosa cidade de Liverpool, obrigado por estarem lá e me fornecerem a inspiração para *Morte no Rio Mersey*.

Como sempre, guardo meus agradecimentos finais para minha querida esposa, Juliet, minha crítica mais feroz durante a escrita de todos os meus livros. Se ela não gostar, não vai para o manuscrito final. Sua paciência (muitas vezes desgastada), e seu apoio infalível foram, como sempre, um porto seguro durante todo o processo de escrita.

Introdução

O ano é 1961, e a cidade de Liverpool está apenas começando a balançar ao som da nova onda de música popular, chegando ao Reino Unido vinda dos Estados Unidos. No nascimento do que ficaria conhecido como "The Swinging Sixties", quatro jovens se juntam com o sonho do estrelato pop em seus olhos, e começam a perseguir esse sonho em vários clubes de Liverpool, alguns com nomes ilustres como The Cavern e The Iron Door, mas principalmente naqueles locais pouco conhecidos fora da grande cidade portuária. Tocando por cachês ínfimos, aqui, no ambiente que iria gerar nomes como The Beatles, Gerry and the Pacemakers e muito mais, Brendan Kane and the Planets começam sua jornada rumo ao eventual reconhecimento.

No que se tornará uma história arrebatadora de proporções quase épicas, pulamos para a véspera do milênio. Estamos em 1999 e, enquanto a cidade de Liverpool passa por um programa transformador de modernização e remodelação, trabalhadores de um projeto de recuperação de um antigo cais e de um armazém desativado nas docas descobrem os restos mortais de uma vítima morta há muito tempo. Ambos os joelhos da vítima parecem carregar as marcas de uma clássica tortura do IRA, o "kneecapping", e rapidamente o inspetor Andy Ross e sua assistente, a sargento Clarissa (Izzie) Drake, encontram-se envolvidos em uma investigação que os manda de volta no tempo, àqueles dias inebriantes dos anos sessenta em que a cidade balançava ao som da nova música popular britânica, mas quando paixões maiores do que qualquer coisa que haviam concebido no início acabam levando ao crime definitivo, um assassinato a sangue frio! Uma pista oportuna leva à eventual identificação dos restos mortais, e a um novo mistério, envolvendo uma jovem moça, desaparecida há mais de trinta anos. Quando um novo assassinato ocorre, ligado à investigação, Ross percebe que o caso não está tão "frio" como parecia inicialmente, e começa então uma corrida contra o tempo para evitar mais mortes, enquanto o passado e o presente colidem e o caso toma um novo e sinistro rumo.

Nota do autor

Morte no Rio Mersey é uma obra de ficção e, como tal, as personagens principais e muitos dos lugares mencionados na obra que se segue são fruto da imaginação do autor e não devem ser confundidos com pessoas reais, vivas ou mortas. Foi necessário, no entanto, a fim de criar uma obra que fosse crível e convincente, fazer certas referências a pessoas, lugares e eventos reais para invocar a época em que o livro se ambienta, ou seja, a cidade de Liverpool no início dos anos 60. Onde isso aconteceu, foi feito com a maior reverência e respeito por aqueles mencionados, sendo que nenhum deles é um participante real da obra de ficção, e o leitor vai logo perceber que estão lá apenas para ajudar a criar a atmosfera de um momento muito especial no mundo da música, e da maravilhosa cidade que deu origem ao fenômeno que veio a ser conhecido como "The Swinging Sixties".

Ortografia e gramática

Por favor, note que o original deste livro foi escrito em inglês britânico (Reino Unido), e no Reino Unido algumas palavras têm a grafia diferente da usada nos EUA. Além disso, muitas das personagens no livro falam o dialeto local de Liverpool, que significa que a ortografia e o uso gramatical de certas palavras foram alterados para refletir isto.

Capítulo 1

NOTAS DE ABERTURA

O Cavern Club na primavera de 1961 era, para usar a gíria da época, "realmente chocante". Uma barulhenta multidão de adolescentes estava dançando, gritando e, em alguns casos, comendo um almoço típico do Cavern de sanduíches e refrigerantes (o clube não tinha licença para vender álcool), talvez chá ou café. Rory Storm and the Hurricanes, um grupo local popular na época, completou seu show, e o clube lotado, montado em um armazém abandonado, foi preenchido pelo som dos aplausos da feliz e quase delirante juventude. O baterista da banda, um tal de Ringo Starr, depois alcançaria a fama mundial como membro dos Beatles, mas seus dias de arrebatador o mundo da música ainda estavam um pouco distantes no futuro. Por enquanto, ele sorriu para os aplausos, como fizeram os outros membros do grupo, que se deliciavam com a ovação que recebiam do jovem e agradecido público. Como os Beatles, Rory Storm and the Hurricanes seriam mais tarde contratados pelo icônico empresário Brian Epstein, sem, infelizmente, alcançar a fama do ativo mais vendável de Liverpool nos anos sessenta, mas no momento eles estavam contentes por serem um dos grupos mais populares na crescente cena musical local. Na época, a música "beat" e o rock'n roll só eram permitidos no Cavern Club durante suas sessões da hora do almoço, pois o local era um "clube de Skiffle", no qual apenas um pouco de jazz era permitido sair das normas. Isso mudaria muito em breve, graças ao som florescente dos anos sessenta que emanaria das ruas da grande cidade portuária.

Mantendo os dois braços ao lado do corpo, e baixando as palmas das mãos em um pedido de silêncio para a multidão de adolescentes reunidos, Rory Storm sorriu e falou com uma voz alta o suficiente para ser ouvido sobre a agitação do clube:

— Obrigado a todos. É ótimo ser reconhecido. É hora de fazermos uma pausa, mas eu sei que vocês vão adorar o próximo grupo que está prestes a se apresentar para vocês. É a primeira vez deles aqui no Cavern, então vamos todos dar verdadeiras boas-vindas do Cavern a *Brendan Kane and the Planets*!

O público aplaudiu e, quando o som aumentou até parecer reverberar nas paredes de tijolo do clube, Rory virou-se para a esquerda e acenou para o grupo posicionado fora do palco, esperando o momento de fazer sua estreia.

— Vamos lá, Brendan, rapazes — gritou Rory, e os estreantes praticamente correram para o palco sob ainda mais aplausos da multidão de jovens animados,

sempre felizes em ouvir e apreciar os mais novos grupos que surgiam na cena musical local. Depois do próprio Brendan, vocalista e guitarrista do grupo, subiram ao pequeno palco do Cavern o guitarrista Mickey Doyle, o baterista Phil Oxley e o irmão mais novo de Mickey, Ronnie, no baixo. Sem perder tempo, o grupo iniciou o primeiro dos dois números que iriam executar naquela noite, seu próprio arranjo do clássico sucesso de Chuck Berry, *Roll Over Beethoven*. Poucos segundos depois de terem começado, o clube já estava balançando ao som da nova banda da cena, e a voz de Brendan Kane, poderosa e ressoante, deixou a plateia extasiada.

"Uau, esse cara sabe cantar!", "Fabuloso" e outros superlativos logo seriam trocados pelos jovens ouvintes cujos ouvidos exigentes estavam rapidamente ficando acostumados a reconhecer aqueles grupos ou cantores que tinham a musicalidade ideal e, mais importante, vozes que os faziam se destacar na cena musical local em rápida expansão. Enquanto os últimos acordes da música ecoavam ao final da apresentação, o público presente explodiu espontaneamente em um inflamado coro de aplausos e assobios, e Brendan olhou com esperança para o lado do palco, onde o DJ residente do clube, que sabe reconhecer uma coisa boa quando a vê (e ouve), levantou um dedo, indicando que o grupo poderia executar mais uma canção, sendo isso o dobro do que eles estavam esperando tocar naquele dia.

Brendan rapidamente sussurrou "Coming Home" para os membros da banda e Mickey Doyle começou a dedilhar a melodia de abertura da música que ele e Brendan haviam composto juntos. Com uma batida ressoante e uma melodia de guitarra "grudenta" em toda a canção, qualquer risco que o grupo tinha corrido ao executar uma composição própria ao invés de uma das mais convencionais da época logo se dissipou, e a plateia acompanhou a batida e dançou durante a música, que o grupo estava executando pela primeira vez em público.

— Foi ótimo — disse o DJ do clube enquanto o grupo deixava o palco sob aplausos ainda mais arrebatadores. — Vocês têm um som muito bom. Quero que voltem novamente, e em breve.

— Isso vai ser fantástico — respondeu Brendan, um sorriso radiante no rosto. — Breve quanto?

— Qual sua agenda para semana que vem?

— Bom, vamos tocar no Iron Door na terça.

— Que tal quinta na hora do almoço?

Brendan rapidamente olhou de forma interrogativa para os outros membros do grupo. Ele sabia que eles teriam que arranjar folga ou simplesmente faltar ao trabalho se estivessem dispostos a cumprir o compromisso, mas cada um deles concordou sem hesitar.

— Ok, nós estaremos aqui — respondeu ele.

Depois de ficarem no clube tempo suficiente para fumarem uns cigarros e beberem um café ou uma Coca-Cola, Brendan e os Planets fizeram o seu caminho através da atmosfera carregada de fumaça e da multidão feliz em direção à saída, acompanhados de muitos tapinhas nas costas e elogios de diversos jovens que obviamente curtiram seu desempenho. *Quem sabe*, pensou Brendan enquanto o grupo carregava seus equipamentos em uma velha caminhonete Bedford que eles pegavam emprestada regularmente do pai de Phil Oxley, *tenhamos uma chance real de alcançar algo no ramo da música*. Phil dirigiu com cuidado, não querendo estragar sua preciosa bateria ou as guitarras e os equipamentos dos outros e, um por um, deixou os membros do grupo em suas casas, ou, no caso de Brendan, na frente da livraria onde ele trabalhava. Sr. Mason, o dono da livraria, não se importava em dar folga para Brendan ir a seus shows pois, como alguém que pensava no futuro, ele percebeu que boa parte do público jovem que conhecia Brendan já estava visitando sua loja regularmente, e ele habilmente tinha começado a estocar uma vasta gama de produtos, revistas e quadrinhos americanos, o que garantiu uma receita constante da nova divisão de sua clientela. *Talvez*, pensou ele, *eu devesse começar a estocar alguns discos, vai saber*.

Sr. Mason recebeu Brendan com alegria de volta ao trabalho, onde o jovem logo se perdeu nos devaneios do seu futuro estrelato, enquanto dava conta do resto das tarefas do dia.

Capítulo 2

LIVERPOOL, 1999

Clarissa Drake ficou olhando para baixo, mais ou menos uns dez metros, em direção ao fundo da velha e seca doca. Voltando-se para o jovem ao lado dela, ela falou calmamente, enquanto se arrepiava devido à névoa matinal que flutuava pela paisagem do Rio Mersey ali perto:

— Sabe, Derek, se não o conhecesse bem, diria que ele parece feliz em nos ver.

Antes que o jovem pudesse responder, uma voz profunda vinda de trás dos dois os fez saltar um pouco:

— Então, Izzie, quantas vezes já falei para você sobre esse seu senso de humor?

Virando-se para ver a origem da voz, a sargento Clarissa (Izzie) Drake ficou cara a cara com seu chefe, o inspetor Andy Ross. O policial Derek McLennan ficou do lado dela, tentando parecer pequeno e insignificante para evitar a ira do seu chefe. O inspetor Ross, apesar de suas palavras, tinha um sorriso quase imperceptível no rosto enquanto olhava seriamente para sua sargento.

— Desculpe, senhor, mas você sabe como ver algo assim sempre me afeta. Estou apenas tentando deixar o clima um pouco mais leve, se é que você me entende.

O alto e moreno inspetor deu um passo à frente e olhou para baixo, em direção à cena que os trouxera até ali em primeiro lugar, o sorriso fixo da caveira certamente fazendo parecer, como Izzie comentou, que estava satisfeita em ter sido libertada de seu longo encarceramento na lama grudenta, que só agora decidiu revelar seu segredo macabro. Ross sabia que ela deveria estar ali há muito tempo, pois o pequeno cais e as docas ficaram abandonados por muitos anos e somente agora, durante as obras de renovação e melhoria urbana, o bolo de lama e detrito resultante de anos de negligência foi sendo lentamente removido até que a descoberta dos restos mortais fez com que os trabalhos fossem interrompidos. Ele se virou para encarar a sargento e o jovem policial que permanecia plantado ao seu lado.

— Muito bem, vamos em frente. Izzie, tente também não atribuir ou assumir o sexo até que o médico tenha examinado os restos, ok?

Izzie concordou com a cabeça.

— E, policial? — Ross olhou nos olhos do jovem detetive.

— Senhor?

— Não vou arrancar sua cabeça por ter ficado ao lado da sargento enquanto ela fazia comentários frívolos, então não precisa ficar com essa cara de quem está

prstes a ser enviado de volta para a academia, ou servido como jantar para o superintendente-chefe, ok?

— Sim, senhor, ok senhor, quero dizer muito obrigado, senhor.

— Há quanto tempo você está na divisão de investigações, rapaz?

— Seis meses, senhor.

— Tem muito a aprender, meu filho, muito a aprender. Agora, vamos continuar com o trabalho.

— Certo senhor — respondeu McLennan, seguindo Izzie enquanto ela começava a descer a escada de ferro que levava ao leito lodoso e malcheiroso do rio abaixo.

Ross rapidamente seguiu os dois até que todos os três oficiais observaram em silêncio o recém-descoberto esqueleto que estava metade para dentro e metade para fora da compacta superfície de solo que uma vez fora o leito de um movimentado e próspero cais ribeirinho.

Os detetives tomaram o cuidado de não se aproximar demais dos restos mortais, de modo a não alterar a cena antes que o médico legista tenha tido a oportunidade de inspecionar o local.

— Alguém sabe quem é o legista de plantão? — perguntou Ross, para ninguém em particular.

Izzie Blake forneceu a resposta:

— Um dos paramédicos lá em cima disse que é o Gordo Willy, senhor.

Ross gemeu. O apelido usado por Blake se referia ao doutor William Nugent, um brilhante, mas terrivelmente obeso médico policial, expert em patologia forense, cujos infelizes problemas associados ao peso davam aos membros da Polícia de Merseyside a desculpa para fazer piadas às suas custas, sempre por trás de suas costas, é claro. Por ser um escocês muito sisudo, o sotaque do médico contrastava com o sotaque de Liverpool que predominava por ali, possuído pela maior parte da força policial local, alguns dos quais achavam às vezes difícil acompanhar as palavras do médico, embora ele parecesse não ter nenhuma dificuldade com o sotaque de Liverpool, tendo vivido na cidade por tantos anos quanto alguém poderia se lembrar. Nugent também era meio que um fanático por regras, então Ross sabia que era melhor tomar todo o cuidado do mundo para não interferir em nada na cena diante dele, de forma a não deixar o bom doutor furioso. Ross ergueu ambos os braços na altura dos ombros, como se estivesse indicando uma barreira invisível.

— Ok pessoal, ninguém chega mais perto do que isso até que o doutor chegue. Agora, me digam o que vocês estão vendo. Você primeiro, sargento.

Izzie Drake olhou para a ossada e fez uma pausa, refletindo. O crânio e o torso estavam quase que totalmente expostos, com a área abdominal ainda coberta por uma grossa camada de lama e sedimentos, e a parte inferior das pernas e os pés expostos ao frio ar da manhã.

— Bem, senhor, parece que o corpo já está aí faz um bom tempo. Se olharmos para a parede da doca acima de nós, podemos ver que a lama e os sedimentos devem ter alcançado pelo menos uns 3 metros antes de os trabalhadores terem começado o trabalho de recuperação.

Ross olhou para cima, concordando com sua sargento com um movimento de cabeça, tendo também tempo para observar as letras desbotadas na lateral do armazém de tijolo abandonado, que liam "Cole and Sons, Importers", muitas das letras agora indistintas e pouco legíveis. Ele fez uma nota mental para verificar há quanto tempo o armazém estava vazio e se a Cole and Sons fora a última empresa a utilizar as instalações. Izzie continuou:

— Quem quer que a vítima seja, ou tenha sido, deve ter ficado enterrada debaixo da lama e do lodo durante muitos anos, para ter acabado tão fundo.

— Concordo — disse Ross. — Continue, o que mais?

— Eu apostaria que isso é uma morte suspeita. Não vejo ninguém morrendo de causas naturais sem ser dado como desaparecido, ou ninguém tendo a menor pista de onde ele ou ela foi visto pela última vez, esse tipo de coisa.

McLennan deu sua opinião:

— A menos que a vítima tenha tido um ataque cardíaco, ou tenha escorregado e caído na água tantos anos atrás, sem testemunhas, e nunca tenha sido encontrada.

— Parabéns, policial McLennan — disse Ross. — Bem pensado. Talvez tenhamos que fazer um enorme rastreamento dos registros de pessoas desaparecidas quando o doutor nos der uma ideia de há quanto tempo os restos têm estado aqui embaixo. Mais alguma coisa, Izzie?

— Ainda não, senhor. Acho que precisamos da opinião do médico antes de começarmos a formular nossas próprias teorias.

Como se aguardando a deixa, primeiro uma grande sombra e então uma imensa figura apareceram nas docas acima, seguidas do vozeirão do Dr. Nugent.

— Muito bem, inspetor Ross. Vejo que você tem algo interessante para mim nesta manhã? — O sotaque escocês era facilmente perceptível para aqueles ao redor do patologista.

— Bom dia, doutor. Sim. Está aqui faz um tempo, eu diria, mas gostaria da sua opinião profissional antes de tirarmos nossas conclusões.

— Ah sim, é bom saber que você está aprendendo algumas coisas. Presumo que ninguém tenha mexido nos restos, certo?

— Temos ficado bem para trás para manter a área em torno da vítima intacta.

— Ótimo, então é melhor eu descer, hein? Francis, vamos lá, e traga sua câmera.

Como que num passe de mágica, a diminuta figura de Francis Lees, o assistente do patologista, apareceu ao seu lado, olhando para a cena da morte.

— Que diabos está esperando? Desça logo a escada e espere por mim lá embaixo. E certifique-se de me pegar se eu escorregar em um desses velhos degraus enferrujados.

Os detetives se olharam e sorriram. Imaginar toda a massa de Nugent caindo da escada em cima do pobre Lees deu uma alegria no clima pesado da desagradável tarefa. A ideia de que o peso de Nugent provavelmente forçaria o corpo de Lees para dentro da lama e do lodo, sufocando o pobre homem, fez eles pensarem que acabariam com dois corpos a serem removidos das docas antes do fim do dia.

Lees rapidamente desceu as escadas e ficou aguardando obedientemente, sua câmera pendurada no ombro, enquanto Nugent descia pesadamente os degraus enferrujados, chegando felizmente em segurança ao chão menos de um minuto depois de seu assistente. Ross não pode deixar de admirar a forma como o patologista, apesar de todo seu tamanho, conseguiu descer a escada quase que graciosamente, e sem nenhuma dificuldade aparente.

— Então vamos ver o que temos aqui — disse Nugent enquanto ele e Lees começaram sua própria avaliação da cena. A câmera de Lees disparava incessantemente enquanto ele fotografava os restos mortais parcialmente revelados de todos os ângulos possíveis. Nugent se ajoelhou na lama ao lado do esqueleto e começou um exame mais detalhado. Ross, conhecendo bem demais a rotina do médico, não resistiu a uma pergunta rápida.

— Está vendo algo que possa nos ajudar, doutor?

— Sshhh — pediu Nugent.

— Ele acha que o cadáver vai falar com ele? — sussurrou McLennan baixinho para Izzie.

— Ah, eu ouvi isso, meu jovem — ralhou Nugent com o jovem detetive. — Eu gosto de trabalhar em paz, se vocês não tiverem nenhuma objeção.

— Claro, doutor, me desculpe — disse McLennan, visivelmente envergonhado.

— Bom, de qualquer forma, em resposta à sua pergunta, inspetor Ross, eu acredito que tenho sim algo para você.

— Já, doutor?

— Sim, já, mas não precisa ser um gênio nesse caso para verificar que, na minha humilde opinião, você vai estar procurando por um assassino.

Ross e Izzie Drake se entreolharam, trocando olhares de entendimento. Ambos sabiam, intuitivamente, que esse seria um caso potencialmente longo e difícil de solucionar.

— Como você pode ter certeza tão depressa? — perguntou Ross ao patologista.

— Bom, eu não acho que esse buraco no crânio tenha aparecido aqui por acaso.

Nugent chamou o inspetor mais para perto e apontou para a parte de trás do crânio, que ele tinha levantado cuidadosamente para fora da lama. Lá, os dois

homens olharam atentamente para um buraco, maior do que seria deixado por uma bala, mas ainda compatível com algum tipo de trauma contuso.

— Isso não poderia ter sido causado por um acidente, doutor?

— Sob determinadas circunstâncias sim, inspetor Ross, mas não neste caso, eu acho.

— Por que tanta certeza? — perguntou o policial.

Nugent apontou para um ponto cerca de trinta centímetros à direita do crânio. Ross pôde ver que o médico, durante seu exame atento, tinha descoberto a forma inconfundível de um martelo.

— Eu aposto o salário de um mês que esse martelo é a arma do crime, inspetor — disse Nugent. — Há algumas manchas no martelo que podem ser sangue, e o formato e o tamanho da cabeça do martelo parecem corresponder à forma do ferimento na cabeça dessa pobre alma. Serei capaz de confirmar quando levarmos os restos para o laboratório, mas por enquanto estou certo de que você tem um assassinato em suas mãos. Sem chance de haver impressões digitais depois de tanto tempo, o que temo me leva à má notícia de que os restos têm estado aqui há muito tempo, anos na verdade.

— Alguma ideia de sexo? — perguntou Izzie Drake.

— Ainda não, sargento, mas olhando o tamanho dos pés, eu arriscaria masculino — respondeu Nugent. — Inspetor, eu não quero mexer muito nos restos onde eles estão no momento. Você poderia providenciar uma equipe para escavar toda a área ao redor do esqueleto e transportar para o meu laboratório? Posso realizar um exame minucioso lá e fornecer todas as informações que o falecido esteja disposto a me revelar.

Ross gemeu por dentro. Seria uma enorme tarefa remover os restos do seu lugar atual, com lama e tudo, sem bagunçar ou destruir o esqueleto, mas uma vez que ele estivesse fora do caminho, ele e sua equipe poderiam fazer uma busca minuciosa da área ao redor em busca de pistas sobre a identidade da vítima ou a completa natureza do crime. Pelo menos a possibilidade de que este fosse o local do assassinato tornava sua tarefa um pouco mais simples, sem a necessidade de sair procurando pela margem do rio por quilômetros em ambas as direções.

— Vou tomar as devidas providências, doutor. Uma vez que os restos cheguem ao seu laboratório...

— Eu sei, inspetor. Você gostaria de receber minhas conclusões o mais cedo possível.

— Sim, obrigado doutor. Eu sei que ainda não vejo uma solução rápida para este caso, mas qualquer coisa que possamos fazer para descobrir a identidade da vítima e quando o assassinato ocorreu, pode nos ajudar a levar o assassino à justiça.

— Desejo sorte, inspetor, de verdade — disse Nugent ao se levantar da sua posição, e acenou para Lees segui-lo, e a dupla começou a subida pela escada até as docas.

— Alguma coisa a acrescentar, policial? — Ross dirigiu a pergunta a McLennan.

— Só uma pergunta, senhor.

— Ok, pode perguntar.

— Senhor, esta doca, cais ou qualquer que seja o termo, tinha anteriormente uma conexão com o Mersey por aquele canal, certo? — McLennan apontou ao longo do estreito canal pelo qual os navios teriam se aproximado das docas pelo rio, descarregado no píer, e então dado a volta na bacia em que eles estavam agora antes de voltar para o Mersey.

— Certo — disse Ross — e qual é a pergunta?

— É que eu não consigo enxergar como conseguiram bloquear todo o Rio Mersey para poder drenar as docas e o canal, senhor. Como diabos eles conseguiram isso?

— Boa pergunta, McLennan, e eu fico feliz em ver que você está pensando sobre isso. Eu não sou engenheiro, mas acho que eles plantam grandes pilastras de metal no leito do rio, erguem um tipo de represa temporária, e então usam grandes bombas para drenar a água deste lado. Quando está seco, eles podem então construir a nova margem reforçada do rio que você está vendo agora no final do canal, redirecionando assim o curso do Mersey. Eles devem ter feito isso diversas vezes durante toda a remodelação da área das docas, pois eu sei que há muitos desses canais e entradas para o rio que tiveram de ser fechados antes de os empreiteiros puderem começar a trabalhar na sua assim chamada remodelação e melhoria da antiga área das docas.

— Certo, senhor, entendo. Eu estava apenas tentando descobrir se o esvaziamento do canal teria alguma influência sobre o momento da morte da vítima.

— Bem pensado, policial, mas é claro que pode ter acontecido a qualquer momento quando as docas ainda estavam em operação, ou após o fechamento, é o que eu acho. Mas escute, continue pensando, ok rapaz? É isso que um bom detetive faz, o tempo todo, pensa muito, principalmente pequenos pontos, mas uma hora você pode acertar alguma coisa importante. A outra coisa que precisamos considerar é a possibilidade de que o corpo fora trazido para cá pela maré e tenha simplesmente aparecido aqui. O local onde o assassinato realmente ocorreu e o verdadeiro local de despejo do corpo podem ser em qualquer lugar.

McLennan sorriu, satisfeito que o inspetor tenha escutado seus pontos e não achado que ele estava perdendo tempo, mas desejava que ele tivesse pensado no último ponto do inspetor.

Em seguida, Ross sacou seu celular e passou os próximos minutos acertando para que uma equipe especialista em recuperações viesse à cena, e removesse os restos e a lama e lodo adjacentes em uma grande escavação, de forma a serem transportados até o laboratório forense, onde o doutor Nugent faria o que Ross sabia seria um exame minucioso. Não havia muito o que pudessem fazer no momento, pelo menos até que os restos fossem removidos e eles tivessem a oportunidade de realizar um exame detalhado da área adjacente. Ross sabia que teria de ligar para alguns oficiais uniformizados, bem como para os membros de sua própria equipe de detetives, e o seu próprio chefe, o inspetor-chefe Harry Porteous, não ficaria muito satisfeito com a quantidade de horas extras que provavelmente seriam necessárias em um caso que, à primeira vista pelo menos, parecia oferecer pouca esperança de uma solução rápida e fácil.

— Muito bem — disse Izzie, enquanto ela e Ross observavam os restos, após McLennan ter sido despachado por Ross para começar os preparativos da remoção cuidadosa dos restos, e seu posterior transporte até o laboratório.

— Muito bem, mesmo, sargento — respondeu Ross, pensativamente. — Muito bem, mesmo.

Capítulo 3

LIVERPOOL, SETEMBRO DE 1962

Brendan Kane e seus colegas músicos sentaram-se ao redor da mesa da cozinha na casa dos pais de Brendan, uma pequena casa de tijolos vermelhos com dois cômodos embaixo e dois cômodos em cima, como milhares de outras casas da cidade. Os jovens garotos se sentaram na mesa da cozinha da mãe de Brendan, com o baterista Phil incapaz de manter suas mãos paradas, mexendo constantemente com uma garrafa de Camp Coffee em uma mão e uma de Ketchup Heinz na outra. Em um lado da sala, um pequeno fogo de carvão queimava na lareira, aquecendo e dando uma sensação de segurança acolhedora ao cômodo. Perto do fogo, uma leva de roupa lavada estava pendurada no varal de madeira, e o cheiro da roupa úmida deixava o cômodo ainda mais aconchegante. Apesar do calor e da atmosfera doméstica da casa de seus pais, Brendan, como muitos outros da sua idade, alimentava o sonho de poder subir na vida, e deixar para trás a existência sombria e monótona do cotidiano enfrentada por sua mãe, seu pai e outros da sua geração. Seu pai, Dennis, trabalhou a vida inteira como estivador, uma vida dura, com uma exigência física diária exaustiva. Os anos cobraram o seu preço de Dennis Kane, e Brendan, apesar de ter o maior respeito por seu pai, queria mais da vida, uma casa com um jardim ao invés de uma porta direto na rua, talvez algumas das conveniências modernas, como uma máquina de lavar louças semelhante àquela que ele vira nas lojas do centro, e uma das novas e modernas máquinas de lavar roupas. Brendan sabia que sua mãe tinha mais sorte que a maioria, por ter sua máquina de lavar dupla com centrífuga, que tirava grande parte da água das roupas. Ainda assim, as roupas penduradas no varal eram um lembrete de que sua mãe ainda lavava grande parte das roupas à mão, e secava da melhor forma possível em frente à lareira.

Como o resto do grupo, ele achava que a sua melhor chance de alcançar seus sonhos deveria ser pela música. Ele tinha ganhado sua guitarra, uma Hofner de captador duplo usada, mas em boas condições, como presente de Natal de seus pais, que estavam bem cientes do amor de seu filho pela música, e tiveram de economizar durante meses para comprar o instrumento para ele, junto com um amplificador usado. Usada ou não, para o jovem Brendan a guitarra foi, e ainda era, o maior presente que seus pais poderiam ter dado a ele, e ele estava determinado a pagá-los de volta por seu sacrifício financeiro assim que pudesse.

— Ouçam, rapazes — disse Brendan, enquanto apontava para uma pilha de papéis em cima da mesa na frente dele. — Aqui estão os recibos de todos os shows que fizemos até hoje. Estamos indo bem localmente, mas acho que precisamos tentar crescer, sabe, tipo, talvez conseguir um contrato com uma gravadora.

— Jesus, Brendan — respondeu Mickey, afastando uma mecha de cabelo que o incomodava permanentemente e sempre caía sobre o olho direito. — Todos nós adorávamos isso, cara, mas conseguir um contrato com uma gravadora não é fácil assim, e você sabe disso.

Os outros todos acenaram, de acordo com o que Mickey falou.

— É, eu sei disso, mas aquele cara, Brian Epstein, sabe, o pai dele é dono de uma loja de móveis na cidade. Brian é o gerente do departamento musical, e começou a agenciar alguns dos melhores grupos beat locais. Ele assinou com os Beatles e nós tocamos no mesmo palco que eles, certo? Uma pessoa me disse que eles já têm um contrato de gravação, e vão lançar um disco mês que vem. Eles mesmos compuseram, chama-se *Love me Do*. Ouvi que semana passada ele também acrescentou Gerry and the Pacemakers e mais alguns outros ao seu rol de artistas, e eles são todos daqui e estão indo bem sob sua orientação.

Phil Oxley entrou na conversa.

— É, eu vi ele por aí em alguns dos clubes, tipo Cavern, Iron Door, lugares assim.

— Mas ele já nos viu e nos ouviu tocar? — perguntou o jovem Ronnie.

— Exatamente — disse Brendan. — Precisamos ter certeza de que ele esteja em um desses clubes quando estivermos no palco, ter certeza de que ele vai nos ouvir e gostar de nós. Então talvez também sejamos escolhidos por ele.

— Mas ele não é o único empresário no negócio, é? — perguntou Ronnie. — Sei com certeza que alguns grupos fizeram gravações demo no estúdio de Pete Kemps no centro da cidade. Talvez pudéssemos fazer isso e mandar algumas cópias da demo para o Sr. Epstein e para algumas das grandes gravadoras, sabe, tipo Decca, EMI e Polydor?

— Certeza, Ronnie — disse Brendan. — Poderíamos fazer isso, gastar um monte de dinheiro que não temos para fazer uma demo, e então comprar cópias suficientes para mandar para a indústria, apenas para que o assistente de algum produtor ouça alguns acordes se tivermos sorte, e então jogue o disco no lixo. Nós só ganhamos três libras por show, cara, e temos que dar uma grana para o pai de Phil para pagar a gasolina que usamos quando ele nos empresta a van, então não temos muito dinheiro sobrando para jogar fora em uma demo que quase ninguém vai ouvir.

— Mas como que os outros grupos conseguem então? — perguntou Ronnie. — Com certeza muitas gravadoras têm pessoas que escutam novos talentos quando recebem demos pelo correio?

Mickey entrou na conversa:

— Ronnie, o que eu acho que Brendan quer dizer é que a maioria dos grupos cujas demos são ouvidas provavelmente são enviadas pelos seus empresários, que já conhecem os produtores da Decca e outros lugares assim.

— Sim, exatamente — disse Brendan. — É por isso que precisamos de alguém como Brian Epstein para nos notar. Não precisa ser ele, é claro, mas ele é daqui, e nós provavelmente temos mais chances de sermos ouvidos e vistos por ele do que por qualquer outro, e nós não conhecemos pessoalmente muitos empresários de grupos pop, não é?

— Ok — disse Ronnie. — O que acha que devemos fazer então, Brendan? Como fazemos com que ele nos veja e nos ouça? Não podemos exatamente implorar para ele, não é? Tipo, *"Por favor, Sr. Epstein, nós somos muito bons. Venha nos ouvir e assine com a gente"*.

— Nós usamos a cabeça, Ronnie. É isso que nós fazemos. Olhe aqui — disse Brendan. — Estes recibos mostram que temos um pouco de lucro em cada show, não muito, claro, mas o suficiente para talvez imprimir alguns folhetos. Minha ideia é imprimi-los com algumas de nossas datas "em breve", sabe, quando tivermos talvez umas três ou quatro datas agendadas, e nos certificamos de que cópias desse folheto sejam entregues na loja do pai dele, para o departamento de música, e para o seu escritório. Eu descobri que ele tem um na cidade, de onde ele dirige seus negócios. Então pedimos para que aquela sua linda irmã nos ajude, Mickey.

— E o que exatamente queremos que a Marie faça? — perguntou Mickey.

— Bom, ela é muito bonita, certo, e ela e suas amigas vão direto nos clubes ouvir música, certo? — Todos balançaram a cabeça, concordando, exceto Mickey, que parecia não ter certeza do que Brendan estava prestes a sugerir.

— O que fazemos é, pedimos a ela que vá em alguns dos clubes onde sabemos que ele vai, para ver se consegue conversar com ele, só dar umas dicas sobre esse ótimo grupo que ela tem ouvido, que somos nós, é claro, e que ele precisa ir ao Iron Door, ou onde quer que estejamos agendados naquela semana, para nos ouvir. Ela pode dizer que muitos garotos estão nos seguindo, e que temos um ótimo som. Que cara consegue resistir a uma coisinha linda como a sua irmã, Mickey?

— Parece bom — respondeu Mickey — mas como vamos saber a quais clubes ele vai para que a Marie possa tentar falar com ele?

— É, eu sei, esse é o grande problema do meu plano. Talvez ela possa passar uma ou duas semanas fazendo o melhor que puder para cercá-lo, e então nós fazemos os folhetos, tipo rapidinho, e entregamos eles para que ele receba umas cópias logo depois de falar com Marie, e talvez tenhamos sorte.

— Caramba, Brendan, há muitos "se", "mas" e "talvez" aí, não acha? — perguntou Ronnie.

— Eu sei, Ronnie, mas vamos lá pessoal, não acham que vale a pena tentar?

Após mais cinco minutos de discussão, sem ninguém ter dado uma ideia melhor para tentar obter o reconhecimento do sujeito que eles viam como o caminho para a indústria fonográfica, eles chegaram a um acordo, e Mickey prometeu que iria conversar com sua irmã, Marie, que ele concordou provavelmente ficaria satisfeita em alistar suas amigas para ajudar a colocar o grande plano de Brendan em funcionamento.

Após outra meia hora de discussão e concordando em se encontrar na casa de Brendan às sete da noite de sexta-feira, antes de ir para um show no recém-inaugurado Pelican Club, cada um tomou o seu rumo, e Brendan ficou com a tarefa de guardar os recibos e as canecas em que eles tomavam suas frequentes xícaras de chá, deixando a cozinha de sua mãe o mais limpa possível antes que ela chegasse em casa após seu turno na lavanderia.

A porta da frente se abriu logo depois, e o pai de Brendan entrou em casa, tendo passado uma hora no pub, bebendo uma ou duas cervejas com seus amigos. Ele foi direto para a cozinha, onde Brendan estava sentado à mesa, perdido em seus pensamentos.

— Ei, filho, como você está? — perguntou Dennis.

— Tudo bem, pai. Só pensando nas coisas, sabe.

— Pois é, rapaz, você pensa bastante, não é? Espero que você fique no seu novo emprego e não sonhe muito alto com esse negócio de música pelo qual você e seus amigos se interessam tanto. Essa vida não tem futuro, você sabe.

Brendan suspirou. Ele e seu pai tiveram essa conversa várias vezes nos últimos meses.

— Você está errado, pai, sério. Há um futuro de verdade lá fora se você for bom o suficiente, e eu sei que eu e os rapazes temos uma chance real se conseguirmos ser notados. Era sobre isso que estávamos conversando antes de você chegar em casa.

— Ah é? E o que o Sr. Mason acha desse papo de "beat music", hein? Ele é bem paciente, isso é verdade, dando folga para você sair e tocar isso que você chama de música durante o dia.

— É só às vezes, pai, quando temos um show na hora do almoço, e mesmo assim só fico fora da loja por algumas horas, sendo uma delas a hora do almoço, e o Sr. Mason diz que ele acha que eu devo perseguir os meus sonhos, que todos devemos.

Dennis Kane acenou com desprezo na direção do seu filho. Nunca que o velho e calejado estivador iria entender essa geração moderna.

— Tá bom, se você diz, meu filho, se você diz. Agora seja um bom rapaz, coloque a chaleira no fogo e faça uma boa xícara de chá para o seu velho pai.

Brendan assentiu para seu pai, levantou-se da mesa e pegou a chaleira do fogão ao lado da pia, enchendo-a de água rapidamente e colocando para ferver na boca a

gás, todos os sonhos de se tornar uma estrela pop no futuro deixados, por enquanto, de lado.

Um dia, pai, vou provar que você estava errado, e deixar você orgulhoso de mim, ele pensou, sem na verdade dizer as palavras. Ele sabia que nunca iria convencer seu pai, pelo menos até que ele e a banda tivessem sucesso de verdade, e mesmo assim talvez o seu pai não achasse que ser um músico e cantor fosse o que ele chamaria de um emprego "de verdade".

A chaleira apitou quando a água começou a ferver, e Brendan obedientemente fez o chá, e Dennis pegou o seu com um rápido "Obrigado, filho", foi para a pequena varanda na frente da casa e ligou a pequena televisão preto-e-branco no canto, que Brendan esperava um dia se transformasse numa gloriosa tela colorida, como as daquela grande loja da cidade.

Brendan levou sua própria xícara de chá fumegante para o seu quarto no andar de cima, onde ligou seu pequeno rádio portátil a transistor, permanentemente sintonizado na Rádio Luxemburg, deitou-se na cama e se deixou levar por seu devaneio de estrelato na música, enquanto os mais novos sucessos pop entravam em seu cérebro, o chá logo ficando frio enquanto ele se perdia nos primeiros sons dos anos 60.

Capítulo 4

SEDE DA POLÍCIA DE MERSEYSIDE, 1999

No sexto dia após a descoberta dos restos, Ross sentou-se sozinho em sua mesa em seu pequeno, mas funcional escritório na sede da polícia. A meticulosa tarefa de remover os restos do cais abandonado tinha levado quase dois dias para ser realizada, e o inspetor agora aguardava os resultados do exame post-mortem da infeliz alma cujo último lugar de descanso passara sabe-se lá quantos anos sem indicação ou reconhecimento. Após seis anos como inspetor, Ross tinha de admitir para si mesmo que esse poderia vir a ser o seu caso mais desconcertante até hoje. Como regra, a maioria dos homicídios tendiam a seguir um padrão semelhante. Seja por amor, ciúme, ódio ou razões financeiras, um dia um indivíduo teria um surto e provocaria a morte de outro. Na maioria dos casos, o corpo seria encontrado de forma rápida, e certamente não anos depois, como no caso atual. Claro que identificar a vítima ajudava, e novamente em geral isso seria feito rapidamente, mesmo quando nenhuma identificação estivesse presente no corpo. Somente em raros casos a polícia levava muito tempo para identificar uma vítima de assassinato, com todos os seus recursos modernos à disposição. Desta vez, no entanto, as coisas eram bem diferentes. No caso do esqueleto no qual nesse momento o Dr. Nugent e seu assistente Lees estavam realizando uma espécie de autópsia, não havia esperança de identificar quaisquer impressões digitais, e os poucos vestígios de evidências encontrados na área após a remoção do corpo forneceram pouca, praticamente nenhuma informação que pudesse ajudar a dar um nome à vítima, e sem um nome para o morto, qualquer esperança de encontrar o assassino se mostraria mínima.

Ross pegou o relatório que estava na sua mesa, uma única folha de papel que continha a lista de itens recuperados da lama e do lodo que se acumulara em volta do corpo em decomposição ao longo dos anos. Os restos de uma bota, obviamente masculina, tinha detalhes suficientes para ter seu tamanho estimado em 10. Nugent, é claro, estava certo em sua suposição de que os restos eram de um homem. Talvez a outra bota tenha se degradado e sido levada pela maré do cais enquanto ainda estava operacional, pensou Ross. A seguir, algumas moedas, totalizando seis xelins e dez pence em moeda anterior à introdução do sistema decimal da libra, que provavelmente estavam nos bolsos do falecido, foram encontradas, limpas e, a contar da data da moeda mais recentemente cunhada, descobriu-se que era possível assumir com algum grau de certeza que o assassinato não teria ocorrido após 1966.

— Caramba — disse Ross em voz alta — isso faz mais de trinta anos. Como que eu vou descobrir quem matou essa pobre alma se não consigo nem mesmo saber que ele era?

— Falando sozinho, senhor? — disse a voz de Izzie Drake na entrada. Ross estava tão absorto em seus pensamentos, que não a tinha ouvido bater suavemente antes de entrar no escritório.

— Bom, não tinha mais ninguém aqui para ouvir, certo sargento? — respondeu ele, rapidamente recuperando sua compostura após parecer inicialmente surpreso com a aparição repentina de Drake.

— Eu estou aqui agora, senhor. Conseguiu alguma coisa nova olhando para aquela lista?

Ross percorreu a pequena lista de itens mais uma vez, provavelmente pela décima vez desde que ela foi entregue pela equipe forense, e suspirou antes de responder. Os itens que foram encontrados estavam no armário de provas no porão do edifício-sede, e os dois detetives passaram algumas horas tentando captar algo, qualquer coisa, olhando para as coisas no dia em que foram trazidas, sob a supervisão de Izzie depois de ela ter liderado a equipe em uma meticulosa busca das docas.

— Eu não faço milagres, isso é certo, Izzie. Quer dizer, o que nós temos? Um pedaço de uma bota velha, algumas moedas, uns retalhos que podem ou não ser parte da roupa da vítima, um pente de metal, umas latas de diversas marcas de cerveja e refrigerantes, aparentemente identificáveis, algumas garrafas, inteiras e em pedaços, e aquele estranho pedaço de plástico que um dos seus buscadores encontrou. Qualquer uma dessas coisas, ou mesmo todas elas podem ter sido facilmente jogadas na água por alguém sem relação alguma com o assassinato. Não sabemos, e não vejo como que vamos descobrir, se quer saber a verdade.

— Eu sei, senhor. Parece uma tarefa impossível e muito ingrata, se você quer saber. O superintendente-chefe não percebe que estamos num beco sem saída com esse caso?

— Ele provavelmente sabe, Izzie, mas coloca um pouco de pressão no inspetor-chefe Porteous para obter um resultado, e ele coloca a pressão em mim e nós simplesmente temos de fazer o nosso melhor.

Izzie Drake atravessou o escritório de Ross até a janela, e pareceu olhar para o espaço por alguns segundos. Ross reconheceu isso como uma das formas normais de Izzie reunir seus pensamentos, e esperou pacientemente até que ela falasse. Ela se virou da janela, e enquanto Ross olhava para ela com expectativa, ela expressou seus pensamentos.

— Olhe, senhor, eu sei que pode ser uma ideia meio maluca, mas e os caras da unidade de casos arquivados? Nosso esqueleto pode estar ligado a um dos casos

deles.

A polícia de Merseyside tinha realmente uma das melhores unidades de casos arquivados do norte da Inglaterra, como o inspetor sabia muito bem, e Ross deliberou por alguns segundos antes de responder à sua sargento.

— Em circunstâncias normais, eu provavelmente concordaria com você, mas, e é um grande mas, eu sei que a equipe de casos arquivados tem de trabalhar sob condições muito específicas de referência. O pré-requisito mais importante para eles se envolverem em um caso é simplesmente haver um caso para eles se *envolverem*. Em outras palavras, tem de ser um caso já existente nos anais de casos não resolvidos e, infelizmente para nós, neste caso não temos a identidade da nossa vítima, não temos nada com que fazer referência cruzada para verificar se eles têm nossa vítima listada em alguma estatística de crimes passados.

— Droga — disse Drake. — Eu realmente achei que estava indo pelo caminho certo.

Ross sorriu.

— Você ainda pode estar, Izzie. Se descobrirmos quem é a nossa vítima, e ele estiver listado em um arquivo de caso não solucionado em algum lugar, então a equipe de casos arquivados pode se interessar em assumir o caso, se o chefe concordar.

— E por que ele não concordaria, senhor?

— Simples, Izzie. Porque, se ele achar que há alguma possibilidade de sua própria equipe de homicídios ganhar publicidade positiva ao resolver um caso antigo, é improvável que ele queira entregá-lo à equipe dos "enrugados".

Drake suspirou.

— Mais uma questão de política interna, não é?

— Temo que sim, Izzie.

Antes que eles pudessem continuar sua discussão, o telefone na mesa de Ross tocou. Drake se movimentou para sair do escritório, mas ele ergueu a mão para dizer a ela que ficasse onde estava. A chamada poderia ser importante para o caso e, de fato, após um minuto do que Drake achou ser uma escuta muito séria do seu chefe, ele falou ao telefone:

— Ok, obrigado doutor. Eu e a sargento Drake logo estaremos com você.

Izzie olhou atentamente para Ross, enquanto ele desligava a ligação do doutor Nugent.

— Resultados da autópsia, ou devo dizer exame dos ossos, eu presumo, senhor?

Ross concordou com a cabeça e falou enquanto organizava rapidamente os papéis na sua mesa em uma pilha arrumada e os colocava na gaveta superior esquerda da sua mesa, trancando-a com uma chave que estava pendurada no chaveiro que também continha as chaves do seu carro.

— Sim. Nosso sisudo, mas brilhante patologista descobriu uma ou duas coisas, mas prefere nos explicar pessoalmente do que pelo telefone. Claro que é a sua postura usual, sempre querendo dramatizar qualquer coisinha que tenha descoberto, e apresentar como se fosse um maldito Sherlock Holmes ou algo assim, então não vamos ficar muito animados até que vejamos e escutemos o que ele tem a dizer.

— Entendido, senhor, mas, baseado no que você acabou de dizer, suponho que ele encontrou algo interessante?

— De acordo com o bom doutor, sim, ele encontrou. Então vamos até o necrotério ver o que ele tem para nós.

— Certo, senhor. Devemos informar ao inspetor-chefe Porteous que estamos indo lá?

— Não faz sentido, Izzie, a não ser ou até que tenhamos algo para relatar a ele. Se ele precisar de mim, sempre pode me encontrar no meu celular, e prefiro falar com ele com alguma coisa positiva a reportar do que apenas passar o meu roteiro da manhã. Apenas informe o policial McLennan aonde estamos indo caso o chefe realmente pergunte onde estamos enquanto estivermos fora. Vá em frente e avise o policial Ferris também. Ele pode precisar entrar em contato se aparecer com alguma coisa.

Drake retornou para a delegacia onde rapidamente deixou os dois policiais atualizados. McLennan estava ocupado verificando arquivos de pessoas desaparecidas há alguns anos, apesar de que ninguém sabia como ele pretendia cruzar a referência de um nome com um esqueleto ainda não identificado, e o policial mais velho e experiente estava estudando as fotos tiradas pelos técnicos de cena do crime dos diversos itens de detritos e lixo, ou evidências em potencial, dependendo de como você olhasse, encontrados ao redor dos restos da vítima.

Dez minutos mais tarde, ela estava segurando o volante do Mondeo entregue para Ross, enquanto eles se deslocavam até o necrotério da cidade. Com sorte, eles encontrariam algo de interessante nos resultados do exame do misterioso esqueleto feito pelo doutor Nugent.

Capítulo 5

O NECROTÉRIO, 1999

Drake e Ross foram banhados pela luz do sol quando saíram do Mondeo parado no estacionamento do prédio do necrotério. Enquanto Ross fazia um alongamento, aliviando a rigidez no pescoço e nas costas, Izzie Drake não pôde deixar de admirar o homem com quem ela trabalhava.

O inspetor Andy Ross já tinha passado dos quarenta, mas o seu abundante cabelo castanho escuro e a sua pele saudável davam a ele a aparência de um homem dez anos mais novo. Drake havia notado um porta-retratos com a foto de seus pais no seu escritório logo que ela começou a trabalhar com Ross, e tinha comentado sobre o belo casal da foto. Ross explicou que seu pai, um policial militar na época, havia conhecido sua mãe durante um destacamento no Oriente durante os anos 50, e se apaixonou pela linda moça de pele escura, filha de um rico comerciante. Aparentemente, a mãe de Ross veio de uma antiga família anglo-indiana, com uma forte pitada de sangue espanhol na mistura, por isso seu nome de solteira, Martinez. Portanto, foi fácil para Izzie ver de onde veio a bela aparência de seu chefe.

Izzie muitas vezes tinha inveja da esposa de Ross, Maria, médica de uma clínica geral não muito longe de onde estavam agora, olhando para a entrada do prédio do necrotério. Ela desejava poder encontrar um homem com a aparência, a integridade e a autoconfiança de Andy Ross, mas sua sorte com os homens nunca pareceu seguir um curso correto. Talvez um dia, mas agora o trabalho assumiu prioridade sobre todo o resto.

— Pronta, sargento? — perguntou Ross enquanto Izzie apertava um botão do controle remoto, e o carro respondeu com um bipe ao trancar as portas.

— Pronta como nunca, senhor. Eu odeio esses lugares.

— Todos odiamos. Duvido que esse seja o lugar favorito para alguém estar em um dia quente e ensolarado a não ser, é claro, alguém como o nosso amigável patologista da vizinhança, o bom doutor Nugent.

— Sem esquecer de seu fiel cão, Lees, é claro — riu Izzie enquanto falava.

Ross se juntou à alegre brincadeira de Izzie por alguns segundos:

— Sim. Devo dizer que Lees é quase mais cadavérico que alguns dos pobres defuntos deste lugar, parece até que uma boa refeição pode matá-lo.

— Ele é bom no que faz, não é, senhor? Ouvi dizer que o doutor Nugent não aceita que mais ninguém o ajude.

— Verdade. Bom, aqui vamos nós.

Os dois detetives ficaram na porta do prédio onde havia um interfone, ao lado de um pequeno teclado cujo código para acesso imediato apenas os funcionários possuíam. Um aviso ao lado de um pequeno botão prateado dizia "Pressione aqui para entrar", e Ross pressionou no local indicado. Quase que imediatamente, uma voz metálica guinchou do pequeno alto-falante acima do botão.

— Olá. Por favor, diga o seu nome e assunto.

— Inspetor Ross e sargento Drake, polícia de Merseyside, para o doutor Nugent. Somos esperados.

— Ah sim, tenho os seus nomes aqui. Por favor, empurre a porta quando a campainha soar, inspetor.

Ross e Drake entraram no prédio conforme as instruções, e andaram uma curta distância pelo corredor imediatamente após a porta, rapidamente chegando em outra porta, ao lado da qual uma pequena janela dava para um cubículo igualmente pequeno. Lá dentro, um jovem estava sentado em uma pequena mesa, com um monitor e um teclado à sua frente, obviamente o dono da voz metálica de momentos antes, supôs Ross. O rapaz usava um crachá que dava seu nome como sendo Peter Foster, o título de recepcionista do necrotério logo abaixo. Foster falou com os detetives através de pequenos orifícios na divisória de vidro que o separava dos visitantes.

— Bom dia, posso ver suas identificações por favor, inspetor Ross, sargento Drake?

Os dois oficiais sacaram seus cartões de identificação e os passaram através da pequena abertura na parte inferior do vidro. Foster os verificou com cuidado. Ross não se lembrava de tê-lo visto aqui em visitas anteriores ao edifício.

— É novo aqui? — perguntou ele a Foster.

— Estou aqui há um mês, inspetor — respondeu Foster enquanto devolvia os cartões aos detetives. — Desculpe se pareço muito cuidadoso, mas fomos instruídos a ser muito exigentes e somente permitir a entrada de pessoas autorizadas nas salas de exames.

— Não precisa se desculpar por fazer seu trabalho da maneira certa, Sr. Foster — respondeu Ross. — É uma coisa rara de ver hoje em dia.

Foster sorriu, agradecido ao inspetor por deixá-lo à vontade. Ross assumiu que nem todos eram tão compreensivos como ele com a demora nas suas tentativas de entrar na "área de negócios" do necrotério, como ele chamava o lugar.

— Obrigado, inspetor — sorriu Foster novamente. — Eu presumo que vocês saibam o caminho para as salas de autópsia.

Ross notou a mudança na terminologia; Foster reconhecendo o seu status de profissional, ao invés de usar os termos presumivelmente usados com parentes

enlutados e assim por diante.

— Sabemos sim.

— O doutor Nugent está na sala de autópsia número dois — disse Foster, enquanto entregava dois crachás de visitantes que Ross e Drake colocaram em seus casacos.

— Obrigado por sua ajuda, Sr. Foster — disse Ross sorrindo para o jovem, que sorriu um sorriso igualmente expansivo para os detetives.

— De nada, inspetor. Lembrem-se de entregar os crachás para mim antes de sair do edifício.

Ross assentiu com a cabeça e os dois atravessaram a porta que se abriu magicamente quando Foster pressionou um interruptor, invisível para quem estava do lado de fora do seu pequeno, mas funcional cubículo, que, imaginou Ross, ele provavelmente considerava como seu escritório.

Assim que entraram no próximo corredor, os dois oficiais tornaram-se imediatamente cientes de que estavam agora no que poderia ser melhor descrito como o "necrotério propriamente dito", pois seus sentidos olfativos foram tomados pelo cheiro familiar de tais estabelecimentos no mundo inteiro, essa mistura inebriante de formol e desinfetante. Suas narinas contorceram-se involuntariamente enquanto eles seguiam pelo largo corredor, suas paredes pintadas de um pálido "verde hospital", até que de repente ele se abriu em uma grande sala circular com grandes portas duplas espaçadas uniformemente ao redor, cada uma ostentando uma pequena placa com o número da sala, ou "suíte de autópsia".

— Pelo menos não precisamos assistir a corpos sendo fatiados e picados desta vez — disse Izzie Drake com um tom de alívio em sua voz.

— Suponho que seja algo a agradecer, Izzie — respondeu Ross, ele mesmo aliviado por não ter que recorrer ao Vick Vaporub que ele e a maioria dos policiais normalmente passam sob o nariz para ajudar a combater o cheiro de decomposição e putrefação. E também não precisariam se vestir com a roupa cirúrgica normalmente usada ao participar de autópsias, como Nugent havia avisado anteriormente ao telefone. Independente de quantas autópsias ele havia participado ao longo dos anos, Andy Ross nunca havia sido capaz de se acostumar aos odores associados ao processo dos exames post-mortem. Com nada além de um conjunto de restos mortais na mesa hoje, os dois detetives seriam poupados das visões e cheiros horríveis de uma autópsia normal.

Eles pararam por um ou dois segundos antes das portas da sala de autópsia 2, e então Ross abriu lentamente uma das portas duplas, o suficiente para que ele e Drake passassem. Os detetives entraram na sala, que continha a parafernália normal associada ao processo em questão: mesa de aço para autópsia com canaletas dos lados para drenagem do sangue em direção a recipientes no final da mesa; um

conjunto de grandes caixas frigoríficas na parede oposta, onde os corpos eram armazenados; e mais mesas e balcões, todos em aço brilhante, com serrotes, furadeiras, ferramentas de corte e tudo o que um patologista proficiente possa solicitar para determinar suas conclusões.

Conforme a porta se fechava silenciosa e automaticamente por trás deles, Ross e Drake se encontraram olhando com surpresa para a vista que tinham diante dos seus olhos. No centro da sala estava o esqueleto, colocado no meio da mesa de autópsia, com o doutor Nugent parado no lado oposto da mesa, olhando para eles enquanto entravam na sala. De costas para eles, Francis Lees estava ocupado ditando algo em um gravador portátil, provavelmente seguindo instruções de Nugent, sua voz baixa e inaudível de onde eles estavam.

O que surpreendeu Ross e Drake, entretanto, foi que pela primeira vez, até onde ambos se lembravam, havia uma terceira pessoa na sala com o patologista e seu assistente. Ross ficou particularmente espantado com a visão de uma linda mulher loira, vestida não com uma bata cirúrgica como Nugent e Lees sempre estavam, apesar das instruções contrárias de Nugent para Ross, mas com um terno de saia azul claro de aparência extremamente cara, a bainha da saia terminando pouco acima do joelho, revelando apenas o suficiente para que Ross apreciasse um fantástico par de pernas. Complementada por um curto jaleco branco, a recém-chegada parecia mais uma consultora de psiquiatria do que uma patologista, e Ross percebeu imediatamente que, com certeza, havia algo de diferente neste exame de Nugent. Ross foi na frente, e ele e Drake abordaram o trio na mesa.

* * *

— Ah, inspetor Ross e sargento Drake, entrem, entrem — instigou Nugent. — Tem alguém aqui que eu gostaria que vocês conhecessem.

Evitando a vontade de responder que tal notícia era meio óbvia, ao invés disso Ross respondeu: — Percebo, doutor, e quem é esta senhora que teremos o prazer de conhecer?

— Bom — continuou Nugent — como vocês sabem, eu sou reconhecido como um dos principais patologistas do país, e não tenho muitas dúvidas quanto a isso, mas desta vez senti a necessidade de consultar outra especialista para dar a vocês uma imagem verdadeira do que estes restos podem significar para sua investigação.

Ross ignorou a ostensiva afirmação de auto importância de Nugent e esperou o patologista continuar: — Permitam-me apresentá-los a doutora Hannah Lewin. Hannah é uma velha amiga minha, e é professora de antropologia forense em Cambridge.

— Antropologia forense? — questionou Ross.

— Sim, inspetor Ross. Minha especialidade é trabalhar com algo um pouco, hm, mais fresco que o nosso amigo sobre a mesa, e ao saber que Hannah estava na cidade para uma palestra na Universidade, aproveitei a oportunidade para pedir a opinião dela sobre nossos restos.

— Entendo — disse Ross, estendendo sua mão para apertar a de Hannah Lewin. A mulher, entretanto, levantou a mão, e deu um passo atrás, e Ross pôde ver que ela estava usando luvas de borracha para autópsias. — Oops, perdão doutora, ou deveria dizer professora?

— Hannah está bom, inspetor — sorriu ela. — Eu nunca gostei desses títulos grandiosos, e você?

— Bem, não, suponho que não, então você deve me chamar de Andy, e esta é Izzie — respondeu Ross, apontando com a cabeça na direção de Drake.

Uma centelha de reconhecimento atravessou o rosto de Ross, e ele continuou — Acho que já ouvi falar de você, Hannah. Você não ajudou a polícia do Sul com a identificação dos ossos encontrados no antigo prédio da fábrica em Herefordshire alguns anos atrás?

— Tem toda a razão, Andy — respondeu Hannah. — Foi em Leominster, para ser mais preciso, uma antiga fábrica de sapatos que Samuel Metcalfe usou como cemitério de suas vítimas, nove mais exatamente. Eu fui capaz de determinar a causa da morte e também as identificações individuais para a maioria dos restos.

— Ha, peguei você — exclamou Izzie de repente. — Já vi você na TV também. Você estava naquele programa que contou a história dos ossos Viking no assentamento em Hillingdale no ano passado, não é?

Hannah Lewin sorriu com a observação de Izzie.

— Sim, era eu, sargento, ahn, desculpe, Izzie. Você se interessa por essas coisas?

— Eu sou uma verdadeira fã de história — respondeu Izzie. — Gosto de aprender com o passado, e a história do nosso país é realmente o que molda o seu futuro, não acha?

— Certamente — disse a antropóloga, impressionada com o entusiasmo de Izzie.

Ross deu uma tossida exagerada, ansioso para trazer a conversa de volta à sua razão de ser na sala de autópsia. Hannah voltou à sua personalidade profissional ao falar novamente:

— Estou muito contente em conhecê-los. O doutor Nugent me disse que vocês são muito bons no que fazem. Ele fala muito bem de vocês, não é William?

Nugent resmungou, obviamente um pouco desconfortável com a franqueza de Hannah Lewin:

— Sim, bem, não há necessidade de bajulá-los agora, não é moça?

— Ah, não seja tão ríspido, William. Bom, vamos continuar com o que nos traz aqui?

— Sim. Vamos fazer isso — prosseguiu Nugent, aliviado por estar de volta ao território que lhe era familiar. Ele olhou para Ross e Drake enquanto falava em seu tom profissional normal: — Como vocês sabem, não havia realmente nada além de ossos quando finalmente extraímos os restos do leito do rio nas docas. A falta de cabelo ou qualquer outro tipo de tecido depois de muitos anos de imersão, primeiro na água e em seguida na lama e no lodo que havia se acumulado na área em desuso das docas, tinha arruinado qualquer chance que poderíamos ter de obter uma boa amostra de DNA e claro, mesmo assim, não saberíamos com que diabos comparar qualquer amostra. Reconhecimento facial estava definitivamente fora de questão, e foi quando pensei que a perícia de Hannah poderia nos ajudar.

— Então você tem certeza de que estava ali desde antes da drenagem da doca? — perguntou Drake ao patologista.

— Sim, moça, eu tenho certeza disso. Veja, nós sabemos que a doca foi drenada há mais ou menos dez anos, como parte do plano de regeneração urbana para toda a área das docas. Se o corpo tivesse sido jogado lá após a drenagem, tenho certeza que teria sido descoberto mais cedo, e que não teria afundado no leito do rio e sido enterrado na lama, como estava quando nós o encontramos. Hannah realizou um exame inicial bastante extenso no tempo que ela tinha disponível, e tem algumas conclusões a apresentar para vocês, tenho prazer de dizer.

— Qualquer coisa que você puder adicionar à investigação ajudará, com certeza — respondeu Ross. — Nós temos muito pouco para trabalhar até agora.

— Bem, na verdade não tenho muita coisa a dizer, mas tenho um ou dois pontos que devem ser do seu interesse — respondeu Hannah Lewin.

Enquanto Ross e Drake aguardavam, ela pegou uma prancheta ao lado da mesa de autópsia e começou o seu relatório aos detetives.

Capítulo 6

LIVERPOOL, MARÇO DE 1963

A multidão tinha ido para casa, e Brendan e o grupo se sentaram em silêncio em torno de uma mesa no Iron Door, tomando uma Coca-Cola de canudo enquanto esperavam Marie trazer a van do Sr. Oxley até a frente, tendo a irmã de Mickey assumido o cargo de motorista do grupo sempre que tivesse uma noite livre. A bateria e os instrumentos do grupo estavam esperando na entrada traseira, prontos para serem carregados na van, enquanto os rapazes relaxavam após mais uma noite na atmosfera fumacenta do clube.

— Então, ainda nenhum sinal de nossa grande oportunidade, Brendan? — perguntou Mickey. — Até mesmo seu grande plano não funcionou, não é? Marie e suas amigas fizeram tudo o que puderam para colocar o tal de Epstein no lugar certo na hora certa, e sabemos que ele tem ido a alguns clubes quando estávamos tocando, então ele certamente deve ter nos ouvido.

— Se ele ouviu, isso significa que ele não gostou de nós — disse Phil Oxley, uma pitada de tristeza na sua voz. — Por que não simplesmente admitimos que não somos tão bons quanto pensamos ser? Os Beatles estão no segundo lugar das paradas com *Please Please Me*, é ótimo, e eles escrevem todas as suas próprias coisas, enquanto nós vamos em todos os lugares e tocamos versões cover das músicas dos outros. Não somos suficientemente originais, Brendan. Você tem uma grande voz, cara, mas não temos o necessário para escrever o suficiente das nossas próprias canções, e talvez isso é o que esteja nos segurando.

Brendan Kane concordou tristemente com seu amigo, sabendo lá no fundo que Phil estava provavelmente correto em suas palavras. No entanto, algo em seu coração se recusava a permitir que ele desistisse de seus sonhos, pelo menos não ainda.

Antes que ele pudesse responder à deprimente declaração de Phil, Marie entrou no clube e gritou para o grupo:

— Ok, vocês, quem vai para casa então? Vamos lá, carreguem as coisas, não temos a noite toda, vocês sabem. Eu preciso trabalhar de manhã e dormir um pouco, mesmo que vocês não.

O pequeno grupo começou a se levantar de seus lugares, mas, enquanto eles se levantavam, Phil Oxley levantou a mão para sinalizar a eles para ficarem lá.

— Olha só pessoal, antes de irmos, eu tenho mais más notícias.

— Oh Deus, Phil, o que foi agora? — perguntou Brendan, o cansaço de repente desabando sobre ele. Ele não queria nada além de chegar em casa e dormir. Ele também não queria chegar atrasado ao trabalho no dia seguinte. O Sr. Mason era um ótimo chefe, mas não toleraria uma desculpa esfarrapada como acordar atrasado porque ele tinha ficado até tarde em um show.

A cara de Phil assumiu um olhar sério enquanto os outros caíam de volta em seus lugares, Marie em pé bem atrás de Mickey, ansiosa para ir embora e levar todos para casa. Ela iria deixar a van estacionada fora da sua casa durante a noite como de costume, e devolvê-la na casa do Sr. Oxley no dia seguinte, como sempre, no caminho do trabalho.

— Na verdade, é sobre a van — disse Phil. — Papai diz que tudo bem usarmos durante a noite, mas, bem, as coisas estão um pouco apertadas no momento. Ele teve que mandar seu camarada Mick embora, e ele tem usado sua própria van para fazer entregas durante o dia, e não há serviço suficiente para manter ambas "empregadas", como ele diz.

O pai de Phil era carpinteiro de navios, uma ocupação altamente qualificada, até o dia em que o estaleiro no qual ele trabalhava sofreu uma redução nos novos contratos de construção de navios. Juntamente com outros, ele sofrera a desgraça da redundância, mas usou sabiamente a sua indenização e começou um pequeno, mas inicialmente rentável negócio, produzindo móveis feitos à mão. Seu amigo Mick Donnelly se juntou a ele como empregado em meio período, trabalhando com Dave Oxley na parte de fabricação, e então usando sua própria pequena van para fazer entregas nas casas dos clientes. Com a saída de Mick, Dave precisaria que sua própria van estivesse disponível todos os dias, e o grupo teria que se virar sem o seu generoso empréstimo do veículo.

— Talvez você pudesse usar as baterias que a maioria dos clubes têm, Phil — disse Mickey, sabendo que a bateria de Phil era a maior peça de equipamento que eles tinham que carregar de um lugar para o outro. A maioria dos clubes possuíam amplificadores que eles poderiam usar para suas guitarras elétricas, embora soubessem que ainda assim seria um problema para todos ter de carregar seus instrumentos, incluindo as guitarras acústicas que eles frequentemente usavam, pelas ruas de Liverpool, a pé ou de ônibus.

— Você tá tirando com a minha cara? — disse Phil, uma pitada de raiva na sua voz. — Eu guardei cada centavo que ganhei entregando jornais por três anos, e minha mãe e meu pai completaram o restante para comprar a bateria. Eu sei que ela é usada, mas faz o som que eu quero, e não vou começar a usar um amontoado de velharias que todo mundo tem provavelmente usado por anos, e não se esqueça de que eu paguei três libras para ter o nosso nome estampado na frente.

O baixista Ronnie, sempre o membro silencioso do grupo, se manifestou:

— Então, o que fazemos agora, hein? Desistimos, aposentamos o grupo, tipo assim?

— Não se eu puder fazer algo — respondeu Brendan, firmemente. — Tem de haver uma maneira de nós podermos continuar. Só precisamos pensar bem nisso.

— Podemos dizer aos clubes que de agora em diante só podemos fazer shows à noite — sugeriu Ronnie.

— Sim, então eles vão pensar que não estamos sendo cooperativos — disse Mickey.

Brendan pensou por alguns segundos e então disse: — Olha, por enquanto tem de ser à noite, sem shows durante o dia, ok? Phil, agradeça a seu pai por todos nós. Nós realmente agradecemos a ele por nos deixar usar a van todo esse tempo, e diga que nós entendemos a situação dele, e que esperamos que o negócio fique melhor para ele, muito em breve.

Phil soltou um pequeno suspiro de alívio. Ele esperava um stress de algum tipo, depois de fazer um anúncio desses. No fim das contas, ele pensou, Brendan e os outros tinham levado as coisas muito bem até agora, embora ele ainda tivesse mais um pouco de más notícias para compartilhar com seus companheiros.

— Obrigado, Brendan, eu vou dizer a ele o que você falou, mas, bem, há mais uma coisa.

Vendo a hesitação na expressão de Phil, Brendan o pressionou ainda mais:

— Ah não, Phil, porra, desembucha cara. Como é que as coisas podem ficar ainda piores? — De repente, lembrando-se que Marie estava de pé atrás de Mickey, ele acrescentou rapidamente: — Sinto muito pelo linguajar, Marie, meu anjo. — Marie apenas acenou com a cabeça, sabendo que ele estava mais que um pouco agitado.

— É a gasolina — prosseguiu Phil. — Meu pai não estava ligando que usássemos seu combustível até agora, quer dizer, ele sabe que nossos trajetos são curtos para a maioria dos clubes e entre nossas casas e, tipo, que pagamos um pouco do combustível, mas com o dinheiro curto e tudo mais...

— Só isso? — suspirou Brendan. — Diga ao seu pai que iremos colocar um galão extra por semana no tanque, Phil. Isso deve cobrir os poucos quilômetros que nós rodamos quando a usamos. Se não tivermos shows em algumas semanas, não vamos pagar, mas se todos pegarmos um pouco do nosso cachê de cada show, mal vamos notar alguns xelins por mês.

O gerente do clube estava gesticulando para Brendan na saída do clube. Ele precisava trancar o lugar, e queria que Brendan e o grupo o deixassem em paz para ele poder fechar e ir para casa. Brendan respondeu com um aceno, e em alguns minutos o grupo estava na van, Marie ao volante, para fazer as diversas paradas.

Naquela noite, sentado na mesa da cozinha, com seus pais dormindo no andar de cima, um insone Brendan Kane segurava sua cabeça nas mãos, enquanto uma onda de depressão se abatia sobre ele. Apesar de sua aparência de positividade em frente aos outros membros do grupo, ele teve uma sensação ruim no estômago que dizia a ele que os dias de Brendan Kane and the Planets estavam contados. Se estivessem, ele precisava formular um novo plano se quisesse mesmo alcançar seu sonho de ser uma estrela pop. Mais tarde, na cama, apenas com o som do tique-taque de seu velho despertador Westclox Big Ben em seu criado-mudo, e o ocasional rangido como se a casa estivesse se assentando para a noite, uma ideia começou a nascer no fundo de sua mente. Os outros poderiam não ficar muito interessados, ele pensou, mas havia um caminho a seguir, e Brendan estava determinado a explorar a avenida que tinha acabado de se revelar a ele em seus mais íntimos pensamentos. De repente, ele ouviu o som de seu pai tendo um ataque de tosse no quarto ao lado. As finas paredes de sua casa significavam pouca privacidade entre os quartos, particularmente na calada da noite, e Brendan estava bastante acostumado a ouvir os sons ocasionais de seus pais fazendo amor apaixonadamente, mas ele realmente não conseguia compreender como ainda conseguiam fazer na idade deles. *Pelo amor de Deus*, ele sempre pensava enquanto o som da respiração pesada do pai e da sua mãe ofegante, combinado com a barulheira da cabeceira contra a parede adjacente mantinha Brendan acordado por muitas noites, *eles têm quarenta anos, porra!* Brendan não conseguia imaginar ser tão velho, e agora ele escutou a tosse diminuir gradualmente, e tudo ficou em silêncio novamente.

O pai de Brendan fumava cerca de vinte cigarros por dia, e apesar do advento dos cigarros com filtro, que deveriam reduzir os riscos à saúde associados ao fumo recém-anunciados, Dennis Kane continuava a fumar alegremente os mesmos cigarros Capstan Full Strength sem filtros de que sempre gostou. Na sua cabeça, os filtros foram feitos para mulheres e "maricas", não para homens "de verdade". Ele não conhecia nenhum homem nas docas que fumasse cigarros com filtro. A mãe de Brendan fumava a nova marca, Cadets e, mesmo quando ele ocasionalmente fumava um dos cigarros da esposa quando acabavam seus Capstans, Dennis invariavelmente quebrava a ponta e o fumava "puro", como costumava dizer.

Brendan ocasionalmente fumava um dos cigarros de seu pai, sorrateiramente "roubado" do maço dele, pois Dennis nem sonhava em contar seus cigarros, mas daria um para Brendan sem problemas se ele pedisse. O problema era que eles faziam Brendan tossir muito, e a última coisa que ele queria era ter um ataque de tosse no meio de uma performance, portanto ele estava determinado a não se tornar um fumante regular e limitava a sua indulgência para os poucos momentos em que ele sentia a necessidade de um rápido "up", como o causado pela nicotina dos cigarros, e nunca no dia de uma apresentação, é claro. Brendan tinha notado que seu

pai estava tossindo muito mais recentemente, apenas uma "tosse de fumante", como seu pai chamava, mas Brendan estava preocupado que seu pai pudesse estar sofrendo de algum tipo de doença no peito, como resultado de uma vida inteira inalando fumaça. Por enquanto, tais pensamentos sumiram em sintonia com o silêncio do quarto ao lado e, ainda pensando em seu novo plano para o seu próprio futuro, Brendan Kane caiu em um sono pacífico e sem sonhos.

Capítulo 7

RELATÓRIO DE HANNAH LEWIN, 1999

— Antes de dizer o que verifiquei até agora, eu preciso perguntar uma coisa.

— Vá em frente, me pergunte qualquer coisa — respondeu Ross, imaginando o que estaria na mente de Hannah Lewin.

— Quando vocês vasculharam a área em torno do local onde os restos foram encontrados, eu presumo que tenham encontrado diversos itens.

— Encontramos, mas temos que considerar o fato de que era um cais, uma doca para carga e descarga de navios, e todo tipo de lixo teria sido jogado na água ao longo dos anos, e uma quantidade razoável desde que foi fechado.

— Eu sei disso, inspetor...

— Andy, por favor — interrompeu ele.

— Sim, desculpe, Andy. De qualquer forma, você encontrou este martelo, certo?

Hannah segurou o martelo que tinha sido encontrado bem próximo ao esqueleto.

— Bem, na verdade, foi o doutor Nugent que o encontrou, enquanto realizava seu exame inicial dos restos na cena. Ele estava muito perto, e tinha obviamente também sido afetado pela escavadeira quando estavam limpando a doca.

— Nenhuma outra ferramenta? Quaisquer fragmentos metálicos específicos, excluindo latinhas de bebidas?

— Não, só o martelo. O doutor Nugent pensou que pode ter sido a arma do crime.

William Nugent deu uma espécie de tosse nervosa, atípico do sujeito, enquanto esperava que Hannah continuasse. Antes que o fizesse, ela acenou com a mão para chamar os dois detetives mais para perto dos restos sobre a mesa.

— Bem, pelo menos uma vez, meu amigo William está errado.

Nugent tossiu mais uma vez, e começou a falar:

— Sim, mas...

— Oh, cale-se, por favor, William. Ninguém disse que você foi negligente. Você não estava em posição para fazer um exame completo in situ, então não era esperado que você visse o resto.

Nugent pareceu tranquilizado pelas palavras de Hannah, e ficou um pouco para trás para permitir que ela continuasse.

— Olhem aqui — disse ela, enquanto os detetives se aproximavam da mesa. Ela segurou o martelo perto do crânio, até que ele foi alinhado com o buraco que

anteriormente pensava-se ser a causa da morte.

— Para onde estamos olhando? — perguntou Izzie Drake.

— Aqui — disse Lewin. — A pequena perfuração no crânio quase certamente foi feita pelo martelo, mas baseada na pequena marca presente, posso afirmar quase com certeza que este golpe, embora tenha certamente incapacitado a vítima e possivelmente causado a perda da consciência, realmente não perfurou o crânio suficientemente fundo para causar algum dano na cavidade cerebral. E, quando toda a lama e o lodo que cobriam o abdômen do esqueleto foram completamente removidos, vimos isso.

Hannah apontou para as pernas do esqueleto, e os olhos de Ross e Drake seguiram o seu dedo, e então os dois detetives entenderam exatamente o que ela estava indicando.

— Porra — disse Ross.

— Oh, merda — acrescentou Drake.

— Exatamente — disse Hannah Lewin.

— Não é bem o que você esperava que encontrássemos, hein, inspetor? — veio a voz de William Nugent, por cima do ombro de Ross.

— É por isso que você queria saber se encontramos fragmentos metálicos?

— Sim, claro que teria ajudado, mas isso não muda o fato de que sua vítima foi baleada em ambos os joelhos, antes de ter ido parar no rio. Eu esperava que você pudesse ter encontrado os restos das balas ou das cápsulas. Eles me ajudariam a identificar o tipo de munição usado e, portanto, dar uma possível identificação do tipo da arma do crime. Do jeito que está, eu ainda posso arriscar um palpite, mas você realmente precisa de fatos, não de palpites.

Tanto Ross como Drake continuaram a parecer um pouco chocados com esta nova revelação. Os pensamentos de Ross voltaram imediatamente no tempo para a sua adolescência, quando o noticiário da TV e os jornais estavam cheios de histórias sobre os conflitos entre católicos e protestantes na Irlanda do Norte, e o uso pelo IRA do "kneecapping" como um meio de espalhar o medo entre a comunidade, e muitas vezes como um dissuasor quando usado naqueles que eles acreditavam terem traído sua causa, talvez por falar com a polícia ou com as tropas alocadas àquela problemática província durante essa época triste. Ele decidiu não mencionar esses pensamentos agora; seria algo que ele guardaria para discutir entre ele e Drake na delegacia. O inspetor fez uma prece silenciosa para que se, e quando eles identificarem a vítima, ele não se veja metido em um caso envolvendo os terríveis e sangrentos eventos que ocorreram na Belfast dos anos 60. Com a capital da Irlanda do Norte localizada exatamente do outro lado do Mar da Irlanda em relação a Liverpool, ele sabia que as chances eram altas de que alguns membros do IRA e de sua oposição nas facções fiéis à comunidade tenham em algum determinado

momento usado o porto de Liverpool como um ponto de entrada e saída para suas incursões à ilha principal da Grã-Bretanha, e as ramificações de ter que investigar um assassinato do IRA na sua terra natal eram suficientes para fazer Ross tremer involuntariamente. Por enquanto, porém, ele eventualmente perguntou:

— Como você acha que o golpe na cabeça não foi fatal, e como agora sabemos também que a vítima foi baleada nos joelhos antes de ser morta, pois não haveria muita razão para fazer isso após a morte, então eu tenho que perguntar: o que você acha que matou o pobre sujeito?

Hannah Lewin ficou olhando para a pilha de ossos de aparência lamentável que estava diante deles sobre o aço frio da mesa de autópsia por um total de vinte segundos, antes de finalmente responder à pergunta de Ross:

— Bem, eu concordo com sua suposição sobre os ferimentos de bala nos joelhos, não há absolutamente nenhuma razão para fazer isso em um cadáver. Eles certamente devem ter sido extremamente dolorosos mas, como o golpe na cabeça, não são fatais por si só e, portanto, a única hipótese que posso fazer, e é apenas uma suposição, baseada na falta de evidência para confirmar, é que a vítima provavelmente foi alvejada primeiro e depois, enquanto estava no chão, foi atingida na cabeça e em seguida jogada viva na água.

Izzie Drake, seu rosto agora uma mistura de raiva e terror, perguntou:

— Você está dizendo que eles, quem quer que sejam, simplesmente jogaram ele no rio, como se fosse um pedaço de lixo, e o deixaram se afogar?

— Esse é o meu melhor palpite, sargento — respondeu Hannah Lewin. — Não parece haver qualquer outra resposta para a pergunta de como sua vítima encontrou o seu caminho até a água, não é?

— Isso é simplesmente horrível — disse Drake, que depois continuou: — O que a faz achar que o corpo foi jogado na água, e não na doca seca após ter sido isolada do rio?

— É agora que vamos para o restante dos resultados do meu exame — disse Hannah Lewin.

— Por favor continue, Hannah — incentivou Ross.

— Bom, pelo estado dos ossos garanto que há provas suficientes para sugerir que eles ficaram imersos em água por um longo período de tempo. Além disso, havia detritos suficientes encontrados nas imediações dos restos mortais após a limpeza para poder ajudar a datar, como por exemplo latas de bebidas, e sob o corpo encontramos estas moedas, nenhuma das quais com data posterior a 1963, sei que não é conclusivo, mas elas provavelmente estavam nos bolsos da vítima, e caíram através dos ossos enquanto as roupas se deterioravam gradualmente na água, por isso foram encontradas na lama imediatamente abaixo dos restos. Havia quatro velhas latas na lama que retiramos, duas latas de Coca-Cola, uma de Sprite e uma de

Tizer, e cada uma ainda com os carimbos de produção na base que me ajudaram a identificar quando foram colocadas à venda.

— Você consegue determinar essas coisas depois de todo esse tempo? — perguntou a sargento, ficando absorta pelas descobertas de Lewin.

— Oh sim, isso não é nada difícil. Já fiz trabalhos ao redor do mundo em cemitérios e sepulturas comunais, e você ficaria espantada com os enormes bancos de dados que estão sendo produzidos para auxiliar na identificação de todos os tipos de artefatos encontrados em, e ao redor de cadáveres e restos mortais.

— Incrível — disse Drake, e Ross também fez sua própria pergunta.

— Ok — disse ele —, mas você poderia me dar mais qualquer coisa neste momento para nos ajudar a identificar quem era a vítima?

— Acho que posso — Lewin sorriu para o inspetor. — Posso afirmar que a vítima era do sexo masculino, conforme o doutor Nugent naturalmente já havia verificado, eu sei e, com base no formato do crânio, posso dizer que a vítima era quase noventa e nove por cento de extração caucasiana.

— Um homem branco, então? — perguntou Ross, e então acrescentou: — Mas você disse apenas noventa e nove por cento, Hannah. Explique o um por cento, por favor.

— Estamos em Liverpool, inspetor — respondeu ela. — Você deve se lembrar de que ao longo dos anos tem havido uma grande quantidade de casamentos entre pessoas de diferentes raças, típicos na maioria dos grandes portos ao redor do mundo. Sua vítima pode ter sido de origem mestiça, um dos pais britânico, o outro de qualquer outra raça com características caucasianas semelhantes, mas se tivesse de depor no local, eu diria que sim, esta pobre alma era um homem branco de entre quinze e trinta anos de idade.

— Ok, entendo — disse Ross, pensando por um momento na sua própria mistura de raças, e em seguida — e os buracos de bala, Hannah? Pequeno calibre, eu presumo?

— Com certeza — respondeu ela. — Uma escopeta teria causado muito mais danos, particularmente a queima-roupa.

— Queima-roupa? — perguntou Izzie.

— É claro. Você não vai atirar em alguém nos joelhos a uma longa distância, sargento. Quem quer que tenha feito isto tinha de estar bem próximo da vítima para poder acertar os dois tiros.

— Você está certa, claro. Eu deveria saber disso — disse Izzie, sentindo-se um pouco tola na frente da especialista forense.

— Não se preocupe — interrompeu Ross, recusando-se a criticar sua assistente. Ele sabia que todas estas novas informações eram difíceis de digerir, e ele tinha visto a cara de Izzie no momento em que ela percebeu como a vítima provavelmente foi

eliminada. Não era uma forma particularmente boa de partir, se alguma vez houve uma coisa assim. — No entanto, eu tenho uma pergunta.

— Claro, por favor, pergunte o que quiser — respondeu Lewin.

— Deixando os tiros de lado por um momento, por que não o corpo subiu à superfície? Eu pensei que corpos sempre boiassem após um período de tempo.

— Você tem razão, é claro, e em circunstâncias normais um corpo afunda com o preenchimento dos pulmões com água, e permanece lá até que as bactérias no intestino e nas cavidades peitorais produzam gases mais leves que o ar, como metano, sulfeto de hidrogênio e o bom e velho dióxido de carbono em quantidade suficiente, momento esse em que o cadáver flutuará na superfície como um balão. No caso deste pobre jovem, algo obviamente impediu isso, o que provavelmente significa que ele foi deixado mais pesado antes de afundar na água. Provavelmente haveria itens pesados suficientes em uma doca para o seu assassino, ou assassinos utilizarem como um peso. Ou talvez tenham usado vários itens menores e os colocado nos bolsos, ou ele pode simplesmente ter ficado preso em algum detrito debaixo d'água, o que segurou o corpo e o impediu de flutuar à superfície. Eu posso dar uma olhada na cena se quiser. Pode haver algo lá que me dê uma pista do que fez o corpo ficar embaixo d'água, em vez de retornar à superfície.

— Obrigado, sim, isso pode ser uma boa ideia. Vou organizar isso e dou uma resposta a você, com uma escolta para acompanhá-la. Talvez o doutor Nugent gostaria de ir junto?

Nugent respondeu com entusiasmo à sugestão de Ross:

— Sim, bem, isso pode ser uma boa ideia, Hannah. Dois pares de olhos e duas cabeças são melhores do que uma, não acha? Lees pode nos ajudar no local, tirar fotografias e gravar tudo o que encontrarmos.

— Uma ideia muito boa, William — respondeu Hannah Lewin. — Se você fizer os preparativos, nós podemos fazer nosso estudo detalhado do local quando for conveniente para você, Andy — disse ela a Ross.

— Claro, Izzie, pode acertar com o policial McLennan para que ele busque os médicos amanhã pela manhã e os leve ao cais, dando-lhes toda a ajuda de que precisarem?

— Sim, senhor, eu vou me certificar de ver isso quando voltamos para a delegacia — respondeu Drake.

Estando isso certo, Ross agora voltou a conversa para a questão de quem a vítima poderia ter sido. Ele dirigiu outra pergunta a Hannah Lewin:

— Você disse que tinha mais informações que poderiam ajudar com a identificação, Hannah?

— Sim, na verdade eu tenho. Se você olhar aqui... — Ela apontou para o que parecia ser uma pequena, mas perceptível linha ao longo de um dos ossos inferiores

da perna. Os dois detetives inclinaram-se mais perto para olhar melhor para o que ela estava indicando. — Esta é a tíbia e isto — ela apontou novamente para a pálida linha no osso, como um sulco —, bem, isso é o sinal de uma ruptura em algum momento, curada havia muito tempo no momento da morte, tendo possivelmente ocorrido durante a juventude da vítima, talvez uma lesão esportiva ou um acidente de algum tipo. Ah sim, como eu já havia especulado anteriormente, sua vítima era definitivamente jovem, certamente abaixo dos trinta e cinco e muito provavelmente tinha cerca de vinte anos de idade no momento da morte.

— Entendo, e você está razoavelmente segura disso? — perguntou Ross, já sabendo que a resposta provavelmente estaria a caminho. Hannah Lewin parecia a ele como não sendo o tipo de pessoa a fazer tais afirmações sem estar certa de seus fatos.

— Claro, Andy. Em primeiro lugar, temos dentes suficientes para nos dar uma boa estimativa de idade, e há outros fatores que contribuem, a maioria dos quais são altamente científicos e provavelmente não interessariam a você, apesar de que estarão em minha análise final escrita dos restos.

— Oh, por favor, vá em frente e me divirta. Me fale só um pouco sobre como você determinou a idade da vítima.

Hannah suspirou, pensando que o detetive talvez estivesse testando suas habilidades antes de aceitar plenamente suas descobertas. Mais uma vez, ele tinha um trabalho a fazer.

— Você realmente quer a versão completa? — perguntou ela e, como Ross sorriu e acenou com a cabeça, ela simplesmente sorriu de volta e com as palavras "Muito bem", ela começou: — Há várias maneiras de podermos estimar quantos anos a pessoa tinha no momento da morte, é como um quebra-cabeça e, como cientistas forenses, temos que ligar os pontos para alcançar um resultado. Então, em primeiro lugar, podemos estimar a idade de esqueletos usando a dentição. Você provavelmente sabe de sua experiência em casos semelhantes que existem certos dentes que nascem em certas épocas etc.

Ross e Drake assentiram com a cabeça, ambos entendendo Lewin até agora, e a cientista continuou, soando a Ross quase como se ela estivesse citando diretamente de um livro, de tão profundo que parecia o seu conhecimento.

— Além dos dentes, podemos também determinar idade a partir dos locais de fusão da sutura craniana, do comprimento dos ossos longos, embora não seja uma ciência exata, e das alterações na superfície da sínfise púbica. Um jovem adulto exhibe uma superfície áspera atravessada por nervuras horizontais e sulcos intermediários, e a superfície eventualmente perde o relevo com a idade e é demarcada ao redor dos 35 anos. Além disso, podemos estimar a idade de uma vítima de assassinato obtendo uma radiografia de ossos específicos no corpo da

vítima, principalmente da mão e do punho. Comparando-as com um atlas de crescimento ósseo, a idade da vítima pode normalmente ser detectada.

Hannah Lewin ficou em silêncio e olhou diretamente nos olhos do Andy Ross. Quando ele não disse nada por alguns segundos, ela falou mais uma vez:

— Eu tentei falar da forma mais clara e útil possível. Espero que tenha feito algum sentido para vocês dois.

Ross sorriu e olhou primeiro para Drake e depois para a patologista, antes de finalmente responder:

— Hannah, você é uma perita incontestável em seu campo, e você sabe muito bem que dificilmente conseguiríamos seguir isso com precisão, mas obrigado. Eu acredito que nós entendemos a essência do que você está dizendo, e aceitamos incondicionalmente suas descobertas a respeito da idade da vítima, não concorda, sargento? — Ele olhou para Izzie, aguardando por sua resposta.

— Se você diz que estamos de acordo, senhor, então sim, sem dúvida, estamos de acordo, com certeza, estamos de acordo.

Izzie não pôde deixar de sorrir enquanto respondia ao inspetor e, antes que percebessem, os dois detetives, Hanna Lewin e mesmo o geralmente duro e ríspido William Nugent estavam rindo juntos. O riso serviu para atuar como um alívio da tensão que havia surgido enquanto Hannah Lewin fazia sua "palestra" altamente técnica sobre como determinar a idade dos ossos de um ser humano e, enquanto cada um deles voltava para seus comportamentos normais e profissionais, a patologista acrescentou:

— Ah sim, havia uma outra coisa também. Imagino que você vai achar muito interessante.

— Por favor, continue — disse Ross.

Lewin caminhou até o fundo da sala, onde uma longa mesa, estilo balcão, se estendia pelo comprimento da parede em toda a largura da sala. Ross imediatamente reconheceu as três caixas de possíveis provas que sua equipe tinha recuperado nas proximidades do esqueleto, num raio de dez metros do último local de descanso dos restos.

— Recebemos essas nesta manhã, enviadas por sua própria equipe de cena de crime.

William Nugent entrou na conversa novamente. Na verdade, Andy Ross ficou bastante surpreso ao ter testemunhado o longo silêncio do grande escocês, muito fora do normal de suas próprias experiências com ele. Ross imaginou que talvez Nugent tenha ficado um pouco intimidado pela habilidade e experiência da perita mais jovem e, certamente, muito mais bonita, que agora atraía a atenção de todos na sala.

— Sim — disse ele —, e devo dizer que sua turma apareceu com uma coleção de itens consideravelmente variada, a maioria dos quais é, provavelmente, nada mais do que os detritos de muitos anos, tendo sido atirados na água como lixo.

— Ei! — protestou Ross, pulando imediatamente em defesa de seus analistas de cena de crime. — Você precisa se lembrar, doutor, de que a minha equipe não sabia o que estava procurando, ou o que poderia ou não ser significativo para o caso. Esse corpo pode ter ficado no lugar por anos, ou pode ter flutuado para seu lugar de descanso final algum tempo após a morte, então sim, recolheram toda e qualquer coisa que possa ter uma relação com o caso. Eles tinham um trabalho a fazer e eles fizeram isso, embora rastejando desgraçadamente pela sujeira e pela lama ao lado daquele porto velho.

— Opa, não queria tirá-lo do sério, inspetor. Não estou criticando a sua equipe, de jeito nenhum. Apenas mencionando que havia bastante coisa lá para ser verificada a fim de localizar qualquer material de importância. Talvez no futuro, você gentilmente me permita terminar minha sentença antes de começar a me criticar. Só estou fazendo meu trabalho, sabe, o mesmo que você e a sargento aqui.

Ross tinha notado que Nugent, ao ficar nervoso ou perturbado, tinha o hábito de começar a falar no dialeto escocês, entregando claramente suas raízes de Glasgow.

— Ok, ok, trégua — disse Ross, sorrindo amplamente para Nugent. — Estamos todos cansados e temos trabalhado muitas horas, por isso peço desculpas se exagerei um pouco.

Nugent "reclamou" e acrescentou: — Sim, bem, eu aceito suas desculpas, inspetor, e também peço desculpas se você pensou que eu estava falando mal da sua equipe. Hannah, por favor continue e conte aos nossos amigos aqui o que encontramos.

Com seu discurso encerrado, Nugent retornou ao seu leve sotaque escocês, um fato que Ross notou e achou instantaneamente divertido, porém ele teve de lutar bravamente para evitar rir ao perceber isso. Izzie Drake, no entanto, viu-se pensando o mesmo que seu chefe e cobriu a boca com uma das mãos, tossindo mais alto que o necessário, e fazendo o melhor que pôde para cobrir o sorriso que tinha aparecido no seu rosto.

— Você está bem? — perguntou Lewin, enquanto Izzie finalmente retomava o controle sobre seus músculos faciais, retornando a mão para o seu lugar ao lado dela.

— Sim. Obrigada. Eu estou bem, só uma coceira na garganta. Me desculpe a interrupção, doutora... er... desculpe, quero dizer, Hannah. Por favor, mostre-nos o que você encontrou. Desculpe chefe — disse ela, ao se virar para Ross, que sabia muito bem o que ela estava fazendo.

— Não há problema, sargento Drake. Acontece com todos nós. Por favor, Hannah, continue.

Lewin levantou a tampa de uma das caixas de provas de papelão duro, e retirou de lá um pequeno pacote de celofane transparente, e caminhou de volta até o pequeno grupo em torno da mesa de autópsia. Ao colocar o pacote sobre a mesa, ela também tirou outro pacote semelhante do bolso do seu jaleco branco de médico, que ela então colocou ao lado do primeiro pacote.

— Quando os restos mortais foram completamente limpos, este pequeno item foi encontrado sob a área pélvica, obviamente estivera no bolso das calças ou da jaqueta da vítima. Como você pode ver, não só é do mesmo material que a peça que sua equipe descobriu, mas ao serem colocados juntos, eles combinam, tornando-os, na minha opinião, duas partes do mesmo todo.

— A peça de plástico! — exclamou Izzie.

— Bem, não, não de plástico, na verdade — corrigiu Lewin.

— Sério? — perguntou Drake.

— Por favor, Hannah, continue — solicitou Ross. — Se não é de plástico, então do que é, exatamente?

Antes de responder, Hannah Lewin abriu os dois pacotes, removendo os dois pequenos pedaços de material, e colocou-os juntos para mostrar aos detetives como eles se encaixavam para formar um item quase perfeito em forma de coração.

— E agora, lembra alguma coisa? — perguntou ela.

— Bem, agora que você mencionou, não, não realmente — respondeu Ross.

— Se parece com algo que já vi antes — respondeu Drake —, mas não sei o quê, ou onde.

— Em primeiro lugar, não é apenas um pedaço de plástico — continuou Lewin. — É o que é conhecido como carapaça de tartaruga, e isto — ela levantou os dois pedaços de material para que eles pudessem ver claramente —, se não estou muito enganada, é uma palheta de guitarra, um item comumente feito desse material. Se eu estiver certa, e acho que você vai descobrir que estou, então é muito provável que sua vítima tenha sido um músico, inspetor.

— Caramba — disse Ross —, e é Andy, lembre-se. Uma palheta de guitarra, dentre todas as coisas.

— Sim — acrescentou Drake —, eu sabia que eu já tinha visto algo assim antes, nos tempos de escola, quando alguns dos garotos faziam aulas de violão, mas tenho certeza de que eles eram mais da forma de um pequeno escudo.

— Elas vêm em muitas formas e espessuras — disse Lewin. — Eu acredito que depende se o músico é um guitarrista solo ou de ritmo, tocando um instrumento de cordas de aço, um modelo acústico, ou algo assim, no entanto, não sendo uma pessoa muito musical, não tenho certeza sobre isso.

Ross hesitou por um segundo, quase tentado a fazer um comentário alegre que ele ficou surpreso ao descobrir algo que Hannah Lewin não sabia, mas a diplomacia

venceu e, em vez disso, ele respondeu: — Hannah, obrigado. Se você não tivesse identificado o item, nós provavelmente acabaríamos descartando isso como apenas um pedaço inútil de plástico, com nenhuma relevância para o caso. Agora sabemos que provavelmente procuramos um jovem guitarrista, dos anos 60, jovem, tendo quebrado uma perna em algum momento de sua juventude.

Hannah sorriu. — Eu sei que não é uma grande ajuda, e certamente muito longe de uma identificação positiva, mas...

— Ei, é muito mais do que tínhamos antes de entrarmos aqui nesta manhã, certo Izzie?

— Certo, senhor — respondeu Drake, enquanto ela se perguntava como diabos eles iriam encontrar alguém de uns trinta anos atrás com essa descrição breve e superficial mas, como Ross tinha acabado de dizer, foi um passo à frente, mesmo que pequeno.

Capítulo 8

LIVERPOOL, VERÃO DE 63

— Você tá de brincadeira com a gente, cara — gritou Mickey Doyle após o mais recente pronunciamento de Brendan.

Os quatro membros do grupo, Brendan, Mickey, Ronnie e Phil, junto com Marie, estavam sentados na grama no lugar que conheciam apenas como "Parque". O Parque era, na verdade, uma área de grama a apenas algumas quadras da casa de Brendan, identificado, como o seu grandioso nome sugeria, pela generosa disponibilização por parte da prefeitura, em um dos cantos da área cercada, de uma série de brinquedos criados para divertir as crianças mais jovens da região. Além de quatro balanços tradicionais, o playground possuía um escorregador, um pequeno carrossel, movido é claro pelas ansiosas mãozinhas que o faziam girar, e um "capacete de policial", a ímpar e cônica estrutura que servia como uma espécie de carrossel transformado em "trepá-trepá balançante", e a causa de muitos joelhos, cotovelos e dedos cortados, ralados e sangrando, e ocasionalmente um braço quebrado, devido aos numerosos acidentes que pareciam proliferar durante os quentes e ensolarados dias de verão como o de hoje. O favorito de Brendan, em sua juventude, sempre foi o carrossel manual, que ele e seus amigos da escola primária local faziam girar e girar até que eles não podiam ir mais rápido, e então agarravam um dos trilhos de metal, montavam nele, e em seguida deitavam sobre o pequeno centro abobadado do aparato, espiando através da pequena abertura entre a cúpula e as ripas de madeira do local de descanso e, então de repente, pulando e sentindo a estranha sensação de tontura que inevitavelmente se seguia. Dava bastante trabalho permanecer no controle de suas faculdades nesse estado de tontura e mais de uma vez Brendan e seus amigos acabavam se soltando e caindo do carrossel, impelidos pela força centrífuga para a superfície de concreto duro em que a estrutura estava montada e, claro, sofreriam mais cortes e contusões, mas, diabos, era divertido, e era isso que significava ser criança, afinal.

Como era época das férias de verão, a área de brinquedos estava bastante ocupada por várias crianças, todas brincando nas mesmas atividades que Brendan e outros membros do grupo curtiavam alguns anos atrás. Foi devido a uma queda particularmente desagradável do capacete de policial que, aos doze anos de idade, Brendan Kane tinha quebrado a perna esquerda e posteriormente passou várias semanas engessado, constantemente coletando assinaturas de amigos e parentes

sobre o gesso, até o dia em que ele foi removido, e Brendan quase que relutantemente disse adeus para as muletas que tinham feito ele se sentir apenas um pouco importante, e que tinha atraído muita simpatia de seus colegas de escola. Por uma estranha coincidência, o guitarrista principal, Mickey Doyle, tinha sofrido uma fratura semelhante aos treze anos, não da mesma maneira, mas durante uma partida de futebol da escola, um acidente que, no caso de Mickey, tinha deixado ele mancando quase imperceptivelmente, e encerrou o seu sonho de infância de se tornar um jogador profissional. Mickey encontrou-se observando enquanto um grupo de jovens rapazes se divertia em um improvisado jogo de futebol, usando as blusas como traves, assim como ele e seus companheiros faziam.

Agora, no entanto, o riso estridente dos meninos e os gritinhos felizes das meninas no parque infantil pareciam desaparecer no éter, pois todos os olhos e ouvidos do grupo sentado na grama, a uns trinta metros dos balanços, estavam ligados em Brendan e Mickey, enquanto uma discussão potencialmente explosiva estava se formando. O rádio a transistor de Marie estava tocando *Devil In Disguise* de Elvis Presley, o atual número um na Top 20 UK, mas Marie baixou o volume enquanto a discussão se desenvolvia.

— Sério, Brendan. Como é que você pode mesmo pensar em fazer uma porra dessas conosco? — perguntou Mickey, a voz dele ficando mais alta com cada palavra que saía com raiva de seus lábios.

— Olha, Mickey, todo mundo — disse Brendan, defensivamente —, eu disse a palavra *talvez*, não *definitivamente*, pelo menos não ainda.

— Foda-se, Brendan — continuou Mickey. — Você está falando sobre separar o grupo para que você possa sair e tentar chegar lá por conta própria. Onde é que essa porra deixa o resto de nós, hein? Três malditos anos que ficamos juntos através dos bons e maus momentos, tentando chegar lá, cara. Agora, só porque as coisas estão um pouco difíceis, quer mandar a gente à merda e ir fazer as coisas sozinho. Cheira mal, cara, isso é o que eu penso.

— É — Phil Oxley entrou na conversa —, você só quer se livrar de nós, não é verdade, Brendan? Caramba, cara, eu sei que não fizemos muitos shows desde que paramos de usar a van durante o dia, e os shows à noite diminuíram um pouco, mas isso não é motivo para nos separarmos. Ainda somos populares e estamos recebendo propostas, mesmo que sejam um pouco menos."

— Olha — disse Brendan, percebendo que seus novos planos não estavam sendo exatamente bem recebidos — eu disse que nós devemos tentar ser descobertos uma última vez e, se as coisas não funcionarem, então talvez seja hora de pensar em se separar. Nós não seríamos o primeiro grupo a desistir, vocês sabem. Nem todo grupo da cidade ou do país, vamos lá, consegue uma grande oportunidade, eu só acho que

se isso acontecer, posso ter uma chance de seguir uma carreira solo como cantor, é isso.

— Ah sim, e como é que você sugere que tentemos pela última vez sermos descobertos? Acho que você talvez tenha um plano escondido na manga, certo? — perguntou Ronnie em um tom menos ameaçador do que os outros, tentando ser a voz da razão já que a discussão ficou mais quente.

— Bem, sim, eu tenho de fato, se algum de vocês estiver disposto a me ouvir sem me criticar já de cara.

— Vamos lá então, senhor Brendan Kane, o Fodão — disse Mickey, sua voz carregada com uma forte dose de sarcasmo. — Vamos ouvir o seu mais recente plano infalível.

Fez-se um silêncio mortal por alguns segundos enquanto Brendan se preparava por um momento e, quase que profeticamente, *Do You Want to Know a Secret?* do grupo local Billy J Kramer and the Dakotas, começou a tocar no rádio de Marie.

— Ok, então. Eis o que eu estou propondo — começou Brendan. — Eu fiz algumas contas e tal, e a conta bancária do grupo está bem tranquila, considerando que estamos fazendo menos shows.

— Não precisa ser a porra de um Einstein pra perceber isso — interrompeu Mickey. — Não temos gastado muito, além de viagens para shows, cordas novas, essas coisas.

— Vai me ouvir, ou não? — replicou Brendan para seu amigo.

Mickey estendeu os braços para o lado, num gesto de súplica.

— Desculpe, vá lá, gênio. — A voz de Mickey estava cheia de cinismo, enquanto eles esperavam que Brendan continuasse.

— Bem, o que faremos é usar a maioria do que nós temos no banco para produzir um disco demo. Nós gravamos algumas das covers que demonstram nossos talentos da melhor forma, vocal, guitarra e bateria. Podemos mostrar o quanto harmonizamos juntos, e usamos duas faixas que irão mostrar nossa diversidade de estilo e desempenho. E então enviamos para todas as grandes gravadoras e para cada produtor independente que pudermos pensar. A postagem não vai custar tão caro, e então esperamos um tempo razoável para ver se recebemos qualquer resposta. Se recebermos, ótimo, mas se passarmos de uma data-limite acordada sem receber nenhuma resposta positiva, então podemos seriamente considerar que não vamos mesmo conseguir, pessoal, e será hora de tentar algo novo.

— Sendo o "algo novo" você sair por aí sozinho buscando fama e fortuna — disse Phil Oxley, com desprezo. Brendan sabia que ele estava à beira de perder não só o suporte, mas a amizade destes três jovens com quem ele tinha empenhado tantas horas ao longo dos anos em sua tentativa de entrar no ramo da música. Ele tentou manter a calma e continuou:

— Olha só, caras, pode ser a melhor coisa para todos nós. Vocês podem ficar com o nome "The Planets" se quiserem, ou mudar. Talvez com um novo vocalista vocês ainda tenham uma chance de chegar a algum lugar.

— E talvez nós afundemos como uma pedra sendo jogada no Mersey — disse Ronnie. — Nós não teríamos a menor chance sem você nos liderando, Brendan, e você sabe disso.

De repente, enquanto o som de *Sweets for my Sweet* dos Searchers desaparecia no rádio, Marie Doyle entrou inesperadamente na discussão dos rapazes.

— Ei, vocês aí, deixa eu dizer uma coisinha. Vocês podem não gostar, mas acho que o Brendan tem razão. Vocês todos tentaram pra caramba, mas por quantos anos vocês vão continuar insistindo nisso? Acho que se fosse para vocês serem grandes, alguém já teria visto vocês e oferecido um contrato. Não estou dizendo que vocês são uma porcaria, porque não são, vocês são bons, bons pra caramba, mas um monte de grupos por aí também é, ok? Brendan não está dizendo que ele quer que o grupo se separe sem razão, não é? Ele quer tentar mais uma vez e, se funcionar, todos ficarão felizes. Mas se não funcionar, vocês não podem dizer que nunca tentaram e, se Brendan quer tentar fazer as coisas por conta própria, então vocês deveriam apenas aceitar e desejar boa sorte a ele. Isso é o que eu acho, de qualquer maneira.

Um silêncio chocante caiu sobre o grupo. A defesa de Marie da ideia de Brendan tinha pego os outros realmente de surpresa.

— Tá falando sério, mana? — perguntou Mickey Doyle, incrédulo com a aparente traição de sua irmã ao grupo.

— Claro que tô — respondeu ela. — Olha só. Levei vocês por toda a Liverpool, Birkenhead, até mesmo para St. Helens, Wigan, e até pra porra de Southport para shows todos esses anos. Eu posso não subir no palco com vocês e tocar guitarra ou bateria, mas me sinto uma parte deste grupo tanto quanto o resto de vocês, então acho que tenho direito a falar o que penso, não é?

Um murmúrio geral de acordo deu a Marie o impulso para continuar:

— Vocês sabem tão bem quanto eu que vários grupos começaram e então terminaram em muito menos tempo do que nós passamos juntos. Quer que eu cite alguns? Os Trojans, sabe, Dave Morris e seus amigos, First Sound, Lee Gibson Band, e muitos outros. Todos tentaram o seu melhor, mas tiveram o bom senso de saber quando desistir. Vocês têm de ser realistas também. Ninguém quer o seu sucesso mais do que eu, após todo o tempo que dediquei ao grupo, mas nem sempre podemos ter o que queremos. Todos vocês tiveram muita sorte em poder tirar folga do trabalho quando tínhamos shows durante o dia, e sabe Deus quantas vezes faltaram quando chegamos de um show tarde da noite e estavam muito detonados para levantar e ir trabalhar no dia seguinte, mas isso não é muito profissional, não é?

Uma espécie de nuvem se formou sobre o pequeno grupo quando Marie terminou de falar. As crianças continuaram a brincar nos balanços e no carrossel, o som de *Blowing in the Wind* de Peter, Paul e Mary vinha do rádio a transistor de Marie, mas todos esses sons periféricos simplesmente sumiram das mentes dos Planets enquanto as palavras de Marie eram absorvidas, e por alguns segundos ninguém parecia preparado para quebrar o silêncio.

Eventualmente, depois do que pareceu uma era para todos, mas na verdade foi apenas o espaço de cerca de dez segundos, seu irmão Mickey suspirou pesadamente e, em uma voz mais suave do que a que ele tinha anteriormente exibido durante o seu ataque de raiva contra Brendan, disse:

— Uau, mana, você realmente parou pra pensar nisso, não é?

— Sim, Mickey.

— Eu sei que você é normalmente a pessoa sensata da família, mas ainda não estou certo sobre isso.

— Eu também não — disse Phil, enquanto o jovem Ronnie Doyle permaneceu em silêncio, não tendo certeza de como reagir às palavras da sua irmã mais velha.

— E você acha que eu estou? — disse Marie ao seu irmão. — Na verdade, você acha que Brendan está certo? Ninguém de nós tem certeza, Mickey, mas nada é certo na vida, não é? Brendan está sendo realista, isso é tudo, e acho que devíamos escutá-lo e dar mais uma chance às coisas, um grande esforço para tentarmos ser reconhecidos e, se não der certo, então, bem, vamos fazer o que ele sugeriu e pelo menos dar a cada um de nós a chance de fazer algo com seu talento. Brendan pode acabar tendo uma chance como artista solo e, nunca se sabe, se ele conseguir pode precisar de uma banda de apoio um dia no futuro, certo Brendan?

— Bem, sempre há a possibilidade — respondeu Brendan, pego de surpresa pelo comentário de Marie. A verdade é que ele não tinha pensado nas coisas tão à frente assim.

Em poucos minutos, graças à intervenção de Marie, chegou-se a um acordo tácito para seguir com a ideia de Brendan. Ficou claro para os outros que Brendan estava praticamente decidido e, se eles iam se separar, era melhor fazê-lo depois de tentar alcançar o reconhecimento no ramo uma última vez. Pelo menos, todos concordaram, no final das contas, cada um teria uma cópia ou duas do seu disco demo para tocar para seus filhos ou netos no futuro, uma prova de que eles uma vez chegaram perto de se tornar artistas.

Ao deixar o parque naquela tarde quente e ensolarada de verão, eles também seriam surpreendidos ao descobrir que Marie tinha defendido a ideia de Brendan não apenas num sentido altruísta, mas sim porque durante quase três meses ela e o vocalista tinham se envolvido em um relacionamento mais próximo do que qualquer um deles poderia possivelmente ter sonhado e que também causaria consternação de

outras maneiras caso se tornasse de conhecimento público. Havia outros fatores envolvidos para o casal manter segredo sobre seu relacionamento, embora por agora o jovem sonho do amor fizesse com que eles esquecessem as possíveis consequências das suas ações.

Uma brisa ligeira agitou os arbustos que ladeavam a fronteira do parque, e uma pequena rajada levantou a bainha do novo vestido floral de verão de Marie, revelando um pouco mais das suas pernas do que ela gostaria, e ela rapidamente baixou o vestido, mas não sem antes de atrair um assovio de um jovem que passava do outro lado da rua. Mickey rapidamente gritou: — Cai fora, pervertido — e o grupo não pôde fazer nada além de rir, enquanto Marie corava de vergonha. No momento em que uma grossa nuvem entrava na frente do sol, Marie ficou para trás dos outros, perdida nos seus pensamentos, e então desligou o rádio. De alguma forma, o gesto pareceu apropriado.

Capítulo 9

SEDE DA POLÍCIA DE MERSEYSIDE, 1999

Alguns minutos depois de terem retornado do necrotério, Izzie Drake foi ao banheiro feminino e ficou diante do espelho da parede de trás. Ao contrário dos espelhos menores sobre as pias do outro lado do banheiro, esta era uma versão de corpo inteiro, providenciada por alguém que teve a visão de perceber que as mulheres, em particular, gostariam de verificar sua aparência geral antes de se aventurar pelas ruas para continuar a luta contra o crime. Na prática, permitiu que as policiais uniformizadas garantissem que nada estivesse fora do lugar, e que sua aparência atendia ao padrão necessário de sua posição como representantes da polícia de Merseyside. Seja qual for a razão, Izzie estava grata pela oportunidade de rapidamente fazer um balanço geral de si mesma após a atividade anterior.

Por alguma razão, apesar de o necrotério ser um dos lugares mais limpos que ela já conhecera, Drake sempre sentiu como se precisasse de um banho ou pelo menos de uma chuvairada depois de visitar o lugar. Ele tinha esse efeito sobre ela, como se de alguma forma estar cercado pela presença da morte e da decomposição contaminasse seu cabelo, suas roupas, seu corpo inteiro e, por mais que tentasse se convencer a ignorar tais sentimentos irracionais, a porcaria do lugar ainda a afetava desse jeito, todas as vezes.

Olhando para si mesma no espelho, ela viu uma mulher moderadamente (de acordo com ela) bonita, ainda com uma aparência jovial com a idade de vinte e nove anos, cabelos castanhos na altura do ombro com um brilho lustroso que não precisava de xampus ou tratamentos especiais para manter sua bela aparência. Uma lavada rápida pela manhã e ela estava pronta para enfrentar o dia e tudo o que quer que ele trouxesse, até mesmo uma visita ao necrotério. Izzie se considerava uma mulher de sorte nesse aspecto, e sua figura esbelta foi acentuada pelo terno azul-marinho bem cortado que ela tinha escolhido para o trabalho do dia. Com o tempo mais quente ela se sentia mais confortável em uma saia, embora ela fosse a primeira a admitir que algumas vezes calças eram definitivamente uma opção mais prática.

Satisfeita com sua aparência, e aliviada por estar de volta ao recinto familiar do edifício-sede, ela fez seu caminho de volta para a seção de investigações e, em particular, para o escritório de Andy Ross.

Quando bateu e entrou no escritório do inspetor, Izzie encontrou Ross sentado atrás de sua mesa, uma xícara de café em uma mão e uma cópia do relatório

preliminar de Hannah Lewin na outra. Lewin trabalhou rápido para datilografar e enviá-lo por fax para Ross em tempo recorde.

O olhar no rosto de Ross era um que ela já tinha visto antes, e conhecia muito bem.

— Você está com o seu olhar preocupado no rosto, senhor.

— Muito observador da sua parte, Izzie. Você está certa, claro. Diga-me, o que você acha da doutora Lewin e de suas conclusões?

— Oh, ela do lindo rosto e do corpo bem torneado, e...

— Ok, Izzie, isso é o suficiente — sorriu Ross. — Por acaso será que você pode levar as coisas a sério, tendo em conta meu olhar temeroso, sabe, aquele com o qual você parece tão preocupada?

Izzie sorriu de volta ao seu chefe, satisfeita por ter sido capaz de transformar o momento em algo um pouco menos melancólico.

— Bem, sim, você está certo, senhor. Eu sei que ela parece saber muita coisa e ser uma expert na sua área, então não tenho nenhuma razão para duvidar do que ela disse. Mas, isso não é realmente o que está em sua mente, não é senhor? São as feridas de bala nos joelhos, a possível conexão com o IRA, não é?

Ross sorriu um sorriso irônico. Ele sabia que a sargento estava bastante familiarizada com seus humores e expressões para ser capaz de entendê-lo muito bem, uma das características que os permitia trabalhar tão bem juntos.

— Não posso esconder nada de você, não é, Izzie? E sim, você está correta em sua suposição. Eu me lembro bem demais dos anos sessenta, crescendo com as constantes notícias de problemas sempre crescentes do outro lado da água, na Irlanda do Norte. Só espero que não estejamos pisando em um potencial campo minado, com implicações políticas se nós encontrarmos evidências de que um assassinato do IRA ou dos Provisórios tenha ocorrido aqui na cidade. Com o processo de paz bem avançado hoje em dia, a última coisa que os políticos vão querer é algo parecido com isto. Mas também podemos descobrir que o homicídio não tem nada a ver com os irlandeses e isso seria um peso a menos nas minhas costas.

— Então um crime doméstico seria bom, não é, senhor?

— Não ter um assassinato seria ainda melhor, sargento, mas, se nós temos que resolver um, então sim, eu prefiro que não tenha conexões com atividade política ou terrorista.

— Então, qual é nosso próximo passo?

— Precisamos falar com os empreiteiros que estavam trabalhando na recuperação, para começar. Sei que Hannah e o Gordo Willy Nugent vão verificar o local amanhã, mas há uma chance de que os trabalhadores que fizeram a descoberta original tenham conhecimento ou informações que eles nem perceberam que têm.

— Como quais, senhor?

— Se eu soubesse isso, não iria querer falar com eles, não é, Izzie?

— É verdade. Mais alguma coisa?

— Você sabe tão bem quanto eu que identificar a vítima tem de ser a nossa primeira prioridade. Não temos muito com que trabalhar, mas ao menos Hannah Lewin nos deu algumas pistas que podem ajudar.

— Como a perna quebrada, por exemplo?

— Exatamente. Supondo que a vítima seja daqui, podemos começar pedindo aos hospitais locais para verificar seus registros de todos os jovens entre, vamos dizer, dez e quinze anos para começar, digamos vinte e cinco a trinta e cinco anos atrás. Provavelmente uma baita de uma lista, eu sei, mas temos que começar em algum lugar. As crianças da região obviamente seriam tratadas localmente, então vamos checar todas as instalações médicas de Liverpool e Birkenhead primeiro. É possível que nosso rapaz fosse para a escola de Birkenhead através do túnel. Sei que muitos alunos secundários faziam essa viagem, mesmo na minha época.

— Quer que eu me encarregue disso, senhor, ou passe para alguém da equipe?

— Você faz isso, Izzie. Não quero um dos oficiais mais novos assumindo isso e depois não ser tão bom quanto eu sei que você será. É uma tarefa bastante ingrata, eu sei, mas...

— Pode parar por aí, senhor. Eu sei o que você quer dizer. Eu vou começar assim que nós terminarmos aqui.

— Bom, obrigado Izzie. Enquanto você estiver fazendo isso, eu vou desaparecer por um tempo. Vou conversar com o chefe, ver se ele tem algum contato com qualquer pessoa envolvida na luta contra o terrorismo daquela época. Eu quero saber se havia qualquer atividade significativa do IRA ou dos Lealistas no início dos anos sessenta que poderia ter tido qualquer conexão com a cidade. Se alguém sabe, esse alguém com certeza é o esquadrão antiterrorista.

— Ainda não sabemos se o corpo foi jogado na água antes ou após o armazém e o cais terem encerrado suas operações, certo senhor? Quem você acha que deveria verificar isso?

— Vamos dar isso ao policial Ferris. Ele tem grande conhecimento local. Sabe-se lá por que esse cara nunca conseguiu passar no exame de sargento, ele é um oficial de primeira classe mas parece um pouco desprovido de ambição.

— Talvez isso tenha algo a ver com seu filho, senhor? Você sabe, não querer se comprometer com as horas extras que ele teria que fazer se ganhar suas listras.

Ross se repreendeu silenciosamente por ter esquecido uma parte importante da história do seu oficial júnior.

— Eu tinha esquecido que ele tem uma criança com deficiência. Provavelmente você tenha razão, Izzie. Obrigado por me lembrar.

— Tudo bem, senhor, e não fique se martirizando só porque você não se lembra de todos os aspectos da vida pessoal de cada agente da equipe. Como ele consegue, às vezes, eu não sei. Deve ser terrível tentar conciliar seus turnos com a necessidade de ter certeza de que ele ou sua esposa podem levar o rapaz para as sessões de diálise, check-ups e tudo mais.

— Verdade, Izzie. Então, sim, ok, ponha o Ferris para verificar o velho armazém. Quero saber tudo o que for possível sobre o lugar. Exatamente quem era o dono, quando fechou, quem trabalhou lá, a coisa toda.

— Eu vou designá-lo antes de começar a verificar os hospitais, senhor. Mais alguma coisa no momento?

— Não, eu acho que isso é suficiente para fazer as coisas andarem na direção certa. Então vá e faça o que tem de fazer enquanto eu vou conversar com o inspetor-chefe Porteous.

Quando Izzie Drake saiu do escritório e fechou a porta atrás de si, Ross se levantou da sua mesa, pegou a ainda bastante fina pasta do caso e, rapidamente, seguiu sua sargento para fora da sala, percorrendo o caminho para o escritório do inspetor-chefe. As coisas estavam começando a andar, ainda que lentamente, mas qualquer progresso é melhor do que nada, ele meditou enquanto andava, imerso em pensamentos, para seguir a sua próxima linha de investigação.

Capítulo 10

COLE & SONS

O policial Paul Ferris tinha pressa. Correndo da cozinha de sua casa geminada de dois quartos, ainda mastigando um pedaço de torrada, ele agarrou seu casaco do cabide no pé da escada e o vestiu, enquanto corria para o andar de cima o mais rápido que podia. Sua esposa, Kareen, se virou e sorriu para o marido enquanto ele corria para o quarto de seu filho, Aaron.

— Atrasado outra vez, querido? — sorriu ela, enquanto ajudava o menino de cinco anos com a camisa.

— Oi, pai — disse o jovem, alegremente.

— Eu tenho que ir, Kareen — respondeu Ferris, sem fôlego. — É uma investigação de assassinato e o chefe me mandou trabalhar em uma parte importante do inquérito. Preciso ir para a delegacia e verificar alguns arquivos antes de ir para as docas.

— As docas? Quem foi assassinado? Você mal disse duas palavras ontem à noite quando chegou.

— Tínhamos outras coisas em mente ontem à noite, lembra? — disse Ferris alegremente, relembrando momentos muito íntimos com sua esposa na noite anterior. Sempre fizeram questão de tentar evitar falar de trabalho à noite e Paul ainda não tinha mencionado a sua missão atual. Ele normalmente teria contado a ela sobre o novo caso no café da manhã, mas hoje foi diferente, pois Kareen tinha de levar Aaron para fazer diálise muito cedo e eles tinham sido forçados a pular o seu habitual bate-papo matinal. Olhando para o relógio, Paul Ferris respondeu à sua esposa:

— Bem, o problema é esse, querida, nós não sabemos quem foi assassinado.

— O quê? Alguém está morto e vocês não sabem quem é? Quando isso aconteceu?

— Hm, há cerca de trinta anos.

— Trinta *anos*. Está brincando?

— É um esqueleto, não um corpo.

— Paul, tome jeito, vai?

— Kareen, querida, tenho mesmo de ir. Conto mais tarde, ok?

Beijando sua mulher rapidamente na boca, Ferris saiu correndo do quarto, quase tropeçando em um dos carrinhos de brinquedo de Aaron que tinha sido

estrategicamente deixado atrás de onde ele estava.

— Tome cuidado, Paul — gritou Kareen, mas Ferris já tinha descido mais da metade da escada e em segundos estava do lado de fora, apertando o botão de destrancar do controle remoto do seu carro. Mais vinte segundos e o Ford Escort desapareceu na esquina no final da rua, e Paul Ferris começou seu primeiro dia completo de investigação.

* * *

Quando chegou em sua mesa, Ferris não perdeu tempo ao ligar seu computador. Uma das razões pelas quais Ross adorava ter Ferris na sua equipe era a aptidão e habilidade do policial em todas as tarefas relacionadas a computadores. Simplificando, Paul Ferris e a informática pareciam ter sido feitos um para o outro. Enquanto Ross lutava para dominar a arte de criar e enviar um e-mail, Ferris tinha o talento para produzir resultados em um computador com os quais Ross só podia sonhar. A tarefa atualmente atribuída a Ferris era, por seus próprios padrões, mundana e não muito desafiadora, mas isso não reduzia o nível de importância da informação que pediram a ele para encontrar. Tendo sido informado no dia anterior por Izzie Drake, Ferris já havia enviado solicitações para diversas organizações que, ele esperava, iriam providenciar o que ele procurava.

O mais importante de todos tinha sido um pedido de informações sobre a empresa Cole and Sons, enviado na tarde anterior à Companies House em Londres, onde os detalhes do registro da empresa devem estar disponíveis. Depois de verificar seu e-mail e ver que não havia recebido nada do seu contato na capital, Ferris pegou o telefone na sua mesa e em alguns minutos estava conversando com Jane Hill na Companies House, um contato útil que ele tinha cultivado durante uma investigação anterior.

— Jane, aqui é Paul Ferris da polícia de Merseyside. Você me ajudou no ano passado com a investigação de Briggs. Espero que você se lembre de mim.

— Claro, Paul. É bom ter notícias suas. Como está? E o seu pequeno garoto?

— Estou bem, Jane, obrigado. E Aaron está ok, embora ainda precise de diálise regularmente. Ele está na lista de espera para um transplante, mas, bem, você sabe...

— Lamento, Paul, sim, eu sei que é difícil e um jogo de espera, mas tenho certeza de que tudo vai dar certo para ele. Mas, você não me ligou para falar sobre Aaron, não é? É sobre a solicitação que você enviou ontem, Cole and Sons, certo?

— Isso mesmo — respondeu Ferris. — Eu sei que é cedo, mas queria saber se você já poderia ter alguma coisa para mim. Desta vez, não é apenas um caso de fraude que estamos investigando. Estamos investigando um assassinato que ocorreu

há alguns anos, no cais onde o armazém da Cole fica, ou ficava, visto que está fechado faz um bom tempo, até onde sabemos.

— Espere um minuto, Paul, por favor — Ele ouviu o som dos dedos de Jane batendo no teclado, seguido pelo som do farfalhar de papéis, e então sua voz voltou na linha:

— Desculpe por isso. Eu tinha feito algumas verificações antes de ir para casa ontem, e só queria confirmar uma coisa antes de ligar para você.

— Você tem algo para mim então, Jane?

— Sim, vou mandar isso por e-mail em poucos minutos, mas tenho certeza de que você gostaria de ouvir a essência das coisas antes, não?

— Sim, Jane, por favor. Diga-me o que sabe até agora.

— Bem, parece que a Cole and Sons de Liverpool foi uma antiga empresa familiar, e o "Cole" da Cole and Sons era Josiah Cole, que incorporou o negócio em 1898.

— Há tanto tempo assim? — perguntou Ferris, um pouco surpreso que o armazém tenha funcionado por mais de um século.

— Isso é o que diz aqui — continuou Jane Hill —, e Josiah eventualmente entregou o título da empresa para seus filhos, Walter e Frederick Cole, que detiveram a propriedade conjunta do negócio até que a empresa deixou de existir, conforme mostram nossos registros, em 1955.

— Certo — disse Ferris, pensativamente. Se o que Jane dissera era verdade e, é claro que era, o armazém ou mudou de mãos ou ficou vazio por muito tempo antes da remodelação da zona das docas. Ele sabia que ainda tinha trabalho a fazer.

— Jane, o que exatamente era o negócio da Cole and Sons? Você sabe, que tipo de armazém ele era?

— Era um entreposto aduaneiro, Paul.

— Hmm, interessante — respondeu Ferris. Um entreposto aduaneiro teria armazenado mercadorias taxáveis, vinhos, bebidas alcoólicas, tabaco e assim por diante, antes de serem exportados, ou até que os impostos tivessem sido pagos para permitir sua entrada no Reino Unido. Definitivamente o suficiente para fornecer um motivo para acontecimentos nefastos, ele supôs, mas então lembrou que o lugar provavelmente tinha ficado fechado por anos antes do assassinato. *Pense novamente, Ferris*, ele pensou consigo mesmo. — Seus registros mostram o que aconteceu depois que os Cole fecharam o lugar?

— Desculpe, Paul. Isso é tudo o que podemos fazer por você. Nossos registros só podem dizer se um negócio foi registrado neste endereço e até onde esses registros mostram, nenhuma empresa jamais foi registrada como funcionando naquele endereço. Talvez os irmãos Cole ainda estejam vivos e sejam capazes de

ajudá-lo, ou talvez a Câmara de comércio local tenha mais conhecimento sobre qual uso o lugar teve após ter sido fechado, se é que teve.

— Entendido, Jane, e obrigado. A Câmara de comércio é a próxima parada na minha lista. Seria estranho se um lugar como esse tivesse ficado desocupado durante tantos anos sem ser utilizado de alguma forma. De qualquer forma, foi bom falar com você novamente e obrigado por sua ajuda.

— O prazer foi meu, Paul. Desculpe, não foi muito. Espero que você encontre logo o seu assassino. Cuide-se e de sua família.

— Pode deixar, e cuide-se você também. Obrigado mais uma vez.

Após desligar, Ferris voltou sua atenção para a Câmara de comércio local. O secretário da Câmara informou ao detetive que o antigo armazém da Cole and Sons na verdade tinha sido usado em várias ocasiões ao longo dos anos, tendo sido alugado para várias pequenas empresas ou indivíduos em locações de curto prazo. Um negócio de pedidos pelo correio, uma pequena empresa local especializada na fabricação de assentos sanitários sob medida e uma empresa de entrega de encomendas estavam entre aqueles que tinham alugado o armazém por diferentes períodos de tempo, variando entre três meses a um ano, mas até onde o secretário sabia, o lugar tinha caído em desuso, com uma infiltração no telhado entre suas desvantagens, por volta de 1965, dez anos após os Coles terem encerrado seu negócio. Quando perguntado por Ferris se ele sabia se qualquer um dos irmãos Cole ainda estava vivo, a pergunta não teve resposta. Ele foi aconselhado a conversar com o presidente da Câmara, que, ele foi informado, estava por lá há mais tempo do que alguém poderia se lembrar e, se alguém sabia de alguma coisa sobre os irmãos Cole, seria ele. Então, armado com o número de telefone de George Irons, Ferris fez uma rápida pausa para o café e, dez minutos depois, pegava o telefone mais uma vez.

* * *

— Ora, ora, Walter e Frederick Cole, essa é das antigas — disse George ferros, depois de Ferris ter explicado o motivo da sua ligação.

— Você os conhece então, Sr. Irons?

— Oh sim, policial, conhecia bem os dois. Eles eram bastante ativos nos assuntos da Câmara durante um tempo. Eu era bem mais jovem naquela época e tinha meu próprio negócio de treinamento privado, é claro. Fiz grandes negócios com trabalhadores indo para o litoral, e por aí vai. Uns trinta anos atrás, parece que foi uma vida inteira, mas de qualquer forma, não é sobre isso que você quer saber, certo? Quanto aos irmãos, eles tomaram o entreposto aduaneiro quando seu pai morreu, e mantiveram um negócio bem-sucedido até o pobre Walter sucumbir a um ataque cardíaco muito precoce. Ele nunca se casara, então o negócio passou

completamente para seu irmão. Freddie tocou o negócio por mais um ano ou dois, mas, francamente, não acho que ele estava mais interessado no negócio, então eventualmente decidiu cair fora. Lembro que ele colocou o negócio à venda como uma empresa em atividade, mas ninguém se interessou. Enfim, um dia ele anunciou que tinha fechado o lugar, desse jeito. Os trabalhadores foram todos demitidos, todos os dispositivos e acessórios foram vendidos, empilhadeiras, tudo.

— Quantas pessoas trabalhavam para, er, Freddie, Sr. Irons?

— Dez, talvez doze, se não estou enganado.

Ferris absteve-se de perguntar se o presidente conhecia algum dos trabalhadores. Seria demais pedir isso depois de tantos anos e, claro, ele não teria tido nada a ver com o dia-a-dia do armazém.

— Bem, obrigado pela informação, Sr. Irons. Só mais uma pergunta e eu vou deixar você em paz.

— É um prazer, policial. Por favor, pergunte.

— Bem, o lugar tinha permanecido ocioso por anos antes do início da remodelação das docas. Você sabe se ele foi usado para qualquer outra finalidade ao longo dos anos, e quem na verdade é o dono?

— Não posso ajudar com a primeira parte dessa pergunta, lamento, mas sobre quem é o dono, bem, até onde eu saiba, Freddie Cole ainda é o proprietário. Tenho certeza de que ele vai ser capaz de dizer se o alugou durante os últimos anos. Se ele tiver alugado, provavelmente terá sido por meio de um corretor, e são eles que poderiam dizer para que tem sido usado, e quem o alugou.

Ferris agradeceu a George Irons, sabendo que não poderia extrair mais nada de relevante dele. O próximo da lista havia se tornado Frederick, "Freddie" Cole. Uma verificação rápida do registro eleitoral deu a Ferris o endereço de que ele precisava, e ele decidiu que era hora de tomar um pouco de ar fresco. Uma visita pessoal daria a ele a oportunidade de sair de sua mesa, e ele estava começando a ficar profundamente interessado no caso. O que o armazém de Cole teve a ver com o esqueleto encontrado profundamente sob as águas, ou neste caso, a lama do seu antigo cais nas docas?

Ferris deixou um recado na mesa da sargento Drake, que ele sabia estava fora visitando os hospitais locais, antes de se sair do edifício, e logo pegou a estrada, para o distrito de Wavertree, onde Frederick Cole estava registrado como residente.

* * *

Izzie Drake, entretanto, estava tendo uma manhã bastante frustrante. Era espantoso como muitos hospitais da região simplesmente não tinham registros da época que ela precisava. Naqueles que tinham registros, ela enfrentava o tradicional argumento de

"confidencialidade do paciente", até que explicasse que se tratava de uma investigação de assassinato e que ela não estava procurando obter histórico médico pessoal de um paciente em particular, apenas que, para poder identificar uma vítima, a polícia precisava verificar certas informações que, felizmente, os diversos hospitais finalmente concordavam em fornecer.

No período em que ela estava buscando, havia um total de 260 casos de jovens naquela faixa de idade com uma perna direita quebrada. Ela se sentiu aliviada por não estar à procura de uma vítima com a perna esquerda quebrada, pois neste caso haveria mais de cem casos extras no período. Felizmente, ela tinha sido capaz de reduzir essa lista, excluindo qualquer um que não tivesse sofrido a fratura no fêmur. Em seguida, olhando para a área da fratura nas fotos fornecidas por Hannah Lewin, ela foi capaz de eliminar mais trinta e cinco, pois as fraturas ocorreram muito para baixo no osso. Ela finalmente tinha reduzido a lista para quarenta e duas possibilidades. Sentada em sua mesa, sentindo que uma dor de cabeça estava chegando, ela se perguntou como poderia reduzir ainda mais a lista antes de apresentá-la para Andy Ross. Ela se levantou da mesa, caminhou para a máquina de café do outro lado do escritório, e se serviu de uma caneca de café preto muito forte, retornando para a mesa com a cabeça à toda, ainda pensando em seu próximo passo. Quando Izzie abriu a gaveta de cima da sua mesa e pegou dois comprimidos de Advil do frasco que guardava lá, pronta para engolir quando o café esfriasse um pouco, Paul Ferris entrou na sala, recém-chegado da sua jornada a Wavertree.

Ele levantou a mão para cumprimentar sua sargento quando a viu e, depois de uma longa e bastante aleatória manhã para ambos os oficiais, era hora de comparar suas anotações.

Capítulo 11

NEW BRIGHTON, MERSEYSIDE, 1964

A estância balneária de New Brighton, parte da cidade de Wallasey, situa-se na ponta nordeste da Península de Wirral, do outro lado do Mersey de sua vizinha muito maior, Liverpool. A estância recebeu este nome de seu fundador, o comerciante de Liverpool James Atherton, que em 1830 comprou a maior parte das terras em Rock Point e começou a desenvolvê-las como uma estância formal e elegante para a nobreza da época, muito parecida com outras estâncias da moda, e bastante similar em particular à mais popular estância de Brighton, na costa sul, por isso o nome de "New Brighton". A Torre de New Brighton, modelada com base na famosa Torre Eiffel, e a mais alta do país, foi inaugurada em 1900, mas fechada em 1919 e então desmontada em 1921. Sob a torre ficava o Tower Ballroom, que continuou a existir depois que a torre foi fechada, e manteve o seu uso como um local de entretenimento, e hospedou diversos concertos na década de 1950 e 60, incluindo performances dos Beatles e outras estrelas internacionais. Brendan Kane and the Planets fizeram duas apresentações no Ballroom, que seria eventualmente destruído por um incêndio em 1969.

Nesse momento, entretanto, a estância estava sendo usada por um jovem casal a procura de uma espécie de fuga do seu habitat e arredores habituais. Brendan Kane e Marie Doyle estavam ficando cada vez mais próximos ao longo dos meses anteriores, e agora ficou evidente para eles que seus sentimentos eram profundos e de uma natureza altamente romântica. Resumindo, Brendan e Marie estavam apaixonados.

Marie estava vestida com uma blusa nova creme com listras pratas e sua saia nova azul marinho na altura dos joelhos, que vestia perfeitamente nela e acentuava a feminilidade da sua figura. Suas meias também eram novas e ela tinha emprestado um par de sapatos pretos com saltos de 5cm de sua melhor amiga, Clemmy. Ela tinha comprado a saia especialmente para este dia com Brendan, que usava uma camisa azul-claro e um par de jeans novos que tinha comprado por correspondência pelo catálogo de sua mãe, juntamente com seus sapatos pretos tipo winklepicker, bastante polidos como sempre. Marie achou que ele estava incrivelmente bonito.

Tendo cruzado o Mersey no início da manhã no ferry de New Brighton, para em seguida passar duas horas paradisíacas ouvindo música no rádio de Marie, enquanto ficavam aos beijos e carinhos na praia de New Brighton, Brendan e Marie agora

sentavam-se de mãos dadas em um pequeno trailer, alugado por Brendan por uma semana em um dos populares locais de locação que haviam surgido para atender aos turistas na área. Mesmo sabendo que ele e Marie provavelmente só teriam uma ou duas oportunidades para fugir até o trailer durante a semana, ele sentiu que valia a pena o esforço financeiro a fim de ter estas preciosas horas juntos. Vivendo em um ambiente tão próximo como era com o grupo, privacidade era algo difícil de conseguir, e o casal não desejava tornar públicos seus sentimentos um pelo outro, pelo menos não ainda. Marie tinha dado apoio quando ele tinha feito a sugestão de tentar o disco demo e possivelmente encerrar o grupo se as coisas não dessem certo, e os outros podiam se sentir prejudicados se eles achassem que ela só tinha apoiado Brendan por causa de seus sentimentos por ele.

Depois de passar meses planejando o disco, Brendan Kane and The Planets tinham finalmente gravado seu disco demo na semana anterior, e agora aguardavam que a remessa da sua gravação "última chance" chegasse, para então fazer circular as cópias do disco, como haviam acertado. Depois disso, seu destino estaria no colo dos deuses e dos vários produtores e gravadoras.

— Tem certeza de que ninguém sabe que estamos aqui, Brendan? — perguntou Marie, nervosamente.

— Eu já disse, estamos totalmente seguros aqui — respondeu ele. — Eu reservei este lugar há semanas, paguei em dinheiro vivo e usei o nome de Davis, então por favor pare de se preocupar.

— Você sabe que eu tenho de estar de volta em casa na hora do chá, ou minha mãe e meu pai vão querer saber onde estou?

— Eles acham que você está com as garotas, certo? — perguntou Brendan.

— Sim, eles acham. Eles não se importam que eu faça coisas com o grupo, Brendan, mas isso, bem, é diferente, não é?

Brendan lentamente deslizou um braço em volta do ombro de Marie, puxando-a mais para perto dele.

— Está tudo ok, Marie, sério. Você confia em mim, não é?

— Claro que sim, seu bobinho. Eu não estaria aqui com você agora se eu não confiasse em você, estaria?

Brendan riu, uma risada que Marie sempre tinha achado contagiosa, e em segundos ambos estavam rindo e então, de repente, Brendan inclinou-se para perto e a beijou nos lábios, apaixonadamente. O beijo pareceu durar um século, e Marie finalmente se afastou, ofegante.

— Uau! — exclamou ela.

— Você é tão bonita, você sabe disso, não é? — disse Brendan, sem esperar uma resposta.

— Se você diz, Brendan — ela conseguiu falar, antes que ele a beijasse novamente, um beijo longo e lento, que a deixou de joelhos moles, e a fez sentir uma umidade entre as pernas. Brendan não disse mais nada, mas sua mão começou lentamente a percorrer o caminho sob a bainha da saia de Marie, sentindo gradualmente e subindo ao longo do comprimento da sua perna, parando por um momento quando seus dedos chegaram ao topo da meia dela. Marie sentiu sua respiração vindo em pequenos suspiros enquanto a emoção do momento começava a tomar conta de si.

— Não pare, Brendan, por favor — sussurrou ela com a voz rouca, enquanto a mão de Brendan continuava a subir, e Marie abriu as pernas um pouco para permitir que ele chegasse até suas partes íntimas, onde a nenhum homem, antes de hoje, tinha sido concedido acesso. Seus dedos escorregaram suavemente para dentro de sua calcinha e encontraram seu caminho entre as pernas dela, onde Brendan a encontrou molhada e pronta para que ele levasse as coisas ainda mais longe.

— Espere — sussurrou ela no ouvido de Brendan, e então tirou a mão dele suavemente de onde estava debaixo da sua saia. Marie se levantou e lentamente levantou a bainha de sua saia, permitindo a Brendan uma vista de suas pernas bem torneadas, colocou lentamente as mãos por trás de suas costas e abriu o zíper, deixando que ela caísse ao chão. Em seguida foi a calcinha, e enquanto ela tirava a pequena peça de roupa de renda branca, Brendan observava de queixo caído a visão à sua frente. Marie se ajoelhou na frente dele e começou a desabotoar sua camisa, que logo caiu aberta para revelar o seu peito, coberto de pelos castanhos, e ela passou a mão por eles por alguns segundos, fazendo cócegas na sua pele, e Brendan sentiu que estava ficando duro devido à expectativa dos próximos minutos. Marie se moveu para tentar tirar a calça dele, mas, fazendo-a esperar para prolongar o momento, Brendan a beijou mais uma vez antes de levá-la pela mão para o quarto do trailer, onde ele rapidamente fechou as cortinas e empurrou Marie, muito gentilmente, para que caísse de costas na cama, que ele tinha deixado arrumada no dia anterior, na esperança de uma oportunidade como essa. Marie ficou deitada na cama, olhando para ele, enquanto ele lentamente também se deitava, tomando o rosto dela nas suas mãos e beijando-a mais uma vez. As mãos dele chegaram por trás dela e, com um pouco de dificuldade, ele conseguiu abrir o seu sutiã, e enquanto ele o tirava, pôde se maravilhar com a visão de seus seios perfeitamente formados, os mamilos escuros, dilatados e eretos, talvez tão eretos quanto ele estava naquele momento. Ele estendeu a mão e pegou delicadamente um de cada vez entre os dedos, manipulando-os delicadamente enquanto Marie fechava os olhos e se deliciava com as novas e excitantes sensações que as atenções dele estavam desencadeando no seu corpo. Quando ele parou de usar os dedos e se aproximou,

colocando seu mamilo esquerdo na boca, Marie estremeceu com a pura emoção do que estava acontecendo com ela, e um pequeno gemido escapou de seus lábios:

— Ai meu Deus, Brendan. O que você está fazendo comigo? Eu nunca me senti assim antes. Acho que você deveria saber, porém, que eu nunca, bem, você sabe, na verdade, nunca fiz isto ou algo parecido antes.

Brendan fez ela se calar suavemente, colocando um dedo sobre os seus lábios, e sussurrou: — Nem eu.

— Mas, é claro que fez — exclamou Marie em surpresa. — Todos os shows, as garotas em volta de você, com certeza você...

— Nunca, Marie. Eu gostei de você desde o dia em que nos conhecemos, e eu esperei todo esse tempo para ver algum sinal de que você sentia o mesmo.

— Eu nunca soube.

— Bem, agora você sabe.

— Mmm — sussurrou ela, enquanto Brendan ficava em silêncio mais uma vez e colocava o outro mamilo entre os seus lábios. Desta vez, ele permitiu que seus dentes mordessem suavemente o seio dela, e Marie mal podia conter a onda de excitação que varria seu corpo. Brendan pegou a mão de Marie e a guiou para o monte crescente em sua calça. Sem precisar de instruções, ela baixou o zíper e começou a soltar o seu cinto. Quando ela baixou sua cueca, seu pênis ereto saltou de dentro, e Marie se espantou com o tamanho e o peso da coisa latejante que ela segurava na mão.

Nenhum deles poderia esperar mais e, enquanto os dedos de Brendan entravam em sua abertura molhada, ela falou com aquela voz rouca e expectante, mais uma vez: — Por favor, Brendan, faça amor comigo, agora.

Brendan Kane não precisava de mais incentivo, e então empurrou Marie de costas na cama e abriu suas pernas. Marie ajudou deixando suas pernas abertas e, enquanto Brendan se colocava em cima dela, ela tomou conta dele e o guiou para dentro de si, dando um pequeno grito quando ela a penetrou pela primeira vez.

— Você está bem? — Brendan perguntou quando ela gritou.

— Não pare, por favor, não pare — respondeu ela.

Brendan logo estabeleceu um movimento lento e rítmico dentro e fora dela, e Marie lhe pediu para acelerar, até que ele já não conseguiu mais segurar e sentiu uma forte liberação quando ejaculou dentro da garota dos seus sonhos. Marie de repente sentiu um turbilhão de emoções vindo de dentro e gritou novamente, seu corpo tomado por uma série de espasmos que pareciam ir e vir, até que finalmente cederam, deixando-a sem fôlego e maravilhada com sua intensidade.

— Oh, meu Deus, Brendan — exclamou ela. — Isso foi incrível. Gostaria de saber se é assim para todos na primeira vez.

Com a respiração voltando ao normal, Brendan olhou para Marie e sorriu: — Eu não sei e não me importo. Tudo o que sei é que foi muito bom para nós, e isso é tudo o que me importa. Eu te amo, Marie.

— Eu também te amo, Brendan — respondeu ela, enquanto ele saía lentamente de dentro dela e rolava para se deitar ao seu lado. Marie continuou deitada com as pernas abertas por um minuto e então, recompondo-se, se levantou da cama e alcançou uma caixa de lenços que viu na pequena prateleira do quarto. Ela conscientemente se limpou e se inclinou para pegar sua calcinha no chão, e logo estava vestida mais uma vez, em pé ao lado da cama alisando a saia, quando Brendan finalmente se levantou, puxou a calça jeans e fechou o cinto e o zíper. Eles ficaram sentados, olhando um nos olhos do outro, pelo que pareceu uma eternidade, enquanto o rádio de Marie tocava baixinho ao fundo. Marie havia descoberto o prazer de ouvir Radio Caroline, a nova estação de rádio pirata, transmitindo de algum lugar do Mar do Norte e, como muitos adolescentes, sentia um prazer misturado com culpa ao sintonizar a emissora ilegal. Quando *Secret Love* de Kathy Kirby veio do alto-falante do minúsculo rádio, o casal se entreolhou com mais intensidade e, quase que simultaneamente, falaram as mesmas palavras: — Essa é a nossa música!

Era impossível dizer se algum deles tinha pensado em usar qualquer forma de contracepção, pois nenhum deles mencionou isso para o outro. A era de conhecimento geral sobre o uso de contracepção e planejamento familiar ainda estava alguns anos no futuro no início dos anos sessenta, por isso era bem possível que nenhum dos dois tivesse muita consciência ou entendimento sobre o assunto. Por enquanto, tanto Brendan Kane como Marie Doyle estavam preenchidos pelos alvares do amor, e saciados pela resultante consumação de seus sentimentos recém-declarados de um pelo outro.

Pouco tempo depois, após trancar o trailer e percorrer o caminho de volta para a praia, onde desfrutaram de meia hora deitados juntos na areia, de mãos dadas, falando pouco, mas ocasionalmente olhando ansiosamente nos olhos um do outro, chegou a hora de voltar para o terminal de balsas, de onde, em breve, eles estariam atravessando o Mersey, voltando para Liverpool e para a realidade da vida cotidiana. Eles teriam a chance de retornar para New Brighton no final da semana, mas agora era hora de ir para casa. Marie estaria em breve sentada para o chá com sua família, enquanto Brendan iria comer alguma coisa e então vagar pela rua até o pub para desfrutar de um copo ou dois com seu pai que, Brendan pensava, não era mais o mesmo recentemente, parecendo ter perdido peso e tossindo muito.

Ao darem um beijo de despedida após a balsa ancorar, Brendan sentiu um profundo desejo por Marie enquanto a observava andar em direção ao ponto de ônibus, seus quadris parecendo balançar com mais sensualidade devido à saia evasê,

e mais tarde naquela noite, ambos sonhariam com o tempo que passaram juntos, e aguardariam com intensa ansiedade pela próxima visita ao trailer, seu próprio lugar secreto.

Capítulo 12

LIVERPOOL, 1999

— Então, Paul, algum progresso? — perguntou Izzie Drake ao policial Ferris enquanto ele se sentava na cadeira no final da mesa dela.

— De certa forma, sargento — ele respondeu —, embora eu não tenha certeza de que nos levará muito longe com o caso.

— Ok, apenas me diga o que você descobriu na profunda e obscura Wavertree.

— Lugar estranho, sargento. Muitas casas bonitas, e ainda assim um monte de estudantes da Universidade vivem lá também. Você sabia que muitas pessoas conhecidas moraram lá durante um tempo, e algumas ainda moram?

— Vá em frente, eu sei que você está morrendo de vontade de contar quem são elas.

— Para começar, John Lennon e George Harrison moraram lá, e Kim Cattrall, você sabe, a atriz?

— Sim, acontece que sei quem é Kim Cattrall, Paul, obrigada.

— Leonard Rossiter, e muitos outros.

— Obrigado pelo tour das celebridades — sorriu Drake. — Aposto que você procurou tudo isso no seu fiel computador antes mesmo de deixar o prédio esta manhã.

Ferris sorriu de volta para ela e respondeu, timidamente: — Bem, ontem à tarde na verdade. Só queria verificar o território antes de ir para as ruas, tipo, sabe?

— Maldição, Paul. Soa como algo saído de "Hill Street Blues". Vamos lá, o que você descobriu sobre o irmão sobrevivente?

Ferris puxou seu caderno do bolso, abriu para verificar suas notas enquanto falava, e começou:

— Frederick "me chame de Freddie" Cole é o último membro vivo de sua família. Parece que ele e seu irmão Walter, a quem ele se referia como Wally, estavam sempre próximos e trabalharam bem juntos após a morte de seu pai, Josiah. Freddie tornou-se o único proprietário da empresa após a morte por ataque cardíaco de Wally, e ele continuou tocando o negócio com sucesso, de acordo com ele, até que sua esposa Mary morreu em um acidente rodoviário cinco anos após a morte de seu irmão.

— Alguma circunstância suspeita envolvendo a morte da esposa, você acha?

— Duvido muito, sargento. Ele estava no carro com ela no momento. O pobre sujeito ficou cego de um olho e com uma perna mais curta que a outra como resultado do acidente. Ainda manca e anda com uma bengala. Isso não o impedia de tocar o armazém, até que Mary morreu e ele me disse que perdeu o interesse e tentou vendê-lo, mas não havia ninguém interessado.

— Então o que ele fez com o lugar?

— Ele entregou avisos de redundância para seus dez funcionários, pagou-lhes mais do que generosamente, vendeu as instalações e acessórios e colocou o armazém nas mãos de um agente de locação comercial. Ao longo dos anos, algumas pequenas empresas e indivíduos o alugaram em locações de curto prazo, mas o custo de manter continuamente o próprio edifício tornou a coisa toda uma responsabilidade financeira. Quando começou a remodelação da área das docas e o Conselho o abordou com a ideia de comprar o armazém e a terra para obras futuras, ele aproveitou a chance para se livrar do lugar. Ele vendeu há mais de um ano e, até onde ele sabe, o Conselho provavelmente vai vendê-lo para algum empreiteiro que vai construir apartamentos de luxo no lugar.

— E isso é tudo o que você descobriu?

— Bem, sim, e alguns nomes das empresas que arrendaram o lugar, mas todos eles parecem ter vindo bem depois da época que estamos olhando para o assassinato.

Izzie Drake se recostou na cadeira por alguns segundos, perdida em pensamentos. Finalmente, ela falou novamente:

— Pode não parecer muito, mas você conseguiu eliminar certas pessoas e organizações da investigação.

— Consegui?

— Sim, agora está óbvio que nenhum daqueles que usaram o armazém depois de Frederick Cole ter fechado o lugar poderiam estar envolvidos se só entraram em cena após a morte da vítima. Se o que Cole disse a você é verdade, e não parecemos ter qualquer razão para duvidar de sua palavra neste momento, o armazém foi fechado, e estava vazio e desativado no momento do assassinato, então as chances do assassinato ter algo a ver com as mercadorias que tenham sido armazenadas em um entreposto aduaneiro também são zero. O que aconteceu no cais fora do armazém da Cole and Sons ocorreu muito tempo depois do fechamento, e não tinha nenhuma conexão com os negócios anteriormente realizados por ali. Isso pode não parecer muito, mas é um tipo de progresso, Paul.

— Ainda bem que você vê assim, sargento. Como foram as suas visitas aos hospitais?

— Receio que bastante inconclusivas. Eu consegui restringir a lista de potenciais vítimas para cerca de quarenta e cinco, mas não vejo como poderemos possivelmente rastrear cada criança que tenha quebrado a perna lá na década de

sessenta. Alguns deixaram a cidade, os outros podem ter morrido, e alguns vão ter simplesmente sumido. Não quero soar pessimista, mas não sei se este caso vai chegar a algum lugar. Se não conseguirmos identificar a vítima, que chance teremos? Isso aconteceu há mais de trinta anos, de acordo com a perícia, e não vejo o superintendente-chefe nos deixar gastar muitas horas nele, com todos os crimes atuais que precisam ser resolvidos.

Drake sabia que suas chances de sucesso no caso eram praticamente inexistentes sem essa parte vital de evidência que poderia dar um nome à sua vítima. Até que eles tivessem isso, os restos da velha doca eram apenas isso, um conjunto de ossos, restos de uma anônima vítima da violência que provavelmente nunca seria identificada, um crime para sempre sem solução.

* * *

O inspetor-chefe Harry Porteous olhou para Andy Ross do outro lado da sua mesa. Ele não tinha sido capaz de dar a seu inspetor muitas informações com relação à atividade terrorista na cidade nos anos 60. Ele sabia que Ross estava lutando o que parecia ser uma batalha perdida com o caso do esqueleto, como ele o chamava, e não tinha certeza de quanto tempo ele deveria deixar seu esquadrão de assassinato gastar com o problema dos ossos nas docas.

— Como eu disse, Andy, quando você me ligou eu falei com meus contatos no esquadrão antiterrorista e, até onde eles sabem, não havia nada acontecendo na cidade nessa época. Claro, é possível que o IRA e os grupos Lealistas tenham nos usado como ponto de entrada ou de saída para a ilha, mas não há nenhuma evidência para sugerir que quaisquer células terroristas estivessem realmente ativas aqui nessa época.

— Certo, senhor, então minha pergunta é, até onde quer que levemos este inquérito?

— Não posso deixá-lo gastar muito mais tempo no caso, Andy. Precisamos de nosso pessoal trabalhando em casos importantes, ao invés de um assassinato que ocorreu trinta anos atrás. Eu sei que cada vítima tem direito à justiça, mas se não pudermos identificar a vítima, não será possível capturar o assassino. Você disse que a Dra. Lewin irá ao local da descoberta mais uma vez, então vamos ver se sua busca descobre mais alguma coisa. Se não, e se a sua equipe não tiver encontrado nada durante os inquéritos para os quais eles foram designados neste momento, acho que precisamos gradualmente encerrar a investigação.

Ross compreendia totalmente o ponto de vista do seu chefe, e concordava com ele na maior parte, embora ele detestasse a ideia de que um assassino parecia ter

conseguindo escapar do castigo da lei por mais de trinta anos após cometer um crime violento.

— Apenas me dê algumas semanas, senhor, por favor. Não quero desistir sem ter tentado ao máximo. Alguém matou aquele jovem, e eu quero encontrar o desgraçado que atirou nos seus joelhos, o espancou e provavelmente atirou-o ainda vivo no Mersey para se afogar em agonia.

Porteous girou sua cadeira executiva de encosto alto, até que ficou de frente para a grande janela de vidro que dava ao seu escritório uma bela vista sobre a cidade que ele e seus homens e mulheres faziam o melhor para proteger. Ele olhou para o vazio por alguns segundos, enquanto Ross permaneceu pacientemente sentado à espera de uma decisão. Com a decisão tomada, o inspetor-chefe virou sua cadeira de volta para encarar Ross.

— Uma semana, Andy, é o melhor que posso fazer. Se você não tiver qualquer progresso nesse tempo, fechamos o caso e marcamos como sem solução, ok?

Ross assentiu, contente de ter sido dado algum tempo, pelo menos, para continuar com o caso. A vítima sem nome ainda tinha uma chance de encontrar justiça. Ao sair do escritório de Porteous, ele percorreu o caminho de volta para seu escritório, sentindo uma necessidade urgente de uma xícara de café forte e de uma reunião de crise com sua equipe de detetives.

Capítulo 13

PROGRESSO, 1999

A chamada telefônica que Andy Ross recebeu na manhã seguinte foi uma surpresa agradável. Os sentimentos de negatividade e iminente fracasso começaram a se colocar como a espada de Dâmocles sobre o inspetor e a sua equipe desde a tarde anterior. Tanto quanto nenhum deles se sentia bem com a possibilidade de permitir que um assassino escapasse, mesmo depois de tanto tempo, a perspectiva de ser retirado o caso era grande e esse resultado era abominável para todos os membros da pequena equipe de Ross. Mesmo o jovem policial McLennan parecia ter perdido um pouco do seu entusiasmo normalmente contagiante.

— Nós não vamos simplesmente desistir, senhor, vamos? — perguntou o jovem policial. — Quero dizer, ainda é um corpo, não é, ou seja, quer dizer, sei que é um esqueleto, mas é uma vítima, assassinada, certo? Nosso dever é...

— Por favor, não tente me dizer qual é o nosso dever, McLennan. Tanto quanto eu simpatize com sua exuberância e senso de justiça juvenis, temos o dever de seguir as ordens de nossos superiores, e se o inspetor-chefe Porteous diz que fecharemos o caso em uma semana, vamos fechá-lo. Se quisermos manter a investigação viva, temos de identificar a vítima, entendeu?

— Entendi, senhor. Desculpe, senhor — respondeu McLennan, parecendo um pouco embaraçado e envergonhado em ter emitido suas opiniões tão fortemente. Na verdade, Ross gostava bastante do jovem Derek McLennan. Ele também odiava a ideia de que eles tinham literalmente desenterrado uma vítima de assassinato de muitos anos atrás e, devido à falta de pistas e identidade, eles poderiam ser forçados a encerrar o caso antes que tivesse decolado, permitindo assim que o assassino continuasse a viver com a crença de que ele ou ela tinha escapado impune.

— Ross — falou ele ao levantar o receptor e o segurar junto ao seu ouvido.

— Andy, é Hannah Lewin.

— Olá, doutora Lewin.

— É Hannah, lembra? E escute, você lembra que disse que William e eu poderíamos ir e dar outra olhada no local em que o esqueleto foi recuperado?

— Aham — disse Ross, tendo de repente uma sensação de antecipação na forma como a cientista forense estava falando.

— Bem, nós fomos dar uma olhada, e acabamos de voltar para o laboratório. Eu realmente acho que você deveria vir aqui e ver o que encontramos.

Agora Ross estava tão alerta quanto poderia estar.

— Vocês encontraram alguma coisa? — perguntou ele.

— Nós encontramos uma coisa — respondeu ela. — Quanto tempo você leva para chegar aqui?

— Eu vou encontrar a sargento Drake e nós estaremos aí dentro de uma hora, e Hannah?

— Sim?

— Parabéns, e obrigado.

— Você ainda não sabe o que nós encontramos. Não é um pouco prematuro me agradecer?

— Deixe que eu julgo isso, ok?

— Ok — respondeu ela enquanto colocava o telefone de volta na base.

— Izzie — gritou Ross no topo de sua voz. — Venha aqui agora, e traga McLennan junto.

Logo depois, Ross, Drake e o jovem Derek McLennan estavam no carro indo para o necrotério. Ross tinha tomado a decisão de incluir o jovem detetive na visita a fim de dar a ele mais experiência e, tendo em conta a declaração anterior de McLennan sobre o caso, ele queria mostrar que eles, na verdade, estavam fazendo tudo o que era possível. Talvez uma visita ao necrotério desse a McLennan uma espécie de choque de realidade. Deveria deixá-lo ciente das dificuldades do caso atual e, de qualquer forma, era hora de ver como o mais jovem detetive da sua equipe se comportaria em uma visita dessas.

Peter Foster estava mais uma vez na recepção, e desta vez sorriu calorosamente em reconhecimento quando Ross e Drake caminharam até seu cubículo, seguidos de perto por McLennan.

— De volta tão cedo, inspetor? — perguntou Foster. — Você deve gostar daqui.

— Receio que a necessidade chama, Sr. Foster. Você parece muito mais feliz hoje do que quando viemos da última vez.

— Ah, uma boa vitória no fim de semana, inspetor, sempre me anima para a semana.

— Entendo — disse Ross —, torcedor do Everton, é?

— Correto — respondeu Foster.

— Eu também — disse Ross, e Foster sorriu para ele quando ele se identificou como um torcedor do Everton Football Club. Um sorriso irônico no rosto McLennan o denunciou como um torcedor da metade vermelha da cidade, sob a forma do Liverpool Football Club. O jovem policial manteve um silêncio diplomático na presença de seu chefe.

Foster abriu a porta para os três oficiais, e logo eles estavam na presença dos doutores Willian Nugent e Hannah Lewin, com o assistente Lees mais ao fundo e,

nesta oportunidade, mais um homem estava ao lado de Hannah Lewin.

— Ah, entre, por favor, inspetor — solicitou William Nugent. — Sargento Drake, bom ver você de novo, e quem nós temos o prazer de receber aqui? — disse ele, indicando o jovem Derek McLennan.

— Bom dia, doutor — respondeu Ross. — Este é o policial McLennan, o mais novo membro da minha equipe. Pensei que ele talvez pudesse aprender uma coisa ou outra se juntando a nós nesta manhã.

— Sim, boa ideia, tenho certeza. Prazem em conhecê-lo, meu rapaz. — Nugent estendeu a mão para McLennan, que a apertou firmemente. — Um bom aperto de mão você tem, rapaz. Você vai longe, tenho certeza.

McLennan corou e Ross veio em socorro do seu envergonhado jovem oficial.

— E quem temos aqui, posso perguntar, doutor? — seus olhos se voltando para indicar o recém-chegado. A resposta veio do próprio sujeito, vestido em um terno azul marinho liso, camisa branca e gravata borboleta vermelha que, para Andy Ross, imediatamente gritava "acadêmico", que caminhou rapidamente do outro lado ao redor da mesa de autópsia, a mão estendida em saudação. Os sapatos pretos do sujeito estavam polidos quase que como um espelho. Enquanto Ross educadamente apertava as mãos do recém-chegado, o homem rapidamente se identificou:

— Alan Slade, inspetor. Prazer em conhecê-lo.

— Este é o *professor* Alan Slade — interrompeu Hannah Lewin. — Alan é um ortodontista forense.

— Ah, entendo, acho — disse Ross.

— Hannah pediu-me para dar uma segunda opinião sobre os dentes no seu crânio misterioso, inspetor. Espero que não se importe — disse Slade.

— De forma alguma — respondeu Ross.

Hannah Lewin rapidamente acrescentou:

— Alan é um freelancer especialista em sua área, Andy. Eu entendo como este caso está se mostrando frustrante para você, e pensei que Alan poderia ver algo que eu não tenha visto e que possa ajudar a identificar a vítima.

Ross acenou: — E encontrou alguma coisa nova, professor?

Slade olhou para Hannah antes de continuar:

— Não posso dizer que o que eu encontrei é exatamente novo comparado à análise prévia de Hannah, mas posso confirmar que o material usado nas obturações na boca da vítima é um tipo de amálgama de prata normalmente usado no final dos anos 50, início dos anos 60. O que chamamos de amálgama composta começou a ser usada regularmente durante os anos sessenta, mas esta amálgama é anterior a elas, então podemos certamente dizer que a vítima recebeu as obturações na sua juventude. Tirei um conjunto completo de raios-x dentários que normalmente

podemos usar para gerar uma identidade positiva, mas precisamos de registros dentários do paciente, contra os quais podemos comparar os raios-x.

Um olhar de decepção apareceu no rosto de Ross, e Izzie Drake vocalizou os pensamentos em sua mente:

— Então estamos muito longe de uma identificação positiva?

— Isso realmente depende de como olhamos — respondeu Slade. — Provavelmente seja verdade que muitos dos cirurgiões-dentistas que estavam trabalhando ativamente nos anos cinquenta e sessenta estão agora aposentados ou falecidos, mas ainda temos uma chance de fazer uma identificação positiva se a vítima foi tratada em uma clínica que ainda exista. O que você precisa fazer é enviar cópias dos raios-x para cada clínica da cidade e perguntar se eles correspondem a algum jovem paciente do sexo masculino, provavelmente em idade escolar, dentro da sua janela de tempo. A outra coisa que posso confirmar é que sua vítima certamente não tinha mais de vinte e um, ou talvez vinte e dois anos no momento da morte. Eu presumo que você gostaria dos detalhes exatos de como determinamos a idade, inspetor?

— Vou acreditar na sua palavra sobre isso por enquanto, professor, mas gostaria de uma cópia escrita de suas descobertas, logo que possível, por favor — respondeu Ross, uma pitada de otimismo rastejando em sua voz. Não era muito, mas era um pequeno vislumbre de esperança fornecido pelos esforços conjuntos dos patologistas. — McLennan, assim que voltarmos para a delegacia, eu gostaria que você compilasse uma lista de clínicas odontológicas na cidade, e assim que chegarem os raios-x você pode enviar um pedido a todas elas, na esperança de que um deles possa ter os registros do falecido. É bastante ambicioso depois de tanto tempo, mas vale a pena o esforço.

— Vou providenciar, senhor — disse McLennan, enquanto escrevia suas ordens em seu caderno.

— Tem mais uma coisa — disse Slade.

— Vá em frente, professor — falou Ross com expectativa na voz. Ele estava começando a gostar deste pequeno e bem vestido sujeito.

— Bem, por volta do fim dos anos cinquenta e início dos anos sessenta, eu acredito que havia um sistema em operação, no qual os que eram conhecidos como "dentistas escolares" visitavam as escolas da região, principalmente de educação infantil e primária, eu acho, e realizavam verificações odontológicas de rotina. É possível que o departamento de educação possa ser de alguma ajuda nesta área de investigação?

— Hmm, um pouco mais complicado de verificar com as todas as mudanças no sistema de ensino ao longo dos anos, mas sim, obrigado, professor, é um caminho

que vale a pena perseguir se nós terminarmos de mãos vazias com os dentistas. Mais alguma coisa?

— Só que sua vítima era bem alimentada, os dentes não mostrando sinais de má alimentação ou deterioração excessiva para a sua idade.

— Bem, obrigado, e obrigado a você também, Hannah, por ter solicitado ao professor que desse uma olhada nos dentes.

— Estou feliz que isso possa ter ajudado — disse Hannah Lewin. — Eu sei que você disse que os dentes podem desempenhar um papel importante na identificação dos mortos, mas mesmo nós patologistas forenses precisamos de um ponto de referência a fim de chegar a uma identificação definitiva. Mas tudo isso me leva para a verdadeira razão que William e eu pedimos que viesse hoje.

— Tem mais? — perguntou Ross.

— Oh sim, não é, William?

— Sim, tem sim senhorita — respondeu Nugent. — Vá em frente, Hannah, diga a eles. Afinal, foi você que teve a brilhante ideia em primeiro lugar.

Lewin agora pediu ao pequeno grupo que a seguisse até a bancada que ficava contra a parede do outro lado da sala. Ali estava uma bota surrada e desbotada, ainda facilmente reconhecível como sendo um calçado do tipo caubói. Além disso, encostada contra a parede em si onde terminava a bancada, estava a carcaça enferrujada e destruída de uma velha cama, pouco mais do que algumas molas e uma armação parcial, com o resto de uma perna mal preso a um dos cantos.

Hannah, em primeiro lugar, indicou a velha cama enferrujada.

— Uma coisa que descobrimos quando eu estava trabalhando no exterior, em valas e antigos cemitérios em que a água estava envolvida, era que itens mais pesados podem frequentemente encontrar seu caminho para baixo através do leito lamacento dos rios, e assim por diante na próxima camada de lodo, lama ou o que quer que seja. William e eu, juntamente com o Sr. Lees, passamos uma manhã fazendo o trabalho sujo na velha doca, até que descobrimos esta coisa velha e a bota, possivelmente a outra metade do par dos restos que sua equipe encontrou. Acho que você pode descobrir que esta é a razão pela qual o corpo nunca flutuou de volta à superfície, quando deveria tê-lo feito.

— É claro — disse Drake. — O corpo poderia ter afundado e ficado preso nas molas velhas do colchão. As botas teriam ficado presas e impediriam que flutuasse.

— Isso é precisamente o que acredito que aconteceu, sargento — disse Lewin. — Eu acho que é possível até mesmo datar a bota também. Ela está bastante degradada, mas ainda deve ser identificável. Certamente parece ter sido um item caro, não uma imitação barata de couro ou sintético. Quem quer fosse o dono deveria dar bastante valor a esse par de botas, tenho certeza.

Sentindo que tinham absorvido tudo o que podiam da visita atual, Ross agradeceu aos três cientistas e ele, Drake e McLennan voltaram para o quartel general da polícia de Merseyside, onde McLennan ansiosamente se separou dos dois oficiais superiores, louco para "entrar de cabeça" em seu novo papel na investigação. Ele sabia que não seria fácil, mas estava determinado a fazer todo o possível para conseguir uma identificação por meio da verificação da arcada dentária. Até que os raios-x chegassem do professor Slade mais tarde naquele dia, ele iria preparar o terreno compilando uma lista de todas clínicas odontológicas com as quais ele precisaria entrar em contato. Andy Ross e Izzie Drake tinham acabado de voltar ao escritório de Drake e estavam revendo as informações que eles tinham recebido, quando o telefone na mesa de Ross começou a tocar: — Alguém tem olhos nas minhas paredes, Izzie? Não faz nem dois minutos que estou de volta ao escritório e a porcaria começa a tocar.

Izzie Drake sorriu enquanto ela observava Ross pegar o telefone.

— Inspetor Ross — falou ele de forma impaciente no incômodo instrumento.

Após alguns segundos, ele falou novamente:

— Você deve estar brincando! — Uma nova pausa, enquanto ele escutava novamente, e então: — Bem, pelo amor de Deus, faça com que alguém os traga ao meu escritório agora mesmo, Miller.

Recolocando o telefone em seu lugar, ele olhou para Izzie Drake e disse, soando muito mais calmo do que se sentia: — Era o sargento Miller, da recepção no andar de baixo. Ele disse que há dois homens em pé na frente dele que afirmam ter informações relativas à identidade dos restos encontrados no cais perto do armazém Cole and Sons. Aparentemente, eles só vão falar com o detetive responsável pela investigação. Eles estarão aqui em um minuto, assim que Miller encontrar alguém para acompanhá-los até aqui.

— Isso é incrível, senhor. Vamos torcer para que eles tenham informações úteis. Quer que eu saia para você falar com eles em particular?

— Não, Izzie. Fique aqui. O que quer que esses caras tenham a dizer, quero que você ouça também. Certifique-se de anotar tudo o que eles têm a dizer.

Ross rapidamente reorganizou os papéis em sua mesa, em um esforço para deixá-la um pouco mais profissional na frente de seus visitantes, mas em menos de um minuto uma batida na porta sinalizou a chegada deles. *Talvez seja hora da nossa sorte mudar*, pensou Ross enquanto acenava para Drake, que foi até a porta para receber seus potenciais informantes no escritório.

Capítulo 14

MEMÓRIAS

Izzie Drake agradeceu à policial que acompanhou os dois homens até o escritório de Ross, e os levou para dentro, repetindo os nomes dados a ela pela policial Greening:

— Michael e Ronald Doyle estão aqui para vê-lo, senhor.

Ross olhou para os dois homens que tinham entrado na sala, ambos provavelmente em seus cinquenta anos e, mesmo que não tivessem dito seus nomes, ele não teria tido nenhum problema em observar que eram irmãos. Embora o mais velho dos dois estivesse acima do peso e mostrando claras evidências de um hábito de beber cerveja, destacado pela barriga saliente, e o mais magro dos dois parecesse em forma e mais metódico em seu modo de vestir e em seu comportamento, suas características faciais eram tais que a semelhança familiar era inevitável.

— Entrem, senhores, por favor. Sentem-se — Ross fez um gesto para as duas cadeiras que Izzie tinha acabado de colocar na frente de sua mesa em preparação para a entrevista. Os dois homens se sentaram, e o irmão mais velho falou:

— Nós preferimos Mickey e Ronnie, se não se importar.

— Claro — respondeu Ross. — Eu sou o inspetor Ross, e esta é a sargento Drake — continuou ele, ao indicar Izzie, que tinha tomado uma posição em pé perto da porta. — O recepcionista disse que vocês podem ter algumas informações importantes para nós relacionadas com os acontecimentos recentes?

— Sim, nós temos — disse Mickey. — Em primeiro lugar, nós vimos isto — ele pegou um jornal dobrado do interior do bolso de sua jaqueta de couro marrom e passou para Ross. Era uma cópia do Liverpool Echo, aberto na página na qual um comunicado da Assessoria de imprensa da polícia estava impresso. Era um artigo curto, apenas informando que restos tinham sido descobertos nas proximidades de um antigo armazém na área de docas da cidade, e que a polícia estava realizando inquéritos na tentativa de identificar a vítima, os restos aparentando ter entre trinta e quarenta anos de idade.

— Entendo, por favor continue.

— Bem, eu vi primeiro e então quando ele veio até minha casa, eu mostrei a Ronnie e pensamos a mesma coisa.

— E qual foi esta "mesma coisa" que ambos pensaram? — perguntou Ross.

Mickey parecia que estava à beira das lágrimas, e olhou para seu irmão, que agora falou pela primeira vez:

— Nós não tiramos conclusões precipitadas, inspetor. Você tem que entender que isto ficou pendurado sobre nós por um longo tempo e podemos estar enganados em nossa suposição, mas, bem, achamos que você pode ter encontrado a nossa irmã, Marie.

O coração de Ross afundou. Claro, a imprensa não tinha dado qualquer indicação do sexo da vítima, e ele pensou em como dar a notícia aos irmãos de forma suave. Antes, no entanto, ele achou prudente sondar um pouco mais fundo:

— Lamento dizer que os restos que foram descobertos eram os de um homem, não de uma mulher e, portanto, não poderiam ser de sua irmã.

Ronnie e Mickey se olharam, e estava claro para Ross que existia um pouco de confusão em suas mentes. Talvez um pequeno alívio por não ser sua irmã, mas ao mesmo tempo a continuação de algum stress de longa data que estava sempre no encaixe de ambos os homens.

— Oh — disse Mickey. — Parece que desperdiçamos seu tempo, inspetor — acrescentou Ronnie.

Ross olhou para sua sargento, de pé junto à porta, e ela acenou com a cabeça para ele, instintivamente sabendo para onde ele estava prestes a dirigir a entrevista.

— Mickey, Ronnie, por favor, pode ser importante e útil se vocês puderem nos dizer por que acharam que os restos eram de sua irmã. Quando ela desapareceu, e o que exatamente levou ao seu desaparecimento, porque eu estou presumindo que você está nos dizendo que ela está desaparecida há muito tempo?

Mickey pareceu bastante chateado, e ele fez um gesto com as mãos para Ronnie contar sua história. Depois de alguns segundos para reunir seus pensamentos, o mais novo dos irmãos Doyle começou sua história, primeiro passando uma fotografia para o outro lado da mesa, que Ross pegou e sorriu quando viu a antiga imagem em preto e branco.

— Era você? — perguntou ele.

— Sim — disse Ronnie. — Nós dois éramos parte de um grupo pop no início dos anos sessenta, Brendan Kane and The Planets. Eu sei que você não deve ter ouvido falar de nós, mas fomos bem por um tempo, até tocamos no Cavern, no Iron Door e em todos os grandes clubes da região. Nós realmente achávamos que tínhamos uma chance de seguir os passos dos Beatles, Gerry and The Pacemakers e por aí vai. Infelizmente nós nunca chegamos lá. Mickey era nosso guitarrista solo, e eu era o baixista. Um sujeito chamado Phil Oxley era nosso baterista, e o próprio Brendan Kane era vocalista e guitarrista.

— E Marie? — Esta pergunta veio de Izzie Drake, que havia se mudado do seu lugar ao lado da porta para se sentar no canto, ao lado da mesa de Ross.

— Marie era nossa irmã, claro, mas não uma parte do grupo, efetivamente. Mas, lá no início, ela muitas vezes dirigia a van para nós, nos levando de e para os shows.

No começo usávamos a van do nosso pai, mas quando seu negócio começou a afundar, ele demitiu seu companheiro, que também tinha uma van, e nós ficamos restritos a usá-la apenas à noite. Enfim, Marie era uma espécie de membro honorário do grupo, sempre com a gente, e não teríamos chegado até onde chegamos sem ela.

Ross sentia que tinha mais alguma coisa, e queria ouvir o resto da história dos Doyle:

— Então, o que aconteceu, Ronnie? Você disse que não conseguiram, então o que aconteceu com o grupo?

— Bem, começamos a fazer gradualmente menos shows, quando tivemos que parar de tocar na hora do almoço, e um dia Brendan soltou uma bomba, dizendo que ele pensou que deveríamos gravar um disco demo e, se não conseguíssemos um contrato de gravação, ele queria se separar, acabar com o grupo, sabe?

— E vocês não ficaram muito felizes com isso?

— Não, nenhum de nós ficou. Estávamos juntos como um grupo havia cinco anos até então. Sabíamos que provavelmente ele estava certo, mas nos sentimos como se ele tivesse traído a todos nós, querendo desistir e depois disse que se o fizéssemos, ele iria tentar lançar uma carreira solo. Você pode imaginar, isso caiu como um maldito balão de chumbo. Estávamos no pequeno parque perto de onde Brendan morava, e me lembro que era um dia muito quente de verão. Ficamos discutindo sobre o futuro por um tempo e a coisa foi que, quando ele anunciou seu plano, Marie tinha realmente concordado com ele, o que pegou o resto do grupo de surpresa. De qualquer forma, para encurtar a história, fizemos o disco demo em um estúdio na cidade, há muito tempo fechado, e Marie ajudou Brendan a enviar cópias para praticamente todos os estúdios de gravação e produtoras de discos do país. Como você provavelmente já adivinhou, nós nunca chegamos a qualquer lugar, e alguns meses mais tarde o grupo se separou, como tínhamos relutantemente concordado, e Brendan ficou livre para começar o que ele acreditava seria uma nova carreira solo.

— Mas isso não funcionou para ele também, não é, irmãozinho? — Mickey se juntou à conversa, suas palavras tingidas com uma amargura que ele achou difícil de disfarçar.

— Não, não — continuou Ronnie. — Ele tentou e não conseguiu avançar por conta própria. Depois de alguns anos, sua carreira solo tinha afundado, e a última coisa que ouvimos é que Brendan estava planejando ir para a América. Ele pensou que teria uma oportunidade melhor por lá, mais exposição potencial, pois ele pensava que os EUA poderiam ser um mercado melhor para um cantor solo.

Nesta altura, Mickey Doyle sentiu a necessidade de intervir:

— Sim, mas o pior estava por vir, inspetor Ross. Nenhum de nós sabia que Brendan e Marie estavam se encontrando secretamente por anos, escapando para

fazer amor sempre que podiam. Marie sabia que nossos pais não aprovariam que ela fizesse sexo antes do casamento. Eles eram bem conservadores sobre essas coisas. Nem tudo era tão livre e fácil na década de sessenta como todos pensam, você sabe.

Ronnie assumiu mais uma vez:

— Enfim, um dia, tudo veio à tona. Houve uma enorme briga entre todos nós e, bem, nós nunca mais vimos Brendan depois daquele dia, e logo depois disso Marie também desapareceu, mas como ela era adulta e como não tínhamos quaisquer provas para suspeitar de um crime, a polícia na época não pôde fazer muita coisa quando nós reportamos o desaparecimento para eles. Para ser honesto, nós, Mickey especialmente, temos feito tudo que pudemos para localizá-la ao longo dos anos. Quando vimos aquela reportagem do esqueleto no Echo, pensamos... bem... sabe do que estou falando, certo?

Ross pensou com cuidado antes de responder a Ronnie Doyle. Uma teoria estava se formando em seu cérebro, e ele precisava fazer uma pergunta para confirmar se a ideia maluca que ele tinha imaginado enquanto escutava a história de Ronnie era possível. Eventualmente, ele decidiu testar sua teoria:

— Ronnie, isto é tudo muito interessante, é claro, mas minha prioridade é identificar os restos que encontramos no velho cais. Simpatizo com sua perda no que diz respeito ao desaparecimento da sua irmã, e pelo que me disse tenho a estranha sensação de que Marie pode estar ligada ao nosso caso atual. Vocês terem vindo aqui hoje pode ter sido o "coringa" que estávamos esperando, a chance de finalmente começar a montar este caso.

— De que forma, inspetor? Você disse que o esqueleto era do sexo masculino, então não pode ser Marie — disse Ronnie, parecendo um pouco confuso.

— Deixe-me fazer uma pergunta, por favor, bem, talvez duas.

— Ok, vá em frente.

— Vocês dois conheciam Brendan desde que eram meninos e cresceram juntos, certo?

Os dois homens concordaram com a cabeça.

— Vocês podem me dizer se, em algum momento durante sua vida escolar, Brendan Kane sofreu uma fratura na perna direita e se, aproximadamente na época em que ele supostamente deixou vocês de lado para ir para a América, ele era dono de um caríssimo par de botas marrom do tipo caubói?

Os irmãos Doyle ficaram de boca aberta com as palavras de Ross. O inspetor parecia ser um leitor de mentes.

— Puta que o... ops, desculpe. Como diabos você sabe disso, inspetor? — disse Mickey.

— A resposta é sim para ambas as perguntas — acrescentou Ronnie. — Ele quebrou a perna num acidente no playground, e as botas eram o orgulho e a alegria

de Brendan. Ele as tinha encomendado especialmente da América. Como é que você...?

Ronnie ficou em silêncio no meio da frase após entender a linha de pensamento do inspetor. Ele falou novamente:

— Você acha que aqueles ossos pertencem a Brendan, não é inspetor? Você acha que ele nunca foi para os EUA, que ele morreu todos esses anos atrás e ninguém sabia disso.

Andy Ross escolheu suas próximas palavras com muito cuidado. Se os ossos eram mesmo os restos mortais de Brendan Kane, os irmãos Doyle poderiam ser considerados suspeitos em potencial, embora o fato de eles terem se apresentado dessa forma o fizesse duvidar seriamente da possibilidade. Eles dificilmente viriam aqui após todos estes anos se tivessem sido responsáveis por colocar o corpo na água, em primeiro lugar.

— Acho que há uma forte possibilidade, sim. Eu preciso saber muito mais antes de poder confirmar. Por enquanto — ele se virou para Izzie —, a sargento Drake aqui vai buscar café para nós e, se não estiverem com pressa, eu gostaria que me contassem mais, e especialmente sobre a última vez em que viram Brendan Kane e sua irmã, com tantos detalhes quanto possível.

Izzie Drake assentiu com a cabeça e deixou o escritório para retornar logo depois com café para todos os quatro. Ross tinha permitido aos homens uma pausa de cinco minutos para reunir seus pensamentos enquanto ela estava ausente, e agora se virou para Ronnie mais uma vez:

— Ronnie, por favor, pense bem e me leve de volta aos anos 60. Diga-me exatamente o que aconteceu.

Ronnie Doyle fechou os olhos e, ao permitir que seus pensamentos vagassem pelo tempo, as memórias foram voltando...

Capítulo 15

1966 E TUDO MAIS

Mil novecentos e sessenta e seis tinha sido um bom ano até agora para o povo de Liverpool. A metade azul de Merseyside tinha comemorado o triunfo do Everton na F.A. Cup, enquanto os Reds de Liverpool tinham reivindicado o título da liga. Tudo isso foi seguido pela memorável vitória da Inglaterra na Copa do Mundo em uma final emocionante contra a Alemanha Ocidental em Wembley. Musicalmente, os Beatles continuavam a dominar as paradas, com *Paperback Writer* atingindo a posição número um em junho. A queridinha de Liverpool nas paradas pop, Cilla Black, lançou a bela *Don't Answer Me* no verão após ter gravado a faixa título do filme de Michael Caine, *Alfie*, com Burt Bacharach.

Para a indústria da música em geral, houve alguns testes e atribulações, com o navio-rádio pirata *MV Mi Amigo* da Radio Caroline South encalhando em janeiro na praia de Frinton e, em outras notícias, o país tinha ficado horrorizado pelo terrível caso dos "Moors Murders", que finalmente havia mandado Ian Brady e Myra Hindley a julgamento pela brutal tortura e assassinato de três crianças.

Grandes alterações varreram a indústria da moda. Quase que de um dia para o outro a minissaia de Mary Quant ficou na moda e, pela primeira vez, a quantidade de pernas exibidas pelas garotas da Grã-Bretanha mostrou para os adolescentes e homens adultos que as mulheres realmente tinham pernas que se estendiam acima e além de seus joelhos.

Para a geração mais jovem, então, tudo parecia bem, mas para os antigos membros de Brendan Kane and the Planets a vida tomou um rumo infeliz.

Seguindo a inevitável separação do grupo após o fracasso de seu disco demo dois anos antes, Brendan, ainda cheio de crenças e ambição, lançou-se em uma turnê extenuante dos clubes de Liverpool e arredores. Ele tinha economizado bastante após ter se separado dos Planets, começou a fazer aulas de direção e, após passar no exame de habilitação, comprou uma Hillman Minx usada por trinta libras em um leilão de carros local. Ele continuou a trabalhar na livraria durante o dia, e dirigia ele mesmo para os shows à noite, geralmente terminando extremamente cansado no final de cada semana, e tendo que começar tudo de novo quando a segunda-feira amanhecia mais uma vez. Pelo menos ele tinha sua própria casa, tendo alugado um pequeno apartamento acima de uma loja no centro da cidade. Infelizmente, ele ainda

não tinha conseguido atrair aquele fantástico contrato de gravação, embora seus sonhos de estrelato continuassem a mantê-lo animado apesar do cansaço.

Ele e Marie continuaram a se ver, geralmente no apartamento, e o casal tinha de alguma forma conseguido manter sua relação em segredo até poucos meses antes, quando um amigo de Mickey por acaso os tinha visto se beijando e dando abraços românticos em um pub em Wigan. Mickey, que, assim como os outros há muito tempo suspeitavam de um romance entre o casal, e que agora estava trabalhando como pedreiro, tentou ser sensato e sentou-se com sua irmã, tentando convencê-la a sair da relação com Brendan, dizendo a ela que não levaria a nada. Marie, no entanto, informou a seu irmão mais velho sobre a longa duração de seu caso de amor e, apesar de Mickey tentar mudar sua cabeça contando o segredo ao balconista Ronnie, Marie não estava nem aí. Mickey e Ronnie então confrontaram Brendan, que se recusou a ouvir suas súplicas para acabar com o caso.

Seguiu-se uma espécie de calma, enquanto os antigos membros do grupo se viram menos e menos, embora Brendan tenha mantido um relacionamento mais próximo com Phil Oxley do que com os irmãos que, por causa de sua irmã, mantiveram um silêncio civilizado sobre o caso com Brendan. Phil tinha pelo menos conseguido permanecer no negócio da música, agora tocando bateria regularmente para uma banda local que, se não era o estrelato pop, pelo menos era trabalho regular e bem pago.

* * *

Brendan abraçava Marie de perto, deitados juntos na cama do pequeno apartamento no centro da cidade. A cabeça de Marie descansava no ombro dele enquanto eles relaxavam após uma sessão particularmente apaixonada de sexo.

— Simplesmente não está dando certo para mim aqui, Marie. Na Inglaterra, quero dizer. Olhe por quanto tempo eu tenho tentado, primeiro com os Planets, e agora por conta própria. Eu sei que eu posso fazer melhor, tenho certeza.

— Mas Brendan, querido, o que mais você pode fazer que você já não tenha tentado?

Deitada nua ao lado dele, o calor e a intensa satisfação da sua recente sessão de amor ainda percorrendo seu corpo, na verdade Marie não estava muito preocupada com a carreira de Brendan naquele exato momento. Tudo isso mudou com suas próximas palavras, no entanto:

— Posso ir para a América. É isso o que mais eu posso fazer, Marie.

O olhar de choque no rosto de Marie era palpável, as palavras dele como uma flecha no seu coração.

— América? Você deve estar brincando, Brendan, com certeza.

— Não é brincadeira, querida. Os Estados Unidos podem ser exatamente o lugar para começar e construir uma nova carreira.

— Mas ninguém na América ouviu falar de você. O que faz você pensar que terá mais chances de sucesso por lá que já teve aqui?

— Eu tenho que tentar alguma coisa, qualquer coisa, ou eu vou passar minha vida me perguntando como poderia ter sido se eu tivesse tentado. Eu pensei que você entenderia isso.

— Entender é uma coisa, mas, e quanto a nós, Brendan? Soa como se você estivesse decidido e preparado para apenas fugir para a América e me deixar aqui. Pensei que você me amasse. Pensei que tínhamos um futuro juntos, que ficaríamos juntos para sempre. Acho que não tem muita chance disso acontecer, não é Brendan, você do outro lado do mundo e eu aqui, presa em um escritório em Liverpool pelo resto da minha vida?

Brendan inclinou-se e tentou beijá-la, mas Marie virou o rosto no último minuto, deixando-o com a boca cheia de cabelos loiros. Pegando a cabeça dela nas mãos, ele virou suavemente o rosto dela até que eles estavam se encarando mais uma vez e, com um sorriso no rosto, ele disse:

— Você acha mesmo que eu deixaria você aqui sozinha?

Marie olhou interrogativamente para ele:

— Bem, eu...

— Olha, sua tonta, você sabe que eu te amo, sempre amei e sempre amarei. Eu ia explicar um pouco melhor as coisas. Não queria dizer do jeito que disse, mas quero ir para lá tentar, sei lá, uma mudança de nome, achar um agente, um produtor ou seja lá o que precise para começar na América, e quero que você vá comigo, sua bobinha.

— Eu? Ir para a América com você? Você está louco?

— Não, Marie, não estou. Por que você não deveria vir comigo? Queremos ficar juntos, não é?

— Eu sei, mas minha mãe e meu pai nunca vão permitir, especialmente meu pai. Você sabe como ele é estrito sobre coisas religiosas.

— Ora, Marie. Pelo amor de Deus, estamos nos anos 60. Essas coisas de papistas e crentes já estão fora de moda agora, a não ser para aquela turma lá na Irlanda.

— Deus, nunca deixe meu pai ouvir você dizendo essa palavra, você sabe, papistas. Ele iria ficar maluco.

— Desista, Marie. Aposto que ele chama os protestantes de crentes e tudo bem, não é?

— Olha, eu sei que ele é meio dinossauro, mas ainda é o meu pai. Ele nunca concordaria que eu morasse com você por aqui, imagine na maldita América.

— Quem disse algo sobre morar juntos? Quis dizer que quero que vá comigo como minha esposa. Eu quero que você se case comigo, Marie. Diga que você vai,

por favor.

Um olhar de puro choque apareceu no rosto de Marie, enquanto ela processava as palavras de Brendan. Ela sentiu as mãos começarem a tremer enquanto se levantava na cama.

— Brendan, claro que quero casar com você. Você sabe que eu quero, mas minha mãe e meu pai não vão permitir isso, você sabe que eles não vão.

— Então não pedimos a eles. Podemos ir para a América e nos casar lá. Já li sobre lugares onde você pode ir, eles chamam de capelas. Tudo que você precisa é da sua certidão de nascimento e de umas testemunhas, e você tem que ter algum tipo de exame de sangue, eu acho.

— Para quê?

— Oh, eu não sei. Provavelmente para se certificar que não está com alguma doença ou algo assim. De qualquer forma, se nós planejarmos com cuidado e em silêncio, nós provavelmente podemos estar lá daqui uns dois meses.

— Dois meses? Ah Deus, Brendan, eu quero muito dizer que sim, mas é tudo tão repentino e, bem, um pouco assustador, muito assustador na verdade. Quer dizer, eu não poderia simplesmente sair sem dizer nada a ninguém.

— Podemos esperar até mais perto, e talvez contar para o Mickey, ou talvez para o Ronnie. Eles também amam você, mesmo que possam ficar putos comigo, e se pudermos mostrar a eles que é o que você quer e que vai fazer você feliz, eu aposto que eles não dizem nada para sua mãe e seu pai, pelo menos até que viajemos.

A cabeça de Marie estava dando voltas com tudo o que Brendan tinha dito nos últimos minutos. Ela precisava de tempo para pensar. Deslizando as pernas para fora da cama e sobre o chão, ela rapidamente deslizou a camisa de brim azul de Brendan sobre os ombros.

— Aonde você vai? — perguntou Brendan, admirando as pernas dela enquanto ela saía do quarto.

— Cozinha — respondeu Marie. — Eu preciso de uma bebida. Quer uma?

— Claro, só uma Coca-Cola, por favor.

Marie rapidamente pegou duas garrafas de Coca-Cola na pequena geladeira da cozinha, fazendo uma pausa por um momento para ouvir a música que estava tocando na rádio Luxembourg, *Don't Answer Me* de Cillia Black. Ela ficou admirando o novo rádio Grundig de Brendan quando encontrou o abridor de garrafas, abriu as duas garrafas de coca e então voltou para o quarto, entregando uma garrafa para Brendan, que recebeu com gratidão e tomou um longo gole da garrafa.

— Então? — perguntou ele.

— Deixe-me pensar, Brendan. Eu quero dizer sim, você sabe, mas é um passo enorme.

— Ok, eu entendo. Não vamos falar mais nada hoje à noite. Só me prometa que vai pensar sobre isso.

— Claro que sim, bobo. Preciso de um tempo pra absorver isso, pensar como organizar as coisas, sabe?

Na verdade, Brendan tinha deixado escapar sua ideia americana meio que sem querer, e não tinha realmente pensado em tudo. Ele não tinha uma ideia real sobre como proceder para emigrar para os Estados Unidos, e sabia que teria de fazer uma averiguação rápida e séria, agora que tinha revelado os planos para Marie. Ele poderia realmente planejar e executar suas ideias no espaço de dois meses? Marie diria sim?

Depois que ele e Marie fizeram amor mais uma vez, o casal se vestiu, e um silêncio constrangedor desceu sobre eles, pois nenhum dos dois parecia saber bem o que dizer um ao outro depois dos eventos da noite. Brendan a levou para casa e a deixou na esquina de sua rua, observando enquanto ela caminhava até à porta, e então dirigiu para casa, caiu na cama e passou uma noite sem dormir, com a cabeça a mil, cheia de pensamentos de um futuro com Marie em um admirável mundo novo, como marido e mulher, com uma nova carreira e toda uma nova vida pela frente. Ele sabia que tinha dois obstáculos a superar se quisesse transformar o seu mais recente sonho em realidade. Primeiro, ele precisava do compromisso de Marie em se juntar a ele, se ele conseguisse deixar Liverpool e ir para os EUA, e em segundo lugar, e talvez mais importante, existiam os problemas que poderiam surgir da família dela, quando descobrissem sobre seus planos.

* * *

O Café Red River era dificilmente o estabelecimento mais saudável na região. Localizado no final de uma série de casas geminadas de antes da guerra, perto de uma área bombardeada extensivamente durante a guerra e ainda ostentando suas cicatrizes, o café era, no entanto, um ponto de encontro popular para a geração mais jovem e foi aqui que Brendan tinha combinado encontrar o antigo membro do grupo, Phil Oxley. Uma das razões para a popularidade do Red River era a bela jukebox Wurlitzer que ficava em um canto do estabelecimento e, Sam Beckett, proprietário do café, sempre se assegurava de que ela estivesse repleta dos mais recentes sucessos, tornando seu lugar uma grande atração para os jovens locais, ansiosos para se sentar e alimentar a máquina com dinheiro para ouvir suas músicas favoritas.

Chegando dois minutos antes do horário combinado, Phil caminhou através da porta do café para encontrar Brendan esperando por ele, sentado em uma mesa perto da janela. Phil tomou um lugar à mesa com tampo de fórmica e se esticou para apertar a mão de seu velho amigo.

— E aí, Phil. Como estão as coisas? — perguntou Brendan.

— Eu estou bem, Brendan, obrigado. E você?

— É sobre isso que eu queria falar com você, Phil, mas ei, vamos tomar alguma coisa antes. O que você quer?

— Café espresso, por favor — respondeu Phil, e Brendan empurrou sua cadeira para trás, levantou-se e caminhou até o balcão. Em mais ou menos um minuto o assobio satisfatório da máquina de café espresso sinalizou que o café estava pronto, e ele voltou para a mesa com duas xícaras de café em uma bandeja de plástico, que ele colocou em cima da mesa antes de voltar ao seu lugar, sorrindo para Phil.

— Então, como está indo com a banda, Phil? Um pouco diferente dos Planets, hein?

— É, mas eles são uma galera bacana, os caras da banda. A maioria é bem mais velho que eu, claro, mas ei, algumas daquelas músicas de dança são muito legais, sabe? O swing e as músicas de big band, tipo as que eram tocadas na época da guerra, realmente fazem as pessoas se levantarem e dançarem, e Bob, o líder da banda, diz que eu sou um dos melhores bateristas que eles tiveram em anos e, você sabe, essas músicas são praticamente as raízes do nosso rock'n roll. Jive, Lindy Hop, e muito mais, tudo isso veio da música das big bands da época da guerra.

— Isso é legal cara, é mesmo. Mas escute, eu tenho algo importante para dizer e, para ser sincero, eu gostaria de um conselho seu.

— Olha, nunca tinha visto isso. Não é comum você estar em dúvida o suficiente para querer um conselho meu, cara.

Brendan sorriu ao responder: — Bem, há sempre uma primeira vez, Phil, e isto é muito importante, e realmente não sei o que fazer.

Phil percebeu que seu amigo falava sério, e ele podia ver a preocupação gravada no rosto de Brendan, então ele deixou de lado o ar de irreverência que ele tinha adotado no início e se preparou para ouvir atentamente seu amigo.

* * *

Meia hora mais tarde, Brendan finalmente chegou ao fim de sua história, Phil tendo escutado seu amigo com apenas esporádicas interrupções para uma pergunta ocasional e para reabastecer seus espressos no balcão.

— Então, Phil, o que você acha? — Brendan olhou para Oxley com esperança depois de terminar de apresentar suas ideias para o futuro ao seu amigo.

— O que eu acho? Acho que você perdeu a porra da razão, Brendan Kane, isso é o que eu penso. Caramba, cara, você sempre foi meio sonhador, você sabe que sim, mas isso já é demais, cara. Você me disse com suas próprias palavras que não sabe muito sobre se mudar para os Estados Unidos então, se você está mesmo falando

sério sobre esse seu esquema maluco, seria melhor você contatar a embaixada dos EUA ou quem quer que seja para descobrir se sua ideia tem uma mínima chance de funcionar. Você pode não atender os, como é que se fala...? Ah sim, os critérios, essa é a palavra. Você pode não atender os critérios que eles colocam para as pessoas que querem viver por lá. Não, fique quieto e me escute — disse ele rapidamente, ao ver que Brendan estava prestes a falar e interromper sua resposta. — Você pediu minha ajuda e meu conselho, então deixe-me dizer o que penso, e em seguida você pode falar o que quiser, ok?

Brendan assentiu e Phil continuou:

— Ao meu ver, essa é a primeira parte do seu problema, e provavelmente a parte mais fácil de resolver. A parte mais difícil é Marie, e não me refiro à parte sobre se casar com ela, ou convencê-la a ir para a América com você. Ela iria com você fácil, cara. Você teria de ser cego, surdo e mudo para não ver o quanto ela está apaixonada por você nestes últimos anos. Ah sim, Brendan Kane. Todos nós sabíamos, apesar de vocês terem se esforçado para manter em segredo por muito tempo. Eventualmente vocês não conseguiam disfarçar os olhares que vocês trocavam, e todos nós pensamos que vocês nos contariam quando quisessem, então mantivemos o silêncio e deixamos vocês jogarem seu jogo de segredos.

— Há quanto tempo vocês sabiam? — Brendan teve de perguntar, incapaz de manter o silêncio por mais tempo.

— Oh, logo depois de gravarmos o disco demo, não muito antes de encerrarmos o grupo. Mas enfim, como eu disse, esse não é o grande problema. É a família dela, Brendan. Eles são católicos fanáticos, você sabe disso. Eles não vão achar muito legal que a única filha deles fuja com um garoto protestante para se casar, se mudar pro outro lado da porra do mundo, e viver em uma porra de outro país. Você pode até convencer Mickey e Ronnie no final, mas o seu problema são os pais dela. Eles vão acabar com a sua onda, meu caro Brendan, eles realmente vão.

— Mas eles não podem nos impedir, podem, Phil, se realmente quisermos ir?

— Você não está pensando direito, cara. Olha, Marie tem vinte anos, certo?

Brendan balançou a cabeça afirmativamente.

— Bem, então, até que ela tenha vinte e um, ela não pode se casar sem a permissão dos seus pais. Essa é a lei, Brendan, e isso é tudo.

— Merda — disse Brendan, seu rosto uma máscara de frustração. — Quer dizer que temos que esperar mais seis meses até o aniversário dela?

Phil pensou por alguns segundos antes de responder, um pensamento repentino dando-lhe uma ideia que poderia ajudar seu amigo.

— Há uma forma de você poder contornar isso, acabei de me lembrar de algo.

— O quê? Vamos lá, Phil, não fique de brincadeira, o que é? — perguntou Brendan, ansioso para ouvir alguma coisa que poderia ajudá-lo a sair do que seria

um sério problema para os planos dele.

— Fugir para a Escócia — falou Phil com um sorriso largo no rosto.

— Escócia? Por que diabos devemos ir para a maldita Escócia?

— Porque, seu imbecil, a lei é diferente lá em cima, é por isso. Você nunca ouviu falar de pessoas fugindo para Gretna Green?

— Eu já ouvi falar do lugar, claro, mas eu nunca tinha realmente pensado em casar antes, então não posso dizer que eu realmente saiba muito sobre essas lendas.

— Brendan, cara, não são lendas, são fatos. Na Escócia, é legal se casar aos 16 anos. Tudo o que eu acho que você tem que fazer é se qualificar por ter vivido lá, só por uma semana ou duas, não tenho certeza, você teria que descobrir. A Escócia é do outro lado da fronteira. Vocês poderiam passear lá por cima, ficar em uma pousada ou algo assim, e então se casar, tudo certo e legal, e os pais dela não poderiam fazer nada sobre isso quando vocês voltarem como Sr. e Sra. Brendan Kane.

O sorriso que apareceu na cara de Brendan ia de orelha a orelha enquanto ele escutava a solução em potencial de Phil para um dos principais obstáculos que existia para que ele e Marie se tornassem um casal legalmente casado.

— Você é um puta gênio, Phil — exclamou ele. — Se eu conseguir convencer Marie a vir comigo, isso pode funcionar.

— Sim, mas lembre-se de que você precisa descobrir primeiro sobre como ir para os Estados Unidos e, se eu fosse você, eu iria tentar puxar Mickey e Ronnie para o seu lado também. Você vai precisar de reforços quando os pais dela eventualmente descobrirem. Eles vão querer cortar suas malditas pernas fora, e talvez outras partes do corpo mais sensíveis, quando descobrirem o que você tem feito com sua preciosa Marie.

— Eu mal tenho falado com eles desde que o grupo se separou, Phil. Sei que eles ficaram com raiva de mim quando nós nos separamos, e só tenho visto eles de vez em quando, então eu duvido que eles vão ficar muito felizes em me ajudar.

— Você é um verdadeiro imbecil às vezes, sabia Brendan? Claro que eles ficaram com raiva de você. Todos nós ficamos, mas, como eu disse, eles sabiam sobre você e Marie há um tempo, e se eles não fossem seus amigos, não acha que eles teriam tentado separar vocês antes? Só porque eles estavam com raiva lá atrás não significa que eles vão fazer qualquer coisa que possa machucar Marie ou interferir com a felicidade dela. Dê uma chance a eles, cara.

— Mas, como? O que digo a eles?

— Diga a verdade, cara, você pode se surpreender.

— Você vai me ajudar, Phil? Para marcar um encontro com eles, quero dizer? Eu me sentiria melhor com você lá para me apoiar, sabe?

— Pra quê, caso eles queiram dar umas porradas em você? — riu Phil.

Brendan tentou devolver o sorriso, mas ele não se formou em seu rosto.

— Você realmente não acha que eles iriam querer...?

— Pare com isso, seu idiota. Com Marie lá junto de você? Eles não são retardados, você sabe. De qualquer forma, sim, por causa dos bons tempos e porque acontece que eu acho que você e Marie sejam bons um para o outro, eu vou ajudar você.

Brendan se levantou do seu lugar na mesa e quase correu para o outro lado, onde ele jogou seus braços ao redor de Phil e abraçou o seu amigo.

— Obrigado, Phil, não sei como agradecer você.

— Cuidado, você vai dar a ideia errada para as pessoas — riu Phil.

Brendan recuou, sorrindo como um gato de Cheshire, agarrou a mão de Phil e a sacudiu com força.

— Assim é melhor, meu amigo — sorriu Phil. — Bem, vamos tomar outro café e tentar descobrir como vamos resolver essa sua vida confusa, hein?

Capítulo 16

HORA DE CONTAR

— E como que você sabe tudo sobre esta reunião? — perguntou Ross, enquanto Ronnie Doyle suspirava e respirava profundamente algumas vezes, fazendo uma pausa em sua narrativa. Tanto o inspetor como a sargento Izzie Drake acabaram sendo inevitavelmente levados para o passado enquanto escutavam a história de Ronnie. O sujeito certamente era capaz de contar uma boa história e tinha o dom de comunicar seus pensamentos de uma forma que dava aos detetives uma visão fascinante, não só sobre o assunto que discutiam, mas sobre outra época, um período da história recente que só quem tinha vivida talvez pudesse apreciar plenamente. Eles estavam fascinados.

— Ahn? Ah, desculpe, inspetor. As memórias, sabe? Elas meio que trazem esses dias todos de volta, se é que você me entende. Tudo aconteceu há muito tempo, mas, agora que eu estou falando com você sobre isso, tudo poderia ter acontecido na semana passada, parece tão real em minha mente. De qualquer forma, você me perguntou sobre a reunião no Red River, foram os próprios Phil e Brendan que nos contaram sobre isso, principalmente o Phil, eu admito, quando ele entrou em contato com Mickey e eu logo depois de eles terem se encontrado no café.

— Entendo, e para quem ele ligou primeiro, você ou Mickey? Você se lembra?

— Foi pra mim, inspetor — falou Mickey calmamente. Era óbvio pela sua expressão facial e comportamento que as lembranças do passado também afetaram bastante Ronnie. — Ele me ligou alguns dias depois de ter se encontrado com Brendan. Na verdade, fui eu quem contou a Ronnie sobre isso, mas Ronnie falou com Phil depois, se não estou enganado.

— Sim, isso mesmo — disse Ronnie — você me contou primeiro, e eu concordei em falar com Phil para marcar um encontro com ele, Brendan e Marie. Concordamos que deveria ser eu quem conversaria com Marie, pois naquela época éramos mais próximos.

— Sim, ela sempre teve admiração por mim, eu acho. Não sei por que, talvez fosse apenas porque eu era o mais velho, você sabe, irmão maior e tal?

Ross tinha permitido aos irmãos divagar um pouco, querendo que se sentissem à vontade enquanto ele gradualmente arrancava a história deles, e agora ele os levaria de volta aos trilhos.

— Muito bem, Ronnie, por favor, podemos voltar à reunião com Brendan Kane e Phil Oxley? O que aconteceu a seguir?

— Sim, claro, inspetor, desculpe. Bem, onde eu estava? Ah, sim, Mickey e eu concordamos que eu falaria primeiro com Marie, para ter certeza de que ela estava afim, e em seguida tomaria as providências para nos encontrarmos com Brendan e Phil.

— E como Marie reagiu quando você se aproximou dela e contou que sabia sobre o caso com Brendan por algum tempo, como eu presumo que você deve ter feito?

— Ela ficou apavorada pra caralh... ops, desculpe por isso, sargento — disse Ronnie, se desculpando por seu linguajar para Izzie Drake que apenas disse:

— Não se preocupe, Sr. Doyle. Eu ouço coisas muito piores do que isso de nosso próprio pessoal por trás destas paredes todos os dias da semana, posso garantir a você. Por favor, continue com a sua história.

Ela sorriu e Ronnie Doyle relaxou novamente e seguiu com seu relato:

— Ok, como eu disse, ela estava assustada para cara... um pouco assustada no início, pensando que eu e Mickey estávamos bravos com ela, e que iríamos descer o cacete em Brendan Kane.

— E sentiram vontade de fazer isso? — perguntou Ross.

— Por alguns segundos sim, para dizer a verdade, inspetor. Lembre-se, Brendan era maior e mais forte do que eu, então eu realmente não teria muita chance de machucá-lo, mesmo que eu quisesse. Eu era um pouco como o típico fracote naquela época. Eu dei uma aumentada agora, é claro, meia-idade e tal.

— E quanto a você, Mickey? Sentiu vontade de dar uma apagada em Brendan?

— Pode ser uma surpresa para você, inspetor, mas não. Já ouviu falar de Woodstock?

— Quer dizer o lugar em Oxfordshire? — interrompeu Izzie.

— Não moça, não aquele maldito lugar em Oxfordshire. Quero dizer o festival de música de Woodstock, nos EUA.

— Já ouvi falar dele — disse Ross. — O que isso tem a ver com seu relacionamento com sua irmã?

— Bem, Woodstock não aconteceu por mais alguns anos, mas o que estou dizendo é que até mesmo em sessenta e seis eu já acreditava no amor livre, paz e todas essas coisas, sabe? Posso não ter gostado do que o maldito Brendan Kane fez conosco sobre o grupo, mas porra, se ele queria comer a minha irmã, e ela queria muito isso, então que fossem felizes. Essa era minha atitude, inspetor. Só porque eu sou um cara grande, não faz de mim um cara violento. Deveria me ver usando camisas de hippie "flower power", inclusive com colares, depois que Woodstock aconteceu e a cultura hippie me dominou.

Ronnie não pôde deixar de rir de seu irmão:

— Ele era uma figura interessante, inspetor, eu garanto. Era só "paz e amor, irmão", malditos gestos e cabelos compridos. Graças a Deus ele saiu dessa.

— E quando isso aconteceu, Mickey, você largando o estilo de vida hippie?

— Quando minha primeira mulher Chrissie me deixou por outro cara, inspetor. Nós nos conhecemos em um show e nos casamos em seis semanas, então você pode ver por que eu não seria o tipo durão com minha irmã, mas ela me trocou por um maldito corretor que ela conheceu numa porra de uma galeria de arte e, bem, eu larguei o estilo de vida. Lembre-se, eu tinha trinta na época.

Os dois irmãos riram novamente, e Ross gemeu internamente. Esses dois eram naturalmente uns palhaços, e ele precisava mantê-los sérios se quisesse obter o que queria deles. Quando será que Ronnie e Mickey se dariam conta de que os restos no cais eram provavelmente de seu amigo, Brendan?

— Ok, entendi Mickey. Agora, Ronnie, o encontro com Brendan e sua irmã, *por favor*. Apenas onde e quando ocorreu, e o que aconteceu exatamente? Eu sei que foi há muito tempo, mas, por favor, tente se lembrar de todos os detalhes que puder, é realmente importante.

— Tudo bem, desculpe. É engraçado lembrar de Mickey, o hippie. Enfim, sim, marcamos um encontro com Brendan e Marie no apartamento de Brendan alguns dias mais tarde. Todos achamos melhor ir lá, pois não haveria nenhuma maneira de nossos pais descobrirem se mantivéssemos isso privado. Enfim, eu me lembro de quase tudo como se fosse ontem.

— Então, vá em frente, Ronnie, nos leve de volta a mil novecentos e sessenta e seis, por favor. Estavam todos no apartamento de Brendan, e...?

Capítulo 17

BRENDAN KANE AND THE PLANETS REUNIDOS

— Então, aqui estamos, todos juntos novamente. Já faz um tempo, hein, rapazes?

Brendan Kane olhou para a turma de velhos amigos, sentados ao redor da sala de estar em seu apartamento. Ele e Marie estavam sentados lado a lado no sofá, com Phil Oxley do outro lado de Marie. Mickey e Ronnie tinham sentado em uma poltrona cada e, passados uns desconfortáveis minutos após a sua chegada, Marie já com ele para recebê-los, parecia que uma camaradagem pacífica tinha tomado conta da sala. Eles todos tinham passado muito tempo juntos como Brendan Kane and The Planets e, apesar de sua separação ter eventualmente causado uma animosidade, tudo isso parecia ter ficado no passado e, na maior parte, todo mundo parecia satisfeito de estar na companhia do outro, para grande alívio de Brendan.

— Muito tempo, se você quer saber — respondeu Ronnie.

— Eu pensei que vocês me odiassem — disse Brendan.

— Provavelmente odiamos, por um tempo — acrescentou Mickey —, mas amigos são amigos, e não poderíamos ficar com raiva de você para sempre. Porra, Brendan, provavelmente você estava certo. Nunca teríamos conseguido de qualquer maneira, e pelo menos nós desistimos antes dos shows terem rareado e nós termos sido vaiados em algum clubinho de segunda categoria por aí.

— Ei, não éramos assim tão ruins — protestou Brendan.

— Talvez não, mas não é por isso que estamos aqui hoje, não é?

— Não, e estou surpreso que vocês não queiram acabar comigo.

— Por quê? — perguntou Ronnie. — Só porque você e Marie estão caidinhos um pelo outro? Diabos, todos nós sabíamos sobre vocês há dois séculos, talvez não tanto quanto nós poderíamos ter sabido, mas o suficiente para saber que havia algo entre vocês.

— Então vocês não se importam se nos casarmos, e se Marie for para a América comigo?

— Não poderíamos impedi-la se tentássemos, não é Marie?

— Sem chance, Ronnie — respondeu Marie.

— Ok, mas isso não é tão simples, não é, garota? — disse o irmão mais velho, Mickey.

— Eu sei. É a mãe e o pai, não é? O que posso fazer, Mickey?

— Phil nos contou a ideia dele, e acho que é a única maneira de fazer isso.

— Quer dizer, Brendan e eu fugimos para Gretna Green, e depois vamos para a América como marido e mulher?

— Sim, mas você tem que ter muito cuidado sobre como vai fazer as coisas. Se o pai descobrir o que você está fazendo, ele vai ficar puto. — Mickey ficou em silêncio e Ronnie, normalmente tão quieto, assumiu mais uma vez, seu lado intelectual claramente vindo à tona enquanto pensava no problema:

— Bem, primeiro você organiza umas férias curtas na Escócia com algumas amigas. Você pode fazer isso, não é? — Marie assentiu com a cabeça. — Bem, você até pode usá-las como testemunhas. Uma vez que você tenha ficado lá o quanto precisar, você se casa, e então você precisará voltar aqui e continuar com sua vida normal, até que possa partir para os Estados Unidos.

— Não poderíamos fazer isso, Ronnie — exclamou Marie. — Uma vez casados, vamos querer estar juntos, sempre.

— Não será por muito tempo, Marie. Cabe a Brendan tomar todas as providências com antecedência.

— Parece um pouco complicado para mim — disse Brendan. — Eu prefiro só ir embora um dia e não voltar.

— Olha, Brendan. Cabe a você. Nós só estamos concordando com o plano de Phil, que parece uma boa se quisermos manter tudo tranquilo para que os pombinhos possam escapar sem que meu pai descubra — insistiu Ronnie.

— É um bom plano, Brendan, sério — disse Phil.

— Mas é tão fácil também para Marie e eu nos encontrarmos um dia, embarcar em um avião, navio ou o que quer que seja, e desaparecer de Liverpool, sem precisar de todo esse seu esquema secreto, Phil. Podemos nos casar na América quando chegarmos lá.

— E o que você acha, Marie? — perguntou Phil à jovem.

— Eu só quero estar com Brendan — respondeu ela.

A discussão durou mais de uma hora sem qualquer decisão ter sido realmente tomada. Ficou claro para os irmãos que Marie acabaria fazendo o que Brendan quisesse que ela fizesse. Ela estava completamente obcecada por ele, e iria segui-lo aonde quer que ele fosse. Eles tinham a esperança de que o bom senso iria eventualmente prevalecer. Eles sabiam que se Marie e Brendan fossem legalmente casados na Escócia, seu pai podia gritar e reclamar o quanto quisesse, mas o casamento seria válido e ambos fariam seu melhor para apoiar sua irmã contra a ira de seu pai.

O restante do tempo no apartamento de Brendan pareceu surreal para os irmãos Doyle e Phil Oxley. Brendan insistiu em mostrar o seu novo toca-discos Dansette, com sua funcionalidade de segurar até dez singles no seu eixo, automaticamente soltando o próximo disco após a agulha ter sido levantada do anterior.

Enquanto *When You Walk In The Room* dos Searchers tocava ao fundo, Marie deixou os garotos por um minuto, voltando logo depois com garrafas geladas de Double Diamond da geladeira de Brendan. A pale ale gelada estava refrescante e os ajudou a relaxar e, quando o disco terminou, a agulha se levantou magicamente e outro disco caiu no toca-discos, desta vez os Rolling Stones, um dos grupos favoritos de Mickey, com seu sucesso, *It's All Over Now*, com o brilhante Brian Jones na guitarra. Mal sabiam eles naquele momento que o soberbo guitarrista sumiria tragicamente da cena pop em julho de 1969, afogado na sua piscina apenas um mês depois de deixar os Rolling Stones. Por enquanto, porém, Mickey Doyle idolatrava o jovem que havia formado os Stones em primeiro lugar, e cujo talento musical os ajudou a se tornar um dos maiores nomes da indústria pop britânica.

Logo, no entanto, com o futuro ainda não resolvido, chegou a hora do grupo tomar o seu caminho, e os irmãos Doyle aguardaram pacientemente do lado de fora com Phil Oxley enquanto Marie dizia boa noite a Brendan, obviamente, de acordo com o tempo que levou, Ronnie comentou, acompanhado de muito "se beijando" e "se apalpando". Mickey bateu divertidamente na nuca de seu irmão mais novo: — Você está falando da nossa irmãzinha, seu inútil.

— Então! Ela tem o mesmo equipamento que outras garotas, não é? Brendan tem o sangue quente e...

Antes que ele pudesse dizer mais alguma coisa, a porta da rua se abriu e Marie saiu para se juntar a eles, acenando para a figura de Brendan Kane, escondida da vista do irmão. Depois de mandar-lhe um beijo, ela pulou para onde os outros esperaram amontoados na calçada, e rapidamente deu os braços aos seus dois irmãos, sorrindo para um de cada vez, dizendo alegremente em seguida:

— Nós vamos para casa então, ou o quê?

Capítulo 18

DE VOLTA PARA O FUTURO

— E essa, inspetor Ross, foi sinceramente a última vez em que vi Brendan Kane — disse Ronnie ao suspirar e escorregar um pouco na cadeira com um olhar um pouco melancólico. Ross supôs, de forma bastante correta, que isso tinha afetado Ronnie Doyle, a maneira como teve de recuperar memórias da sua juventude, e o trauma de perder sua irmã, apesar de que ele ainda não havia contado a Ross nada sobre o que eventualmente acontecera quando Brendan e Marie pareciam ter desaparecido da face da terra. Era hora de ser rude, e apresentar a Ronnie e Mickey sua teoria.

Ainda dirigindo suas palavras na direção de Ronnie, Ross começou:

— Ronnie, e você também, Mickey, eu sei que vocês vieram aqui hoje para tentar nos ajudar, e vocês pensaram que os restos no cais poderiam ter sido sua irmã, o que fomos capazes de descartar, mas as razões pelas quais nós pedimos para que descrevessem em tantos detalhes o desaparecimento de sua irmã, e acredite em mim, eu quero saber muito mais em um minuto, são duas. A primeira é que eu acredito que os restos no cais podem estar bastante relacionados ao eventual desaparecimento da sua irmã, e a segunda é que tenho fortes razões, baseado no que vocês acabaram de me dizer, e em outras evidências que descobrimos, para acreditar que os restos no cais sejam do seu velho amigo Brendan Kane.

Parecia que Ronnie e Mickey Doyle tinham acabado de ser atropelados por um caminhão. Tanto Ross como Izzie Drake não tinham dúvidas de que a notícia que o inspetor tinha acabado de dar tinha atingido os irmãos como um golpe de marreta, e que nenhum deles tinha até agora ligado os pontos e entendido para onde Ross estava direcionando a conversa. Ou eles eram totalmente inocentes de qualquer envolvimento com o desaparecimento e subsequente assassinato de Brendan Kane, ou então um ou ambos os irmãos eram ótimos atores. Ross tinha de considerar a possibilidade de que um dos homens sentados à sua frente poderia ser um frio e muito inteligente assassino sociopata, desprovido da capacidade de registrar emoções verdadeiras, então tinha que levar as coisas de forma lenta e cuidadosa.

— Você não pode estar falando sério, inspetor Ross — exclamou Ronnie.

— Não é possível — disse Mickey, subindo a voz quase a ponto de gritar. Uma percepção repentina começou a surgir no irmão Doyle mais velho, mesmo que no momento seu irmão mais novo ainda não estivesse entendendo. — Brendan foi para

a América, e Marie foi com ele. Se o esqueleto que você encontrou é de Brendan, então isso significa que Marie estaria...

Mickey de repente se engasgou com a emoção do momento, incapaz de completar a sua frase, mas agora Ronnie tinha entendido as possibilidades que a revelação de Ross tinha aberto:

— Então ela está morta. É isso que você está dizendo, não é, inspetor? Se Brendan morreu aqui em Liverpool tantos anos atrás, não há nenhuma chance de que Marie tenha chegado à América por conta própria, certo? Afinal, por que ela iria sem Brendan? Eles eram inseparáveis, porra!

Foi só nesse momento que Ross percebeu que os irmãos ainda tinham esperanças de que Marie poderia estar viva, que sua busca em incontáveis artigos de jornal ao longo dos anos tinha sido, na verdade, uma espécie de processo catártico de eliminação. Com cada corpo que não era Marie, mais eles esperavam que ela poderia ainda aparecer viva algum dia, em algum lugar. Era uma "síndrome" que ele testemunhara uma ou duas vezes no passado com parentes de pessoas desaparecidas, uma forma de negação positiva que levava pais ou, nesse caso, irmãos esperançosos a se recusar a aceitar o inevitável enquanto um corpo não fosse encontrado. Por enquanto, porém, ele precisava pressionar os irmãos para poder arrancar todos os fatos que conseguisse da memória deles.

Ross falou com firmeza, mas suavemente mais uma vez, tentando transmitir uma calma que poderia fazer os dois homens começarem a pensar novamente de forma mais clara:

— Olha, Mickey, Ronnie, no momento nós não temos ideia do que aconteceu com sua irmã. Até vocês dois terem entrado aqui hoje, nós não tínhamos ideia de que ela tinha algo que ver com este caso, e não tínhamos nenhuma prova concreta de que os restos eram de Brendan Kane. Mas vocês suspeitam que sua irmã possa não ter ido com ele, senão por que viriam aqui achando que os restos no cais poderiam ser Marie? O que realmente faz vocês pensarem que sua irmã possa estar morta?

Ronnie Doyle pensou por alguns segundos antes de responder:

— Olha, inspetor Ross, no início nós não fazíamos ideia do que tinha acontecido. Sim, eu e Mickey pensamos que ela tinha fugido com Brendan, mas quando não recebemos notícias dela, e então a nossa mãe e nosso pai começaram a se preocupar, nós tivemos que confessar e dizer o que estava acontecendo. Mesmo assim, eu e Mickey levamos muito tempo para pensar que algo ruim, e eu quero dizer realmente ruim, poderia ter acontecido com Marie. Começamos a procurar em jornais histórias sobre corpos não identificados ou crimes contra vítimas desconhecidas, e quando vimos o artigo sobre o esqueleto nas docas, pensamos, bem... você sabe o que pensamos.

Ross sabia que tinha chegado o momento de ser aberto e honesto com os dois irmãos. Talvez se ele pudesse primeiro obter provas conclusivas de que os restos no cais eram de Brendan Kane, ele poderia ser capaz de verificar se a morte do jovem músico e o desaparecimento de Marie Doyle tinham ligação. Agora ele achou extremamente improvável que não estivessem. Antes de mais nada, é claro, ele precisava saber mais.

— Ok — disse ele. — Vocês lembram que eu perguntei se Brendan já tinha quebrado uma das pernas?

Os irmãos assentiram com a cabeça em sincronia, as palavras faltando no momento.

— Bem, a nossa vítima sofreu exatamente uma lesão dessas, e estamos atualmente conduzindo uma pesquisa com dentistas que podem ter trabalhado na cidade na época da morte, para confirmar a identidade dos restos através da arcada dentária, mas até agora, graças ao que vocês revelaram hoje, eu tenho que dizer que meus pensamentos estão se inclinando para o fato de que se trata efetivamente de Brendan Kane. Eu quero lhes mostrar uma coisa, e quero que me digam se tem algum significado para vocês.

Com isso, Ross abriu a gaveta superior direita da sua mesa, e tirou de lá um pequeno pacote de celofane. Ele passou o pacote sobre a mesa para Ronnie, que olhou para ele como se estivesse prestes a mordê-lo. Ele podia ver alguma coisa dentro do pacote e, quando foi se aproximando dele, ele percebeu para o quê ele estava olhando.

— Oh, merda — disse ele, seu rosto assumindo um olhar cabisbaixo.

— O que é Ronnie? O que tem aí? — perguntou seu irmão, um tremor de medo rastejando em sua voz.

Ronnie pegou o pacote com as pontas de dois dedos, como se contivesse uma parte de corpo humano e passou-o ao seu irmão.

— Suponho que vocês dois saibam o que é isso? — perguntou Ross, enquanto Izzie Drake pegava o pacote da mão trêmula de Mickey. Ela o passou de volta para Ross, que o devolveu à sua gaveta.

— Uma palheta. Uma palheta de guitarra quebrada — disse Ronnie, calmamente.

— Uma palheta de casco de tartaruga — acrescentou Mickey. — Brendan sempre usava uma assim.

— Peço desculpas se isto chocou vocês dois — disse Ross —, mas agora quero que realmente pensem no passado e me digam o que ocorreu, até onde sabem, entre a última vez que viram Brendan e o desaparecimento de sua irmã.

Os dois homens concordaram com a cabeça mais uma vez. Mickey Doyle parecia estar à beira das lágrimas. Ronnie estava fazendo um grande esforço na

tentativa de não se juntar a seu irmão no ponto de colapso.

Vendo o estado deles, Ross pensou que uma pausa seria bem-vinda, e pediu a Izzie que providenciasse chá e café para os quatro. Ela também mandou um agente uniformizado que escoltou Ronnie e Mickey para o banheiro masculino, permitindo que se alviassem e jogassem um pouco de água em seus rostos, numa tentativa de se refrescar um pouco antes de continuar com o que havia se tornado, para os dois homens, uma assustadora e potencialmente trágica entrevista com o inspetor Ross.

Poucos minutos depois, os irmãos Doyle retornaram ao escritório, onde logo se sentaram mais uma vez nas mesmas posições em frente à mesa de Ross. Durante o curto intervalo, Ross tinha verificado que a sargento tinha ficado totalmente em sintonia com esses pensamentos e a linha de seu questionamento a partir do momento em que ele havia sugerido pela primeira vez que os restos poderiam ser de seu velho amigo. Ele foi tranquilizado pelo fato de que Drake ainda era capaz de praticamente ler a mente dele, e pensar ao longo das mesmas linhas como ele. Esta capacidade de pensar quase em paralelo era, ele acreditava, um dos pontos fortes da relação de trabalho entre ele e Izzie Drake. Drake logo entregou aos dois homens suas xícaras de chá muito forte, e Ross retomou sua linha de questionamento. Desta vez, ele sentiu que tinha realmente de bater com força e fazer com que os irmãos percebessem aonde sua linha de inquérito estava indo:

— Certo pessoal, eu sei que vocês vieram aqui hoje pensando que poderiam ter encontrado algumas respostas sobre o desaparecimento de sua irmã e, para ser honesto, eu vou fazer tudo o que puder para descobrir o que aconteceu com ela, porque, embora vocês possam não ter percebido até agora, acredito que sua irmã pode estar intimamente ligada com os restos descobertos no cais.

— Mas como, inspetor? Que diabos Marie tem a ver com o que aconteceu lá nas docas há tantos anos? — Era Mickey que agora parecia ter assumido o papel de porta-voz para os irmãos. Ross fez uma pausa por um momento, virando a cabeça para olhar pela janela do escritório. Uma escuridão havia caído sobre a sala, e Ross podia ver a causa, um aglomerado escuro de nuvens cinzentas estava passando pelo céu, tapando a luz do sol e transformando o céu em uma estranha mistura de roxo e preto. Parecia apropriado, tendo em vista as informações que ele estava prestes a divulgar. Voltando rapidamente para encarar os irmãos, ele falou novamente, quase sussurrando:

— Não sei, Mickey, mas nós precisamos descobrir — continuou Ross.

— Acreditamos que alguém conheceu ou atraiu Brendan para aquele cais, provavelmente tarde da noite, e assassinou o seu amigo a sangue-frio, aproximadamente trinta e cinco anos atrás. De alguma forma, parece que sua irmã pode estar envolvida no que aconteceu naquela noite.

— Assassinado? — Isso veio de Ronnie. — Mas por quê? Como? Inspetor Ross, se foi mesmo Brendan que você encontrou no cais, como ele morreu? Você pode dizer, só a partir dos ossos? Não precisa de todo o corpo, ou algo assim, para obter todas essas informações? E como Marie poderia estar envolvida?

— Oh, sabemos muito bem, Ronnie. A ciência forense é extremamente avançada hoje em dia. Posso dizer que nossos patologistas determinaram que Brendan foi provavelmente alvejado em ambos os joelhos para incapacitá-lo, então alguém o golpeou na cabeça com um martelo, mas não o suficiente para ter causado sua morte, e finalmente o jogou na água, pois o rio ainda chegava até a doca naqueles dias. Em outras palavras, ele foi baleado, espancado e atirado para se afogar no Mersey.

Ross esperou que as palavras dele fossem digeridas. Ambos os irmãos pareciam incapazes de falar por alguns segundos, Mickey visivelmente branco, e então Ronnie finalmente quebrou o silêncio horrível que tinha descido sobre a sala:

— Mas isso é monstruoso pra cacete. Brendan nunca fez nada para merecer algo assim. Você já sabe quem fez isso, inspetor?

— Claro que não, Ronnie, seu retardado — disse Mickey. — Após trinta e cinco anos? Eles não têm uma porra de uma pista, não é, inspetor Ross?

— Ainda não, Mickey. Mas lamento dizer que, se é realmente Brendan que foi assassinado no cais, tendo em conta as informações que vocês trouxeram para nós hoje, agora somos levados a outro assunto potencialmente desagradável.

De repente, a ficha caiu e os dois irmãos trocaram um olhar enquanto as palavras de Ross eram registradas.

— Oh, meu Deus — Mickey deixou escapar. — Então você *realmente* acha que Marie também está morta, não é, inspetor? Ela deveria estar com Brendan e, quem o matou provavelmente fez o mesmo com nossa irmã. É isso que está pensando, não é? Nós viemos aqui pensando que os ossos poderiam ser de Marie, nós temos achado que ela está morta há muito tempo, mas agora que você descreveu o que aconteceu com o pobre Brendan, bem, parece que ela pode ter sido assassinada também. Não é o que nós esperávamos, você sabe. Sempre achamos que ela tinha ido embora com Brendan, e talvez tivesse havido um acidente, ou algo ou...

Mickey parou no meio da frase, suas emoções tomando conta dele, e de repente desabou, em silêncio, contra as costas da cadeira. Ronnie fez uma última tentativa de negação:

— Ainda não podemos ter certeza de que é Brendan, não é? Quer dizer, um esqueleto que quebrou uma perna no mesmo lugar que Brendan e uma palheta de guitarra quebrada não são exatamente provas conclusivas, são inspetor?

Aí está de novo, pensou Ross, negação positiva.

— Até vocês dois terem entrado aqui hoje, não, mas depois de ouvir o que vocês nos disseram até agora, sargento Drake e eu estamos certos de que os restos são de

seu amigo, e estou convencido de que a análise dental do crânio confirmará isso.

Ross não comentou que eles até agora não tinham ideia se encontrariam realmente o dentista que tinha trabalhado na vítima.

— Talvez agora vocês possam ver por que é tão importante que nos contem tudo o que puderem, cada pequeno detalhe que conseguirem lembrar sobre essas últimas semanas quando Marie ainda vivia em casa, até a hora em que ela e Brendan desapareceram.

Os irmãos assentiram com a cabeça em sincronia, e Ross continuou:

— Ok, por favor, continuem com sua história e então, quando terminarem, eu quero saber precisamente o que aconteceu quando vocês relataram o desaparecimento de Marie à polícia. Isso seria a polícia da cidade de Liverpool naquela época, não é?

— Sim, isso mesmo. Um bando de imprestáveis, se quer saber — resmungou Mickey.

— Como eu disse, isso é para mais tarde. Por agora, por favor, contem-me sobre essas últimas semanas. Você disse que não soube mais de Brendan novamente após a reunião no seu apartamento, certo?

— Não, inspetor — Ronnie o corrigiu. — Dissemos que nunca mais o *vimos*. Isso não é o mesmo que não *soubemos* mais dele, o que fizemos, cerca de uma semana após a reunião. Nos falamos ao telefone, não é, Mickey?

— Cerca de uma semana, sim — Mickey confirmou as palavras do irmão.

— Ok, certo. Bem, vamos ouvir — disse Ross.

Ronnie agora assumiu a história mais uma vez:

— Bem, o melhor que eu me lembro é que aconteceu algo mais ou menos assim, inspetor Ross. Lembre-se de que foi há trinta e cinco anos, e não é tudo tão claro como poderia ser, mas, de qualquer forma, aqui vai...

Capítulo 19

FIM DOS TEMPOS, LIVERPOOL, 1966

A área de digitação na sede da BICC (British Insulated Callender's Cables), conhecida localmente simplesmente como BI, estava com seu burburinho habitual, o barulho constante das teclas das máquinas de escrever intercalado com o bate-papo das meninas que as manejavam. No fundo da sala sentava-se Marie Doyle, ocupada na digitação de faturas e, à sua direita, sua melhor amiga Clemmy (Clemency) De Souza estava sentada na mesa ao lado, escrevendo cartas para vários supervisores departamentais. Clemmy e Marie partilhavam o amor pela música, e quando não estava com Brendan, Marie geralmente podia ser encontrada na companhia da bela garota de pele morena, cujo pai tinha sido um marinheiro mercante português. Ele conheceu e se apaixonou por uma garota local quando seu navio ancorou no porto de Liverpool há muitos anos, e Clemmy tinha sido a filha primogênita do casal.

Juntas, as duas meninas faziam compras juntas, visitavam os vários clubes onde podiam ouvir música ao vivo, e também gastavam muitas manhãs de sábado na cidade ouvindo os últimos lançamentos de discos, espremidas juntas em uma das cabines de audição em uma ou mais das diversas lojas de discos que tinham florescido por toda a cidade em razão da ascensão da indústria da música pop.

Nas últimas semanas, Clemmy tinha notado uma mudança clara em sua amiga. Marie tinha se tornado mal-humorada e bastante retraída e Clemmy, embora da mesma idade que Marie, teve a sensação de que algo sério agora pesava fortemente na mente da sua amiga. Enquanto as duas continuavam a digitar, seus dedos praticamente voando sobre as teclas das suas máquinas de escrever, Clemmy primeiro se certificou de que a Sra. Marley, a supervisora que se sentava em uma mesa na frente da área de digitação de onde conseguia examinar todo seu território apenas com uma rápida olhada, não estava olhando em sua direção, e então se inclinou para a esquerda e falou para Marie, alto o suficiente para ser ouvida somente por sua amiga, e por mais nenhuma das outras meninas ao redor:

— Por que não me conta o que há de errado, Marie?

— Eu já disse, não há nada de errado Clemmy, sério mesmo.

— Meu Deus, menina. Há quanto tempo nós nos conhecemos? Você acha que sua melhor amiga não sabe quando você tem um problema sério em sua cabeça? Eu estava esperando que você me dissesse, mas agora eu vou perguntar direto, você está grávida, Marie Doyle?

Marie quase riu em voz alta com as palavras de Clemmy, mas teve de se controlar para não chamar a atenção da Sra. Marley.

— Olha, Clemmy, vamos falar na hora do almoço, ok? Não deveria dizer nada, mas, bem, você é minha melhor amiga e, para ser sincera, eu estou explodindo de emoção, mas não posso demonstrar e, a propósito, não, não estou mesmo grávida. Que tipo de garota que você acha que eu sou?

Ambas acharam a próxima hora praticamente intolerável enquanto continuavam a bater nas teclas de suas máquinas de escrever Imperial já meio desatualizadas. A BI definitivamente precisava modernizar seus equipamentos se esperava que as meninas realmente alcançassem o nível de produtividade que a empresa exigia de seus funcionários. Clemmy ansiava desesperadamente para saber o grande segredo de Marie e, Marie, finalmente, sentia que poderia contar a Clemmy a grande notícia.

A hora de almoço finalmente chegou e as duas garotas foram rapidamente para o refeitório, onde ambas receberam um almoço de salsicha, purê de batatas, ervilhas e molho, e então se sentaram em uma mesa em um canto da grande sala, sem mais ninguém por perto. Satisfeita com a privacidade que tinham, Clemmy imediatamente forçou Marie a se abrir com ela:

— Está bem, garota, conte aí. Se você não está grávida, então por que tem agido de forma tão engraçada ultimamente?

Respirando fundo e engolindo o último pedaço de uma salsicha, Marie respondeu:

— Eu e Brendan vamos para a América, mas você não vai dizer uma palavra a ninguém, entendeu, Clemmy De Souza, a *ninguém*, especialmente para sua mãe e seu pai.

— Maldição, Marie. O que é isso, garota? Você nunca disse nada sobre a América antes. Brendan está maluco ou o quê, querendo levar você até lá, quando você nunca foi mais longe do que Birkenhead na sua vida?

— Isso não é verdade, Clemmy, e você sabe disso. E quando minha mãe e meu pai nos levaram naquele feriado para Blackpool e para a Espanha há alguns anos? Economizaram por anos para pagar por isso.

— Oh, sim, claro, desculpe. Mas ainda assim, é somente Blackpool e uma viagem para a Espanha, não é? Não é exatamente Las Vegas, Marie. Eu vou mudar o que eu disse para "você nunca esteve fora de Lancashire exceto uma vez em sua vida", e com isso não se discute. Então, por que seu namorado de repente quer levá-la para a América, e para onde na América ele está pensando, a propósito? Você faz ideia do tamanho do país, garota?

Marie se inclinou sobre a mesa até a amiga, e baixou sua voz para o que ela achava era um nível bem conspiratório:

— Fala baixo, Clemmy, por favor. Olha, ele acha que sua carreira poderia ter uma melhor chance de vingar na América. A cena musical de Liverpool tem ficado um pouco obsoleta, ele diz, e cantores solo como ele parecem ter mais sucesso por lá. É só você olhar para as paradas americanas e todos os grandes nomes nos últimos anos, como Bobby Darin, Bobby Vee, Elvis Presley, Ricky Nelson. Quase não houve um grande cantor solo aqui, sem contar a Cilla claro, e ela é uma garota.

— Ah, sério? — disse Clemmy, sarcasticamente. — Eu nunca saberia disso, se você não tivesse me contado.

Marie acenou com a mão para a amiga e depois continuou:

— Ele quer que a gente vá o mais rápido possível, mas ninguém, nem uma alma, pode saber o que estamos fazendo. Os rapazes do grupo sabem, e todos concordaram em ficar quietos até que tenhamos ido, pelo menos eu acho que concordaram.

— Ora, Marie. Você está tentando manter segredo, e deixou que seus irmãos e Phil Oxley já saibam. Por que não conta pra metade de Liverpool, e menciona em seguida, "Oh, a propósito, por favor não conte pra minha mãe e pro meu pai". E quem disse que o seu precioso Brendan não vai levá-la até lá, para depois largar você se as coisas não saírem como o planejado e ele ficar sem dinheiro, ou se conhecer uma americana rica, ou sei lá?

— Ele não faria isso, Clemmy. Ele me pediu em casamento. Eu vou ser a Sra. Brendan Kane.

— Deus, não me admira você estar muito nervosa ultimamente. E quando tudo isso vai acontecer?

— Assim que ele fizer todos os preparativos. E meus irmãos não vão dizer uma palavra. Eles já sabem há um bom tempo que eu e Brendan estamos namorando, parece, e só querem que eu seja feliz.

— Você sabe que seu pai vai ficar furioso se ele descobrir, não é?

— Mas ele não vai, Clemmy. Nenhum dos meninos vai dizer qualquer coisa, e eu só estou contando para você porque você é minha melhor amiga, e senti que devia contar, bem, para alguém, ou eu poderia ter explodido, sabe?

Clemmy ficou em silêncio por alguns segundos e, depois de contemplar a revelação de sua amiga, finalmente falou de novo:

— Bem, não há muito que eu possa dizer, não é? Você sabe que eu amo você e quero que seja feliz também, mas, por Deus, vou sentir falta de ter você por perto. Agora com quem vou às compras no sábado, ou sair para dançar?

Marie ficou cabisbaixa por um segundo, como se ela realmente não tivesse considerado que não voltaria a ver sua melhor amiga depois que ela e Brendan tivessem deixado o país e, em seguida, disse:

— Olha aqui, depois que tudo estiver resolvido por lá, talvez você possa vir nos ver, assim, para uma visita de vez em quando.

— Não seja boba, Marie Doyle. Quando vou arranjar o dinheiro para pagar umas férias na maldita América? Eu só trabalho para a BI sabe, não sou a dona do maldito lugar.

Marie passou uma mão sobre a mesa e pegou na mão de Clemmy.

— Podemos escrever uma para a outra, Clemmy, não podemos? Não temos que esquecer uma da outra. Eu nunca vou ter uma amiga melhor que você, eu sei que não vou.

Uma pequena lágrima formou-se e desceu lentamente pelo rosto de Clemmy, e ela rapidamente a enxugou.

— Ah, pare, olhe o que você está fazendo. Vou chorar como um bebê em um minuto. Olha, é melhor nos apressarmos ou voltaremos atrasadas do almoço, e não queremos um sermão da maldita Sra. Marley, queremos?

* * *

— Você fez o quê, Marie?

— Eu contei a Clemmy o que eu e Brendan vamos fazer. Ela é minha melhor amiga, Mickey. Ela não vai contar a ninguém. Ela prometeu.

— Você está louca? Clemmy De Souza é uma cabeça de vento total. Ela não conseguiria guardar um segredo se sua vida dependesse disso. Semana que vem, a essa hora, metade da maldita Liverpool vai saber tudo sobre você e Brendan indo para a América.

Mickey mal podia acreditar que a irmã dele tinha contado a Clemmy sobre os planos dela e Brendan. Desde a reunião no apartamento de Brendan, ele e Ronnie tinham cuidadosamente evitado dizer qualquer coisa sobre a América a Marie quando seus pais estavam por perto. Restringiram qualquer discussão sobre o assunto para quando seus pais estavam fora de casa, ou quando podiam encontrar Marie para uma bebida no bar ou para tomar um café.

— Ela não é uma cabeça de vento, Mickey. Ela prometeu não contar, e eu acredito nela.

— Olha, Marie, eu e o Ronnie estamos quebrando o maior galho para você, garota, ajudando você e Brendan e mantendo tudo em silêncio no que se refere a mamãe e papai. A última coisa de que precisamos é que a Clemmy Boca-Grande deixe todo mundo saber sobre tudo. Como acha que o pai reagiria se ele descobrisse que nós três temos guardado segredos dele, especialmente um tão grande como este? Eu vou contar a Ronnie, e vamos ver o que ele pensa sobre isso.

— Vá em frente, Mickey, mas o que você espera que Ronnie faça? Se você gostou ou não, já contei para minha melhor amiga, e ela prometeu não contar a ninguém e isso é tudo.

Três horas mais tarde, depois de voltar do trabalho para encontrar um Mickey preocupado e irritado esperando por ele e tê-lo acalmado um pouco, Ronnie Doyle caminhou até o telefone público no final da rua, onde ele primeiro se certificou de que ninguém estava por perto, e então levantou o telefone e discou o número de Brendan. A conversa que se seguiu foi curta. Ronnie explicou as preocupações dele e de Mickey, mas Brendan simplesmente respondeu: — Não faça um escândalo sobre isso, Ronnie. Marie deve saber se ela pode confiar em sua melhor amiga ou não. Se Clemmy diz que vai manter o segredo, então está bom para mim.

— Tem certeza, Brendan? Pode haver um grande incômodo para todos nós se o meu pai descobrir o que você e Marie estão planejando.

— Tenho certeza. O maior problema agora é esse tal de green card sobre o qual os americanos estão falando.

— Ahn?

— Algo a ver com as suas regras de imigração. Eu mesmo não entendo. Eu estou tentando descobrir algo, mesmo que seja apenas um visto de turista para poder entrar no país e começar.

— Ouça, Brendan, não desaponte nossa irmãzinha, ouviu bem?

— Eu nunca faria isso, cara. Você deveria saber disso. Olha, Ronnie, tenho que ir, cara. Vou fazer um show em Southport e preciso pegar a estrada.

— Ok, mas tenha cuidado, Brendan, está ouvindo?

— Entendi, até mais, Ronnie.

Com essas palavras, Brendan terminou a conversa, deixando Ronnie com um telefone silencioso em sua mão direita. Recolocando o telefone em seu lugar, ele abriu a porta da cabine e voltou para casa e, ao ver seu pai na sala de estar, assistindo à televisão com seu irmão, ele simplesmente acenou com a cabeça para o Mickey para indicar que ele tinha lidado com o problema. Eles conversariam mais tarde, quando tivessem um mínimo de privacidade. Marie, enquanto isso, estava fora, desfrutando de uma noite no cinema com Clemmy, as duas garotas tendo se aventurado animadamente no Odeon para ver o recém-lançado *Alfie*, estrelado pelo ator favorito de Marie, Michael Caine. Ambas as meninas tinham comprado o single da música-tema cantada por Cilla Black e que fora lançado no início do ano, e ficaram mortificadas quando descobriram que a música principal do filme havia sido cantada por Cher, ao invés da garota local, Cilla.

Ronnie atravessou o corredor e entrou na cozinha, onde sua mãe se sentava na sua cadeira perto do pequeno fogão a carvão, remendando meias do seu marido e ouvindo e rindo com uma reprise de um episódio de *The Clitheroe Kid* no rádio. Mesmo que a cozinha estivesse quente, era necessário manter um pequeno fogo aceso, a fim de aquecer a caldeira, que por sua vez garantia que eles tinham água quente em casa. Inverno ou verão, o fogo era mantido aceso, e a cozinha sempre era

o cômodo mais quente da casa, mesmo que fosse desconfortável no calor do verão. Ronnie inclinou-se, dando-lhe um abraço breve onde ela estava sentada, então acendeu o gás no fogão e colocou a chaleira no fogo. Uma xícara de chá seria a coisa certa para acalmar seus nervos, ele pensou.

— Espero que esteja fazendo um para mim também — disse sua mãe suavemente, sem levantar a cabeça da sua tarefa.

— Claro que estou, mamãe — respondeu ele enquanto esperava a chaleira ferver. Em alguns minutos, a chaleira começou a assobiar, e Ronnie iniciou o tradicional ritual inglês de primeiro aquecer a chaleira e, em seguida, preparar o chá, o favorito do seu pai, PG Tips, e, para todos os efeitos, a vida da família Doyle parecia um exemplo de normalidade doméstica. Os eventos futuros em breve iriam provar o contrário.

Capítulo 20

UM BECO SEM SAÍDA?

— É isso? Esse é todo o contato que vocês tiveram com Brendan depois da vez em que o encontraram no apartamento?

Andy Ross tinha a esperança de que a lembrança de Ronnie do último contato entre os irmãos Doyle e Brendan Kane poderia ser um pouco mais reveladora. Na verdade, ele achou um pouco estranho que os irmãos pareciam ter tido contato mínimo no período que antecedeu a provável partida de sua irmã para o novo mundo. Ele disse isso para Ronnie, que respondeu:

— Honestamente, inspetor, isso é tudo, certo Mickey? — seu irmão mais velho assentiu com a cabeça em confirmação e acrescentou às palavras do irmão: — Nós queríamos vê-lo novamente. Estávamos um pouco preocupados com esses "problemas" que ele supostamente estava tendo com a coisa toda de imigração. Pensamos que talvez pudéssemos ajudá-lo, mas Marie disse que era melhor não ficar indo lá, isto é, ao seu apartamento, caso alguém nos visse indo muito lá e talvez papai pudesse saber de algo. Ela disse que transmitiria mensagens entre nós e Brendan, e que Phil Oxley fazia o que podia para ajudar. Phil era bom com papelada, preencher formulários e essas coisas.

Ross balançou a cabeça e ficou em silêncio. Ele tinha dificuldade em aceitar algumas das histórias dos irmãos Doyle, mas então lembrou-se que nos anos 60 o mundo, e Liverpool em particular, era um lugar muito diferente da metrópole tecnológica e acelerada de hoje. Havia uma ingenuidade, quase que uma sensação de envolvimento no início de um admirável mundo novo, quando a rápida ascensão da indústria da música pop britânica andava lado a lado com as revoluções tecnológicas e de estilo de vida. Para pessoas como os irmãos Doyle e Brendan Kane, todos crianças no pós-guerra, um conjunto de velhos valores e normas, desconhecidos em muitos aspectos para aqueles de uma idade semelhante no despertar do milênio, eram a norma e, apesar de sua alegação em contrário, os adolescentes e jovens adultos daqueles dias eram na verdade muito menos "ligados na rua" do que suas contrapartes dos dias modernos. Talvez a familiaridade atual com a música e os grupos que fizeram da Liverpool dos anos sessenta um ambiente tão pulsante e vibrante para crescer, de alguma forma tenha mascarado diversas realidades dessa época. Andy Ross simplesmente não poderia imaginar as crianças de hoje serem tão "desligadas do mundo" como os rapazes de Brendan Kane and The Planets pareciam

ter sido naquela época. Hoje, alguns minutos na internet, algumas chamadas ao telefone e os jovens teriam todas as informações de que precisavam na ponta dos dedos.

— Senhor? Tem mais alguma pergunta?

Izzie Drake invadiu o devaneio de Ross. O inspetor não percebeu que tinha permitido se afastar da conversa, e rapidamente se recompôs e encarou Ronnie Doyle.

— Sim, desculpe sargento, desculpem senhores. Eu estava perdido em meus pensamentos por um minuto. Pensando sobre o que vocês me contaram até agora. Então, Ronnie, eu estou presumindo que as coisas correram normalmente a partir desse momento até que Brendan e Marie desapareceram de repente, certo?

— Sim, bem, não, não realmente "normalmente", inspetor. Durante as próximas duas semanas, vimos que Marie estava ficando bem nervosa. Eu tentei fazê-la me dizer exatamente o que Brendan tinha preparado, mas ela estava um pouco... qual é a palavra? Evasiva, é isso.

— De que maneira? — perguntou Ross.

— Ela só repetia que Brendan estava tomando conta das coisas, e que nós saberíamos tudo quando fosse a hora certa. Sei que o Mickey também tentou fazê-la falar com a gente, mas ela só se fechou e pensamos que as coisas não estavam saindo como o esperado. Para falar a verdade, nós, eu e o Mickey, pensamos que talvez todo o plano tinha ido por água abaixo, não é, Mickey?

— Sim, nós pensamos — concordou o irmão mais velho. — Eu liguei para Phil Oxley no dia seguinte, e ele disse que esteve em contato com Brendan, ajudando-o a resolver as coisas. Ele disse que não achava que os planos de Brendan eram viáveis, mas ele estava tentando ajudar Brendan a obter vistos de turista para ele e Marie. Brendan achou que ele ainda poderia encontrar uma gravadora ou produtor para representá-lo, mesmo que estivesse por lá apenas por um curto período de tempo. Se ele conseguisse, de acordo com Phil, uma gravadora dos Estados Unidos seria capaz de ajudá-lo a obter as licenças de que ele precisava para viver e trabalhar lá. Algumas semanas mais tarde, eu e Ronnie sabíamos que algo era iminente. Marie estava agindo de forma definitivamente estranha, e eu a esperei fora do seu trabalho um dia, e a encontrei quando ela estava saindo. Eu disse a ela que eu não ia deixar as coisas como estavam, e que até mesmo a mãe e o pai tinham mencionado que ela estava estranha. Papai até perguntou se ela tinha engravidado de "algum vagabundo", como ele colocou. Ela riu e me disse para não se preocupar com as coisas, que ela e Brendan não estariam por perto por muito mais tempo, e em seguida, apenas uma semana depois disso, ela saiu uma tarde, um sábado, eu me lembro, e foi isso. Nunca mais vimos nossa irmãzinha novamente depois daquele dia.

Mickey ficou em silêncio, olhou para o irmão, e os dois homens pareciam estar compartilhando uma tristeza intensa, quando a lembrança da última vez em que tinham visto sua irmã voltou para assombrar suas memórias coletivas. Para Andy Ross, nada disso parecia se encaixar, no entanto. Até mesmo nos anos 60, era raro as pessoas simplesmente desaparecerem sem deixar um único rastro de evidência para trás. Como poderiam Marie Doyle e Brendan Kane simplesmente desaparecer da face da terra? Claro, Ross agora tinha certeza de que ele sabia o que tinha acontecido com Brendan, mas que diabos aconteceu com Marie, e por que a polícia não tinha feito mais no momento do seu desaparecimento para tentar encontrá-los? Era hora de seguir em frente. Apesar de seu interesse na saga que os irmãos de Doyle tinham estabelecido diante dele, ele precisava de mais se fosse solucionar o assassinato de Brendan Kane e o desaparecimento e talvez também o assassinato de Marie Doyle. Por enquanto ele não queria criar um espectro muito grande na cabeça dos dois irmãos. Ele virou-se novamente para Ronnie e decidiu passar para a alegada falta de investigação pela antiga Polícia da Cidade de Liverpool.

* * *

— Ronnie, quero que me diga primeiro por que você ficou desconfiado que algo estava errado, e por que você foi à polícia e então, por favor, tente se lembrar exatamente do que aconteceu quando a polícia se envolveu. Não se apresse. Reúna seus pensamentos. Eu sei que tudo ocorreu há muito tempo, mas tudo o que puder nos dizer pode ser importante, mesmo agora.

Ronnie Doyle assentiu com a cabeça e franziu os lábios, enquanto permitia que sua mente vagasse no tempo mais uma vez. Ross esperou pacientemente, a sobrelha de Ronnie levantando-se enquanto ele se concentrava, fazendo seu melhor para desenterrar ainda mais detalhes dos eventos que ocorreram havia mais de trinta anos. Finalmente, depois de uma pausa interminável e de uma respiração profunda, ele começou:

— Bem, inspetor Ross, você precisa entender que quando Marie não voltou para casa aquela noite, eu e Mickey não achamos que ela tivesse fugido com Brendan, não no início. Pensamos que ela talvez estivesse com uma amiga, e perdera o último ônibus para casa ou algo assim, e talvez tivesse passado a noite na casa dessa amiga, não é, Mickey?

Mickey concordou, mas permaneceu em silêncio.

— Então, Marie não veio para casa e a mãe e o pai estavam ficando frenéticos. Eles estavam convencidos de que ela tinha sido estuprada ou assassinada por um doente mental ou algo assim, sabe? Enfim, queriam que eu e Mickey fôssemos procurá-la, então nós fomos. Fomos primeiro para a casa de Clemmy, na Huyton

Road. Marie não tinha dito para nenhum de nós para onde ela estava ido naquela noite, nenhum indício de que ela não voltaria para casa, ou de que ela iria encontrar Brendan, qualquer coisa assim. Olhando para trás, isso é o que ela deve ter feito é claro, mas não sabíamos então. Clemmy disse que não a tinha visto o dia todo, mas disse que, quando a tinha visto no dia anterior, Marie parecia animada e nervosa ao mesmo tempo. Clemmy perguntou-lhe se ela e Brendan tinham feito seus planos, mas Marie se fechou. Nós batemos na porta de mais alguns amigos dela, mas ninguém a tinha visto naquele dia.

Encontrámos uma cabine telefônica e ligamos para Phil, mas ele não tinha visto Marie ou Brendan naquele dia. Ele admitiu que tinha ficado um pouco preocupado com Brendan ultimamente, que parecia não aceitar que ir para a América não era tão fácil como ele tinha pensado inicialmente. Ele ficou dizendo a Phil que ia conseguir de uma maneira ou de outra, e Phil estava ficando irritado com ele. Eu estava ficando sem moedas, então concordei em me encontrar com Phil pessoalmente no dia seguinte. Não podíamos fazer mais nada naquela noite, não tínhamos mais dinheiro e assim não seria possível ligar para o número de Brendan, embora Phil tivesse dito que iria tentar se certificar de que Marie entraria em contato conosco de alguma forma se estivesse com Brendan.

Nossos pais ficaram preocupados a noite toda, e papai estava pronto para chamar a polícia imediatamente, mas sabíamos que a polícia não faria nada em relação a alguém que não estivesse desaparecido por pelo menos doze horas. No dia seguinte, fui sozinho ver Phil, porque Mickey tinha de ir trabalhar. Nos encontramos no cais da cidade, e nos sentamos num banco do lado de fora do edifício da Cunard. Achei que Phil parecia desconfortável, mas isso talvez fosse porque ele tinha trabalhado naquele lugar até alguns meses antes, e tinha sido despedido quando Cunard mudou seu centro de operações de Liverpool para Southampton. O pobre Phil não estava curtindo o desemprego, mas estava difícil de achar trabalho. Graças a Deus ele tinha o trabalho de meio período na banda à noite, ou ele estaria totalmente falido. De qualquer forma, nós nos sentamos lá por alguns minutos, vendo o mundo passar, nos sentindo um pouco desconfortáveis um com o outro. Em seguida, Phil meio que tossiu, e então me disse que tinha tentado ligar para Brendan na noite anterior e não tinha recebido nenhuma resposta, então a primeira coisa que ele fizera naquela manhã tinha sido ir até o apartamento. Ele bateu, tocou a campainha e bateu novamente, mas ninguém atendeu. Ele teve de supor que não havia ninguém em casa depois de bater à porta do apartamento de Brendan, então tentou o apartamento ao lado, e a mulher que atendeu à porta disse que ela não tinha visto ou ouvido nada de Brendan havia alguns dias. Phil admitiu que se sentiu um pouco culpado nessa hora, por ajudar Brendan, que ele agora acreditava tinha "perdido o fio da meada". Você pode imaginar como me senti quando ele disse isso, inspetor. Minha irmã estava, até

onde eu sabia, com um homem que Phil pensava estar tão obcecado com o seu sonho americano que talvez tenha perdido contato com a realidade.

Ronnie fez uma pausa nesse momento, e pareceu a Ross que estava se esforçando para controlar suas emoções. Ross fez uma pergunta nessa hora, em um esforço para tirar a pressão de Ronnie e fazer uma pausa na sua releitura do desaparecimento de sua irmã:

— Mickey, me diga uma coisa, você sabe se Phil Oxley ainda está morando em Liverpool? Algum de vocês ainda tem contato com ele?

— Faz anos que não sabemos nada dele, inspetor Ross. Soube que ele estava morando em algum lugar de Fazakerley. Não sei se o Ronnie soube dele.

— Não por muito tempo. Eu o vi na cidade há uns cinco anos, quando ele estava saindo do correio central. Eu tentei correr para cumprimentá-lo, mas quando cheguei lá ele havia desaparecido no meio da multidão de compradores e pedestres — disse Ronnie.

— Tem certeza de que era Oxley? — disse Ross.

— Você não se esquece de alguém que você conhece desde os seis anos de idade, inspetor Ross. Ele tinha perdido um monte de cabelo ao longo dos anos, mas seu rosto não tinha se alterado muito, e ele tinha um jeito de andar que era bastante inconfundível. Acho que era alguma coisa a ver com a forma como ele costumava se sentar no seu kit de bateria. Ele caminha meio que com as pernas arqueadas. Definitivamente era o Phil, tenho certeza.

— Certo — disse Ross — nós estabelecemos que Phil Oxley ainda está em algum lugar da região. Sargento Drake?

— Vou colocar alguém nisso assim que terminamos aqui, senhor — respondeu Drake. Izzie sabia que McLennan em breve seria capaz de encontrar um endereço para Oxley, provavelmente nos registros eleitorais locais.

— Ronnie, continue com o que aconteceu em seguida, por favor — pediu Ross.

— Nós esperamos dois dias, inspetor — continuou Ronnie rapidamente, ansioso para deixar as coisas às claras. — Dois dias e nem uma maldita palavra dela. Mamãe e papai estavam fora de si devido à preocupação, e nós dois estávamos bravos com Marie e Brendan por partirem sem dizer uma palavra depois de termos mantido segredo para eles. No final, meu pai insistiu em ir à delegacia para relatar nossa Marie como desaparecida, e Mickey foi com ele. Mickey, conte ao inspetor o que aconteceu lá.

— Sim Mickey e, por favor, tente lembrar de tudo o que foi dito para você naquele momento, e a ação que, se for o caso, a polícia tomou — disse Ross.

Um pouco como seu irmão antes dele, Mickey levou alguns segundos para se recompor, sua mente trabalhando para recordar os acontecimentos que tinham se

passado mais de trinta anos antes. Antes que ele começasse, Izzie Drake interrompeu o fluxo da entrevista com uma pergunta.

— Só uma pergunta antes de você continuar, Mickey. Algum de vocês sabe se os pais de Brendan ainda estão vivos, ou se ele tem outros familiares na região? Se eu vou tentar localizar Phil Oxley, posso procurar a família de Brendan ao mesmo tempo.

— Boa ideia, sargento — acrescentou Ross. — Qualquer coisa que possam nos dizer, rapazes?

Mickey respondeu instantaneamente:

— O pai de Brendan já estava doente na época em que ele deixou Liverpool, inspetor. Ouvimos dizer que era câncer, e ele morreu um ano depois que Brendan desapareceu. A mãe dele nunca superou o fato de Brendan ter saído de casa e depois perder o marido no período de um ano, e eu vi a notícia da morte dela no Echo uma noite cerca de cinco anos depois. Quando estávamos crescendo juntos, Brendan sempre nos dizia que ele não tinha outros familiares na cidade. Seus avós morreram durante a guerra em um ataque aéreo, e ele aparentemente tinha um tio Michael na Marinha, que morreu quando o HMS Hood foi afundado por Bismarck. Eu e Ronnie passamos algum tempo com o pai e a mãe de Brendan depois que ele e Marie desapareceram. Eles estavam tão preocupados quanto nós, e eu acho que o pai dele morreu mais cedo do que ele deveria devido à preocupação com tudo. Honestamente, ninguém conseguia entender por que Brendan e Marie nunca entraram em contato com ninguém.

Ross assentiu com a cabeça, e Mickey ficou em silêncio novamente.

— Certo então, sargento, apenas Oxley para localizar se possível.

— Sim, senhor — respondeu Izzie. — Desculpe a interrupção Mickey, por favor, continue com o que você estava prestes a dizer.

— Oh sim, claro, a polícia em sessenta e seis. Houve uma grande discussão em casa antes de irmos para a polícia. Eu e Ronnie não pudemos manter segredo por mais tempo, e abrimos o jogo com mamãe e papai. Eu achei que papai ia explodir quando ele percebeu que nós tínhamos enganado e mentido para ele, como ele disse. Mamãe chorou e chorou, e disse que estava com vergonha de nós, que não éramos mais confiáveis. Não podíamos culpá-los, após enganá-los desse jeito e tudo mais. Só queríamos ajudar Marie, inspetor, nunca pensamos nas consequências, suponho. Com certeza nunca quisemos machucar nossos pais. De qualquer forma, eles finalmente se acalmaram e ficamos surpresos que papai parecia ser o primeiro a aceitar o que tínhamos feito, mas ele nos disse que agora não havia alternativa a não ser ir à polícia. Ele disse que era óbvio que Marie havia fugido e algo precisava ser feito para encontrá-la. Lembro que ele foi para o banheiro e poucos minutos depois ele voltou para a cozinha. Ele havia vestido seu melhor terno, seu único terno para

dizer a verdade, e colocou sua melhor camisa branca e gravata de domingo, que ele normalmente usava somente para ir à igreja, ou talvez a casamentos e funerais. Não que fôssemos convidados para muitos casamentos, e certamente não íamos a muitos funerais naquela época, não na nossa idade, pelo menos. Ele tinha feito a barba e até passou um pouco do pós-barba de Ronnie, um pouco demais, até onde me lembro. Quando ele entrou na sala, o cheiro de Old Spice quase derrubou todo mundo.

Eu me lembro de ter ido à delegacia com meu pai no ônibus. Acho que ficava em St. Annes Road ou algo assim. Deixaram a gente esperando um tempão, mesmo que papai tivesse dito que estávamos relatando o desaparecimento de uma pessoa. Eventualmente um sargento veio e nos levou para uma sala de entrevistas.

— Era um detetive ou um policial uniformizado? — perguntou Ross.

— Ele estava de uniforme. Um cara grande, o nome era Carson. Lembro que ele tinha um bigode, parecia um pouco como um maldito Wing Commander da RAF em um filme de guerra. Ele nos fez algumas perguntas, bem, perguntou mais para o papai. Eu me senti mal pelo meu pai. Ele mal disse uma palavra.

— Ok então, Mickey, em suas próprias palavras, tente me dizer tudo o que se lembra sobre aquela entrevista com o sargento Carson, e o que aconteceu depois que você e seu pai fizeram o relatório inicial.

— Ahn? — Mickey parecia um pouco perplexo com a terminologia usada por Ross. Ronnie decidiu ajudar seu irmão:

— Ele quer dizer, contar o que aconteceu quando você e papai se reuniram com Carson, e então tudo o que você puder lembrar que a polícia fez daquele dia em diante.

— Oh, sim, certo. Entendi. Eu nunca tive uma boa impressão do maldito sargento Carson, inspetor, desde o princípio. Desculpe, eu sei que ele era um dos seus, mas é a pura verdade. O cara era um maldito inútil, isso sim.

Ross simplesmente acenou com a cabeça em resposta ao comentário de Mickey e respondeu:

— Não se desculpe, Mickey. Se a investigação não foi realizada corretamente naquela época, eu preciso saber sobre isso. Tente se lembrar de todos os detalhes que vêm à sua mente, por menor e mais insignificante que você acha que possam ser. Podem ser importantes hoje para nos ajudar a determinar o que aconteceu com sua irmã e com Brendan Kane.

Ross virou-se para Izzie Drake:

— Poderia por favor organizar mais chá e café, sargento, e talvez alguns biscoitos? Acho que poderíamos todos fazer uma pequena refeição antes de continuar.

Drake assentiu com a cabeça e fechou seu caderno, colocando-o na mesa de Ross ao dirigir-se para a porta.

— Certo senhor, não vai demorar muito. — Ela sorriu para Mickey Doyle, tendo decidido que havia algo bastante agradável sobre o mais velho dos irmãos Doyle. Apesar de sua aparência áspera, ela sentiu uma vulnerabilidade em Mickey, uma fragilidade de temperamento da qual seu irmão Ronnie certamente não sofria. Desde o momento em que os irmãos tinham começado a relatar sua história a Ross e a ela, Izzie estava usando sua aptidão intuitiva para ponderar e analisar os dois homens. Tanto ela como Ross estavam cientes de que não seria a primeira vez que um assassino potencialmente psicótico teria caminhado direto nas mãos da polícia, muitas vezes com a intenção de provocar a lei aparecendo para ajudar a investigação, inserindo-se no caso como uma testemunha interessada, ao mesmo tempo usando sua conexão interna para descobrir o quanto a polícia sabia e muitas vezes ser capaz de desviar a investigação da verdade. Depois de mais de uma hora na companhia de Ronnie e Mickey Doyle, ela se sentiu razoavelmente certa de que nenhum dos irmãos estava envolvido no assassinato de seu amigo Brendan Kane, ou no subsequente desaparecimento de sua irmã. No máximo ela pensou que tinham sido bastante ingênuos e confiados demais em seu amigo e no até agora desconhecido Phil Oxley, mas ela não sentia nenhuma hostilidade maligna proveniente dos irmãos. Voltando para o escritório de Ross logo depois com uma bandeja contendo as bebidas solicitadas e um pacote de biscoitos digestivos de chocolate, os favoritos de Ross, Izzie serviu bebidas para todos eles e puxou um banquinho debaixo da mesa do computador no canto do escritório de Ross para se sentar, cansada de ficar ouvindo a história de pé. Izzie pegou seu caderno de onde ela o tinha deixado sobre a mesa, olhou para cima e para fora da janela, onde as nuvens de antes tinham dado lugar a uma chuva pesada, caindo de forma quase horizontal, impulsionada por um forte vento soprando do mar da Irlanda. Ela sentiu que o tempo era adequado ao clima da entrevista que eles estavam realizando. Ross tomou um gole de seu café, permitindo que o líquido quente refrescasse a garganta antes de falar novamente.

— Certo Mickey, peço desculpas por isto estar demorando tanto, mas tenho certeza de que ambos percebem agora como suas informações estão se provando importantes. Por favor, tome seu tempo, limpe sua mente de novo e, em seguida, faça o seu melhor para me levar de volta no tempo para a entrevista com o sargento Carson.

Mickey Doyle assentiu com a cabeça, tossiu uma vez para limpar a garganta, e permitiu que sua mente retornasse mais uma vez para 1996, enquanto Ross e Drake ouviam atentamente o próximo capítulo da história de Brendan e Marie.

Capítulo 21

PESSOAS DESAPARECIDAS, 1966

O sargento Robert Carson se sentou em silêncio observando os dois homens, pai e filho, que passaram meia hora contando uma história quase inacreditável para ele. Agora ele tinha de decidir apenas o que ele pretendia fazer em relação à sua história, se é que faria algo. Olhando para as notas que ele tinha feito no formulário que estava na mesa à frente dele, ele decidiu primeiro recapitular todos os detalhes do que lhe contaram.

— Então, senhor Doyle e Michael, vocês insistem que Marie tinha a intenção de deixar a cidade com o namorado, este tal de Brendan Kane, correto?

Jimmy Doyle respondeu com irritação na voz:

— Isso é o que temos dito nos últimos trinta minutos. E eu disse que não sabia nada sobre Marie querendo fugir com o rapaz até pouco antes de sairmos de casa, quando Mickey e Ronnie contaram a mim e à mãe deles sobre isso.

— Ah sim — disse Carson — uma pequena conspiração de sigilo, não é?

— Que porra você quer dizer com isso? Que conspiração? — disparou o jovem Mickey para o sargento.

Carson estufou o peito para fora, uma demonstração visível de sua própria autoimportância. Com cinquenta e três anos e perto da aposentadoria, o estiloso sargento, com seu uniforme muito bem passado e seu colarinho engomado, acreditava firmemente na sua própria capacidade de separar a verdade de mentiras, ou de saber quando seu tempo estava sendo desperdiçado com frivolidades quando havia crimes mais graves lá fora esperando para serem resolvidos. Infelizmente, até mesmo seus próprios superiores o viam de outra forma, um sujeito muito preso a seus caminhos e incapaz de aceitar facilmente as mudanças, travando sua carreira e sendo uma das razões pelas quais ele nunca tinha conseguido passar nos exames para inspetor. Carson tinha ocupado o posto de sargento há quinze anos, e se manteria na patente até o dia de sua aposentadoria. Os Doyles, é claro, não sabiam nada disto. Para eles, ele era "A Polícia", o sujeito que havia sido apresentado pelo recepcionista como sendo o oficial disponível para ajudar em sua busca por sua filha e irmã. Agora, ele respondeu ao comentário raivoso de Mickey. Talvez ele tivesse usado a palavra errada?

— Calma aí, meu jovem — disse ele a Mickey. — Eu não quis dizer nada de sinistro com meu uso da palavra. Só que me parece que você, seu irmão e seu

camarada Oxley pareciam ser os únicos a saber desse plano secreto de mudança para a América. Vocês foram bastante eficientes para garantir que seu pai e sua mãe não soubessem de nada.

— Espere um minuto — disse Mickey —, Clemmy também sabia.

— Clemmy?

— A melhor amiga de Marie, Clemency De Souza. Marie disse para mim e para Ronnie que ela tinha contado para Clemmy, um tempo atrás. Ela jurou segredo.

— Ah, sim, entendo — Carson acenou com a cabeça em um entendimento simulado da explicação de Mickey. — Diga lá, já passou pela sua cabeça que Marie e esse namoradinho dela podiam estar enganando vocês?

— Como assim? — perguntou Mickey ao aparentemente onisciente e experiente oficial sentado olhando severamente para ele.

— Bem, na minha experiência, várias vezes descobri que quando jovens querem dar uma sumida, muitas vezes dizem uma coisa para as pessoas, e então fazem algo totalmente diferente. Já considerou o fato de que sua irmã e seu amigo podem ter dito que estavam planejando ir para a América, enquanto secretamente fizeram planos para ir a algum lugar totalmente diferente?

Carson se recostou na cadeira com um sorriso de satisfação no rosto, enquanto observava suas palavras terem efeito.

— Mas por que eles fariam isso? — perguntou Mickey, incrédulo. — Ela sabia que eu e Ronnie estávamos do lado dela — disse ele, de forma meio tímida ao sentir o olhar fulminante de seu pai, a decepção com ele e Ronnie retornando aos pensamentos de Jimmy mais uma vez.

— E você caiu nessa, não foi? — continuou Carson. — Você acreditou em cada palavra. Eles até usaram este tal de Oxley para dar credibilidade aos seus planos, fazendo todos os tipos de perguntas sobre como fazer para chegar à América, como você me disse. Quer maneira melhor de despistar a verdadeira intenção do que criar uma elaborada fantasia na qual todos acreditam? Você me disse, Sr. Doyle, que Marie tem quase vinte e um anos, e não há nenhuma lei que diga que um casal não possa se juntar e ir para longe de casa sem contar a seus pais sobre isso, você sabe. Além disso, com base no que você e seu filho me disseram aqui, parece que você não ficaria muito satisfeito em saber que eles estavam planejando fugir juntos.

Ambos os Doyles, pai e filho, pareciam bastante perplexos com a teoria de Carson. Jimmy Doyle parecia perdido e incapaz de responder a Carson, mas eventualmente respondeu:

— Sim, bem, é verdade. Não concordo com casamentos mistos.

Agora foi vez de Carson ficar perplexo, não sendo completamente capaz de compreender o significado do que o Sr. Doyle estava dizendo:

— Casamentos mistos? Está me dizendo que Brendan Kane é estrangeiro, asiático ou indiano, algo assim? É porque não quer que sua filha se case com uma pessoa de cor?

— A cor não tem nada a ver com isso — disse Jimmy Doyle, forçadamente. — Brendan Kane é um maldito protestante, sargento. Somos bons católicos, e eu não admito que minha filha se case com um maldito protestante.

Carson quase se engasgou com as intolerantes palavras do sujeito, realmente incapaz de compreender tais sentimentos.

— Sr. Doyle — disse ele. — Estamos nos anos sessenta. Certamente você entende que essas ideias e atitudes estão desatualizadas? Se você quer saber, acontece que eu sou católico, e sou muito feliz casado com minha esposa, uma protestante, há mais de trinta anos. Esta é a Inglaterra, senhor Doyle, não a Irlanda do Norte, embora eu suspeite, devido a seu nome e sua atitude, que você possa ter conexões do outro lado do mar.

— Sim, sargento. Eu tenho muitos primos, tios e tias em Belfast e Derry. Quanto a você e sua esposa, é problema seu. Não tenho interesse em você e no seu casamento. Como eu disse, eu não deixaria qualquer filho meu casar fora de nossa própria fé. Não é certo, e é isso.

Carson quase ficou sem palavras. Ele estava bem ciente dos problemas que existiam do outro lado do mar da Irlanda, na Irlanda do Norte, mas nunca tinha visto ou ouvido tal demonstração de fanática intolerância aqui na sua cidade natal. Ele podia ver pelo olhar no rosto de Mickey, que o jovem se sentia totalmente envergonhado pelo desabafo do pai e tentou falar com o pai novamente.

— Se você tem um sentimento assim tão forte, senhor Doyle, como você deixou seus filhos participarem de um grupo pop com Kane, e deixou sua filha ajudá-los?

— Sim, bem, não temos muita escolha hoje em dia, não é? Talvez tenhamos que trabalhar com pessoas do outro lado, mas nem por isso vamos casar com eles e criar filhos que não conheçam a verdadeira fé.

Carson já tinha tido o suficiente de Jimmy Doyle, e qualquer simpatia que ele sentia pela situação da família agora se transferiu totalmente para o preocupado Mickey, que agora parecia totalmente desconfortável em resposta à explosão de seu pai.

— Aqui está o que eu proponho. Eu vou fazer algumas investigações entre seus amigos e círculo social. Eu vou falar com o Sr. Oxley, ir ao apartamento de Brendan Kane e falar com seus pais. Como eu disse, essa coisa toda de América pode ter sido uma grande mentira, inventada para certificar-se de que você ou qualquer outra pessoa não iria segui-los ou encontrá-los para onde quer que eles realmente tenham ido.

Jimmy e Mickey Doyle deixaram a delegacia poucos minutos depois, chegando em casa após meia hora, encharcados depois de uma caminhada muito molhada para a casa desde o ponto de ônibus mais próximo. A mãe de Marie, Connie, esperando impacientemente na cozinha, estava ansiosa para ouvir o resultado da ida à delegacia, mas ficou muito irritada e agitada quando Mickey contou a ela sobre a explosão religiosa de seu pai. Ela tinha sido batizada quarenta e quatro anos antes como Concepta O'Malley, um bom e tradicional nome católico irlandês, mas um nome que ela tinha odiado desde a infância, preferindo sempre o mais moderno e secular nome de Connie. Ao contrário de Jimmy, que foi nascido e criado em Liverpool, Connie tinha na verdade nascido em Lisburn, na periferia de Belfast, e seus pais se mudaram para Liverpool quando ela tinha dez anos de idade, fartos do que seu pai se referia como atitudes "medievais" em relação às religiões alternativas que existiam nas comunidades da Irlanda do Norte. Ela conheceu e se apaixonou por um jovem e bonito Jimmy Doyle quando tinha dezoito anos, ele um ano mais velho, e eles se casaram no ano seguinte. O amante de futebol e pescador de fim de semana, pelo qual ela havia se apaixonado, não exibiu suas tendências latentes em direção à intolerância religiosa até alguns anos mais tarde, e ela certamente não compartilhava do fanatismo religioso do marido, e muitas vezes achava constrangedor ter de ouvir suas opiniões desatualizadas sobre afiliações religiosas.

— Em nome de Deus e da Virgem Santíssima, James Doyle, por que você tinha de se comportar dessa forma na frente da polícia? Marie está desaparecida, assim como um jovem rapaz, e tudo o que você pode fazer é transformar isso em um discurso sobre casamento entre católicos e protestantes. Você é uma desgraça, homem, isso que você é.

— Você acha que eu me importo com o que possa acontecer com um vagabundo como Brendan Kane? Ele provavelmente já se aproveitou da nossa Marie e estragou um casamento apropriado para ela no futuro. Então ele a seduziu para longe de sua casa e de sua família, e nossos dois filhos foram estúpidos o suficiente para ajudá-los a manter tudo sob sigilo. Eles sabiam o que eu diria se eu descobrisse, assim como Marie. Aquele menino Oxley também é uma porcaria, conspirando com eles para nos enganar.

— Ele não é um menino, ele é um jovem rapaz, assim como Mickey e Ronnie, e eles não conspiraram contra nós, como você diz. Eles só ajudaram seus amigos, Jimmy, o mesmo que você provavelmente teria feito nessa idade.

— É aí que você se engana, mulher. Eu jamais teria desrespeitado os meus pais assim.

— Pelo amor de Deus, Jimmy, cale a boca por um minuto. Eu quero saber o que eles disseram na delegacia de polícia. Você me conta, Mickey. Você vai fazer mais sentido do que seu pai, com toda a certeza.

Jimmy Doyle soltou um tipo de rosnado do fundo da garganta, mas pelo menos ficou em silêncio, andando por toda a cozinha, até se sentar na confortável cadeira de Connie ao lado do fogo, sabendo que iria irritar sua esposa ao fazer isso. Connie preferiu ignorá-lo, enquanto Mickey rapidamente deixava sua mãe a par da conversa com o sargento Carson.

— Isso é tudo o que ele disse por enquanto, mamãe — disse Mickey ao chegar ao fim do relato da entrevista para sua mãe. — O sargento disse quer iria entrar em contato conosco depois de fazer algumas investigações, mas acho que ele não estava realmente muito interessado no que tínhamos a dizer.

Mickey estava de costas para seu pai enquanto falava, e conseguiu indicar com um olhar que Jimmy definitivamente não tinha ajudado em nada, o que foi corretamente entendido por sua mãe.

Connie Doyle conseguiu esconder a sua crescente raiva do marido nos dias seguintes, embora a atmosfera na casa dos Doyle tenha se deteriorado tanto que era quase possível cortá-la com uma faca. Jimmy passava cada minuto extra no pub, afogando as mágoas na cerveja, enquanto Mickey e Ronnie fizeram o seu melhor para evitar ambos os pais. Em vez de se juntarem a seu pai no Red Rose como eles normalmente teriam feito, eles encontraram um refúgio de relativa paz no bar de sinuca da região, onde fizeram seu melhor para espantar a ansiedade e as frustrações com intermináveis jogos de sinuca e bilhar. John Pullman tinha defendido com sucesso seu título de campeão mundial em uma série de partidas contra Fred Davis no City Hall em Liverpool, e os dois irmãos desenvolveram um amor pelo jogo ao assistir a algumas delas na televisão. Os dias passavam quase interminavelmente, sem uma única notícia sobre o paradeiro de Marie ou Brendan. Quando a batida na porta que só podia ser de um policial interrompeu o início da noite da família seis dias mais tarde, foi quase como que um alívio quando Connie abriu a porta e deixou entrar o sargento Carson em sua casa, levando-o para a sala de estar, onde ela o convidou a se sentar, apresentou-o ao seu filho mais novo, Ronnie, e em seguida, juntamente com seu marido e filhos, aguardou nervosamente por notícias. Carson sentou-se em uma das duas poltronas na sala e educadamente recusou a oferta de uma xícara de chá feita por Connie. Tendo desenvolvido uma antipatia por Jimmy Doyle no seu primeiro encontro, ele queria manter a visita à casa dos Doyle tão breve quanto possível. Abrindo o seu caderno, o sargento começou seu relatório à ansiosa família Doyle, falando na direção de Jimmy Doyle, o chefe da família:

— Como eu tentei explicar para você durante sua visita à delegacia, Sr. Doyle, tendo em conta as circunstâncias que cercam este assunto, não há muito o que a polícia possa efetivamente fazer...

— Então para que pagamos a porra do seu salário? — Jimmy Doyle quase explodiu.

— Pelo amor de Deus, Jimmy, deixa o homem falar! — gritou Connie para seu marido, ganhando instantaneamente o respeito do sargento Carson. Em uma voz mais calma ela continuou: — Por favor continue, sargento, e perdoe o desabafo rude e grosseiro do meu marido.

Desta vez Jimmy Doyle encontrava-se do outro lado de um sermão, então fez um som rude na garganta, levantou-se e atravessou a sala até a lareira, onde ficou encostado na prateleira enquanto Carson continuava. Até mesmo Mickey e Ronnie ficaram impressionados com a forma como sua mãe parecia finalmente ter encontrado a coragem de se afirmar sobre seu marido dominador.

— Sim, bem, obrigado, senhora Doyle. Como eu estava dizendo, não temos muitas opções em aberto, lamento dizer. Eu visitei os pais do Sr. Kane, seu amigo, Sr. Phillip Oxley e a amiga da sua filha, Clemency De Souza, e obtive depoimentos de cada um deles. Na sequência fiz um relatório do caso como vocês, Sr. Doyle e Mickey, o apresentaram para mim ao meu chefe, e é a opinião do inspetor Ledden que nenhuma das pessoas entrevistadas, e isso inclui vocês, foi capaz de mostrar que existia qualquer ameaça ao casal. Em outras palavras, ninguém foi capaz de dizer com sequer um traço de certeza que acreditavam que Marie e o seu namorado estivessem sob iminente ameaça, de um para ou outro ou de quaisquer outras pessoas, conhecidas ou desconhecidas. Não há absolutamente nenhuma evidência para sugerir que se trata de alguma outra coisa senão um caso de dois jovens, ambos acima da idade de consentimento, e da idade eleitoral legal, terem tomado a decisão de abandonar as suas casas e tentar um novo começo em outro lugar.

— Isso é um monte de merda, sargento Carson — disse Mickey. — Meu pai e eu só fomos procurá-lo porque estávamos preocupados por eles terem desaparecido sem deixar rastros. Não era algo que eles fariam, especialmente depois de fazer seus planos de ir para a América.

Connie Doyle atirou um olhar a Mickey que ele instantaneamente reconheceu.

— Ah, desculpe o palavrão, sargento, sinto muito, mãe.

— Sim, bem, onde eu estava? — Carson quase sorriu com a pequena briga doméstica que tinha se passado diante de seus olhos. — Oh, sim, então, temos uma situação na qual Marie e Brendan Kane parecem ter produzido um plano elaborado para fugir para a América, mas, como seu camarada Phillip Oxley nos disse, Brendan Kane sabia que não podia entrar nos EUA sem passar por um longo processo de imigração, então meu chefe concluiu que eles devem ter se cansado de esperar, e foram para um lugar totalmente diferente. Existem muitos lugares no mundo que não têm tais regras estritas sobre quem eles permitem a entrada. Presumo que Marie tenha um passaporte?

— Sim, ela tem — respondeu Connie.

— Escute, senhora Doyle, tem sido minha experiência ao longo dos anos que a maioria dos adultos desaparecidos desaparecem porque querem, seja qual for o motivo, isso é um fato. Se não querem ser encontrados, há muitas maneiras para que eles permaneçam escondidos, muitas vezes às claras em outra cidade ou país, mas da mesma forma, muitos deles simplesmente reaparecem após alguns dias ou talvez semanas, quando as coisas não saem como eles esperavam. Você sabe, a velha coisa do "a grama não é tão verde assim do outro lado". Se tivesse havido qualquer evidência de crime, tenha certeza que teríamos nos empenhado em uma busca por eles mas, do jeito que está, ninguém consegue fundamentar sequer o menor indício de uma ameaça a sua segurança. Nenhum crime foi cometido, e o inspetor simplesmente não vai sancionar o número de horas/homem necessárias para uma extensa busca em todo o país por um casal que todo mundo admite que tinha planejado deixar a cidade.

Uma nuvem de desespero caiu pesadamente sobre a sala de estar dos Doyle quando as palavras do sargento foram absorvidas por cada membro da família. Jimmy Doyle finalmente encontrou sua voz mais uma vez:

— Então é isso? É só isso que a polícia pode fazer por nós? E o apartamento daquele vagabundo? Você nem se incomodou em dar uma passada por lá?

— Na realidade eu fui lá, Sr. Doyle. Não havia ninguém em casa e eu procurei os proprietários do edifício, e eles me disseram que receberam uma carta de Kane há apenas dois dias, dizendo que ele estava deixando a cidade e incluindo um mês de aluguel no envelope, junto com instruções para vender as coisas dele, pois ele não voltaria para Liverpool.

— Mas isso é bobagem — disse Ronnie em resposta à notícia da carta. — Ele nunca faria isso, não deixar tudo para trás, não Brendan. Quer dizer, havia sua vitrola nova, sua guitarra, todo esse tipo de coisa. Você perguntou se a guitarra foi levada, ou se ainda estava no apartamento?

— Ronnie, querido, eu sei que você está chateado. Todos nós estamos, mas você não deve importunar o sargento assim, realmente não deve — disse Connie Doyle ao seu filho. Connie mantinha um bom e saudável respeito pela polícia, e não gostava de ver e ouvir o seu filho agir de forma agressiva com relação a um membro da força.

Ronnie balançou a cabeça em desespero.

— Sim, desculpe mamãe, desculpe sargento — desculpou-se.

Com grande dignidade, Connie Doyle se levantou de sua cadeira perto do fogo e caminhou lentamente para o aparador de madeira polido no lado oposto da sala e pegou um pequeno, e amarelo rádio a transistor de plástico de trás de uma grande fotografia escolar de Marie, tirada quando ela tinha 14 anos. Segurando-o como se

fosse um item de valor inestimável, ela o levantou para que Carson pudesse vê-lo claramente.

— Isto, sargento Carson, é o bem mais precioso da minha filha. Custou a ela dois xelins no mercado de Kirkby. Caro? Não, mas valioso além das palavras para Marie. Ela adora música, sargento, e se ela fosse para qualquer lugar importante, ou por qualquer período de tempo, este pequeno rádio teria ido com ela. É por isso que eu sei que algo está muito errado, e que minha filha está com problemas de algum tipo.

— Olha — disse Carson —, eu pessoalmente já distribui a descrição de sua filha e de Brendan Kane para outras forças policiais do país. Se qualquer policial os vir e os reconhecer, eles informarão isso para nós aqui em Liverpool, e prometo avisá-la se isso acontecer. O arquivo permanecerá aberto, mas por enquanto, não há muito mais que eu possa fazer por vocês. Lamento.

— Sim, aposto que lamenta — disse Jimmy Doyle, sua voz cheia de sarcasmo.

— Eu tenho que ir, infelizmente — disse Carson, agora com pressa para sair da casa dos Doyle. — Se eu souber de algo, entrarei em contato.

Connie Doyle levou o sargento para fora e, quando ele desapareceu no final da rua para o local onde tinha estacionado seu elegante carro de patrulha, um Ford Zephyr 6 branco, ela fechou lentamente a porta da frente, sabendo de alguma forma no seu íntimo que provavelmente nunca mais veria a sua filhinha.

Capítulo 22

CONFIRMAÇÃO

— Foi isso, inspetor Ross — disse Ronnie Doyle com um olhar de intensa tristeza no rosto. — A polícia não fez praticamente nada para tentar encontrar Marie ou Brendan.

— Você está me dizendo que não recebeu mais notícia da polícia após a visita do sargento Carson? — perguntou Ross a Ronnie.

— Bem, recebemos outra visita algumas semanas mais tarde. O sargento Carson veio até nossa casa um dia. Eu e Mickey estávamos no trabalho, e papai estava fora, não me lembro onde. Mamãe nos disse mais tarde que Carson tinha feito um acompanhamento de rotina em nosso relatório do desaparecimento de Marie, e que não houvera nenhuma resposta a qualquer um dos folhetos que ele havia emitido a outras forças, e também não houvera relatos de quaisquer "vítimas de violência", como ele colocou, sendo encontradas em qualquer lugar do país. Foi a sua maneira agradável de dizer assassinato, penso eu, sem querer chatear a mamãe. Ele disse que tinha verificado com os aeroportos e as docas, e não encontrado nenhuma referência de Brendan ou Marie tentando deixar o país. Acho que, nessa época, mamãe já havia aceitado que Marie não iria voltar, mas lembro dela sentada chorando muito baixinho naquela noite. Deixei-a com seus próprios pensamentos, porque eu não queria aborrecê-la ainda mais e, para ser honesto, eu não saberia o que dizer a ela, inspetor. Ela chorou muito depois disso, geralmente quando ela achava que ninguém podia ouvi-la, mas nós ouvimos, muitas vezes.

Andy Ross se sentou, imerso em pensamentos por alguns segundos depois que Ronnie terminou sua história. Ele podia entender porque os Doyles se sentiram menos do que satisfeitos com a resposta da velha polícia da cidade de Liverpool em 66, mas sabia que o sargento Carson, apesar de não parecer o mais dinâmico oficial que ele já havia conhecido, provavelmente fizera o seu melhor sob as circunstâncias. Além disso, Carson era apenas humano, e sua reação à explosão de flagrante fanatismo religioso de James Doyle tinha provavelmente sido plenamente justificada, levando em conta a sua própria situação pessoal. Favoritismo não agradava a ninguém ao serviço da polícia, mas ninguém poderia ser culpado por não ser inteiramente solidário com alguém como o velho Doyle. Sem antes fazer uma tentativa de olhar para a investigação que ocorreu na época do desaparecimento original de Marie, ele certamente não iria aceitar o relato dos irmãos Doyle sobre a

forma como a polícia lidou com a sua queixa na época, ou fazer qualquer crítica de Carson ou qualquer outra pessoa envolvida. Baseado no que acabaram de contar a ele, Ross sabia de uma coisa que os irmãos não tinham conhecimento, algo que poderia adicionar um pouco de sensibilidade na maneira que ele abordava a investigação do passado, mas agora não era a hora certa para mencioná-la. Ele precisava tentar e comunicar isso a eles de uma forma que não alienasse suas melhores, na verdade suas únicas testemunhas dos últimos dias de Brendan Kane. Ele rapidamente decidiu a sua próxima jogada, e depois de permitir uma breve pausa a Ronnie, Ross disse:

— Olha, Ronnie, você também Mickey. Tem sido uma longa entrevista, e ambos foram muito úteis. Eu sei que hoje não foi exatamente como vocês esperavam quando entraram na delegacia, mas você realmente me deram muito material com o qual trabalhar. Agora sabemos com razoável certeza que os restos mortais encontrados no cais são de seu amigo, Brendan Kane e, graças a vocês, nós agora sabemos sobre o desaparecimento de sua irmã que garanto que vou acompanhar, pois sinto que os dois casos estão intimamente ligados. Vamos falar com todos que pudermos encontrar daquela época, Phil Oxley, Clemmy De Souza, e quem mais tiver uma boa lembrança de qualquer um dos dois. Esqueci de perguntar se sua mãe e seu pai ainda estão vivos.

— Sim, eles estão — respondeu Ronnie. — Papai está com oitenta anos, mas ainda em ótima forma, inspetor. Praticamente não ficou doente nenhum dia na vida. Nossa mãe tem apenas cerca de um ano a menos que ele, mas não está tão bem como antes. Ela tem artrite severa e doença coronariana, mas ainda vive na esperança de que um dia vai descobrir o que aconteceu à nossa Marie.

— Ok, é bom saber disso. Eu precisarei, é claro, conversar com seus pais quando chegar a hora. Espero que as memórias deles sejam tão boas quanto as suas.

— Não conte com isso, inspetor. Eles estão ficando um pouco, você sabe... — disse Mickey. — Eu sei que eles estão ótimos para a idade, mas mamãe especialmente anda um pouco esquecida hoje em dia.

— Entendido — respondeu Ross —, mas o que se lembrarem pode se mostrar útil. Por favor, certifiquem-se de dar seus números de telefone e de seus pais à sargento Drake antes de sair, para que possamos entrar em contato rapidamente se precisarmos.

Ambos forneceram a Izzie Drake os números necessários, e a própria Izzie levou os Doyles para fora do local alguns minutos depois, e então voltou para o escritório de Ross, onde se sentaram em silêncio e começaram a conferir os eventos e as informações que tinham recebido durante o que tinha sido uma longa entrevista de duas horas com os irmãos.

— Ufa, isso foi praticamente uma maratona, senhor — comentou Drake.

— Foi mesmo, Izzie — respondeu Ross —, e totalmente inesperado. Quem iria esperar que esses dois entrariam aqui e nos dariam o elo vital que precisávamos para identificar a vítima?

— Tem certeza que o cadáver é de Brendan Kane, então, senhor?

— Tudo que eles nos disseram parece se encaixar com o que já temos, que eu admito não era muito até agora.

— Mas e quanto à irmã desaparecida, senhor? Onde vamos com isso?

— Devo dizer, Izzie, não estou muito certo no momento. Adiciona mais um elemento altamente sinistro ao caso que já temos. Eu vou ter que falar com o chefe. Porteous terá que permitir uma pequena mão de obra extra, eu acho. Quero alguns policiais disponíveis para nos ajudar com o trabalho que prevejo que precisaremos para ir mais fundo nos assuntos de 66.

— Você acredita em tudo o que os irmãos nos disseram, senhor?

— Eles vieram aqui acreditando que encontramos os restos de sua irmã. Eles não tinham razão para mentir para nós, e acredito que eles ficaram genuinamente chocados quando sugerimos que os ossos poderiam ser de seu amigo. Acho que ambos acreditam firmemente que Marie está morta e, à luz do que nos disseram, devo admitir que tendo a acreditar nesta teoria também.

— Mas por que, senhor? Por que alguém iria querer assassinar um jovem casal que, até onde sabemos, não machucou ninguém, e cuja única culpa parece ter sido o fato de terem se apaixonado e desejado começar uma nova vida em outro lugar?

— Bem, de acordo com os irmãos, seu pai era com certeza intolerante o suficiente para querer Brendan Kane fora do caminho, mas será que ele teria ódio suficiente para matar a própria filha também? De alguma forma, não vejo isso acontecendo. Ele parece ser totalmente orientado à família, mas nós saberemos mais sobre ele quando o entrevistarmos. Além disso, se Marie Doyle foi assassinada ao mesmo tempo que seu namorado, por que seu corpo nunca foi encontrado?

— Levou mais de trinta anos para os restos de Brendan aparecerem, com todo o respeito senhor.

— Sim, com certeza, Izzie. Obrigado por me lembrar. — Ross sorriu para Drake ao aceitar a suave repreensão da sua sargento. — Sempre é possível que eles tenham sido assassinados juntos e o corpo de Marie simplesmente tenha sido levado pela maré, e acabou virando comida de peixe em algum lugar entre Liverpool e o mar da Irlanda.

Enquanto os dois detetives continuavam a trocar ideias entre eles, a tarde começou a ficar mais escura, pois as nuvens de tempestade cresceram em

intensidade, e a vista da janela de Ross tornou-se mais deprimente do que tinha estado durante a visita dos irmãos Doyle. Ross se levantou, empurrou sua cadeira de volta e caminhou até a janela, observando as gotas de chuva quase horizontal que estavam batendo na janela, pintando um retrato cruel do mundo exterior para combinar com a desagradável tarefa em que ele e Drake estavam envolvidos.

Ele atravessou a sala e acendeu a luz. Alguns cliques vindos do teto anunciaram a chegada da luz às longas lâmpadas fluorescentes, que explodiram em plena vida após alguns segundos hesitantes de cintilação. Andy Ross retomou seu lugar e, quando ele estava prestes a continuar sua conversa com Izzie Drake, o telefone na mesa dele começou a tocar. Ross levantou o aparelho:

— Inspetor Ross — anunciou ele e, em seguida — McLennan, por que está me ligando do outro lado do escritório? — Ele escutou o jovem detetive da polícia por alguns segundos, e então com um divertido olhar em seu rosto, ele respondeu: — Ah sim, claro, eu entendo, a porta estava fechada e você pensou que era melhor não me incomodar batendo na minha porta, então eu presumo que você achou melhor perturbar me ligando?

Antes que Derek McLennan pudesse falar mais, Ross disse: — Se você tem notícias para nós, é melhor vir para cá agora, McLennan. Não me deixe esperando, bom rapaz.

— Você pode ser um sacana cruel, senhor, se você não se importa que eu diga isso. Ele é um bom rapaz, e está tentando impressioná-lo sempre que pode, sabe?

— Eu sei, Izzie. Não consigo evitar tirar sarro do rapaz às vezes. De uma certa forma, ele me lembra de mim mesmo na idade dele, intenso e fazendo tudo certinho, tentando agradar ao chefe, até que um dia percebi que a maneira de se dar bem era apenas ser eu mesmo, fazer o meu melhor e que se danem as consequências. Ele vai chegar lá um dia. Ele tem as qualidades de um detetive de primeira classe e....

Uma batida na porta interrompeu as palavras de Ross e, quando a porta se abriu, Derek McLennan entrou na sala, um grande sorriso em seu rosto e uma folha de papel A4 em sua mão.

— A partir do olhar em seu rosto, eu diria que você está trazendo ótimas notícias, policial McLennan — disse Ross, devolvendo o sorriso.

— Sim, senhor, uma notícia muito boa, eu diria. Temos uma identificação positiva sobre a arcada dentária de nosso esqueleto. Uma firma de dentistas na cidade, Ledger e Crowe, está no negócio há anos, e o atual Sr. Ledger é neto do proprietário original. Parece que a odontologia é uma coisa de família e, de qualquer forma, eles foram capazes de colocar um nome nos restos a partir das fotografias que o doutor Nugent e sua turma nos deram.

Ross não conseguiu se conter:

— Brendan Kane, a menos que eu esteja enganado, hein, jovem Derek?

O queixo de McLennan caiu, a surpresa claramente evidente no seu rosto devido à aparente magia de Ross ao dizer o nome que estava na sua folha de papel.

— Bem, sim, isso mesmo, senhor, mas como diabos o senhor sabia disso? Só tive a confirmação eu mesmo há dez minutos.

— Não se aflija, rapaz. Acredite ou não, sargento Drake e eu acabamos de terminar uma cansativa entrevista de duas horas com dois irmãos, que nos deram o nome em conexão com o desaparecimento de sua irmã na mesma época. Me arrisquei a perguntar se o amigo deles tinha quebrado a perna quando era garoto, eles disseram que sim, e o resto se encaixou.

— Oh, entendo, senhor. Isso é muito bom então, não é?

— Sim, e bom trabalho em achar os registros dentários também. Não estou roubando seu mérito, até porque se os irmãos Doyle não tivessem vindo me ver hoje, a prova dental seria a única prova de identificação que teríamos, e na realidade ainda é. Você trabalhou bem.

— Obrigado, senhor — disse McLennan, segurando a folha de papel e passando-o para o inspetor. — Aqui está a confirmação por fax de Ledger e Crowe, 100% de certeza que os dentes são de Brendan Kane.

— Muito bem então, aqui está o que eu quero que você faça a seguir. Sargento Drake tem algumas coisas para verificar enquanto eu vou conversar com o inspetor-chefe. Enquanto isso, eu gostaria que você executasse uma verificação de antecedentes criminais nestes dois homens — disse ele, passando um pedaço de papel com os nomes e endereços dos dois irmãos Doyle a McLennan. — Não custa nada ser minucioso, e este caso acabou de se expandir grandemente, então eu quero ter certeza de que nossas duas testemunhas são o que parecem ser.

McLennan agarrou o pedaço de papel e foi embora em poucos segundos, ansioso para desempenhar seu papel na crescente intensidade do caso.

— E, antes que sigamos nossos caminhos, senhor, só uma pergunta, se me permite? — disse Drake depois que eles estavam sozinhos novamente.

— Vamos, Izzie, o que está pensando?

— Você disse que havia alguma coisa que você me diria mais tarde, senhor, quando estávamos com os irmãos. Bem, já é "mais tarde" o suficiente?

— Oh sim — Ross sorriu para ela. — Você se lembra que os Doyles mencionaram um inspetor, chefe do sargento Carson?

Folheando rapidamente suas anotações, Drake respondeu:

— Inspetor Ledden era o nome, senhor.

— Sim, isso mesmo. Eu não queria parecer muito precipitado em toda e qualquer condenação do inquérito anterior sobre o desaparecimento de Marie Doyle, porque, se eu estiver certo, o inspetor Ledden de quem eles falavam é agora o superintendente-chefe Bernard Ledden, chefe da equipe regional de narcóticos. Se

for, então não quero ir pisando em pés que possam ser evitados, se é que você sabe o que quero dizer, pelo menos não nesta fase da nossa investigação.

Drake acenou com a cabeça, concordando.

— Oh sim, senhor, eu entendo muito bem. É melhor eu ir procurar esses endereços agora então, não é?

— Sim, faça isso, Izzie. Eu vou estar com o chefe por um tempo, por favor marque uma miniconferência para nós dois, McLennan e Paul Ferris para as oito da manhã. Então diga para terminarem o que estão fazendo e ir para casa. Não vou sair do escritório do chefe antes de pelo menos uma hora, então não há muito mais o que possamos fazer hoje, mas quero todos descansados pela manhã. Vamos ter muito trabalho a fazer nos próximos dias. Podemos então discutir para onde vamos a partir daqui, depois que eu falar com o inspetor-chefe. Vejo você quando eu voltar. — Com isso, ele se apressou para fora do escritório para relatar os novos desenvolvimentos ao inspetor-chefe Porteous. Izzie arrumou a mesa de Ross, e saiu para realizar suas próprias tarefas antes de falar com a equipe e ir para casa. Amanhã prometia ser um dia interessante.

Capítulo 23

CONFERÊNCIA DO CASO, LIVERPOOL, 1999

Embora tivesse dito a Izzie Drake para organizar a conferência operacional para as oito, Andy Ross se certificou de chegar na delegacia meia hora mais cedo. As duas razões para sua chegada mais cedo o seguiram para a sala de conferência logo depois, e foram seguidas de perto por Drake, Ferris e McLennan, que podem ter ficado surpresos ao ver duas caras novas entre eles, mas esperaram que Ross explicasse. Depois de convidar todos os presentes a se sentar, Ross assumiu uma posição à frente da aparentemente grandiosa, mas na verdade bastante funcional e barata mesa de madeira, afinal se tratava da cidade de Liverpool, e não de uma boate em Mayfair. Vários acenos foram dados, e olás tranquilos foram ditos e, em seguida, Ross deu uma tossida educada para chamar a atenção de todos antes de falar.

— Bom dia a todos — começou ele. — Como vocês podem ver, temos duas caras novas conosco esta manhã. Depois do meu encontro com o inspetor-chefe Porteous ontem à tarde, e depois de ele ter concordado que, como os arruaceiros locais não estão nos dando muito trabalho neste momento, ele generosamente alocou uma pequena mão de obra extra para nós. Deixe-me apresentá-los aos policiais Nick Dodds e Samantha Gable.

Uma nova série de boas-vindas e olás mais formais se seguiu e, quando ficaram em silêncio mais uma vez, Ross continuou:

— Nick vem do esquadrão de furtos e roubos, e Sam acaba de completar um ano trabalhando com a divisão de narcóticos. Ambos são oficiais experientes e tenho de salientar que, após minha conversa com o chefe ontem, ele concorda que há mais profundidade neste caso do que a descoberta original do esqueleto sugeria.

Ross fez um breve resumo da descoberta inicial dos restos no cais, principalmente para o proveito dos recém-chegados, seguido de um detalhado relatório da entrevista que ele e Drake tinham conduzido com Mickey e Ronnie Doyle no dia anterior, terminando com a confirmação da identidade de Brendan Kane a partir de sua arcada dentária, milagrosamente ainda disponível após mais de trinta anos, um verdadeiro golpe de sorte.

Seguiu-se uma batida suave na porta da sala de conferências, e a porta se abriu para deixar entrar um homem bem vestido em um terno de risca cinza, ostentando uma gravata de seda azul, de mais ou menos quarenta anos. O sujeito emitiu um

breve pedido de desculpas pelo atraso, e Ross rapidamente apresentou o recém-chegado:

— Ah sim, sem problemas, George. Pessoal, eu gostaria que todos conhecessem George Thompson. George é o assessor de imprensa da delegacia. O inspetor-chefe Porteous quer manter George informado sobre o caso, agora que ele se expandiu para além de seus parâmetros originais. Parece ser provável que haja um pouco de interesse local neste caso, com o jovem Brendan Kane tendo sido uma espécie de pequena celebridade local na crescente cena rock e pop nos primórdios dos anos sessenta. Adicione uma jovem garota, sua namorada, desaparecida por mais de trinta anos, e o chefe quer que George seja capaz de manter qualquer interesse da imprensa sob controle, para evitar que a força seja duramente criticada de forma indevida pela forma como está tratando o caso, agora ou no passado. Algo que gostaria de acrescentar, George?

Limpando a garganta, George Thompson andou ao redor da mesa para se sentar-se no lado oposto a Ross:

— Apenas que é bom conhecer todos vocês. Prometo que, apesar do que possam ouvir algumas vezes, como assessor de imprensa estou aqui para atuar como um apoio para o seu trabalho, e não para fazer algo que possa dificultar a sua investigação. Eu quero pintar um bom retrato da força, é claro, mas também quero ter a certeza de que posso ajudar no caso sempre que possível, passando informações para a imprensa local e, se necessário, nacional, de forma a auxiliar nos seus inquéritos. Eu ficarei feliz em redigir qualquer solicitação que vocês queiram divulgar de forma que soe correta e atinja o público-alvo. Então, por favor, não me vejam como um obstáculo, mas, em vez disso, usem minha experiência na área como um ativo utilizável em sua abordagem para resolver o caso. Como o inspetor Ross acabou de dizer, é provável que haja algum interesse da mídia, e é o meu trabalho lidar com isso e proteger vocês de quaisquer acusações que possam começar quando os fatos do caso começarem a ser divulgados. Eu vou fazer um comunicado à imprensa nos próximos dias, detalhando a identificação dos restos mortais de Kane e a conexão com o desaparecimento de uma garota chamada Marie Doyle. Com sorte, isso pode reavivar algumas memórias e talvez trazer uma ou duas peças úteis de informação. Isso é tudo por agora, e obrigado a todos por me ouvirem.

Ross por sua vez agradeceu a Thompson por seu tempo, e o convidou a permanecer na reunião até sua conclusão, para que ele pudesse entender o que Ross e sua equipe estavam inicialmente tentando alcançar. George Thompson permaneceu ouvindo, enquanto Ross levava a conferência de planejamento da equipe à sua conclusão:

— Há uma outra coisa que surgiu como resultado da visita dos irmãos Doyle, ontem. Eles ainda sentem que a polícia na época da sua queixa não levou o

desaparecimento de Marie Doyle a sério, e não fez o suficiente para encontrá-la, e parece que o oficial encarregado na época era um tal de inspetor Bernard Ledden, que por acaso ainda faz parte da força e é agora um superintendente-chefe no comando do esquadrão de narcóticos regional.

Após alguns murmúrios ao redor da mesa, Ross continuou:

— Sim, um problema potencialmente delicado, tenho certeza de que vocês entendem. Não posso exatamente entrar marchando no escritório de um superintendente-chefe e acusá-lo de ter faltado com seu dever trinta e três anos atrás. O inspetor-chefe me deu sinal verde para falar com Ledden, com a ressalva que eu tenha cautela e evite fazer quaisquer alegações infundadas de negligência com relação a ele ou à sua equipe na época. Liguei ontem e tenho um encontro com o superintendente-chefe Ledden mais tarde esta manhã. Nesse interim, a sargento Drake obteve alguns endereços de determinadas pessoas que eu preciso entrevistar em conexão com os dois casos, que agora quero que consideremos como parte integrante de um caso mais amplo. Concordo que coincidências acontecem, mas o fato de que Marie Doyle e Brendan Kane tenham desaparecido ao mesmo tempo tantos anos atrás acaba forçando demais a hipótese de uma coincidência. Ferris, você é bom com computadores, então eu gostaria que você fosse nosso coordenador e compilador do caso, toda e qualquer informação obtida deve ser direcionada a Ferris que vai me manter atualizado em todos os momentos. Gaste uma hora mais ou menos esta manhã para configurar seus arquivos enquanto estivermos fora, ok?

Acenos de acordo de Ferris e os outros se seguiram e Ross então passou a distribuir as atribuições individuais:

— Sargento Drake vai visitar Phillip Oxley nesta manhã. Sam, eu gostaria que você visitasse o último endereço conhecido da ex-melhor amiga de Marie, Clemency De Souza, e Nick, quero que acompanhe a sargento Drake, e depois de entrevistar Oxley, faça uma visita a James e Connie Doyle. Gostaria de conhecer este senhor eu mesmo, mas neste momento é importante que nós avancemos rapidamente para tentar entender exatamente com o que estamos lidando. Se estes dois jovens eram apenas um casal de fugitivos, não vejo como Brendan Kane tenha acabado com dois ferimentos de bala nos joelhos e com a cabeça esmagada, e que diabos então aconteceu a Marie? Temos perguntas que exigem respostas, e não me interessa há quanto tempo tudo isto se passou, até onde eu saiba é uma investigação de assassinato, e nós vamos trabalhar duro para encontrar essas respostas. Todo mundo entendeu isso?

Todos fizeram mais acenos e murmuraram palavras de acordo, e Ross encerrou a conferência. Após mandar sua agora expandida equipe para lidar com suas tarefas, Ross tomou o rumo de sua conversa com o superintendente-chefe Ledden.

— Inspetor Ross, prazer em conhecê-lo — disse o superintendente-chefe Bernard Ledden, levantando-se de trás da sua grande e finamente polida mesa de mogno, depois de Ross ter sido levado ao seu escritório por Claire, a sua secretária. Ele ofereceu uma mão estendida quando Ross chegou à sua mesa, e os dois homens apertaram as mãos. Ross ficou impressionado com o sujeito. Alto, pouco mais de 1,80m, seu uniforme imaculadamente passado e um rosto que parecia exalar um ar de confiança baseada na experiência de muitos anos no cargo. Parecia não haver pompa sobre o sujeito, algo que Ross tinha visto em todos os demais oficiais de alta patente ao longo dos anos.

— Por favor, sente-se — disse Ledden, gesticulando para uma ampla e confortável cadeira de couro estofada à esquerda da mesa dele. Ross sentou-se como solicitado, e observou o layout do escritório: o posicionamento da cadeira em que se sentou foi destinado não para intimidar os visitantes de Ledden, mas para deixá-los mais à vontade. Sentar-se diretamente de frente para o superintendente-chefe aumentaria a tensão de qualquer oficial júnior em tal reunião. Dessa forma, Ledden fazia Ross se sentir bem-vindo, num nível mais igual do que ele realmente ocupava.

— O inspetor-chefe Porteous falou muito bem de você quando me ligou ontem. Aparentemente você tem algumas perguntas para mim sobre um caso com o qual eu posso ter me envolvido quando era inspetor?

— É verdade, senhor. Se trata de um caso de desaparecimento de trinta e três anos atrás, um que acabamos de ligar ao assassinato de um jovem cujos restos foram descobertos recentemente em uma parte seca do leito do rio, ao lado de um velho cais que está sendo remodelado.

— Ah, sim, eu vi alguma coisa sobre esse caso no Echo, e depois li algo sobre ele em um recente boletim que chegou à minha mesa. Por favor, me diga como você acredita que eu possa ajudá-lo na sua investigação.

Com as palavras de Porteous sobre ser diplomático e não gerar conflito ainda soando em seus ouvidos, Ross primeiro passou ao superintendente-chefe um arquivo contendo os fatos pertinentes de ambos os casos e então tentou, da melhor maneira que pôde, esquematizar o caso para Ledden da forma mais rápida possível, sabendo que os oficiais superiores como ele apreciavam a brevidade. Quando terminou, ele soltou um suspiro de alívio e esperou enquanto Ledden assimilava as informações que Ross tinha apresentado a ele, tanto verbalmente como em papel.

Depois do que pareceu uma era, mas na verdade foi cerca de um minuto, durante o qual Ross mal respirou, o superintendente-chefe Ledden olhou para cima, fechou o arquivo na sua mesa e deu a sua resposta:

— Bem, você certamente pintou um belo retrato, inspetor. Partir de uma pilha de ossos velhos há apenas duas semanas, e chegar a um assassinato não solucionado, a uma vítima identificada e a uma garota desaparecida há mais de trinta anos realmente é bastante. Você e sua equipe trabalharam bem.

— Obrigado senhor. Minha equipe vai ficar satisfeita em ouvir isso.

— É verdade. Muitos oficiais não se esforçariam tanto em um caso como esse, e o teriam deixado na pilha de casos não resolvidos ao invés de correr atrás dessa forma, mas isso mostra como você é um oficial de polícia diligente. Agora, sobre o caso de Marie Doyle não há muito o que eu realmente possa dizer. Sim, Bob Carson era um sargento sob meu comando, e ele era um bom homem em sua juventude, embora ele tenha deixado as coisas escorregarem um pouco conforme se aproximava da aposentadoria, se me lembro bem. Ele era tenaz da sua própria maneira, e pelo que estes dois irmãos disseram, ele parece ter cumprido todos os requisitos, sem ter ido muito além do básico. Eu não vou recriminá-lo por isso, inspetor, pois eu honestamente não me lembro do caso, mas se ele tivesse achado que havia um caso a ser investigado na época, e tivesse recomendado mais investigação para mim, eu teria dado o sinal verde, posso garantir a você. Meu Deus, havia tantos casos sob a minha jurisdição naquela época, e se eu tivesse qualquer conhecimento sobre esta Marie Doyle iria compartilhar com você, não tenha nenhuma dúvida sobre isso, mas trinta e três anos é muito tempo, inspetor.

— Sim, senhor, eu entendo isso. Não estava à espera de milagres, mas espero que entenda porque eu precisava ao menos perguntar se você tinha alguma memória do caso.

— É claro, e dou crédito a você por fazer o esforço. Posso ajudá-lo com mais alguma coisa já que está aqui, inspetor?

— Uma pergunta, senhor. Por acaso sabe se o sargento Carson ainda está vivo? Seria interessante se eu pudesse falar com ele, talvez refrescar sua memória e ver se ele consegue se lembrar de algo que possa me ajudar.

Ledden balançou a cabeça lentamente, e um olhar grave cruzou seu rosto antes que respondesse:

— Me desculpe, Ross, mas Carson morreu cerca de três anos depois de se aposentar. Muito trágico. Ele estava apenas começando a desfrutar da aposentadoria com sua esposa, e eles tiraram umas férias na Tailândia, eu acho, e ele pegou um tipo de doença tropical hedionda. O coitado morreu menos de duas semanas após retornar ao Reino Unido. Participei do seu funeral. A pobre Emma, sua esposa, estava totalmente arrasada.

— Bem, senhor, obrigado por ser honesto comigo e por ceder o seu tempo. Sei que você é um homem muito ocupado.

— Sem problemas, inspetor Ross. Ouça, deixe-me dizer uma coisa. Fui policial nesta cidade por quase toda minha vida profissional. Entrei para a antiga polícia da cidade de Liverpool como um policial estagiário quando tinha vinte anos e, quando a força foi fundida com a polícia do distrito de Bootle, em 1967, eu já tinha chegado a inspetor. Liverpool e Bootle não duraram muito, Ross, e em setenta e quatro, os poderosos decidiram mudar as coisas novamente, e pegaram grandes fatias dos antigos regimentos de Cheshire e Lancashire para formar o que temos agora, sob a denominação de polícia de Merseyside. Você provavelmente conhece a história da força de seu próprio tempo por aqui, mas meu ponto é que, ao longo de todos esses anos, e passando por diversas reorganizações e fusões, vi montes de bons policiais irem e virem, e também conheci alguns corruptos. Nunca permiti que um policial corrupto escapasse quando podia fazer alguma coisa, e a mesma coisa vale para qualquer agente que não aplicasse a devida diligência e profissionalismo a qualquer inquérito. Bob Carson não era corrupto, nem nunca demonstrou falta de profissionalismo, apesar do que estes dois irmãos deram a entender em sua declaração. A pior acusação que você poderia ter feito contra ele foi que ele desacelerou um pouco ao se aproximar da aposentadoria, e isso é algo que se aplica a muitos oficiais uniformizados que já estão há muito tempo na corporação, como tenho certeza de que você está ciente. Tendo dito isto, só posso lamentar por não poder ajudar mais, mas desejo boa sorte em seus esforços para tentar resolver este caso. Seria um grande motivo de orgulho se você puder resolver um assassinato ocorrido há trinta e três anos, e um desaparecimento ao mesmo tempo. Vou ficar de olho em seu progresso, e desejo muita sorte.

Sabendo que a reunião tinha alcançado o seu fim natural, Ross se levantou e se preparou para sair do gabinete do superintendente-chefe. Ledden também se levantou e andou em torno da grande mesa de mogno, encarando Ross primeiro ao apertar calorosamente sua mão, e em seguida ao devolver o arquivo Ross tinha trazido, acrescentando algumas palavras de despedida antes de permitir que Ross partisse:

— Eu sei que você provavelmente pensou que iria encontrar evidências de uma investigação mal feita ou falha, Ross, mas acredite em mim, Bob Carson pode não ter sido um "*Columbo*", mas ele não deixaria o caso de uma garota desaparecida passar por ele se achasse que havia algo de sinistro acontecendo. Ele mesmo era marido e pai, sabe, e ele deve ter acreditado que essa garota simplesmente havia fugido com o namorado. Você encontrou alguma coisa que sugira o contrário em sua nova investigação, até agora?

— Não, senhor, não encontramos, e eu não estava insinuando que algo desagradável tenha ocorrido no inquérito inicial. Mas eu queria saber se tudo o que poderia ter sido feito, foi feito. Espero que entenda meu raciocínio.

— Entendo, inspetor, e agradeço por ser sincero comigo. Sua honestidade é gratificante. Hoje em dia existem muitas "vaquinhas de presépio" por aí. Agora vá pegar um assassino, se você conseguir depois de todo este tempo, e se você descobrir o que aconteceu com a menina, por favor faça a gentileza de me avisar, já que esse caso foi meu no passado.

— Pode deixar, senhor, e obrigado novamente por ter me recebido — disse Ross ao se retirar do gabinete do superintendente-chefe.

* * *

Uma sensação de alívio caiu sobre Andy Ross quando ele se sentou atrás de sua mesa, de volta ao seu próprio escritório mais uma vez. Estar na atmosfera rarefeita do escritório de um dos oficiais de mais alto escalão da cidade fez com que Ross se sentisse ligeiramente desconfortável. O superintendente-chefe Ledden pareceu mais "humano" do que Ross esperava, e parecia ter sido honesto e sincero com ele. Sim, já foram mais de trinta anos desde a investigação de Marie Doyle, e era verdade que Ledden deve ter supervisionado milhares de casos em seus anos na polícia, então Ross concluiu que seria impraticável esperar que o sujeito se lembrasse de cada um que passou por sua mesa. No entanto, ele sentiu que poderiam ter feito mais no caso original, e que o próprio Ledden, sendo o inspetor encarregado na época, poderia ter pressionado Carson para avançar seus inquéritos. Talvez, ele supôs, eles tivessem outros casos mais importantes no momento, casos com autores e vítimas identificáveis, ou com maior significado pessoal ou financeiro para os envolvidos. Se isso perdoava uma ligeira falta de aplicação no caso de Doyle, ele realmente não conseguia decidir. Afinal de contas, ele teria de estar lá na época para poder fazer esse julgamento. Por enquanto, ele sabia que tinha de aceitar a palavra de Ledden, e continuar com o seu próprio inquérito.

Conhecendo sua própria incapacidade de lembrar datas familiares importantes, ele imediatamente pegou o telefone, ligou para o restaurante favorito de Maria e reservou uma mesa para dois, para a noite de seu dia especial. Uma segunda chamada para a floricultura também garantiu uma entrega de rosas vermelhas no final da tarde do seu aniversário. Ele já tinha verificado e sabia que ela estaria trabalhando no turno da manhã da cirurgia naquele dia. A similaridade de nomes cristãos levou seus pensamentos de volta para Marie Doyle. De alguma forma, os dois irmãos de Doyle e sua história tinham tocado Ross de uma forma que ele nunca teria esperado. Mais de trinta anos se passaram, e os irmãos dela nunca tinham perdido a esperança de descobrir o que aconteceu à sua irmã mais nova. Tal lealdade, Ross decidira internamente, merecia um retorno e, se ele ainda não tinha feito isso, agora fez uma promessa mental de que, de uma maneira ou outra, ele faria

todo o possível para chegar a um resultado, para encontrar não só o assassino do jovem Brendan Kane, mas também descobrir exatamente o que tinha acontecido a Marie Doyle.

Seu devaneio foi interrompido por uma batida na porta meio aberta, seguida pelo aparecimento do assessor de imprensa George Thompson, que entrou no escritório com a mala na mão.

— Tem um minuto, Andy? — perguntou Thompson.

— Claro, George. O que posso fazer por você? — respondeu Ross.

— Escrevi um novo comunicado, e queria que você lesse e fizesse seus comentários e sugestões de quaisquer alterações que você acha que possam ser necessários antes de eu entregá-lo para a imprensa.

Tendo trabalhado com Thompson algumas vezes antes, uma das coisas que Ross gostava no sujeito era que, ao contrário de alguns assessores de imprensa, George Thompson nunca perdeu de vista o fato de que ele era parte de uma equipe, e tudo o que ele fazia poderia ter grande influência sobre os resultados de qualquer inquérito com que se envolvesse. O sujeito era desprovido de o que Ross via como a maldição de muitos assessores de imprensa, que era um senso de auto importância que poderia levar a um conflito com os investigadores. Resumindo, ele gostava do sujeito.

— Obrigado, George. Agradeço por isso. Vamos ver o que você tem para mim então.

George Thompson abriu sua fina pasta de couro, e lentamente retirou uma folha de papel tamanho A4, e passou o comunicado impresso para Ross.

— Sente-se por um minuto enquanto eu leio, ok George?

Thompson se sentou na cadeira em frente à mesa de Ross e permaneceu em silêncio enquanto Ross lia:

"Esqueleto identificado — polícia procura mulher desaparecida!"

Após a recente descoberta do esqueleto de um homem jovem no leito do rio adjacente a um armazém desativado na antiga área de docas da cidade, a polícia de Merseyside foi capaz de identificar os restos como sendo do jovem Brendan Kane, vinte e um anos de idade, músico e funcionário de uma livraria na cidade. É sabido que o Sr. Kane, vocalista e guitarrista da banda pop Brendan Kane and the Planets, do início dos anos sessenta, havia planejado deixar a cidade com a namorada Marie Doyle, de vinte anos de idade, no verão ou outono de 1966. Patologistas determinaram que Kane foi vítima de um violento ataque antes de seu corpo ser depositado no que na época teria sido um túmulo submarino no Mersey, perto do desativado cais Coles, na antiga área de docas da cidade. A Srta. Doyle foi reportada como desaparecida simultaneamente com o assassinato do Sr. Kane, ou em algum momento próximo de sua morte, e não foi mais vista desde aquela época.

Quem acha que pode ajudar a polícia na investigação com informações deve entrar em contato com a polícia de Merseyside em... (números de telefone).

— Parece bom para mim, George — disse Ross. — Um pequeno ponto no entanto. Não deveríamos ser um pouco mais específicos em relação a datas aproximadas etc.? Você sabe, tentar fazer as pessoas focarem no que estavam fazendo na época em que os ambos desapareceram?

— Na minha experiência, Andy, é geralmente melhor não ser demasiado específico com datas neste tipo de pedido. Se você tentar ser exato dizendo, por exemplo, "entre os dias 10 e 20 de agosto", você tende a perceber que eles mentalmente irão ignorar qualquer coisa que possa ter ocorrido antes ou após essas datas, mas que ainda podem ser relevantes para o inquérito. É melhor ser deliberadamente vago para que qualquer pessoa que acha que possa ter visto ou ouvido alguma coisa, antes ou depois do momento do duplo desaparecimento, não se abstenha de nos contatar porque ache que suas informações possam não ser relevantes ou importantes.

— Entendo o que você quer dizer, George — Ross respondeu, impressionado com a linha de pensamento do assessor de imprensa. — Nunca teria pensado dessa forma. Estou feliz que temos um verdadeiro profissional na equipe.

Thompson aceitou o elogio sem afetação:

— Só fazendo meu trabalho, Andy. Só espero que produza resultados para você e sua equipe, porém, após mais de trinta anos, eu não seria tão otimista. Um monte de gente que poderia estar por aí com qualquer informação para o caso pode muito bem estar morto e enterrado agora.

Ross acenou com a cabeça lentamente, quase com tristeza.

— Eu sei — disse ele. — Esse também é o meu maior medo. Nós podemos estar caçando fantasmas neste caso, pessoas que não estão mais por aqui para nos ajudar.

— Bem, boa sorte com isso, de qualquer forma. Vou levar isto hoje para o *Echo*, e enviar para todos os jornais nacionais até amanhã. Pode ajudar ter uma cobertura completa nos diários, bem como na imprensa local. As pessoas se mudam muito mais hoje em dia. Podemos encontrar testemunhas em outras áreas que viveram aqui naquela época.

— Obrigado de novo, George — disse Ross enquanto Thompson fechava sua pasta e se levantava para sair, uma cópia do comunicado de imprensa deixada na mesa para Ross mostrar à sua equipe mais tarde.

— De nada, Andy — disse Thompson, que fechou a porta silenciosamente ao sair, deixando Ross sozinho com seus pensamentos mais uma vez.

Capítulo 24

UM PASSO NO TEMPO

Izzie Drake estacionou na rua umas cinco casas antes da casa de James e Connie Doyle. Uma visita anterior ao endereço que Izzie tinha encontrado para Phil Oxley revelou-se infrutífera, sem resposta às suas batidas na porta e toques da campainha, então ela decidiu tentar a casa dos Doyle primeiro e retornar mais tarde à de Oxley. Os dois detetives desceram do carro e, enquanto Drake apontava o controle remoto para o veículo, ativando o sistema de travamento central, Nick Dodds olhou para os dois lados da rua e comentou sobre suas primeiras impressões.

— Meu Deus, sargento, este lugar parece que ficou parado no tempo nos anos 60, pelo menos com base nas fotos que eu vi dessa época, já que eu sou um pouco jovem para ter estado por aqui nesse tempo.

— Oh, a sabedoria da juventude, o que você é, uma criança dos anos 70? — brincou Drake e, em seguida, também olhou em volta. — Mas sim, você tem razão. Terraços de tijolo vermelho, jardins um do lado do outro, tudo de que precisamos agora é de um local bombardeado no final da rua com crianças sujas até o joelho de calças curtas chutando uma bola entre os escombros e podemos estar em outra época, Nick, com certeza.

Grafton Street, onde Mickey e Ronnie Doyle tinham crescido e passado seus primeiros anos de adulto, de fato retinha muito da forma com que deve ter se parecido uns trinta ou quarenta anos atrás. Embora muitos proprietários-moradores tivesse investido seu dinheiro na melhoria de suas propriedades, com novos vidros duplos em esquadrias de PVC e novas portas de entrada, outras, talvez aquelas ainda possuídas por senhorios ausentes e alugadas como casas baratas para inquilinos de baixa renda, pareciam carregar bravamente as cicatrizes de anos de uma negligência ao menos parcial, com a pintura descascando nas bordas das janelas e portas, defeitos na alvenaria e uma ou outra telha faltando no telhado. Realmente representava um lugar fora do tempo, um retrocesso para outra época, um milhão de anos-luz de distância de alguns dos complexos de apartamentos e outros novos desenvolvimentos ultramodernos ocorrendo em partes mais desejadas da cidade. No lugar do local bombardeado sobre o qual Drake tinha brincado, no final da rua ficava um centro comunitário construído nos anos oitenta e uma biblioteca, talvez uma tentativa do conselho local de ajudar a criar um sentido de pertinência e identidade entre os moradores, a maioria dos quais provavelmente tinha morado nas ruas da

região por menos tempo que as famílias mais antigas, como os Doyles. As paredes cobertas de grafite do centro comunitário talvez fossem uma medida do sucesso do projeto.

Quando os dois policiais chegaram à porta do número 26, uma música reggae em alto volume podia ser claramente ouvida de um quarto no andar superior da casa ao lado. Tendo ouvido falar sobre James Doyle de seus dois filhos, Izzie tinha a sensação de que ele não deveria estar muito contente com seus vizinhos atuais. Ela assentiu com a cabeça para Nick Dodds, e o policial bateu com firmeza na porta da frente, que Drake poderia jurar ter visto tremer nas dobradiças. Alguns segundos depois a porta se abriu, apenas uma fresta, e uma voz, feminina e de sonoridade frágil, perguntou: — Sim, quem está aí?

— Senhora Doyle? — perguntou Izzie.

— Sim, e quem é você? — perguntou a idosa.

— Meu nome é sargento Clarissa Drake, polícia de Merseyside, e este é o policial Dodds. Gostaríamos de conversar com você sobre sua filha, Marie, Senhora Doyle.

A porta se abriu totalmente e a idosa perdeu o fôlego, quase caindo nos braços de Izzie. Izzie estendeu a mão para segurar a mulher, não tendo se preparado para tal reação.

— Meu Deus, o que foi? Acharam minha filhinha depois de tanto tempo? — perguntou Connie Doyle, se recompondo após o seu choque inicial.

— Não, não exatamente, mas, por favor, podemos entrar, Senhora Doyle? Tenho certeza que não quer falar sobre isso aqui.

— Oh, desculpe, é claro. Por favor, entrem. Desculpe pela bagunça. Ainda não terminei o trabalho doméstico, sabe, e...

— Por favor, não peça desculpas, nós não marcamos uma hora, não é? — disse Izzie, sentindo um pouco de pena da mulher, que parecia tão frágil como soava.

Connie Doyle parecia doente, pensou Izzie, a pele dela tinha uma palidez bastante monótona e sem vida, apesar de seu cabelo loiro estar bastante vivo e bem penteado. A Sra. Doyle se preocupava com sua aparência, e provavelmente fazia visitas regulares ao seu cabeleireiro. Seu vestido com estampa floral parecia limpo e passado, e seu casaco amarelo pálido era de boa qualidade e estava pendurado em seus ombros.

— Gostariam de vir para a cozinha? — perguntou Connie aos policiais. — Eu estava prestes a fazer um chá quando vocês bateram na porta.

— Isso seria ótimo, obrigada — disse Drake enquanto ela e Dodds seguiam Connie Doyle ao longo do corredor e para dentro da pequena mas surpreendentemente limpa e bem equipada cozinha, cuja peça central parecia ser um antigo mas muito bem conservado aparador, a madeira polida em alto brilho, e os

puxadores de bronze das gavetas e portas brilhando como novos. Izzie não pôde deixar de notar uma fotografia sutilmente colocada na parte posterior do aparador, muito claramente a foto da Marie sobre a qual ela tinha ouvido falar no dia anterior. Ela esperaria um pouco antes de pedir para vê-la.

Enquanto Connie se ocupava em fazer a chaleira ferver e preparar o chá, Drake e Dodds puseram os olhos em todos os aspectos do cômodo. A mesa da cozinha e cadeiras eram, assim como o aparador, definitivamente de uma época mais antiga, mas também soberbamente bem cuidados. Por outro lado, todos os principais aparelhos, máquina de lavar roupa, fogão a gás, geladeira com freezer e forno de micro-ondas pareciam bastante novos. Drake rapidamente percebeu que a lareira, que um tempo atrás havia queimado brilhantemente com um acolhedor fogo de carvão, continha agora um fogo a gás do tipo "chama viva", eminentemente prático mas de alguma forma uma acusação de modernização na mente de Drake.

Com o chá feito, e os três sentados à mesa da cozinha, Drake perguntou a Connie: — O seu marido está em casa, Senhora Doyle? Nós gostaríamos de conversar com vocês dois ao mesmo tempo, se possível.

— Oh, desculpe, sim, claro, que boba eu — disse Connie com uma risadinha quase feminina que Drake achou particularmente envolvente. — Ele está no jardim. Parece que está sempre no jardim hoje em dia, então é lá que está. A própria Virgem Santíssima deve saber o que ele faz lá fora o dia todo. Não é maior que um selo postal.

O sotaque de Connie traiu sua educação irlandesa, agora misturada com uma dose liberal do dialeto local de Liverpool. Izzie achou cativante.

Levantando-se de seu lugar na mesa, Connie caminhou até a porta de trás, abriu e chamou o até agora invisível James Doyle: — Jimmy Doyle, entre aqui neste instante. Há dois polícias aqui querendo ter uma palavrinha com você.

Drake sorriu para si mesma. Fazia um bom tempo desde que ela tinha ouvido alguém se referir a ela como um "polícia", um termo carinhoso para um policial que, como Connie Doyle, pertencia a uma era passada mais feliz. Alguns segundos se passaram antes que a porta dos fundos se abrisse e James (Jimmy) Doyle entrasse, só até o grande capacho de juta que aguardava quem entrava na casa, onde ele parou e removeu um par de botas marrons manchadas de lama, virou-se para colocá-los do lado de fora, virou-se novamente e fechou a porta. Só agora o grande homem de finos cabelos grisalhos se dignou a olhar e reconhecer os dois policiais que estavam sentados bebendo chá em sua cozinha.

— Eu sei porque vocês estão aqui — disse Doyle, olhando para Dodds. — A sua turma cagou para encontrar Marie trinta e três anos atrás, então que chance vocês acham que têm agora? Eu não sei por que esses imbecis dos meus filhos foram correndo até a polícia só porque desenterraram alguns ossos.

Izzie sentiu uma antipatia imediata por Doyle. Ela já tinha ouvido ele ser descrito como um fanático religioso e possivelmente um racista. Agora, o fato de ele direcionar suas palavras para Nick Dodds indicava também um sexismo embutido. Uma mulher não poderia estar no comando, poderia?

— Eu sou a sargento Drake, senhor Doyle, e este é o policial Dodds. Esses "alguns ossos" que o senhor por acaso mencionou são os restos mortais de Brendan Kane, namorado da sua filha na época de seu desaparecimento. Pensei que pudesse mostrar um pouco de preocupação por ele ter sido encontrado morto depois de todo esse tempo, particularmente devido ao fato que sua morte pode ostentar uma forte conexão com o que aconteceu com Marie tantos anos atrás.

— Hmm, sargento é? — Doyle pronunciou a palavra com uma forte pitada de sarcasmo. — Bem, em primeiro lugar, eu vou não chorar pelo sujeito que levou a minha filha para longe de mim e, em segundo lugar, por que você ter encontrado os ossos dele deve ter alguma coisa a ver com a minha Marie?

— Sr. Doyle — Izzie respondeu — você não pode mesmo achar que foi por pura coincidência que Marie e Brendan desapareceram ao mesmo tempo, não é? Eles tinham feito planos para fugir e começar uma nova vida juntos, como você bem sabe.

— Sim, graças a meus filhos a ajudando a enganar seus pobres pais.

Nick Dodds fez uma pergunta antes de Izzie poder falar novamente, parte de uma estratégia que haviam acordado antes:

— E por que acha que fizeram isso, Sr. Doyle? Eu presumo que você sentiu que eles deveriam ter demonstrado lealdade a você e contado o seu segredo muito antes de o casal desaparecer.

— Deveriam ter mesmo — respondeu Doyle.

— Poderia ter tido alguma coisa a ver com sua antipatia por Brendan Kane? — Dodds continuou pressionando.

— Eu não tinha nenhum agrado ou desagrado em particular pelo sujeito.

— Mas você não gostava de ver um protestante, um "crente", tão romanticamente envolvido com sua filha, gostava?

— Bah — murmurou Doyle. — Tudo o que ele queria era entrar em suas calcinhas e se aproveitar dela, transformá-la em sua vagabunda.

Connie Doyle agora explodiu com seu marido. Frágil ou não, Connie possuía um temperamento digno de suas raízes irlandesas.

— James Doyle, como pode falar isso sobre a sua própria filha? Marie era uma boa garota, você sabe que ela era. E Phil Oxley nos disse há muito tempo que eles realmente se amavam e se importavam um com o outro.

— Oxley? Outro vagabundo como seu amigo Kane, se você quer saber. Ouvi dizer que ele ajudou a planejar tudo.

— Ele ajudou seus amigos, Sr. Doyle. Não é isso que amigos fazem?

Izzie Drake agora retornou para a conversa enquanto Doyle vociferava e hesitava:

— Você não parecia ter qualquer objeção ao seus filhos e filha estarem envolvidos em um grupo pop, não é?

— Olhe, sargento, tocar música juntos é uma coisa, casar com alguém de fora da sua fé é diferente na minha cabeça, ok?

— Fé, Sr. Doyle? Eu pensei que protestantes e católicos eram todos da fé cristã, ou estou errada?

Doyle caiu novamente em silêncio, não querendo ser exaurido pela linha de questionamento de Drake. Em vez disso, Izzie virou-se para Connie Doyle:

— Isso é uma foto de Marie no seu aparador, senhora Doyle? Posso vê-la?

Connie atravessou a cozinha orgulhosamente até o aparador, pegou a foto emoldurada e passou-a para Izzie.

— Ela era uma garota muito bonita, não era, sargento? — disse Connie, orgulhosa.

— Ela certamente era — respondeu Izzie.

— Você acha que ela está morta? — Connie perguntou de repente, com lágrimas começando a se formar nos seus olhos.

— Eu estou sendo sincera quando digo que não sei, senhora Doyle. Até alguns dias atrás nós não sabíamos nada sobre Marie ou seu envolvimento com o caso. Estávamos concentrados em identificar os restos que se revelaram ser de Brendan Kane e, graças a seus filhos, fomos capazes de confirmar essa identificação e, como agora sabemos sobre Marie, vamos tratar tudo como um único caso. Confie em mim, faremos tudo o que pudermos para descobrir o que aconteceu com sua filha.

Connie puxou a manga do seu casaco e passou em seus olhos, enquanto colocava uma das mãos no braço de Izzie e fungou: — Obrigada.

Os olhos de Izzie avistaram um outro objeto no aparador, anteriormente ocultado pela fotografia. Connie viu ela olhando e pegou o pequeno rádio de plástico amarelo a transistor dos anos sessenta.

— Era de Marie — disse ela. — Ela costumava levá-lo a quase toda parte. Ela amava música, sargento. Foi por isso que ela se envolveu com Brendan e o grupo em primeiro lugar. Ela tinha carteira de motorista e costumava ajudar levando eles de e para suas performances às vezes. Sr. Oxley, pai de Phil, emprestava-lhes a sua van até sua empresa falir.

Connie girou um seletor no lado do rádio e Izzie ficou surpresa ao ouvir os sons da Rádio One vindo do minúsculo alto-falante.

— Eu sempre me certifico de que tenha baterias novas, você sabe, apenas no caso de Marie algum dia...

Connie deixou suas palavras no ar, e Izzie assentiu com a cabeça e pegou a mão da idosa na sua. As palavras lhe faltaram por alguns segundos, mas eventualmente ela olhou através do quarto para Nick Dodds, que assentiu com a cabeça para ela, e ela então encerrou a conversa:

— Obrigado pelo seu tempo. Queremos que saibam que estamos investigando seriamente o caso de Marie e apreciaríamos se entrarem em contato conosco se lembrarem de qualquer coisa que possa nos ajudar com nossas investigações.

Passando um cartão com seu número de telefone na estação para Connie, ela se virou para Jimmy Doyle:

— Obrigado por seu tempo, senhor Doyle. Estaremos em contato.

— Sim, no dia de são nunca, eu aposto — respondeu Doyle.

— Comporte-se, Jimmy, por favor — defendeu Connie, mas Doyle simplesmente ficou parado em silêncio, ao lado da porta dos fundos.

Connie levou os dois detetives à porta da frente e, antes de eles se despedirem, disse:

— Por favor, não pense muito mal de meu marido, sargento. Ele está ficando velho e é muito teimoso. Ele parece durão, mas nunca superou o fato de Marie ter ido embora. Ele não é tão ruim quanto parece.

— Sim, obrigado, senhora Doyle. Como eu disse, nós estaremos em contato.

Quando a porta se fechou atrás deles, os dois caminharam rapidamente para seu carro e foram logo na direção do último endereço conhecido de Phil Oxley, Nick Dodds ao volante.

— Alguma consideração, Nick? — perguntou a policial enquanto as ruas da cidade passavam aceleradas pelas janelas do carro.

— Velhinha bacana, velho amargo e bizarro — respondeu Nick Dodds sem hesitação.

— Exatamente o que pensei — concordou Izzie.

— Por que diabos alguém fica com um cara como ele por todos esses anos?

— Isso é fácil de responder, Nick — disse ela. — Em primeiro lugar, eles são de uma geração onde os maridos e esposas ficavam sempre juntos, aquela coisa do "no melhor e no pior" dos votos de casamento, eu suponho, mas, mais importante para eles de qualquer forma, é o fato de que eles são obviamente católicos romanos fanáticos e para eles o divórcio é um tabu enorme, totalmente inaceitável.

— Mas ela não poderia simplesmente tê-lo deixado, ido para algum outro lugar para viver sozinha, sem o divórcio?

— E ir para onde, Nick? Ela provavelmente não conseguiria financeira ou emocionalmente sem sua família ao seu redor. Um caso de "melhor o diabo, sabe?", eu acho. Mas, você acha que algum deles sabe mais do que nos dizem sobre o desaparecimento de Marie?

— Duvido que a mãe saiba de alguma coisa e, embora ele pareça um velho bastardo para mim, não consigo ver o pai dela fazendo nada para machucar seus próprios filhos, especialmente se, como você diz, todo o conceito de família significa muito para eles.

— Estou de acordo. Vamos ver o que o chefe acha quando nos encontrarmos mais tarde.

— Sim — disse Dodds. — Será que esse tal de Oxley pode nos dizer algo novo quando encontrarmos ele?

— Nós vamos descobrir em breve — respondeu Drake quando Nick virou na rua de Phil Oxley pela segunda vez naquele dia.

Capítulo 25

SURPRESA, SURPRESA!

Quando Dodds estacionou a algumas portas de distância do endereço de Phil Oxley, eles viram um casal descarregando sacos de compras da traseira de um hatchback Vauxhall Astra, estacionado em frente ao endereço dos Oxleys. Em contraste com a casa de James e Connie Doyle, esta rua, embora composta por casas geminadas similarmente envelhecidas, tinha uma sensação de luxo muito maior. Todas as casas estavam em excelente estado, com muita modernização tendo sido aplicada a virtualmente cada propriedade na rua. Obviamente não havia senhorios ausentes por aqui, mas sim diversos trabalhadores de classe média, pensou Izzie consigo mesma.

Izzie saiu, deixou Dodds trancando o carro e se aproximou do casal de meia-idade que estava ocupado com sua descarga e não havia notado o carro estacionar não muito longe do seu próprio.

— Com licença? Por um acaso você é o senhor Phillip Oxley? — perguntou ela ao homem, que tinha se virado instintivamente em direção a ela quando ela tinha se aproximado do casal.

— E quem quer saber? — respondeu ele.

Izzie mostrou sua identificação e apresentou a si e a Nick Dodds, que agora havia se juntado a ela.

— Oh, entendo. Olá, sargento, policial. Como posso ajudá-los?

— Nós poderíamos entrar, por favor, Sr. Oxley? Temos algumas perguntas que nós gostaríamos de fazer sobre algo que aconteceu há muito tempo, e achamos que você possa ser capaz de preencher algumas lacunas para nós.

Um olhar de entendimento apareceu na face de Oxley e ele assentiu lentamente.

— Bem, sim, claro, entrem. Não sei como posso ajudá-los, mas vocês podem me dizer lá dentro.

— Deixe-me ajudá-la com estas sacolas — disse Dodds, ao se movimentar para carregar algumas sacolas obviamente pesadas da mulher que acompanhava Phil Oxley. — Sra. Oxley?

— Sim, eu sou a esposa de Phil e agradeço a ajuda — respondeu a mulher, permitindo que Nick Dodds ajudasse com as sacolas de compras.

Minutos mais tarde, Phil Oxley estava sentado na sua poltrona favorita na sala de estar lindamente decorada e limpa. Os dois detetives se sentaram lado a lado no sofá, e os três conseguiram conversar por um minuto ou dois até que a Sra. Oxley entrou

na sala com uma bandeja carregada de xícaras de café e uma seleção de biscoitos. Embora tivesse por volta de 50 anos de idade, a Sra. Oxley tinha a aparência e se vestia como alguém pelo menos dez anos mais jovem. Ela era muito bonita, com um cabelo longo, escuro e ondulado que emoldurava seu rosto perfeitamente, com uma silhueta de causar inveja a moças de vinte anos e, agora que ela tinha se despido de seu casaco, estava vestida com uma blusa plissada creme e uma saia plissada azul marinho que terminava logo acima do joelho. Após se assegurar de que todos estavam servidos de bebidas e haviam experimentado os biscoitos, a pequena e bem vestida esposa de Phil Oxley se sentou na poltrona restante da sala, e seu marido disse: — Sargento, você tem toda a nossa atenção. Por favor me diga como podemos ajudá-los.

Izzie Drake queria completar as apresentações primeiro:

— Sim, claro, Sr. Oxley...

— Por favor me chame Phil — interrompeu Oxley.

— Certo, obrigada. Posso por favor perguntar seu nome completo, Sra. Oxley, para o registro?

— Sim, sargento. É Clemency Anna Oxley.

Izzie Drake ficou atordoada quando a esposa de Phil Oxley deu o seu nome, e até mesmo o lápis de Nick Dodds parecia ter flutuado sobre seu caderno em choque. Drake foi a primeira a reagir:

— Clemency, como em Clemmy De Souza?

— Sim, claro — respondeu Clemmy, igualmente surpresa que a sargento da polícia sabia tanto seu apelido como seu nome de solteira. — Mas, como você sabe?

— Talvez seja melhor explicar exatamente por que estamos aqui — disse Drake ao casal.

— Pode ser uma boa ideia, sargento Drake — disse Phil Oxley.

Izzie Drake passou os próximos dez minutos atualizando o casal sobre tudo, desde a descoberta original dos restos no antigo cais, passando pelo processo de tentar identificar os ossos e a visita dos irmãos Doyle na delegacia, onde eles forneceram informações que não só ajudaram a identificar Brendan Kane como vítima de um assassinato, mas também trouxeram o nome de Marie Doyle na investigação pela primeira vez. Obviamente, ela explicou, Phil e Clemmy haviam sido mencionados no decorrer da declaração de Mickey e de Ronnie à polícia sobre acontecimentos que envolveram o eventual desaparecimento do casal. Quando ela terminou de contar a história aos Oxleys, ela aguardou por uma resposta. Clemmy parecia à beira das lágrimas, mas Phil Oxley não hesitou:

— Meu Deus! Lemos a história no Echo sobre os ossos que foram encontrados durante um projeto de modernização. Não tínhamos ideia de que poderia ter sido o pobre Brendan. Todos esses anos eu acreditava que ele e Marie tinham ido para

algum lugar juntos e estavam vivendo uma vida feliz longe daqui, e agora aqui está você, me dizendo que o pobre Brendan nunca deixou Liverpool e que alguém na verdade o matou. Quem diabos poderia tê-lo odiado tanto que teria atirado nele, dado uma surra e o jogado no rio?

Com essas últimas palavras, Clemmy não conseguiu segurar o choro por mais tempo, seus ombros se curvaram e seu rosto se tornou uma máscara de lágrimas. Phil rapidamente consolou sua esposa, sentando no braço da cadeira dela e colocando um braço reconfortante ao redor do seu ombro.

— Peço desculpas por ter anunciado dessa forma — disse Drake —, mas nunca há uma maneira fácil de comunicar essas coisas.

— Tudo bem, sargento — respondeu Phil. — Eu acho que, no fundo, sabíamos que talvez nós nunca mais o veríamos novamente. Sempre foi estranho que ele nunca entrou em contato após ter ido embora, especialmente depois de tudo o que fiz para ajudá-los a fugir em primeiro lugar, mas não acredito que ele tenha sido assassinado. Quem poderia ter feito uma coisa dessas? Ele era apenas um jovem. Todos nós éramos, pouco mais do que crianças, na verdade.

Nick Dodds mudou de tática para permitir que eles recuperassem a compostura:

— E vocês dois se apaixonaram e se casaram? O melhor amigo de Brendan e a melhor amiga de Marie. Isso é bom para você, não é, sargento?

— Sim, muito romântico — concordou Izzie. — Como isso aconteceu, se não se importam de nos dizer?

Clemmy tinha conseguido controlar as lágrimas e, embora parecesse pálida e chocada, ela respondeu à pergunta antes que seu marido pudesse fazê-lo:

— Foi romântico, realmente. Quando todos inicialmente perceberam que Brendan e Marie tinham sumido, acho que Mickey ou Ronnie foi à polícia com o Sr. Doyle para reportar Marie como desaparecida. Os dois rapazes tinham ido à minha casa, para ver se eu tinha ouvido de Marie, o que eu não tinha, e então, alguns dias mais tarde, o Sr. Doyle chegou para falar comigo e começou a ficar um pouco irritado, dizendo que eu era sua melhor amiga e que se alguém soubesse onde ela estava, deveria ser eu. Meu pai ficou bravo com ele por me intimidar, sargento, e o meu pai era um homem grande, e ele pegou pesado com o Sr. Doyle e praticamente jogou-o para fora da nossa casa. Eu não gostava dele nem um pouco, e não sei como Marie aguentou viver com ele por tanto tempo, mas ele era o pai dela, afinal de contas, então acho que ela o amava à sua maneira e não conhecia nenhuma outra forma de vida, até que ela encontrou Brendan, claro. De qualquer forma, após a visita do Sr. Doyle à nossa casa, eu fiquei realmente preocupada com Marie e sabia, com base no que ela me dissera, que Phil estava fazendo seu melhor para ajudar Brendan a encontrar uma maneira de chegar à América, então fui vê-lo alguns dias

depois e começamos a falar sobre tudo. Começamos a nos encontrar em cafés e para beber de vez em quando no bar, e fomos ficando cada vez mais próximos.

— De qualquer forma, quanto mais tempo Marie e Brendan ficaram sumidos, mais nós sentimos que eles tinham finalmente se cansado de esperar e Brendan de alguma forma tinha encontrado um lugar para eles irem enquanto ele resolvia as coisas. Eu sei que Marie iria segui-lo até os confins da terra, sargento. Ela o amava demais. Eu e Phil namoramos por alguns meses e então, como os jovens fazem, meio que nos separamos, e cada um seguiu o seu caminho. Nós não nos vimos novamente até uns dez anos mais tarde, quando Phil entrou na loja de discos em que eu estava trabalhando. Começamos a conversar, e Phil pediu-me para encontrá-lo para uma bebida depois do trabalho. Para resumir uma longa história, começamos a nos ver regularmente novamente e, desta vez, uma coisa levou à outra, nos apaixonamos um pelo outro e nos casamos um ano após nos encontrarmos pela segunda vez. Dois anos mais tarde tivemos uma filha, Carrie Anne. — Ela apontou para uma fotografia de escola emoldurada de uma jovem, provavelmente da idade de Marie na foto que sua mãe mantinha no aparador de sua casa. Ela vai para a mesma escola onde Phil ensina música, Nossa Senhora das Dores. É uma escola católica privada para meninas em Walton.

— Conheço a escola — disse Izzie Drake. — Lembro-me de jogar hóquei contra elas quando estava na escola. Então ainda está envolvido com música, Phil?

— Sim, eu me tornei um professor quando Carrie Anne ainda era criança. Clemmy era uma grande fã dos Hollies na década de sessenta, caso você esteja se perguntando — explicou Phil. — O nome de nossa filha é uma homenagem a um dos seus discos de sucesso. Os detetives assentiram com a cabeça e sorriram, e Clemmy continuou de onde estava antes da interrupção de Phil.

— No início nós falávamos sobre aqueles dias com Brendan e Marie, e gostaríamos de saber o que poderia ter acontecido com eles, mas ao longo dos anos eles acabaram ficando em segundo plano em nossas vidas, e agora, bem, estou tão arrependida e triste ao saber do pobre Brendan. Suponho que não saibam o que aconteceu com Marie, não é?

— No momento não, Clemmy — respondeu Drake honestamente. — Nós esperávamos que Phil fosse capaz de nos ajudar, e tínhamos planejado procurá-la depois para falar com você também. Encontrar vocês aqui juntos foi realmente um golpe de sorte para nós.

Falar com Drake tinha produzido o efeito de acalmar Clemmy, e Phil agora tirou o braço do ombro dela, se levantou e se sentou em sua poltrona anterior. Coçando a cabeça em pensamento por alguns segundos, ele parecia estar avaliando se sabia algo que pudesse ser útil, e então disse: — Eu não sei como posso ajudar depois de todos estes anos. Há algo específico que eu possa lhes dizer?

— De acordo com Mickey e Ronnie Doyle, você fez muita pesquisa para ajudar Brendan a encontrar maneiras de imigrar para a América, certo? — perguntou Drake.

— Sim, é verdade. Brendan era inútil para essas coisas. Acho que ele tinha um tipo de bloqueio mental para lidar com formulários e documentos oficiais. Até me lembro dele ficando afobado quando aplicou pela primeira vez para uma carteira de motorista provisória. De qualquer forma, eventualmente disse-lhe que levaria pelo menos alguns anos para ele atender aos requisitos de imigração para os EUA, e ele não podia trabalhar lá sem um green card. Você tem que entender, sargento, que Brendan era realmente muito talentoso, e foi uma pena não termos dado certo por aqui, mas ele poderia ter feito sucesso nos Estados Unidos, e é por isso que fiquei feliz em ajudá-lo tanto quanto pudesse.

— Ouvimos algo sobre isso de Ronnie e Mickey — disse Drake. — E como acabaram suas tentativas de ajudar?

— Bem, após muita pesquisa e alguns telefonemas, consegui convencer Brendan da opção mais prática disponível para ele se ele estava falando sério sobre começar uma carreira musical na América.

— Que era?

— Em primeiro lugar, nós entramos em contato com vários produtores musicais e gravadoras nos Estados Unidos, dando-lhes informações sobre Brendan e sua carreira até agora, e também enviamos cópias do disco demo que fizemos como um grupo. Seguindo o conselho de uma pessoa na embaixada em Londres, entrei em contato com o serviço de imigração dos EUA, que me disse que, se Brendan recebesse uma oferta de trabalho ou um contrato com uma gravadora americana enquanto estivesse de férias por lá, eles tratariam um pedido de residência de forma favorável. Alguns produtores e gravadoras nos responderam para dizer que ficariam interessados em fazer uma audição com Brendan se ele entrasse em contato ao chegar nos EUA. Era a melhor e, provavelmente, a única chance que ele teria, e ele parecia aceitar isso. Uma noite, sentei-me com ele e Marie no seu apartamento e juntos preenchemos os pedidos de vistos de turista para os dois. Ele tinha guardado dinheiro suficiente para permitir que eles passassem pelo menos quatro semanas por lá, e nós solicitamos os vistos com validade a partir do final de outubro, eu acho. Isso foi há muito tempo, não tenho certeza das datas e outras coisas, sabe?

— Tudo bem, Phil. Obrigado por essa informação. Não sabíamos de quaisquer pedidos sendo feitos. Diga-me, eles receberam seus vistos?

— Sim, receberam. Lembro de Marie ficando animada quando ela e Brendan me mostraram os vistos em outra visita a seu apartamento.

— E ela me contou sobre isso também — acrescentou Clemmy. — Eles também tinham passaportes, sargento.

— É isso mesmo — disse Phil. — Todos os caras do grupo tinham passaportes desde quando começamos, caso tivéssemos alguma apresentação no continente, sabe? Como os Beatles, que costumavam tocar em Hamburgo no começo?

Clemmy acrescentou: — Sim, e a gente costumava brincar que Marie nunca tinha estado fora de Liverpool, mas tinha, uma vez. Alguns anos antes, seus pais levaram ela e os meninos de férias a Benidorm, então todos tinham os seus próprios passaportes.

Nick Dodds acrescentou rapidamente suas observações ao seu caderno, e perguntou: — Você contou à polícia sobre isso quando falaram com você depois que Marie tinha sido dada como desaparecida?

— Sim — respondeu Phil. — Um sargento apareceu em uma grande viatura Ford Zephyr, como as da série *Z Cars* da TV. Ele parecia achar que minha informação confirmava sua ideia de que haviam deixado a cidade para começar uma nova vida juntos.

Drake assumiu novamente, virando-se para Clemmy:

— Clemmy, um dos irmãos nos disse que pensou que Marie estava um pouco preocupada, ou nervosa, uma ou duas semanas antes de desaparecer. Ele assumiu que era porque ela e Brendan estavam planejando sua fuga repentina de Liverpool. Você consegue pensar em qualquer outro motivo pelo qual ela possa ter se sentido preocupada?

Clemmy Oxley ponderou sobre a pergunta por alguns segundos antes de responder:

— Agora que você comentou, acho que ela estava um pouco nervosa nessa época. Acho que tinha principalmente a ver com o tio dela.

— Que tio seria esse? — perguntou Drake.

— Bem, ele não era realmente o tio dela, ele era primo do pai dela, da Irlanda, então estritamente falando eu suponho que isso fazia dele seu primo em segundo grau, mas como ele era muito mais velho que Marie e os rapazes, todos eles o chamavam de tio Patrick. Seu nome era Price ou Bryce, acho. Marie não gostava dele. Ela disse que ele era meio valentão e realmente cheio de si, sempre contava o que ela chamava de seus "contos bobos" sobre o que ele chamava de "velho país". Marie estava feliz que ele não estava hospedado na casa deles. Ele tinha um quarto em uma pensão em algum lugar, mas estava sempre na casa deles, ela disse, conversando com seu pai sobre todos os tipos de coisas que ela não entendia.

Drake ficou mais do que interessada nesta informação, pois colocava um novo e anteriormente desconhecido nome no caso, e poderia talvez abrir outra linha de investigação. Ela não podia deixar de se perguntar por que um primo irlandês de James Doyle tinha de repente entrado em cena bem antes do duplo desaparecimento.

Coincidência? Talvez. Relevância? Muito possivelmente. Ela tinha certeza de que isto era algo que Ross acharia interessante.

Mais dez minutos se passaram, com os Oxley meramente reforçando o que a polícia já sabia, até que, quando Izzie estava prestes a pôr um fim a entrevista, ela teve um pensamento, como uma lâmpada piscando na sua mente.

— Só mais uma pergunta, Phil — começou ela.

— Sim, sargento?

— Fomos informados de que Brendan tinha um carro, certo?

— Sim, um velho Hillman ou Humber, algo assim. Não estou muito certo depois de tanto tempo.

— Tudo bem. Minha pergunta é, você tem alguma ideia do que aconteceu com ele? Quer dizer, quando ele desapareceu, o carro ficou estacionado perto de seu apartamento, ou no seu trabalho, ou qualquer outro lugar? Ele deve ter usado o carro para chegar às docas, se foi encontrar com alguém por lá, ou então ele pegou um ônibus para a cidade. Mas, se você tivesse um carro, você se incomodaria em usar um ônibus, se pudesse chegar até onde estava indo no conforto do seu próprio veículo?

— Bem observado, sargento, e lamento não poder dar uma resposta — disse Oxley. — Tenho certeza de que a polícia deve ter falado com os pais de Brendan e deve ter perguntado sobre o carro, mas depois de eles terem me entrevistado na época, eles não voltaram ou me disseram algo sobre quaisquer outras linhas de inquérito que estivessem seguindo. Confidencialidade, eu suponho.

— Sim, claro, obrigada Phil. Só achei que deveria perguntar. Ah sim, outro pensamento acabou de surgir. Clemmy, você trabalhava com Marie, não é?

— Sim, na equipe de digitação da BICC.

— Você sabe se Marie deu aos patrões qualquer aviso de que ela estava prestes a ir embora?

— Não, eu não sei ao certo, mas se ela tivesse, tenho certeza de que ela teria me contado. Sabe, sargento, um monte de colegas do pai dela também trabalhava no BI, e ela não iria querer arriscar que um deles descobrisse o que ela estava planejando e então contar para o pai dela, não é?

— Isso é verdade, obrigada Clemmy. Tem alguma coisa que você gostaria de perguntar, policial? — disse Izzie, achando que Nick Dodds poderia também ter pensado em algo que ela poderia ter deixado passar. Dodds pensou por alguns segundos, e então sua sobrancelha se levantou e ele disse:

— Bem, sim. Temos registro que Brendan Kane aparentemente deixou ao seu senhorio uma nota datilografada, informando a ele que havia deixado o apartamento e que não voltaria, e dizendo que o proprietário poderia vender qualquer coisa que

ele tivesse deixado para trás. Conhecendo-o como você conhecia, você diria que isso era típico dele, e sabia se Brendan tinha uma máquina de escrever?

— Quer saber? Eu ouvi sobre a carta e sempre achei um pouco estranho na época — respondeu Phil. — Em primeiro lugar, em todo o tempo que passei no seu apartamento, eu nunca vi uma máquina de escrever, e eu duvido muito que ele soubesse usar uma de qualquer forma. Eu achei que se fosse uma nota datilografada, então Marie deve ter digitado para ele. Afinal, era o trabalho dela.

— Sim, isso faz sentido — disse Dodds. — Algum de vocês sabe o nome do proprietário do apartamento de Brendan na época?

— Não, desculpe — disse Phil, e Clemmy balançou a cabeça. — Mas posso dar o endereço do apartamento. Se ainda não o destruíram para abrir caminho para mais remodelação urbana, o lugar ainda pode estar de pé, e talvez alguém da área possa ser capaz de ajudá-lo.

— Isso pode ser útil. Obrigado — disse Dodds e os dois oficiais esperaram enquanto Phil Oxley escreveu o antigo endereço de Brendan Kane num post-it amarelo, que ele deu para Dodds.

Tendo sua licença do casal, Drake e Dodds logo estavam de volta ao outro lado da cidade, na sede da polícia. — Primeiras impressões de nossos pombinhos? — perguntou Drake a Dodds enquanto ele dirigia.

— Bem, sargento, um pouco chocado por encontrar duas das nossas pessoas de interesse juntas assim. Poupa-nos algum tempo com certeza. Mas gostei dos dois. Tenho a sensação de que os dois ficaram incrivelmente chocados ao ouvir sobre o assassinato de Kane e, no caso da Sra. Oxley, acho que isso só serviu para aumentar seus medos de que Marie Doyle também esteja provavelmente morta. Não acho que eles poderiam nos dizer mais do que disseram. Tudo aconteceu há tanto tempo que duvido que alguém tenha uma lembrança realmente exata do que aconteceu na época. Você sabe como as memórias das pessoas se degradam ao longo do tempo.

— E aí reside o cerne do problema com este caso, Nick. O tempo, ou melhor a passagem do tempo, tem criado muitos obstáculos que temos de superar se quisermos resolver isto, mas vou dizer, o inspetor Ross está determinado a resolver este caso e, se eu o conheço bem, juntamente com todos nós, isso é exatamente o que ele vai fazer, independente dos obstáculos que possam surgir.

— Ele é realmente bom assim, sargento? Já ouvi que ele é como um cão faminto atrás de um osso quando se envolve em um inquérito. Você acha que podemos resolver o caso, mesmo após todos estes anos?

— Resposta curta, Nick? Sim, ele é bom demais, e sim, eu realmente acho que com ele no comando da investigação, nós vamos resolver este caso e encontrar justiça para Brendan Kane, pelo menos.

— E Marie Doyle?

— Você me pegou nessa, Nick. Eu não sei como responder a essa, pelo menos não ainda.

Capítulo 26

PEDACINHOS

— Ok pessoal, cheguem aqui. Vamos dar uma boa olhada em onde estamos com este caso. Vamos ver se podemos começar a juntar algumas peças.

O inspetor Andy Ross e sua equipe estavam reunidos na pequena sala de conferências do esquadrão de homicídios. A equipe tinha passado três dias juntando e colando cada pedaço de informação que puderam encontrar sobre Brendan Kane e Marie Doyle. Como Izzie Drake tinha indicado ao seu chefe pouco antes da reunião de equipe, tentar "juntar os pontos", como ela dizia, de um caso tão antigo, sem testemunhas e com os envolvidos no momento não necessariamente capazes de confiar em suas memórias, eles realmente estavam perseguindo sombras, com pouca esperança de serem capazes de reconstruir a coisa toda.

— Estou bem ciente disso, Izzie — respondeu Ross em resposta ao ponto bastante válido dela. — O negócio é que eu sinto como se algo estivesse faltando, algo que pode ser tão simples que ainda não reconhecemos. Quando o fizermos, acho que o caso se abrirá diante de nós e seremos capazes de juntar todos esses pequenos pedaços para formar um quadro completo do que aconteceu há trinta e três anos.

— Sabe, senhor, se há uma coisa que eu detesto é um maldito mistério sem pistas a serem seguidas.

— Ah, mas é só isso — disse Ross. — As pistas estão aí, Izzie. Nós é que ainda não as vimos.

— Oh, muito enigmático, senhor. Anda fazendo as palavras cruzadas do Daily Telegraph novamente?

Os dois riram, o humor melhorando por alguns momentos vitais antes de voltarem ao negócio sério de um assassinato não solucionado e uma jovem desaparecida há mais de trinta anos.

Eles ficaram de ambos os lados de um quadro branco grande, com Nick Dodds, Sam Gable, Paul Ferris e Derek McLennan sentados nas desconfortáveis cadeiras plásticas ao redor da mesa de tampo branco que ocupava o centro da sala. Na parte de trás da sala estava o assessor de imprensa George Thompson, displicentemente inclinado contra a parede pintada de verde-claro, maleta posicionada a seus pés, parecendo um cachorro obediente no aguardo da próxima instrução do seu mestre.

No lado esquerdo do quadro branco, Izzie tinha colado uma grande e ampliada fotografia de Brendan Kane. Paul Ferris tinha trabalhado duro, conseguindo encontrar uma foto antiga e desbotada de Brendan Kane and the Planets em uma cópia agora antiga do *Echo*, tirada quando eles tinham vencido um concurso de talentos em seus primórdios. Ele tinha usado tecnologia computadorizada para isolar a cabeça de Kane, e tinha deixado ela tão grande quanto foi possível sem perder muita definição. Pelo menos a foto deu a Brendan um rosto mais "humano" do que a foto exibida ao lado, do esqueleto que era tudo o que restava do então vocalista e guitarrista pop. Exibida no lado oposto do quadro estava uma foto que retratava uma Marie Doyle com dezoito anos de idade, mostrada em uma pose feliz com sua melhor amiga, Clemmy De Souza, que agora sabia-se ser a esposa de Phil Oxley. Sam Gable tinha emprestado a foto dos pais de Clemmy durante sua frustrada viagem para encontrar e falar com a melhor amiga de Marie. A mãe de Clemmy tinha explicado que ela tinha sido tirada por ocasião do seu décimo oitavo aniversário, quando as duas meninas comemoraram visitando a Berni Inn Steak House local, onde Clemmy tomou sua primeira bebida alcoólica de forma legal. Além de deixar o cabelo crescer uns cinco centímetros, Marie quase não mudou nos dois anos seguintes, Clemmy tinha explicado, então a foto era uma boa representação de como ela se parecia na época de seu desaparecimento.

Abaixo das fotos, Paul Ferris tinha anotado todos os fatos relevantes relativos a cada um deles em uma única coluna, e itens de conjecturas ou questões abertas em outra. Infelizmente, no momento, a coluna de conjecturas estava muito mais cheia do que a de fatos.

Ross olhou para os rostos na sala que esperavam ansiosamente as suas próximas palavras. Ele sabia, com base na sua experiência, que este era o tipo de caso que poderia em breve causar frustração, devido principalmente à idade do caso, à falta de testemunhas diretas, às poucas pistas sobre o motivo para o assassinato e menos pistas ainda relacionadas ao desaparecimento de uma jovem que parecia ter tudo para viver. Ele tinha admitido a si mesmo que, muito provavelmente, Marie Doyle estava morta, possivelmente assassinada e seu corpo eliminado ao mesmo tempo em que Brendan Kane encontrava a morte. No entanto, ele detestava a ideia de comentar isso com sua equipe. Era melhor por enquanto manter uma mente aberta e trabalhar com a tênue possibilidade de que a garota tivesse sobrevivido, mas, nesse caso, então que diabos tinha acontecido com ela? Escolhendo suas palavras com cuidado, ele começou a reunião da manhã:

— Bom dia — começou ele, recebendo por sua vez vários agradecimentos e cumprimentos dos membros da sua equipe. — Como vocês podem ver, nosso organizador trabalhou duro. Muito bem, Ferris. Você fez um bom trabalho, nos deu um bom contexto para ambas as vítimas, se de fato queremos ver Marie Doyle como

vítima. Por agora, prefiro que façamos exatamente isso, até descobrirmos o contrário. A propósito, como está o seu garoto?

— Ele está bem, obrigado, senhor — respondeu Ferris, grato que seu chefe tinha tomado alguns segundos para pensar nele e em seu filho, ainda esperando pacientemente pelo transplante de rim que poderia nunca vir. — Tentei colocar tanta informação relevante no quadro quanto pude encontrar, sem turvar as águas com meras especulações.

— Sim, como eu disse, bom trabalho. Eu gosto do fato de você ter uma representação em foto de Brendan. Quero que todos olhem com cuidado para a foto e lembrem-se de que ele era um jovem saudável e ambicioso que foi brutalmente assassinado, e não apenas uma pilha de ossos como era quando seus restos mortais foram desenterrados.

— Sam — disse ele em seguida, olhando diretamente para Gable —, sinto muito que você tenha desperdiçado uma viagem para tentar encontrar Clemmy De Souza, mas pelo menos a sargento Drake e o policial Dodds tiveram sorte ao encontrá-la casada com Phil Oxley. E você conseguiu a foto dela e Marie com os pais de Clemmy, além de um pouco mais de informação sobre as meninas.

— Obrigada, senhor. Sim, eu devo dizer que fiquei chocada quando a Sra. De Souza me disse que sua filha havia se casado com Phillip Oxley, mas ela foi muito prestativa ao responder às minhas perguntas, mesmo que as informações dela não nos ajudem muito na busca de uma solução para o mistério. Ela disse que Marie era uma garota muito bonita, com uma natureza doce e confiável. Ela acrescentou que Marie poderia ser um pouco ingênua às vezes, facilmente sugestionável, e pude entender como ela ficou tão entusiasmada com os planos de Brendan de ir para a América. Clemmy lhe contara que Marie estava enlouquecida por Brendan, e faria tudo o que ele sugerisse. Clemmy estava desapontada que sua melhor amiga estava planejando deixar Liverpool, ela disse, e ficou ainda mais abatida quando pareceu que Marie tinha ido embora sem ao menos dizer adeus. A memória que a Sra. De Souza tinha era que, durante semanas após o desaparecimento de Marie, Clemmy perambulava pela casa, preocupada por não ter notícias de Marie e com raiva que ela pudesse ter fugido sem dizer uma palavra.

— Ok, Sam, tente seguir contato com a Sra. Oxley. Veja se ela ou Marie tinham outros amigos próximos, alguém com quem qualquer uma delas poderia ter confidenciado algo. Além disso, pergunte se havia algum lugar em especial que significasse algo para ela ou Marie, algum lugar para onde Marie poderia correr se ela estivesse em apuros ou precisasse sair de casa por um tempo.

— Ok, senhor — respondeu Gable.

Ross passou então para as informações reunidas por Drake e Dodds até o momento:

— Vocês parecem ter feito algum progresso em sua conversa com os pais de Marie.

— Fizemos? — disse Drake, surpresa que seu chefe pensasse dessa forma.

— Claro — respondeu Ross. — Tenho pensado em tudo o que contaram a vocês, e parece-me que a mãe era bastante próxima da garota, mas o pai era uma espécie de figura patriarcal à moda antiga e gostava de governar a casa com algo que se aproxima de uma mão de ferro, forçando seus próprios princípios e crenças sobre seus filhos. Os dois meninos, Mickey e Ronnie, parecem ter sido fortes o suficiente para viver suas vidas em torno do código disciplinar do seu pai, mas acredito que Marie pode ter se fechado numa espécie de mundo próprio de fantasia como forma de lidar com isso. Daí o seu amor pela música, o fato de ela carregar seu rádio a transistor a quase todos os lugares e, também, talvez a razão pela qual ela tenha se apaixonado por esse esquema quase impossível de Brendan para imigrar para os Estados Unidos e se tornar uma grande estrela do rock. Isso se encaixa com o que Sam ouviu da Sra. De Souza e, provavelmente, seja a primeira peça de evidência tangível e justificada que recebemos sobre seu estado de espírito na época.

— Há uma coisa sobre o velho James Doyle que está me incomodando, senhor — disse Drake.

— Prossiga, sargento. Somos todos ouvidos.

— Bem, eu acho que o policial Dodds concordará que James Doyle não é uma pessoa particularmente agradável — disse Izzie, e Nick Dodds imediatamente concordou, dizendo: — Com toda a certeza. Ele é definitivamente um bastardo intolerante e censurável.

— Sim, mas infelizmente nós não podemos prender o sujeito por ser intolerante, pelo menos não ainda — riu Ross. — Diga-me o que é que você acha inquietante sobre o sujeito, Izzie.

— Bem, ele obviamente não deu a mínima para o que aconteceu com Brendan Kane, mesmo que ele fosse o namorado da sua filha, e com toda a probabilidade Marie deve ter sofrido o mesmo destino de Kane. Se eu estivesse no seu lugar, eu gostaria de saber o que aconteceu com o jovem Brendan, mas tudo o que parecia incomodá-lo era que a filha dele estava envolvida romanticamente com um protestante. O sujeito é um verdadeiro dinossauro religioso. Ele pertence à idade média.

— Ou à Falls Road em Belfast — brincou Dodds, referindo-se a uma das notórias áreas de violência sectária na Irlanda do Norte.

— Engraçado você dizer isso — continuou Drake. — Clemmy De Souza, desculpe, Oxley, nos disse que um dos primos irlandeses de Doyle, a quem Marie se referia como "Tio Patrick", havia chegado a Liverpool uma ou duas semanas antes do desaparecimento de Marie. Clemmy nos disse que Marie não gostava dele e

estava feliz que o sujeito não estivesse na casa deles. Patrick estava num hotel ou pensão até onde ela sabia. Essa ideia acabou de me ocorrer, será que esse "tio Patrick" poderia ter tido algo a ver tanto com o assassinato como com o desaparecimento de Marie?

Ross percebeu de repente que Drake e Dodds poderiam ter descoberto uma pista importante.

— Clemmy tinha um sobrenome para este tal "tio Patrick"? — perguntou ele.

— Sim, senhor — falou Dodds, enquanto consultava suas anotações. — A Sra. Oxley acha que pode ter sido Price, ou Bryce, algo assim.

— Ferris — disse Ross, e Paul Ferris olhou ansiosamente —, quando tivermos terminado aqui, gostaria que fizesse uma consulta completa de antecedentes criminais de qualquer um com os nomes de Patrick Price ou Bryce, ou qualquer nome parecido que você puder pensar, provavelmente da área de Belfast. Vamos ver o que aparece quando formos procurar pelo tio Patrick.

— Certo, senhor. Eu vou começar assim que terminarmos aqui.

— Bom homem — disse Ross, e então virou a sua atenção para o jovem policial McLennan:

— Tenho um trabalhinho complicado para você, McLennan. Quero que faça o seu melhor para voltar no tempo e descobrir se algum carro, possivelmente Hillman ou Vauxhalls, foi dado como abandonado, ou então recolhido e apreendido pela antiga polícia da cidade, entre agosto e setembro de sessenta e seis. Isso significa percorrer pilhas de registros, e você pode não achar nada, mas Brendan Kane era dono de um veículo que, até onde se sabe, simplesmente desapareceu junto com seu dono na noite de seu assassinato. Esse carro deve ter ido parar em algum lugar. Veja se você consegue encontrá-lo.

— Ok, senhor — respondeu McLennan. — Ahn, senhor?

— Sim?

— O que é um Hillman, senhor?

Ross riu e disse: — Um pouco antes de seu tempo. Excelentes carros, meu pai teve um, um Hillman Hunter, eu acho. Tente o Hillman Minx. Era um modelo popular naquela época. Pesquise, Derek.

— Certo, senhor.

— Se precisar de ajuda com tudo isso, peça ao policial Ferris. Ele provavelmente saberá exatamente onde você deve procurar as informações de que precisamos, não é verdade, Ferris?

Paul Ferris assentiu com a cabeça e disse: — Estou aqui se precisar de mim, Derek.

McLennan agradeceu, e Ross continuou:

— Dodds, quero que você dê uma olhada em Mickey e Ronnie Doyle. Ainda não estão fora de perigo, pelo menos para mim.

— Mas, senhor, eles dificilmente teriam entrado aqui dizendo que acharam que os restos mortais eram de Marie se eles tivessem matado Kane e o deixado lá, não é?

— Pense nisso por um minuto — disse Ross. — É possível que um deles seja culpado e o outro inocente. Digamos que o irmão inocente vê o artigo de jornal e quer nos ver porque acha que pode ser Marie. Mas, se você fosse o outro irmão, o culpado, o que você faria?

Dodds quase não hesitou em responder:

— Iria junto com o inocente, senhor. Fingiria que sou tão inocente quanto ele. Dessa forma, você não só pareceria inocente, mas também descobriria o quanto a polícia sabe, se tiver sorte.

— Bom. Vejo que você está pensando, isso é ótimo. Faça uma checagem, e certifique-se de que nenhum dos dois esteja escondendo seus próprios esqueletos no armário, ok?

— Entendido, senhor.

— Izzie, você está comigo — disse ele para Drake. — Vamos ver o seu amigo, James Doyle. Tenho a sensação de que chegou a hora de eu conhecer esse velho rabugento e intolerante. Há algo de "errado" com ele, baseado no que todo mundo está me dizendo. E não se esqueça dos tiros nos joelhos. Talvez, apenas talvez, Doyle e sua conexão irlandesa tenham algo a ver com tudo isso.

— Você tem algo a dizer, George? — perguntou ele, e todos os olhos da sala se viraram na direção de George Thompson.

— No momento não, obrigado Andy. Só queria me manter atualizado. Espero que os comunicados de imprensa possam eventualmente trazer algo de útil.

— Eu também, George, eu também — disse Ross, finalizando a reunião. Após os outros terem deixado a sala, ele disse para Drake: — Bem, Izzie, temos uma verdadeira mistura de fragmentos, e nós temos que juntá-los. Quando o fizermos, nós vamos encontrar um assassino, de verdade.

— Espero que esteja certo, senhor — respondeu ela. — Seria uma pena os restos de Brendan Kane terem ressurgido após todo esse tempo, sem conseguir encontrar justiça.

— É aí que nós entramos, Izzie. Nós vamos ser o instrumento dessa justiça, eu prometo a você. Eu pretendo fazer o possível para descobrir se os vistos emitidos para Brendan e Marie foram usados. Eu sei que é um tiro no escuro, mas os americanos podem ter registros de tanto tempo atrás.

— Mas, por que, senhor? Sabemos que Kane nunca foi para os EUA, então qual é a finalidade? — perguntou Drake.

— Porque é possível que alguém tenha matado o casal e forjado suas próprias identidades, tornando-se Brendan e Marie, e usado aqueles vistos para efetuar uma fuga muito inteligente.

Drake ficou impressionada com a linha de pensamento de seu chefe:

— Eu nunca teria pensado dessa forma, senhor. Um pensamento bastante inspirado.

— Obrigado, mas é só um tiro no escuro, embora pareça que estamos restritos a isso no momento.

— E quanto a mim, senhor? Gostaria que eu acompanhasse algo específico?

— Sim, Izzie. Gretna Green foi mencionada mais de uma vez. Eu gostaria que você verificasse e descobrisse se um casamento foi registrado em qualquer momento de 1966, entre o nosso casal. Não tive tempo de verificar qual o período de residência necessário naquela época. É possível que eles pretendiam ir à Escócia e se casar antes de fugir, e talvez eles tenham ou não feito isso.

— Sim, senhor. Eu vou começar em seguida, se não houver mais nada.

— Vá em frente, sargento — disse Ross. — Vou ligar para nossos primos americanos e dar o meu tiro no escuro, ou talvez eu devesse chamá-lo de meu tiro *muito* no escuro.

Capítulo 27

MÃOS QUE AJUDAM

— Inspetor Ross? Bom dia para você. Meu nome é Ethan Tiffen. A telefonista me disse que você está procurando alguma informação sobre os pedidos de visto?

A voz ao telefone imediatamente lembrou Ross de Nova York, tendo ele passado um feriado lá alguns anos antes com Maria. Era raro que os dois fossem capazes de garantir uma semana longe do trabalho ao mesmo tempo, então seu breve tempo na Big Apple ficou marcado na sua memória, assim como o inconfundível sotaque de um nova-iorquino nativo.

— Sim, bem, algo assim, Sr. Tiffen — disse Ross em resposta à alegre voz de Tiffen.

— Por favor, me chame de Ethan, inspetor, e diga-me exatamente como o serviço de imigração dos Estados Unidos pode ajudar a polícia de Liverpool, foi isso que Deirdre disse?

— Meu nome é Andy e sim, estou em Liverpool, com a polícia de Merseyside — disse Ross. — Não estou certo se ou como você pode ajudar...

— Tente, Andy — interrompeu Tiffen.

— Ok, aqui vai. Preciso saber se um par de vistos de turistas emitidos para dois cidadãos britânicos já foram usados para entrar nos EUA.

— Parece factível — respondeu Tiffen. — Quando exatamente estes vistos foram emitidos, Andy?

Andy Ross fez uma pausa, respirou fundo e então permitiu que as palavras fluíssem:

— Esse é o detalhe, Ethan — disse ele. — Estes vistos foram originalmente emitidos em algum momento em 1966.

— Opa, pera lá — respondeu um Tiffen soando bastante chocado. — Você está falando de um outro mundo, outra hora, outro lugar, Vietnã, marchas de direitos civis, canções de protesto de Peter, Paul and Mary e hippies de cabelos longos. Acho que este pedido de vocês é importante, mas então, eu duvido que você pediria tal coisa se não fosse, estou certo?

— Sim, é muito importante — disse Ross. — Estou investigando um assassinato que aconteceu em sessenta e seis, juntamente com o desaparecimento de uma jovem mulher ao mesmo tempo. O esqueleto da vítima, um jovem, um músico de uma banda local, um grupo pop, foi apenas recentemente descoberto por uma empreiteira

durante a realização de um projeto de remodelação urbana, e a garota desaparecida, sua namorada, ainda não foi vista e não se ouviu falar dela desde o momento do seu próprio desaparecimento.

— Caramba, é muito tempo para estar desaparecido. Quantos anos tinha a garota quando ela desapareceu?

— Quase vinte e um, e o namorado tinha quase vinte e dois.

— Andy, eu tenho uma filha quase da mesma idade. Não consigo imaginar perdê-la assim, sem saber onde ela está, ou o que lhe aconteceu.

— Olha, eu sei que é um tiro muito, muito no escuro, e seus registros podem não ir tão longe no passado, então eu vou entender se você não puder fazer nada para ajudar, mas qualquer coisa que puder ser feita será muito bem-vinda.

— Espere aí, Andy, meu novo amigo. Eu nunca disse que não podia ajudar, disse? Apenas deixe-me pensar um minuto, ok?

A linha ficou silenciosa durante o que pareciam interminavelmente longos segundos, e Andy Ross se perguntou se a ligação tinha caído, quando o som do telefone sendo levantado do outro lado da linha sacudiu seu tímpano.

— Desculpe ter demorando tanto — se desculpou Tiffen. — Só precisava dar uma palavrinha com uma das minhas pessoas aqui. Parece que mantemos registros há muito, muito tempo, bem antes do advento dos computadores, na verdade. O negócio é que pode levar algum tempo para rastrear a emissão original dos vistos, e então vamos precisar de outra pesquisa para descobrir se esses vistos foram usados, cancelados ou se simplesmente desapareceram.

— Isso acontece muitas vezes, vistos não sendo usados e desaparecendo?

— Pra caramba, mais do que você imagina. As pessoas aplicavam para um visto, e então mudavam de ideia ou seus planos de férias de última hora, e simplesmente jogavam ele fora. Ainda acontece hoje, Andy.

— Mas você seria capaz de me ajudar, é isso que você está dizendo?

— É isso que estou dizendo, Andy, claro. O que eu preciso de você é todos os detalhes que você possa me dar. Preciso dos nomes do seu casal, incluindo nomes do meio se for o caso, algum endereço no momento da aplicação, datas de nascimento e, se tiver, fotografias de cada um deles. Uma boa descrição escrita também seria útil. Eu sei que isso é pedir bastante, mas se você ou os familiares deles tiverem os passaportes, então os números deles seriam uma grande ajuda também. Talvez seja uma boa ideia se você puder mandar por fax para mim para eu fazer as coisas andarem por aqui, e então talvez me envie cópias da documentação assim que puder.

— Não sei o que dizer, Ethan. Não esperava uma resposta tão útil para um caso antigo como este. Eu sou grato a você, realmente sou.

— Ei, é melhor guardar seus agradecimentos até vermos se eu vou conseguir aparecer com alguma coisa útil. Eu não posso dar garantias, como já disse. Ah, sim e

por favor, certifique-se de me enviar um pedido oficial para que eu possa conciliar isso com o nosso pessoal aqui na embaixada.

— Considere isso feito, Ethan, e obrigado. Eu vou enviar todas as informações relevantes para você dentro de uma ou duas horas, assim que eu conseguir juntá-las.

Os dois homens trocaram seus números de telefone diretos e de fax, bem como, no caso de Ross, o número da central telefônica principal da sede da polícia de Merseyside. Ele deu a Tiffen os nomes de Izzie Drake e de Paul Ferris, dizendo ao oficial de imigração que ele poderia ser encontrado por meio de qualquer um deles se ele não estivesse na sua mesa e o americano precisasse falar com ele novamente.

Ross sabia que ele tinha acabado de dar um tiro muito improvável, mas até mesmo uma resposta negativa à sua solicitação poderia ser útil em termos de eliminação de outras teorias, não importando quão improvável ou bizarras pudessem parecer. Como ele explicou a Paul Ferris enquanto delineava as informações e a documentação que ele precisava que fossem recolhidas e enviadas para Tiffen, a parte frustrante de investigar um mistério era não saber quais informações podiam ou não ter relevância para o caso. Cada avenida, não importa o quão vaga, tinha que ser investigada e seguida até sua conclusão, com a maioria de tais investigações quase que inevitavelmente levando a becos sem saída. O que ele fervorosamente esperava, é claro, era que, ao seguir cada beco sem saída, eles eventualmente atingiriam um curso de ação que de repente desbloquearia todo o processo e o levaria à sua eventual solução.

Deixando Paul Ferris para fazer o que ele fazia de melhor, Ross foi procurar Izzie Drake, imaginando como ela estava se saindo em suas tentativas de localizar registros de casamento em Gretna Green. Ele a encontrou na cantina, fazendo o seu melhor para parecer estar curtindo um sanduíche de queijo e presunto de aparência lamentável, e um copo de algo que ele pensou lembrava vagamente café.

* * *

— Parece quase comestível — brincou Ross enquanto puxava uma cadeira para se sentar em frente à sua sargento.

— Quase é a palavra chave — respondeu Drake, um sorriso irônico no rosto. — Eles deveriam tornar isso uma infração penal, você sabe, tentar envenenar lentamente policiais por meio da administração de sanduíches nocivos.

— Não poderia estar mais de acordo — concordou Ross. — Prefiro um belo saco de batatas fritas gordurosas, encharcadas com sal e vinagre do Rothwell's Fish Bar do outro lado da rua. Teve sorte com Gretna Green?

Engolindo um pedaço de queijo de aspecto plástico, e quase engasgando no processo, Drake limpou sua garganta antes de responder: — Bem, podemos esquecer

qualquer casamento romântico em fuga para começar, senhor. Simplesmente não aconteceu. Uma gentil idosa, bem, ela soava idosa, lá no escritório de registros de Gretna gentilmente fez a busca pra mim. Nenhum Brendan Kane e nenhuma Marie Doyle, a qualquer momento em sessenta e seis. Ela era muito minuciosa, a velha Sra. Burns, verificou todos os meses desse ano. Ela também me informou que havia uma regra de residência de quinze dias antes que alguém pudesse se casar em Gretna então, com a linha do tempo que temos, nosso casal só não poderia ter feito isso de qualquer maneira, a menos que tivessem ido depois de deixar Liverpool, o que, com Brendan morto na água, era impossível. Beco sem saída, receio, senhor.

— Tudo bem, Izzie. Eu realmente não esperava que houvesse qualquer casamento em Gretna, mas tínhamos de verificar. Tudo está se encaminhando para algo menor do que seria de esperar, e tanto quanto alguém possa querer que pensemos que a resposta está em algum sonho musical transatlântico, acho que vamos encontrar nossas respostas muito mais perto de casa.

— Você acha, senhor? Quer compartilhar seus pensamentos comigo?

— Claro. Olha, nós temos diversas conjecturas que cercam o fato de que Brendan e Marie queriam ir para a América. Phil Oxley fez o seu melhor para ajudar Brendan em sua busca por meios de entrada para os Estados Unidos. Tem um oficial do serviço de imigração dos EUA verificando, agora mesmo, se os vistos emitidos para o casal foram usados. Duvido que ele encontre alguma coisa. Nós não temos nenhuma evidência real para ligar alguém com o assassinato de Brendan Kane, mas algumas das pessoas com que nos deparamos nos últimos dias poderiam ter tido um vago motivo para querê-lo morto.

— Ok, senhor, já me pegou. Continue, por favor.

— Sabemos que ficou um clima ruim entre os membros do grupo e Brendan quando ele decidiu tentar a carreira solo, então qualquer um, ou uma combinação de dois ou três dos membros da banda, poderia ter se sentido lesado o suficiente para executar uma forma de vingança, especialmente se eles achavam que Kane estava indo para a América e teria uma chance de estrelato real, depois de todos terem lutado no circuito local por anos. Depois, há o pai de Marie. James Doyle teria ficado louco se soubesse que sua filha planejava fugir com um rapaz protestante. Mickey e Ronnie Doyle disseram que deram a notícia aos seus pais sobre Brendan e Marie antes de irem à delegacia relatar o desaparecimento dela. Isso limpa a barra do pai deles, no papel, mas e se ele já soubesse do casal?

— Como, senhor?

— Eu não sei. Estou só fazendo brainstorming, especulando. Você vai ter que me acompanhar, Izzie, ok?

— Ok — respondeu Drake. — Então isso resulta em quatro suspeitos em potencial. Mais algum para adicionar à lista?

— Ah, acho que é só isso, não é? Presumimos que isto tem a ver com o grupo de alguma forma. Sabemos tão pouco sobre a vida de Kane e Marie. Se este fosse um caso de assassinato recente, estaríamos entrevistando famílias, amigos, todos que conheciam o casal. Mas como ocorreu há tanto tempo, este luxo nos foi negado, então nós só temos um caminho muito estreito a seguir, esperando que ele nos leve a algum lugar.

— E está, senhor? Levando-nos a algum lugar, quero dizer?

— Tenho a sensação de que está prestes a fazer isso, Izzie. Por enquanto, quero que me leve para a casa de James Doyle. Eu quero encontrar e conversar eu mesmo com esse desgraçado velho rabugento. Um encanto de homem, de acordo com você e Dodds, e também parece na memória de Clemmy Oxley.

— Você quer ir agora, senhor? Não aguento mais esse maldito sanduíche de qualquer maneira.

Ross riu enquanto ele e Drake se levantaram e deixaram a cantina, mandando saudações jocosas para a pobre Doris, a supervisora da cantina que ficava atrás do balcão, que ficou com um olhar de confusão no rosto.

Capítulo 28

JUNTANDO

Antes de Ross e Drake deixarem o quartel-general, foram chamados pelo policial Ferris, sentado como de costume em sua mesa, os dedos dançando sobre as teclas do seu teclado.

— Você já tem algo para mim, Ferris?

— Na verdade, sim, senhor. Eu estava prestes a encontrá-lo. Você me pediu para investigar este parente de James Doyle?

— É verdade, Bryce, ou Price, não era?

— Era na verdade Bryce, senhor. Patrick Bryce. Nascido em Belfast, em 1941. Muitos pequenos delitos em sua adolescência, quatro prisões, três condenações e era suspeito de ser um membro do IRA Provisório em 1963. Como muitos dos suspeitos de envolvimento nos problemas de lá, o Royal Ulster Constabulary nunca foi capaz de responsabilizar ele por alguma coisa. Achava-se que ele estaria envolvido em pelo menos uma dúzia de assassinatos sectários, mas caiu fora do radar das autoridades no início dos anos noventa.

— Bem, bem, bem — disse Ross, lenta e deliberadamente enquanto as engrenagens do seu cérebro investigativo começavam a girar. — Parece que nosso amigo James Doyle tem algumas perguntas para responder.

Izzie Drake acrescentou: — Eu diria que sim, senhor. O sujeito tem um potencial guerrilheiro do IRA em sua família, e Bryce aparentemente estava em Liverpool um pouco antes de Marie desaparecer.

— E, mais importante, antes de Brendan Kane ser morto, se o cronograma se mantiver firme — disse Ross.

— Os tiros nos joelhos também se encaixam aí, senhor — acrescentou Ferris.

— Realmente, Ferris. E também possivelmente revela porque Doyle é um religioso tão fanático. Se sua filosofia é a mesmo do IRA, é muito fácil de ver porque ele era tão contra que Brendan Kane e sua filha Marie tivessem um relacionamento romântico.

— Mas James Doyle nasceu aqui em Liverpool, senhor. Por que diabos ele teria ligação com esse lixo sectário sem nunca ter vivido na Irlanda?

— Porque a família dele está enraizada na Irlanda, Ferris. Não sei por que, mas parece que a Liverpool da década de sessenta era ainda uma cidade bastante dividida em termos de religião. A maioria das pessoas não se importava, mas em certas áreas

da cidade as pessoas ainda se agarravam às antigas divisões. Você é muito jovem para se lembrar de Scottie Road em seu auge. Montes de católicos irlandeses se estabeleceram por lá no século XVIII, e se tornou quase que uma cidade dentro de uma cidade. Mesmo as gerações seguintes também mantiveram as antigas divisões religiosas nos anos sessenta, quando a modernização arrastou de forma gradual a Scotland Road esperneando e gritando para o século XX, com mais de meio século de atraso. O lugar que você vê hoje não é nada como era antes, com todos os antigos terraços de tijolo vermelho estendendo-se por milhas ao longo da A59. Você sabia que Cilla Black cresceu na Scottie Road?

— Não, eu não sabia disso, senhor — disse Ferris. — De certa forma, não é surpreendente que ainda haja pessoas como James Doyle, mesmo hoje. Seus ancestrais provavelmente vieram e possivelmente viveram na área da Scottie Road há mais de uma centena de anos, e alguns deles têm obviamente perpetuado os velhos ódios. É quase inacreditável.

Ross concordou e respondeu: — Parece loucura, eu sei, mas estava ali, apenas sob a superfície. Nunca foi extrema, até onde eu sei, e certamente os anos 60 ajudaram a pôr fim a todas essas tolices. Você trabalhou bem, Ferris. Notícias dos outros?

— Sim, senhor. Derek McLennan não teve sorte tentando determinar o que aconteceu com o carro de Brendan Kane. Era uma tarefa muito ingrata mesmo, dado que não temos nenhum número de registro do veículo. Ele até tentou o DVLA em Swansea, mas eles não podem fazer nada sem um número de registro ou um número VIN.

— Bem, ele tentou, e eu não esperava muito depois de todos estes anos, mas valeu a tentativa. E a policial Gable?

— Ainda está fora senhor, provavelmente conversando com os Oxleys novamente como você solicitou.

— Bom, vamos ver o que ela vai nos contar quando nos encontrarmos mais tarde. Se o chefe ou alguém quiser saber onde estamos, sargento Drake e eu vamos falar com James Doyle. É hora de ele ser um pouco mais honesto com a gente, eu acho.

Enquanto Ross e Drake se deslocavam através da cidade para a casa de James e Connie Doyle, o inspetor confiou seus pensamentos privados a Drake:

— Desde o início, uma coisa tem me incomodado sobre os tiros nos joelhos de Brendan Kane. Era uma coisa típica do IRA, mas não encontramos nenhuma conexão entre Kane e os terroristas. Nunca foi algo que os criminosos deste lado do mar fizessem, nem mesmo as gangues de Londres, então tinha que haver alguma coisa, em algum lugar, mesmo que nenhuma evidência exista para confirmá-la. Acho que descartamos tudo muito facilmente depois que os rapazes da divisão

antiterrorista nos disseram que não tinham informações relativas a atividades do IRA na cidade naquela época. Até mesmo Porteous praticamente me disse para deixar essa avenida de investigação em paz, não querendo adicionar um ângulo político para o caso.

— E agora você acha que pode ter havido uma conexão, senhor, é isso?

— Não é bem assim, Izzie. Eu disse desde o começo que achava que a solução para este caso estava muito mais perto de casa do que todos pensávamos. Não acho que Brendan Kane tivesse qualquer ligação com o terrorismo, o IRA ou a organização chamada de "Legalistas", mas eu acho que nós podemos ter descoberto uma razão pessoal para o que aconteceu naquele cais. Eu estou especulando, mas vamos dizer que, conhecendo o dogmatismo de James Doyle com relação à perspectiva de um protestante ter algo com sua filha em um nível romântico, ele tenha trazido seu primo Patrick aqui para "dar um jeito" em Kane, dar um susto ou um aviso.

— Mas, será que atirar nos joelhos não é uma forma um pouco extrema de avisá-lo, senhor, especialmente porque provavelmente levaria alguém a fazer uma conexão instantânea com um envolvimento do IRA?

— Mas não levou, não é Izzie, porque nunca encontraram o corpo do Kane, pelo menos até agora. Talvez matá-lo tenha sido um acidente, eu não sei, mas tenho certeza que vou pressionar o maldito James Doyle, até arrancarmos a verdade do velho bastardo.

— Mas, mesmo se você estiver certo, não serve para explicar o desaparecimento de Marie, não é, senhor?

— Não, não serve, Izzie. Tem toda a razão, e esse é o lado do quebra-cabeça que está me confundindo um pouco. Tenho certeza de que Doyle não teria feito mal a própria filha, então ainda estamos no escuro com relação a isso. Talvez quando falarmos com ele, encontremos uma pista ou duas para o que aconteceu com essa pobre garota.

— Chegamos, senhor — disse Drake, enquanto parava e estacionava o mais perto possível da casa de Doyle.

— Certo — disse Ross, seu rosto uma máscara impassível. — Vamos ver se conseguimos arrancar alguma verdade do Sr. James Maldito Doyle?

Capítulo 29

JIMMY DOYLE

A Irmã Mary Dominique ficou em silêncio, na esquina da Jubilee Street com a St. Michael Road, onde formavam uma junção de três vias com a Grafton Street. Ela tinha visto o Ford Mondeo preto chegar alguns minutos mais cedo, e visto os dois oficiais de polícia descerem do veículo e percorrerem o caminho até a casa no centro da quadra do lado oposto da rua. Ela sabia que eram policiais. O seu porte, a maneira de caminhar, até a forma como a mais jovem dos dois oficiais segurava a fina pasta de arquivo contava para o mundo e os anunciava como agentes da lei. Se isso não bastasse, da maneira que a luz caiu sobre o carro era possível identificar o giroflex vermelho e azul, colocado atrás da grade do radiador, que claramente identificava o Mondeo como um carro da polícia à paisana.

Mary Dominique havia esperado por algum tempo em sua posição na esquina, antes da chegada do carro da polícia e de seus ocupantes. Ela estava com calor, muito calor, e Mary Dominique fez uma prece de gratidão para o Senhor Jesus e para a Virgem Santa pelo fato de a ordem a que ela pertencia, as Irmãs da Virgem Abençoada, ter há muito tempo evitado o uso dos velhos e pesados hábitos pretos de pano, tão típicos das ordens em todo o mundo. Em vez disso, Mary Dominique usava uma blusa branca, pura, com gola alta, um vestido de avental cinza razoavelmente leve com uma bainha que terminava castamente logo abaixo do joelho, e uma meia-touca cinza e branca que complementava o resto do hábito. Os sapatos eram de couro preto liso, funcionais mas não muito pesados, mas ainda assim, ela se sentia excessivamente vestida para a finalidade de ficar parada na esquina de uma rua no calor do dia.

Vendo os dois oficiais de polícia entrando na casa no meio do lado oposto da rua, ela debateu o que fazer em seguida. Ela deveria ficar e esperar para ver o que aconteceria depois, ou deveria ela simplesmente ir embora e voltar mais tarde, ou talvez um outro dia, ou então talvez nem retornar? Afinal, se ela não tivesse visto o artigo no Daily Mail, durante uma recente visita a sua biblioteca local, ela nem estaria aqui. As coisas que ela sabia, as coisas que ela tinha visto, certamente poderiam fazer com que seu conhecimento do passado ferisse os inocentes tanto quanto os culpados. Tudo aconteceu há tanto tempo. No início, ela tinha ficado animada com a ideia de que ela devia contar a alguém o que sabia, talvez para a polícia ou alguém no jornal, ela não tinha certeza, e assim, aqui estava ela, no calor

do dia, assistindo e pensando, incapaz de decidir seu próximo passo. Passou pela sua cabeça que talvez ninguém acreditasse nela mesmo. Mas e quem teria a ousadia de acusar uma freira de mentir?

* * *

— Você, Sr. Doyle, é um mentiroso.

Ross tinha decidido tomar uma postura agressiva com James Doyle a partir do momento em que entrara na casa do sujeito. Apesar de sua idade, James Doyle parecia ser bem capaz de resistir à linha de questionamento de Ross.

— Que direito tem de entrar na casa de um homem e chamá-lo de mentiroso? — rosnou Doyle em resposta.

— A lei me dá esse direito — respondeu Ross. — Como já afirmei, não acredito em sua história de que seu primo, Patrick Bryce, fez uma visita em 1966 puramente para procurar trabalho em Liverpool. É também minha convicção que você sempre foi consciente das suas ligações com o IRA Provisório, e que na verdade você é um apoiador incondicional de suas crenças.

— Isso é absurdo — respondeu Doyle. — Você está falando como se eu fosse algum tipo de terrorista. Connie, diga-lhes, em nome de Deus, que não sou nenhum terrorista. — Ele dirigiu seu apelo à sua mulher, sentada na poltrona oposta.

Connie Doyle tinha ouvido pacientemente o seu marido conduzir uma sessão de sparring verbal com o inspetor, mas de repente, a velha senhora pareceu ter um estalo, como se algumas frustrações represadas não pudessem mais ser contidas:

— Em nome de Deus todo poderoso, James Doyle, por que você não cresce, finalmente, antes de ficar velho demais para fazê-lo? Eu vou contar ao inspetor a verdade, se você não o fizer.

— Você vai calar a boca, mulher, isso é o que você vai fazer.

— Não, Jimmy, não. Não mais. Inspetor, deixe-me dizer, aquele maldito primo dele nunca trouxe nada além de problemas. Não sei como ou por que meu marido ficou tão próximo dele, mas eu vou dizer uma coisa, ele deseja que nunca tivesse ficado. Quando Patrick veio pra cá em 66, meu marido tinha medo dele, inspetor Ross. Bastava vê-los juntos para saber disso. Meu marido não era capaz de dizer não a ele. Fui eu que disse a Patrick que ele não era bem-vindo em minha casa. Eu não podia suportá-lo perto de mim, e nem Marie. Obriguei-o a encontrar um quarto em uma pensão. O que Jimmy e ele faziam quando se encontravam à noite eu não sei dizer, mas eu vou dizer uma coisa, meu marido é um velho tolo intolerante, e ele age como se fosse um cara durão, mas ele não é. Ele nunca se deixaria ser arrastado para alguma coisa a ver com o IRA, estou certa disso.

— Não estou necessariamente dizendo que ele tinha alguma coisa a ver com o IRA, pelo menos, não intencionalmente, senhora Doyle — disse Ross, calmamente.

— Então o que você... pelo amor de Deus, por favor não diga que você acha que ele teve algo a ver com o desaparecimento de Marie? Ele a amava, inspetor. Marie era seu orgulho e alegria. Ele nunca faria mal a ela.

Izzie Drake foi quem respondeu: — Não Marie, Senhora Doyle.

Ela permitiu que as palavras pairassem por um segundo, e então, os olhos de Connie Doyle pareciam se encher primeiro de compreensão e, em seguida, de lágrimas, quase engasgando:

— Não, você não quer dizer que ele teve algo a ver com a morte de Brendan!

— Isso é precisamente o que quero dizer, senhora Doyle — disse Ross, com firmeza. — Por que você não assume, Jimmy? Vá lá, seja um homem pela primeira vez na vida, diga-nos a verdade, como sua pobre esposa pediu.

Jimmy Doyle tinha ficado com o rosto vermelho enquanto os outros falavam ao redor e sobre ele durante aqueles poucos segundos. Ele estava lutando para controlar a raiva que estava crescendo dentro dele.

— Pelo amor de Deus — gritou ele para Ross —, já disse que não tenho porra nenhuma a ver com a morte do rapaz. Quantas vezes tenho que dizer?

— Pode continuar me dizendo isso até o inferno congelar — disse Ross, sua raiva mal sob controle. Ele realmente acreditava que ele agora estava cara a cara com um potencial assassino. Ele tinha de esquecer que James Doyle era um homem idoso em sua oitava década, e lembrar-se que, no momento da morte de Brendan Kane, ele era um forte e saudável sujeito de quarenta e tantos anos, e motivado o suficiente pelo ódio para cometer um assassinato a sangue frio. — Vamos, ponha pra fora, Jimmy. Você pediu ao seu primo assassino do IRA para ajudá-lo a se livrar do namorado "crente" da sua filha? Ou talvez você só queria que Bryce metesse o maior medo no jovem Brendan, para assustá-lo e mantê-lo longe de Marie. Eu aposto que ele ia adorar, não? É por isso que ele estava aqui em primeiro lugar, Jimmy? Você o convidou para fazer esse favor, porque talvez você não tinha coragem suficiente para fazê-lo? Não é tão fácil matar um homem a sangue frio, não é, Jimmy?

— Não fui eu — gritou Doyle para Ross, e agora, pela primeira vez, os dois detetives podiam ver as lágrimas se formando nos olhos do velho. — Por favor, me escute. Não fiz isso. Não fui eu.

— Lamento que tenhamos causado transtorno na sua casa, senhora Doyle — disse Ross, levantando-se rapidamente do seu lugar. Izzie Drake seguiu sua deixa e ficou de pé ao mesmo tempo.

Connie Doyle parecia chocada com o movimento abrupto, e Jimmy Doyle, igualmente surpreso, olhou quase roboticamente para Ross e meio que murmurou: — É isso? Você acredita em mim, então, e vai embora?

— Vamos embora por enquanto, Jimmy, e não, eu não acredito em você e certamente não terminei com você, então não pense nem por um minuto que você está fora do gancho. Da próxima vez que nos encontrarmos, você provavelmente vai estar preso e em uma sala de interrogatório na sede da polícia de Merseyside.

Doyle ficou lá, sem palavras, enquanto os dois detetives saíram da sala, seguidos de perto por Connie Doyle. Quando eles estavam na porta da frente e preparados para ir embora, como parte de sua estratégia pré-combinada, Drake abriu o arquivo que ela tinha levado consigo todo esse tempo e tirou uma fotografia, que entregou a Connie para que ela olhasse. Connie Doyle observou atentamente a impressão preto e branca, engasgou e disse: — Santa mãe de Deus. Isso é tudo o que restou daquele pobre rapaz?

— É isso aí, Connie — disse Drake, gentilmente pegando a foto dos restos de Brendan Kane como haviam sido encontrados no velho cais fora de uso. — Tudo que foi deixado para testemunhar a vida de um jovem, um homem que amava sua filha e pode ter pago por esse amor com a sua própria vida.

— E Marie? Quanto a minha filha? Ainda não têm nenhuma pista do que aconteceu com ela? — fungou Connie enquanto as lágrimas gotejavam lentamente de seus olhos.

Andy Ross colocou uma mão no braço dela e disse suavemente: — Ainda não, senhora Doyle, mas eu vou descobrir para você, isso é uma promessa.

Sem mais palavras, Ross e Drake foram embora da casa, deixando Connie com seus pensamentos e Jimmy Doyle, assim eles esperavam, em pânico o suficiente para fazer algo que o entregaria nos próximos dias. Ross teria Dodds e McLennan fazendo sombra ao sujeito em um turno, com Ferris e Gable assumindo no turno seguinte a vigia do velho que, Ross acreditava firmemente, ainda era potencialmente perigoso e escorregadio.

Quando eles embarcaram novamente no carro, satisfeitos com sua estratégia até o momento, Drake virou-se para o seu chefe e disse: — O senhor sabe que estávamos sendo observados quando andamos do carro para a casa, não é?

— Estávamos?

— Sim, por uma freira. Eu a vi na esquina da rua quando estacionamos.

— E você acha que ela estava nos observando?

— Bem, ela olhou em nossa direção enquanto caminhávamos.

— Provavelmente pensou que estávamos interferindo com o seu trabalho de porta em porta, sabe, vendendo cópias do War Cry ou algo assim.

— Ah, senhor, o War Cry é do Exército da Salvação, não da Igreja Católica, eu pensei que você soubesse disso.

Ross riu. — Claro que eu sei disso, Izzie, estou brincando, só isso. Enfim, não diria que seríamos de muito interesse para uma freira, não é? Ela provavelmente

estava esperando alguém e provavelmente éramos a única coisa em movimento que chamou sua atenção na rua, quando estacionamos e caminhamos para casa de Doyle.

— Sim, você está provavelmente certo senhor. Apenas pensei que eu deveria comentar, é isso.

— Certo, vamos voltar para a base, e então definiremos a vigilância de Jimmy Doyle. Não confio nem um pouco naquele velho bastardo.

— Ok, senhor. Acho que você fez um bom trabalho lá dentro, se você não se importa que eu diga isso.

— Obrigado, sargento. Sim, nós apavoramos o Jimmy, eu espero, e com sorte Connie vai trabalhar nele em casa. Agora que ela sabe das nossas suspeitas, vai querer saber a verdade de seu marido, se tem alguma coisa a ver com o desaparecimento de Marie. Connie Doyle pode ser nossa melhor aposta para obtermos a verdade neste caso, se jogarmos bem.

Quando eles contornaram a esquina no fim da rua, a irmã Mary Dominique saiu do pequeno café na rua seguinte, depois de desfrutar de uma boa xícara de chá e uma torta de cereja, e observou a viatura desaparecer da vista, perdendo-se no trânsito na direção do centro da cidade. Ela ainda estava demasiado quente, e foi embora para longe dali a caminho do seu próximo destino em um ritmo lento mas constante, a dor nos seus joelhos artríticos forçando-a a andar com cuidado.

Capítulo 30

FECHAMENTO

O policial Paul Ferris, após acrescentar todas as informações mais recentes ao quadro na pequena sala de conferências da equipe, e tendo ouvido o plano de Ross para vigilância sobre James Doyle, aproveitou a deixa de Ross, "Alguma pergunta?", para perguntar:

— Então você realmente acha que James Doyle é o nosso sujeito, senhor, especialmente no assassinato de Brendan Kane?

— Eu certamente acho que ele está envolvido, sim — respondeu Ross. — No mínimo, mesmo que ele não tenha puxado o gatilho, ou dado uma cacetada na cabeça de Kane, eu tenho certeza de que Doyle foi, de alguma forma, cúmplice no assassinato.

Sam Gable fez a próxima pergunta:

— Mas e Marie, senhor? Você acha mesmo que James Doyle teria sido tão tolo ou tão cheio de ódio sectário que colocaria sua própria filha em risco ou, pior ainda, faria alguma coisa para prejudicá-la?

— Esta é a parte do quebra-cabeça que está faltando. Ele parecia genuinamente ofendido por eu ter tido a audácia de sugerir que ele pudesse ter algo que ver com o desaparecimento da sua filha. Esse é o problema dos mistérios, eu temo, especialmente um tão velho. Eu tenho de ser honesto e dizer que todos nós fizemos um trabalho muito bom ao juntar as peças que conseguimos até agora, sem provas, testemunhas ou pistas sólidas para trabalhar. A sua expedição de pesca com os velhos amigos de Marie retornou alguma coisa de interesse? — perguntou ele quando terminou seu discurso, sabendo de antemão a provável resposta. Se Sam Gable tivesse encontrado algo de relevante, ela já teria informado isso para ele com certeza.

— Não, senhor. Lamento. Aqueles que eu fui capaz de rastrear e falar na maioria vinham com o mesmo tipo de respostas, você sabe, quer dizer, "*Não me lembro de tanto tempo atrás*", ou "*Não a conhecia assim tão bem*", e "*Que coisa horrível, não? Então vocês a encontraram?*" Se você me perguntar, a maioria dos chamados "amigos" de Marie provavelmente esqueceu tudo sobre a pobre menina cerca de um mês depois que ela tinha sumido. Além de Clemency De Souza, ninguém realmente admitiu que era próximo dela.

— Nada menos do que eu esperava, mas obrigado por tentar — disse Ross. — Eu quero deixar James Doyle cozinhando por uns dois dias antes de tentarmos mais uma vez com ele. Espero que sua esposa coloque muita pressão sobre ele para que solte tudo o que está escondendo, e estou certo de que ele *está* escondendo algo.

— Então, o que fazemos nesse meio tempo, senhor? — perguntou Drake.

— Ainda temos que fazer o que pudermos para tentar descobrir o que aconteceu com Marie Doyle. Se, como ele insiste, James Doyle não teve nada a ver com o desaparecimento da sua filha, isso nos deixa totalmente no escuro sobre seu paradeiro. Temos de pressionar para obter informações sobre Marie. Sam tem feito o seu melhor, mas enquanto esperamos para conversar com o Sr. Doyle, quero que tentemos outras fontes de informação que temos sobre a garota. Dodds e McLennan, gostaria que vocês falassem com cada um dos irmãos Doyle individualmente, e vejam se eles podem nos dar algo, qualquer coisa que eles possam ter esquecido anteriormente. Será que eles podem sugerir um local preferido, por exemplo, onde ela pode ter se sentido segura se tiver escapado do mesmo destino que seu namorado? Precisamos de uma pista para seguir, mas a menos que nós possamos aparecer com um ponto de partida, só ficaremos por aí correndo atrás dos nossos rabos sem chegar a lugar nenhum. Sam, eu gostaria que você fizesse o mesmo com Clemmy Oxley e seu marido. Talvez Clemmy saiba se Marie tinha, ou talvez os dois compartilhassem, um lugar secreto, ou sonhava em visitar algum lugar como, não sei, como Londres, ou as florestas de Cornwall. Você provavelmente sabe mais sobre a forma que as jovens moças e mulheres pensam, e talvez possa ser capaz de reavivar algum tipo de memória de Clemmy.

Com a equipe informada, se sentaram com Paul Ferris que, como organizador, tinha pensado como poderia ajustar suas novas atribuições com a tarefa de seguir James Doyle nos próximos dias. Como ele indicou, as entrevistas com os irmãos Doyle e Clemmy e Phil Oxley não demorariam muito, então poderiam ser encaixadas junto com a operação de vigilância. Quando os detetives saíram da sala, Ross se virou para Ferris. Ele tinha outra coisa em mente para seu organizador. Ross tinha percebido durante os últimos dias o quanto ele valorizava o quieto mas muito inteligente policial Ferris. Se ele poderia contar com alguém para dar a máxima atenção a um problema específico, esse alguém era Ferris. Ross reconhecia quanta pressão o jovem detetive devia estar sofrendo em casa, com a preocupação com a saúde de seu filho sempre à espreita no fundo de sua mente. Ross esperava sinceramente que não demorasse muito para o serviço de saúde encontrar um doador de rim para o rapaz. Sua esposa, Maria, tinha dito a Ross quão difícil era encontrar doadores para um paciente tão jovem, e ela expressou sua admiração pelo pessoal médico que trabalhava em tais casos, onde muitas vezes o resultado final poderia ter consequências trágicas para uma família. Ela estava feliz por ser, como ela dizia, "só

uma médica comum", e não uma especializada em uma área de tão alto risco. Por enquanto, porém, Ross colocou tais pensamentos de lado e ficou na frente do quadro branco enquanto Paul Ferris o atualizava com as mais recentes atribuições e informações, tal como era.

— Quando você fez aquela verificação sobre Patrick Bryce, você disse que ele tinha saído do radar da RUC há algum tempo, mas eu estou supondo que quem falou com você só estava olhando para atividade criminal conhecida ou suspeita, certo?

— Sim, isso mesmo, senhor — respondeu Ferris.

— Ok, aqui está o que eu quero que você faça. Volte a entrar em contato com nossos amigos na RUC e peça-lhes para olhar para o último endereço conhecido de Bryce e também tentar ver se podem encontrar quaisquer legítimas referências a ele. Ele também está velho agora, como Doyle, então talvez ele esteja na legalidade hoje em dia. Ele pode aparecer em um registro eleitoral em algum lugar, ou até mesmo pode ter tido, ou talvez ainda tenha um negócio de algum tipo. Alguém, em algum lugar da porra da Irlanda do Norte, deve saber onde está Patrick Bryce. Onde quer que ele esteja, eu quero falar com ele, mais cedo ou mais tarde.

— Certo, senhor. Eu vou entrar em contato com a RUC, mas pode haver uma rota mais fácil.

— Continue, estou ouvindo — disse Ross.

— Se ele tiver mais de sessenta e cinco anos, há uma boa chance de o sujeito estar sacando a sua pensão, senhor. Se ele estiver, o pessoal de pensões terá ele no registro, o endereço dele, onde ele saca a pensão e assim por diante. Poderia ser apenas uma questão de ligar para eles e ver se ele está registrado pela pensão dele, senhor.

Ross sorriu um largo sorriso expansivo.

— Você é um gênio, Ferris. Vá em frente, rapaz. Veja o que pode descobrir para mim.

— Considere feito, senhor — respondeu Ferris, ao começar a digitar nas teclas em seu computador.

Confiante de que estava perto de uma solução para o caso, e que a solução do assassinato de Brendan Kane conduziria à solução do mistério sobre o desaparecimento de Marie Doyle, ele deixou Ferris para sua tarefa e fez seu caminho para o escritório do inspetor-chefe Porteous. Era hora de atualizar o chefe.

Capítulo 31

PROVA, QUE PROVA?

Irmã Mary Dominique ficou bem onde ela tinha estado ontem e anteontem e no dia anterior, quando os policiais tinham visitado a casa no meio da rua. Ela podia ver mais policiais hoje, no entanto, como ontem, estes dois oficiais não fizeram nenhuma tentativa de entrar na casa. Irmã Mary sabia que eram policiais. Quem mais ficaria sentado por horas a fio em um carro, ocasionalmente bebendo chá ou café de um copo de papel, e tentando não parecer óbvio cada vez que a porta da casa se abria? Parecia para a freira que a polícia estava apenas interessada no homem da casa. Não tinham feito nenhuma tentativa de seguir a senhora da casa nas ocasiões em que tinha saído sozinha. Mas ela tinha certeza de que os dois sujeitos no carro arrancariam se o homem saísse sozinho ou na companhia de sua esposa.

Mary Dominique decidiu se mudar da esquina da rua. Se ela ficasse lá por muito tempo, ela tinha certeza de que os policiais a notariam e, na verdade, ela estava surpresa que eles ainda não haviam notado. Mas, com sua atenção focada na casa ocupada pelo Sr. e Sra. James Doyle, eles provavelmente não a notariam se ela passasse pelo seu carro quase nua.

Cuidadosamente olhando para os dois lados, ela se assegurou que a rua estava livre de trânsito, e em seguida atravessou-a, andando perto mas atrás da viatura, e então percorreu seu caminho ao longo da pequena passagem que conduzia ao beco que corria pela parte traseira das casas na rua. Ela andou toda a extensão da rua ao longo do beco dos fundos, saindo no outro extremo, onde ela encontrou uma nova posição, perto de uma loja de apostas, construída em uma casa com terraço convertida no final da rua. Como a rua em que ela tinha crescido quando garota. Ela riu para si mesma, enquanto pensava no efeito que o vestido dela teria sobre alguns dos frequentadores. Freiras e corridas de cavalos não se davam muito bem.

Naquele momento, Jimmy e Connie Doyle saíram pela porta da frente de sua casa e embarcaram em seu Vauxhall Astra, estacionado bem na frente da casa. Connie carregava uma coleção de sacolas embaixo do braço, e isto era obviamente uma saída para compras. Os oficiais na viatura viram Jimmy Doyle dizer algo para sua esposa, que pareceu responder com um olhar de pedra. Mesmo à distância, era fácil de perceber a atmosfera gelada que emanava de Connie para seu marido.

— Parece que as coisas estão um pouco frias na família Doyle — comentou Nick Dodds, enquanto Derek McLennan dava a partida no carro à paisana, e se preparava

para seguir os Doyles a uma distância sutil.

— Sim — respondeu McLennan. — Mesmo daqui, acho que você poderia cortar a atmosfera entre eles com uma faca. Parece que a estratégia do inspetor para colocar a mulher contra o marido está funcionando. Para onde você acha que estamos indo, Nick?

— Tesco ou Sainsbury's, eu acho, baseado nas sacolas que ela está carregando — respondeu Dodds. — Bem, dê uma olhada nisso — comentou ele quando eles viraram a esquina no final da rua, McLennan mantendo uma distância respeitosa entre os dois carros.

— Eh, o quê? — disse McLennan.

— Uma maldita freira, Derek, bem na frente da casa de apostas na esquina. Ela está ali parada, como se estivesse esperando por alguém. Eu aposto que ela está fazendo um ótimo trabalho em conduzir os apostadores para longe desse pequeno antro de perdição.

McLennan, focando sua atenção no carro que eles estavam seguindo, teve um mero vislumbre da freira em seu espelho retrovisor, e então ela se perdeu de vista quando eles fizeram a curva em direção a seu destino, onde quer que fosse.

* * *

Ross estava em sua mesa, bebendo café e revendo seus arquivos sobre o caso, quando foi interrompido pelo telefone na sua mesa, tocando alto e exigindo sua atenção. Sabendo que não havia escapatória, ele pegou o aparelho.

— Inspetor Ross — ele falou no telefone.

— Bem, oi Andy. — O som alegre do inconfundível Ethan Tiffen do serviço de imigração dos EUA agrediu seu tímpano, e ele acabou segurando o telefone um pouco longe de seu ouvido. — Não avisei que eu voltaria a entrar em contato com você em breve?

— Olá, Ethan. Sim, você avisou. Como você está, e como foram seus inquéritos?

— Eu estou bem, cara, bem, obrigado e espero que você e sua equipe aí na pequena e velha Liverpool também. Com relação ao meu inquérito sobre seus vistos de muito tempo atrás, não há muito o que você possa chamar de boas notícias, infelizmente.

— Isso é o que eu temia, Ethan, então olha, não se preocupe. Não esperava mesmo que você encontrasse alguma coisa, para ser brutalmente honesto com você.

— Bem, deixe-me dizer o que eu encontrei — disse Tiffen, e Ross escutou.

— Eu fui capaz de rastrear todos esses anos, e encontrei os registros do pedido original de visto, e a eventual emissão dos vistos de turista de três meses para Brendan Kane e Marie Doyle. Eu não vou entrar em datas no telefone pois vou

enviar tudo por fax para você quando desligarmos o telefone. Foi como você suspeitava, Andy, não temos nenhum registro desses vistos terem sido usados, e certamente não há registro de alguém com qualquer um desses dois nomes ter entrado legalmente nos Estados Unidos através de qualquer um dos principais portos ou aeroportos durante esse ano. Se o seu par, ou mesmo apenas um deles, foi para o tio Sam, o fizeram como fantasmas.

— Fantasmas?

— Sim, fantasmas, imigrantes ilegais, sob o radar, entende? Vocês também recebem muitos imigrantes ilegais por aí, não é?

— Sim, claro que recebemos, como você deve ler de vez em quando nos jornais, Ethan.

Ethan Tiffen deu uma pigarreada diplomática.

— Claro que sim, Andy, mesmo. É uma pena que seu governo não consiga controlar o fluxo de imigrantes em seu pequeno grande país, e não digo isso como um insulto. Isto aí é uma nação insular em que você vive, cara, e ela certamente pode conter apenas um número finito de pessoas. Se as coisas continuarem assim, em breve vocês vão ter que pendurar um sinal "lotado" em todos os seus pontos de entrada. Toda a ilha pode afundar no mar se ficar superlotada.

Havia pouco mais que Tiffen poderia dizer que pudesse ajudar na investigação de Ross. Pelo menos ele tinha afastado a ideia, que de qualquer forma já era bastante remota, que alguém tivesse roubado os vistos e os usado para entrar nos EUA, porém, como Tiffen tinha apontado, isso não impedia que alguém tivesse entrado nos Estados Unidos ilegalmente. Ross sabia que Brendan não tinha feito isso, afinal seu corpo estava deitado no fundo do rio, mas será que Marie, talvez com ajuda, poderia ter se juntado aos milhares de imigrantes ilegais que inundam os Estados Unidos todos os anos?

Ross e Tiffen trocaram gentilezas por um minuto, com Ross agradecendo ao americano por suas tentativas de ajudar a sua investigação, e expressando sua admiração pela determinação de Tiffen ao buscar e ressuscitar os registros dos pedidos de visto de trinta e três anos atrás. Tiffen, em troca, fez um convite bem significativo e genuíno para Andy e sua esposa, Maria, se juntarem a Tiffen e sua esposa para jantar, talvez passar um fim de semana como seus convidados em Londres, um dia em breve. Ross agradeceu profusamente, enquanto duvidava que uma oportunidade viável pudesse surgir no futuro próximo.

Desligando o telefone, Ross sentou-se e misturou os papéis em sua mesa sem rumo por alguns segundos, enquanto permitia que seus pensamentos voassem livres. Ele tinha bastante certeza de que Marie Doyle morrera na época do assassinato de Brendan Kane, mas se o pai dela tinha participado da sua morte ele ainda não conseguia decidir. De qualquer forma, ele sentiu que ele e sua equipe estavam

prestes a identificar o assassino, ou assassinos, de Brendan Kane. O problema, como ele sabia muito bem, era que saber quem o fez, e ser capaz de prová-lo suficientemente bem para apresentar ao tribunal, eram duas coisas muito diferentes. Ele achava que sabia quem tinha feito isso, mas será que ele tinha qualquer evidência que poderia convencer o Crown Prosecution Service a abrir um processo contra os responsáveis? Não! Ele sabia muito bem, e o pensamento levou-o a bater o punho duramente sobre a mesa, tão duro que ele até mesmo emitiu um grito de dor.

— Maldição! — exclamou ele. E então, novamente: — Maldição, maldição, maldição!

Capítulo 32

A FITA

Bem na hora em que ele estava saindo do seu escritório para levar a sargento Izzie Drake para um merecido café, uma batida na sua porta sinalizou a chegada do assessor de imprensa George Thompson, acompanhado por outro homem, que, sem apresentação, Ross imediatamente sentiu que era um membro do quarto poder, um repórter. O recém-chegado vestia uma jaqueta marrom bem gasta, com reforços de couro sobre os cotovelos e calças cinzas pálidas, que pareciam ter sido passadas pela última vez na época do jubileu de prata da Rainha. Seu cabelo castanho escuro era bonito mas um pouco longo, e ele simplesmente cheirava a "imprensa" para Ross, que chutou a idade do sujeito em cerca de 50 a 55 anos.

— Olá, George. Entre — disse Ross, querendo saber quais informações George e o recém-chegado poderiam ter para ele, se é que tinham.

— Andy, olá — respondeu Thompson. — Este é o Terry Wallace, do *Echo*. Ele recebeu um telefonema hoje cedo e achou que seria melhor entrar em contato conosco logo. Já nos conhecemos há algum anos, e ele achou que entrar em contato comigo seria o caminho mais rápido para chegar até você e ser levado a sério.

— Parece que ele estava certo — sorriu Ross, e fez um gesto para os dois homens se sentarem. Quando o fizeram, ele falou suas primeiras palavras para Wallace. — Sr. Wallace, muito prazer. Já li um ou dois dos seus artigos no passado. Devo dizer que são um pouco melhores que o padrão usual dos relatórios criminais encontrados nos jornais locais e provinciais. Presumo que você sente que o que tem para me dizer é de alguma importância, ou você não teria se dado ao trabalho de passar por George para me ver tão rápido.

— Prazer em conhecê-lo também, inspetor Ross. George me falou coisas boas sobre você também, e obrigado pelo elogio. Não estou aqui para discutir as minhas credenciais, mas basta dizer que eu costumava trabalhar para alguns dos diários de Londres no passado. Mudei para Liverpool por causa da minha mulher, quando o pai dela teve uma longa enfermidade e, bem, eu gostei tanto que ficamos. Enfim, vamos ao trabalho.

Ross logo gostou deste sujeito, com sua abordagem comercial e a falta da auto importância usual muitas vezes vista em membros da imprensa.

— Sim, por favor, vá em frente, Sr. Wallace.

— Ok. Bem, como você sabe, nós publicamos o comunicado de imprensa de George há alguns dias e, para ser honesto, eu duvidei que isso daria em alguma coisa. Trinta e três anos é muito tempo, e a memória da maioria das pessoas tende a se apagar após trinta e três dias, que dirá anos. Então, de qualquer forma, quando a ligação de uma mulher foi direcionada até minha mesa esta manhã, me perguntei antes de tudo por que ela não tinha feito como o comunicado de imprensa pedia e contatado a polícia de Merseyside diretamente.

Enquanto falava, Wallace removeu um gravador de fita em miniatura de dentro no bolso do paletó, explicando enquanto o fazia:

— Eu uso frequentemente este pequeno aparelho para gravar entrevistas, para ter certeza de que estou relatando os fatos com precisão e, infelizmente, eu estava já a cerca de um minuto em minha conversa com esta mulher antes de perceber a importância potencial do que ela estava me dizendo. Nesse ponto, peguei meu gravador, liguei-o e segurei-o o mais perto do telefone do que poderia. O telefone estava no meu ombro, sob meu queixo, e eu estava segurando o gravador o mais perto possível, enquanto tentava fazer anotações com minha outra mão em um bloco de notas, então a qualidade é horrível, mas ainda podemos entender o que a mulher estava dizendo. Me desculpe, não podia ser melhor, mas como eu disse, eu não estava esperando uma chamada assim, e eu espero que você não ache que eu estou desperdiçando seu tempo ao trazê-lo para você.

— Seria melhor ouvirmos então, não é? — disse Ross quando Terry Wallace colocou o gravador na mesa de Ross e apertou o botão "play".

Como Wallace havia dito, a qualidade da gravação era baixa, com muito ruído de fundo adicional de diversas atividades que aconteciam na sala de imprensa, e muitos barulhos enquanto Wallace tentava manter o gravador perto do telefone, mas ele tinha sido capaz de ouvir as palavras da mulher através da escuta cuidadosamente, a cabeça inclinada para o lado, enquanto ele tentava apagar o ruído branco ao redor de seu escritório. Enquanto Ross ouvia, ele quase podia sentir os eventos de trinta e três anos atrás ocorrendo em sua mente. Como Wallace tinha avisado, a conversa já estava em curso antes da gravação ser iniciada, mas ele podia ouvir a voz da mulher o suficiente, ligeiramente distorcida pelos ruídos circundantes, enquanto ela falava a partir do alto-falante minúsculo do gravador no meio de sua mesa.

* * *

— ... e eu vi tudo. Eu tive sorte que eles não podiam me ver, ou eu provavelmente teria sofrido o mesmo destino que Brendan Kane.

Em seguida, a voz de Wallace foi ouvida, mais clara, perguntando para a misteriosa mulher ao telefone: — Mas diga-me, porque esperou até agora para dar esta informação? Por favor, só me diga seu nome e, se você quiser, eu vou encontrá-la em algum lugar, um lugar de sua escolha, e até vou à delegacia de polícia com você, se você tiver medo de ir sozinha. Isso é muito importante para passar só para mim, você sabe disso, não é? E a polícia vai pedir provas, também.

— Olha, eu estou dizendo a você o que aconteceu. Não importa o meu nome, pelo menos por agora. Por que eu esperei tanto tempo? Medo, Sr. Wallace. Medo e uma mente que tinha dificuldade em conciliar o que eu vi acontecer naquela noite em Liverpool tantos anos atrás com comportamento humano supostamente civilizado. Conte para a polícia e tenho certeza de que eles serão capazes de corroborar o que estou dizendo, juntando ao que eles provavelmente já descobriram por si mesmos.

Obviamente não querendo perder a mulher, caso ela fosse uma testemunha válida, Wallace foi ouvido encorajando-a a continuar sua história e sua voz foi ouvida novamente:

— Eu os vi andando em direção ao antigo armazém, e ouvi os dois intimidando Brendan Kane enquanto o empurravam para o outro lado do edifício, onde era mais escuro do que na frente. O sujeito mais baixo parecia ser o responsável pelo que estava acontecendo, mas o mais alto, com sotaque irlandês, era ele que estava empurrando e xingando Brendan. Eles obviamente não sabiam que alguém estava olhando, e não fizeram qualquer esforço para manter suas vozes baixas, então eles deviam saber que o lugar estava deserto e não esperavam que alguém aparecesse e visse o que estava acontecendo. O irlandês bateu em Brendan algumas vezes, uma vez no rosto e outro golpe na parte de trás da cabeça. Eu o ouvi dizer a Brendan que ele era escória, e não era adequado para ficar próximo de mulheres cristãs honestas e puras. Ele chutou Brendan na parte de trás das pernas e ele caiu no chão. Quando ele se levantou, de joelhos, o irlandês sacou uma arma da cintura de suas calças. O outro homem, o mais velho, de repente deu um passo atrás, com um olhar de horror em seu rosto. — O que você está fazendo? — disse ele para o irlandês. — Eu não disse nada sobre armas. Só tínhamos de assustar o pequeno bastardo. O irlandês não respondeu e o (aqui, a voz dela ficou distorcida demais para ouvir claramente), ouvi o som de dois tiros. Eles foram tão altos que parecia que um canhão estava explodindo, e então o pobre Brendan caiu para a frente, gritando. Pensei que o irlandês o tinha matado quando ficou em silêncio, mas depois eu o ouvi chorar e percebi que ele deveria estar em choque. Ele ficou ali deitado no chão sangrando, na escuridão. Eu podia ver o suficiente com a luz da lua para entender o que havia acontecido, antes que você pergunte. A próxima coisa que eu vi foi o irlandês fazendo com que o outro homem mais velho o ajudasse a arrastar Brendan

em direção à borda do cais. Eu queria gritar, para impedi-los de fazer o que eles estavam fazendo, mas eu estava paralisada de medo. Mesmo se eu tivesse chamado eles, com certeza eu ia acabar levando um tiro também. Antes de eu entender o que estava acontecendo, o irlandês puxou algo de um bolso nas suas calças. Era um martelo, Sr. Wallace, e sem sequer hesitar, ele começou a bater com ele na cabeça de Brendan. O som do martelo batendo na cabeça de Brendan tem ficado comigo há muito tempo, e quando os dois homens então o empurraram para fora da borda do cais, eu ouvi um barulho de água e tudo pareceu ter ficado em silêncio. O terrível silêncio só durou alguns segundos e, em seguida, o homem mais velho virou-se para o irlandês, chamando-o de maluco filho da puta, essas foram suas palavras. Eu estava ancorada naquele lugar na esquina do armazém, escondida pela escuridão que me protegia da vista deles. Eu não conseguia me mexer, e minhas pernas pareciam que iam desmoronar debaixo de mim, mas eu sabia que se o fizessem, aqueles dois homens iriam me encontrar e me matar também. Continuaram a discutir por um minuto ou dois, e depois, houve outro barulho de água. Acho que um deles tinha jogado o martelo na água. O velho disse: — E a arma? — e o irlandês respondeu: — Essa vai comigo, Jimmy. Nunca se sabe quando eu vou precisar dela novamente.

O sujeito chamado Jimmy parecia que estava prestes a entrar em pânico, ele não conseguia ficar parado, seus pés totalmente inquietos, e então eu o ouvi dizer: — E Marie? Que diabos eu digo para minha filha quando ela quiser saber onde está seu namorado?

O irlandês disse: — Não diga nada, seu idiota. Você não sabe de nada. Você nunca esteve aqui. Como você poderia saber pra onde o imundo namoradinho crente dela fugiu? Tanto quanto se sabe, ele provavelmente fugiu pra algum lugar com uma putinha crente que vai abrir as pernas para ele sempre que ele quiser dar uma boa trepada.

Não há muito mais a dizer. Esperei até que eles tivessem ido, e então fiquei quieta por pelo menos mais uns vinte minutos no caso de eles voltarem e me encontrarem, e então eu corri. Eu só corri e corri e nunca olhei para trás. Nunca pensei que veria tal horror. Pensei que estava sonhando, que tudo tinha sido um pesadelo, mas claro que não foi. Eu sabia quem eles eram, sabe. Os dois homens. Eu sabia quem eles eram.

Nesse ponto, a mulher parecia se engasgar, como se oprimida pela tensão de reviver o seu pesadelo. A voz de Wallace foi ouvida novamente:

— Por favor, me diga seu nome. Você é Marie Doyle? E o nome dos homens que você diz ter visto cometendo o crime. Quem eram eles?

Depois de uma pausa, com apenas um som de respiração na linha, a voz da mulher finalmente retornou, quando ela disse, muito calmamente: — Marie Doyle morreu há muito tempo, Sr. Wallace. Quanto aos homens que fizeram isso, a polícia

vai descobrir seus nomes em breve, embora eu acredite que eles já saibam de um deles.

— O que você quer dizer quando menciona que Marie Doyle morreu? Quem é você? — insistiu Wallace.

— Pode me chamar de Jones, e eu vi Marie morrer também — disse a mulher, eventualmente.

— E Marie morreu também? Quando? Onde? Você a conhecia?

— Conhecia — disse a mulher com sua voz mudando de tom, quase como se ela estivesse em um estado onírico.

— E por que estava lá naquela noite?

— Eu estava andando, só andando, e eu os vi e os segui.

— Ouça, Srta. Jones, você deve ir à polícia. Diga a eles o que você me disse —, eles ouviram Wallace dizer, mas então veio o som do telefone sendo desligado. Ela tinha ido embora, e agora tudo o que se ouvia no gravador do Wallace era o som de estática.

* * *

— Peço desculpas por não ter conseguido mais, inspetor — disse Wallace.

— Não se desculpe, Sr. Wallace. Você fez bem em mantê-la na linha bastante tempo e obter tudo isso dela — disse Ross em resposta, seu rosto demonstrando preocupação e pensamento profundo.

— Você parece preocupado, Andy — se aventurou George Thompson, vendo a cara feia no rosto de Ross.

— Estou muito preocupado, George. Se essa mulher viu tudo isso, por que ela não informou à polícia imediatamente? Para onde ela foi, e por que de repente rastejar para fora da toca e contar esta história, Sr. Wallace? Se ela temia por sua vida há trinta e três anos, ela deve se sentir confiante de que nada vai prejudicá-la agora, ou ela não tem mais motivo para ter medo. Obrigado por trazer a fita. Espero que possamos contar com sua ajuda para não deixar essa informação ir a público até que tenhamos a oportunidade de verificar a veracidade da sua história, certo Sr. Wallace?

— Não se preocupe, inspetor. Nós não vamos imprimir uma palavra até que você dê o seu aval. Não queremos prejudicar uma investigação em curso. Na verdade, pode ficar com a fita, no caso de você precisar copiá-la, contanto que a devolva ao Echo quando tiver terminado com ela.

Ross agradeceu a Wallace por sua disposição e pelo empréstimo da fita, e rapidamente chamou Izzie Drake para seu escritório e tocou a fita para ela.

— Diabos, senhor, quem é essa mulher?

— Quem é ela de fato, Izzie, e que tal esta afirmação dela que Marie Doyle morreu há muito tempo? O que você acha disso?

— Talvez ela seja uma amiga de Marie? Ela pode ter visto o assassinato e pode até mesmo saber aonde Marie foi depois. Na verdade, senhor, ela pode ter escondido Marie por anos, talvez até a morte dela, e agora que o caso está nos jornais novamente, ela decidiu nos contar o que realmente aconteceu.

— Parece viável, sargento, mas ainda não faz muito sentido. Ela menciona Jimmy e um irlandês, então isso coloca tanto Jimmy Doyle como Patrick Bryce na história, até onde eu sei. Mas por que esta mulher misteriosa estava lá, nas docas, à noite, como ela descreve, convenientemente bem na hora em que Doyle e Bryce apareceram com Brendan Kane?

— Eu não sei, senhor, mas, com certeza, tudo o que ela disse na fita se encaixa com o que sabemos ou presumimos até agora.

— Sim, é verdade, com algumas lacunas aqui e ali. — Ross pensou profundamente por mais ou menos um minuto, e então, decidindo sobre seu próximo passo, falou mais uma vez. — Quero que Jimmy Doyle seja trazido assim que possível. E precisamos tentar encontrar essa mulher. Ela pode ser uma verdadeira testemunha.

— Será que ela está mentindo, senhor? Será que ela é Marie, ressurgindo depois de todos estes anos?

— Mas por que, Izzie? Se for, por que agora? O que ela espera conseguir?

Antes que eles pudessem continuar sua conversa, veio uma batida na porta, rapidamente seguida pela entrada do policial Ferris, que quase caiu dentro da sala em sua pressa para chegar a Ross. O rosto do jovem detetive estava vermelho. Algo obviamente o tinha trazido para o escritório de Ross com pressa.

— Caramba, Ferris — disse Ross, observando o estado de seu detetive —, onde é o incêndio, rapaz? Devagar, respire e então nos diga o que deixou você tão agitado.

Quase incapaz de se conter, Paul Ferris enfiou uma folha de papel na mão de Ross e se afastou da mesa. Ross olhou para o papel, e seu rosto assumiu um olhar de choque.

— O que é isso? — perguntou Izzie Drake e, quando ninguém respondeu imediatamente, perguntou novamente: — Paul, *o que é isso?*

— Conte a ela, Ferris — instruiu Ross.

— Certo, senhor. Bem, você me pediu para olhar mais a fundo para Patrick Bryce, e fiz uma solicitação extra para o RUC de qualquer informação adicional que pudesse ter sobre o sujeito e, bem, isto acabou de chegar. — Ele pegou a folha de papel que Ross tinha colocado sobre sua mesa. — Patrick Bryce está morto, assassinado, sargento.

— Meu Deus, quando? Há quanto tempo? — perguntou Drake, enquanto ela e Ross sentiram seus sentidos de repente mudarem para o estado de alerta vermelho.

— Há apenas uma semana. Seu corpo foi encontrado boiando em uma eclusa restaurada perto de Lisburn, próximo a Belfast, e olha só... — Ferris fez uma pausa para efeito, e então anunciou: — Ele foi alvejado em ambos os joelhos e depois espancado na cabeça com um objeto pesado, mais de uma vez, e seu corpo foi jogado na eclusa.

— Vingança — disse Ross. — Alguém decidiu que chegou a hora de vingar o que aconteceu com Brendan Kane e Marie Doyle.

— A misteriosa Srta. Jones? — postulou Izzie Drake.

— O que eu perdi? — perguntou Ferris. — E quem diabos é essa Srta. Jones?

— Você pode estar certa, Izzie — disse Ross, e então ele passou a fita que Wallace tinha lhe emprestado para Ferris. — Pegue isso, escute, e então me traga a cópia de melhor qualidade que conseguir. Isso vai lhe dizer tudo o que sabemos sobre a Srta. Jones. Volte a falar com seu amigo no RUC, e traga-me tudo o que puder sobre a morte de Bryce, circunstâncias, testemunhas, caramba cara, qualquer coisa e tudo o que eles tiverem. Precisamos reunir a equipe para uma reunião, e rápido. Você organiza, Izzie?

— Sim, senhor. E a vigilância sobre James Doyle?

— Diga a McLennan e Dodds para pegar nosso amigo Jimmy Doyle e trazê-lo para cá. Eu quero uma longa conversa em uma desconfortável sala de interrogatório com o Sr. James Doyle.

* * *

Duas horas mais tarde, o velho Jimmy Doyle estava sentado em uma mesa na sala dois na delegacia, esperando para ser entrevistado por Andy Ross e Izzie Drake. Ross tinha deliberadamente mantido Doyle esperando na tentativa de aumentar os níveis de tensão do sujeito. Ele esperava que Doyle finalmente cederia quando confrontado com algumas das informações na fita. Quando ficou ciente de que a polícia sabia tantos detalhes sobre o assassinato de Brendan Kane, Ross sentiu que eles poderiam arrancar a história completa e assegurar uma confissão de Doyle, supondo, é claro, que a história contada pela "Srta. Jones" fosse tão verdadeira quanto Ross esperava. Por agora, era uma aposta que ele estava disposto a fazer a fim de arrancar a confissão de Doyle.

Antes de iniciar o interrogatório, ele teve primeiro que passar alguns minutos desconfortáveis tentando acalmar Mickey e Ronnie Doyle, que Connie tinha chamado assim que Doyle tinha sido tirado de sua casa sob o cuidado da polícia.

Ambos os irmãos tinham ido para a casa de seus pais e, por insistência dela, levaram Connie ao quartel-general, onde estavam nesse momento de frente para Andy Ross.

— Viemos vê-lo em um esforço para ajudar, porque pensamos equivocadamente que os restos eram de nossa irmã, inspetor, e no final, você vira o jogo e prende o nosso pai — disse Mickey Doyle. — Você tem certeza de que ele tem algo a ver com o assassinato de Brendan?

— Olha Mickey, infelizmente eu não posso entrar em detalhes com você. A investigação foi longe demais agora e, como é uma investigação de assassinato, mesmo que você e Ronnie tenham sido muito úteis, existem protocolos que devo seguir, um dos quais é não discutir esses detalhes com alguém não autorizado.

— Está tudo bem meninos, mesmo — disse sua mãe, finalmente falando algo depois de manter um silêncio digno desde que tinha chegado ao quartel-general e sido colocada em uma sala de espera com seus filhos. — O inspetor tem um trabalho a fazer, e eu só queria estar aqui e ter uma palavra com ele antes de ele interrogar o seu pai.

— O que posso fazer por você, senhora Doyle, levando em conta o que acabei de dizer a Mickey? — perguntou Ross a Connie Doyle, que parecia ter encolhido desde a última vez em que ele a tinha visto, envelhecendo pelo menos dez anos no processo.

— É mais um caso de o que eu posso fazer por você, inspetor — respondeu ela. — Eu queria que vocês estivessem aqui também — disse ela para ambos os filhos —, porque vocês merecem saber o que vou dizer ao inspetor.

— Raios, mãe, parece-me ameaçadoramente grave — disse Ronnie, e Mickey disse: — Cristo, mamãe, o que é isso?

— Não há necessidade de usar o nome do nosso Senhor em vão, Mickey — Connie repreendeu seu filho mais velho, que murmurou um pedido de desculpas, e ela se virou para Ross mais uma vez e disse a ele, com sua voz pequena mas cheia de dignidade: — Depois que você ligou no outro dia, inspetor, você pode adivinhar, eu acho, que as coisas entre mim e o meu marido se deterioraram rapidamente depois das coisas das quais você o acusou. Quando você foi embora, eu exigi que Jimmy jogasse limpo, pelo menos comigo. Eu disse a ele que se ele tivesse alguma participação, independente do tamanho, no desaparecimento de Marie e no assassinato do pobre Brendan, ele devia isso para mim, sua esposa, deveria ser sincero comigo. Eu sabia que ele tinha sido evasivo com você. Estive casada com o sujeito tempo o suficiente para saber quando ele não está sendo sincero. Ele continuou a negar tudo, mesmo que eu soubesse que estava mentindo com cada palavra que saía da sua boca. Seu pai não é um bom homem, meninos, e eu espero que você possa fazê-lo confessar seus pecados, inspetor. Isto é sobre a sua própria

filha, em nome de Deus, e ele ainda não consegue ser homem o suficiente para me dizer, sua esposa, o que aconteceu a ela, ou como ele ajudou a assassinar Brendan.

Mickey e Ronnie empalideceram visivelmente com suas últimas palavras, e ela acabou por dizer: — Diga-lhe que ele precisa procurar o perdão de Deus, inspetor, pois com certeza eu não sei se posso encontrá-lo em meu coração para conceder-lhe o meu. Por favor, me levem para casa agora, rapazes, e deixem o inspetor fazer o seu trabalho. Saberemos em breve o que ele vai decidir fazer com seu pai.

Com isso, Connie Doyle e seus filhos deixaram a sala, Connie de braços dados com eles, e Andy Ross preparou-se para começar a sua entrevista com Jimmy Doyle.

* * *

— Antes de entrarmos, há uma coisa que precisamos lembrar — disse Ross calmamente a Izzie Drake enquanto ficaram ao lado da porta da sala dois.

— O que é, senhor? — perguntou ela.

— Nós trabalhamos duro para tentar resolver este caso, Izzie, e agora parece que finalmente colocamos nossas mãos em um dos dois autores. O outro, Patrick Bryce, infelizmente está fora do alcance da justiça terrena, como nós soubemos recentemente. Sabemos que o sujeito que estamos prestes a entrevistar é culpado como o inferno, mas este é o detalhe deste maldito caso, nós não temos nenhuma evidência dura e concreta com a qual confrontá-lo. Com o que temos neste momento, um bom advogado seria capaz de tirá-lo daqui em poucas horas.

— Então, o que exatamente você está dizendo, senhor?

— Que nós vamos entrar lá e fazer tudo o que pudermos para arrancar alguma forma de confissão de culpa dele. Nós usaremos as acusações que a "Srta. Jones" fez na fita, e veremos se ele vai ceder ao ser confrontado com o fato de que ele foi visto no cais quando Brendan foi assassinado. Se ele ceder, talvez possamos acusá-lo de conspiração, e mesmo assim a CPS pode dizer que temos uma chance real mínima de condenação.

O rosto de Drake revelou que ela havia entendido as palavras do seu chefe, e ela certamente não gostava das implicações do que ele tinha acabado de dizer. Ela sabia muito bem que, se o Crown Prosecution Service sentisse que um caso teria pouca chance de conseguir uma condenação, eles não iriam em frente com a acusação. A polícia precisava produzir provas concretas, provas da culpa de uma pessoa antes de seguir em frente.

— Você está me dizendo que não importa o que façamos aqui dentro, aquele bastardo provavelmente vai sair andando, não é? — disse ela.

— Isso é exatamente o que estou dizendo, Izzie, a menos que nós possamos desenterrar algumas provas físicas, ou se a misteriosa "Srta. Jones" aparecer e

concordar em ser uma testemunha, o que pelo menos pode fazer com que Doyle tenha que responder no tribunal pelos seus crimes. Apenas para avisar, não se surpreenda com nada do que eu disser lá dentro, e me apoie como se tivéssemos um caso concreto contra Doyle, ok?

Com um toque de apreensão misturada com desapontamento em sua voz, Drake simplesmente respondeu: — Ok, senhor, vamos lá.

Jimmy Doyle olhou para cima quando os dois detetives entraram confiantes na sala e se sentaram nas duas cadeiras no lado oposto da mesa onde ele estava. Inicialmente, Ross tinha se surpreendido quando o sujeito não insistiu na presença de um advogado enquanto estivesse sendo interrogado, mas logo percebeu que o velho, apesar de seus crimes, não tinha tido nenhum contato prévio com o sistema legal e, provavelmente É o nosso ponto de vista, senhor Doyle, que você participou do assassinato de Brendan Doyle em uma data ainda desconhecida durante o verão de 1966, e que agiu em parceria com seu primo Patrick Bryce, um conhecido membro do IRA Provisório que você convidou para Liverpool, a fim de executar o assassinato. Além disso, precisamos discutir o subsequente desaparecimento de sua filha, Marie Doyle, que, de acordo com todas as informações conhecidas, foi vista pela última vez na época da morte de Brendan Kane, e está desaparecida desde então.

Como no interrogatório que tinham realizado na sua casa, a simples menção do nome de sua filha serviu para irritar Jimmy Doyle que, imediatamente, levantou a voz em indignação com a insinuação de Ross.

— Eu já disse, não sei nada sobre o desaparecimento de Marie. Acredita mesmo que eu faria algo para machucar minha filha? Que tipo de homem você acha que eu sou, inspetor Ross?

Em particular, Ross agora acreditava que, como resultado das ruidosas e agitadas negações de Doyle de envolvimento no desaparecimento de Marie, ele possivelmente poderia estar falando a verdade sobre esse aspecto do caso, mas ele não ia deixar Doyle saber disso, pelo menos não ainda. Em vez disso, ele respondeu à explosão de Doyle:

— Um homem muito mau, é a resposta simples para isso, Sr. Doyle. Acho que você é um fanático religioso tacanho que seria capaz de matar ao invés de deixar sua filha se envolver romanticamente com um membro da fé protestante, apesar de que a partir do que descobrimos, nem Marie nem Brendan Kane davam a mínima para qualquer forma de religião. Eram apenas dois jovens apaixonados um pelo outro, pela música e pela alegria pura que viver naqueles primeiros anos da década de sessenta parecia gerar na geração mais jovem da época. Você mascarava bem seus sentimentos, fazendo de conta que não se importava que seus filhos e sua filha estavam tendo o momento de suas vidas como parte de um grupo pop que incluía um

protestante. Quanto tempo depois que eles começaram a andar juntos que você desenvolveu seu ódio por Brendan? Foi quando eles formaram o grupo, ou talvez mais cedo, na época da pré-escola? Você é um homem que provavelmente passou toda a sua vida de casado impondo sua vontade e sua ultrapassada intolerância religiosa na sua esposa e na sua família, os quais, devo dizer, parecem ter se cansado de suas atitudes, e até mesmo sua esposa decidiu agora se levantar e ser ouvida, porque, Jimmy Doyle, ela simplesmente está farta de você.

— E eu estou farto de você e de suas perguntas — disse Doyle, ainda com uma pitada de arrogância na voz. — Eu já disse que Patrick veio aqui à procura de trabalho. Porque você não o encontra e pergunta para ele?

— Por acaso, encontramos Patrick Bryce, ou melhor, a Royal Ulster Constabulary o encontrou, mas não seremos capazes de perguntar nada a ele. O corpo do seu primo foi encontrado em uma eclusa renovada num canal perto de Belfast, com a cabeça esmagada e dois ferimentos de bala em seus joelhos. Isso soa familiar para você, Sr. Doyle?

As palavras de Ross deixaram Doyle em silêncio. No fundo, ele sentia a sua agora tênue ligação com a realidade, e com sua liberdade, começando a escapar. Sem saber o que dizer ou como reagir à notícia de Ross sem se incriminar ainda mais, Jimmy Doyle simplesmente sentou-se balançando a cabeça, lágrimas começando a aparecer nos cantos de seus olhos. Ele pôde ser ouvido resmungando sob sua respiração, diversas e diversas vezes, uma única palavra, "não, não, não."

Ficando irritado com o sparring verbal que parecia não estar levando a lugar algum, e querendo se aproveitar da vantagem que ele sentiu que o choque da notícia sobre o Bryce tinha dado a ele, Ross sinalizou com a cabeça para Drake que, com o sinal combinado, abriu a pequena pasta marrom que ela tinha colocado na mesa e fez uma pretensão de ler alguma coisa dentro do arquivo, antes de limpar a garganta, olhar Doyle nos olhos, e continuar o interrogatório.

— O que você diria, senhor Doyle, se eu lhe contasse que uma testemunha apareceu para nos dizer que você foi visto na noite da morte de Brendan Kane, atuando junto com o seu primo, Patrick Bryce, no assassinato do jovem?

— O quê? Você está mentindo, isso é o que está fazendo, mentindo para tentar arrancar uma confissão de algo que não fiz. Eu sei sobre estas coisas. Você lê o tempo todo sobre a polícia tentando levar as pessoas inocentes a fazerem falsas confissões.

— É isso mesmo, Sr. Doyle? — perguntou Izzie enquanto começou a recitar as palavras como faladas por "Srta. Jones" na fita, com Doyle discutindo com o primo dele sobre a gravidade do que Bryce tinha feito. Ferris tinha feito uma cópia rápida da fita, e Drake tinha feito anotações das partes mais importantes, aquelas que ela

achou que melhor poderiam ser usadas na conversa com Jimmy Doyle. Ela ficou em silêncio e aguardou, ela e Ross observando a reação de Doyle.

O rosto de Jimmy Doyle imediatamente empalideceu, e ele engoliu a seco, tanto visualmente como audivelmente. Depois de dar-lhe tempo para responder e não receber nenhuma resposta, Ross entrou novamente na conversa:

— Bem, Jimmy, não tem nada para nos dizer?

Seguiu-se mais uma longa pausa, e então, de forma muito lenta e deliberada, como se finalmente tivesse percebido a gravidade da sua situação, Doyle falou apenas quatro palavras:

— Eu quero um advogado.

Com isso, Ross não tinha mais escolha, a não ser encerrar a entrevista. Em circunstâncias normais, ele mandaria seu suspeito para uma cela enquanto um advogado fosse encontrado para representar o sujeito, mas, sabendo que ele estava em uma situação muito delicada, e que um advogado decente iria olhar para o caso de polícia como estava e faria Doyle ser solto imediatamente, ele tomou a incomum decisão de liberar Jimmy Doyle sob fiança, com instruções para retornar à delegacia de polícia em quarenta e oito horas na companhia de seu advogado. Ele se ofereceu para entrar em contato com um advogado de direito para representar Jimmy, mas Doyle insistiu que poderia encontrar um advogado ele mesmo.

No entanto, antes que Doyle pudesse deixar a delegacia, enquanto a papelada para a sua libertação estava sendo concluída, o policial Ferris veio procurar por Ross:

— Senhor, estou feliz que você tenha terminado a entrevista. Enquanto você estava lá com Doyle, recebemos um telefonema de Ronnie Doyle. Parece que, enquanto toda a família estava aqui logo depois de Doyle ter sido trazido para o interrogatório, alguém invadiu a casa de Jimmy e Connie.

— Caramba, qual é a próxima neste nosso caso maluco? Ronnie disse se alguma coisa foi roubada, presumindo que foi um caso de roubo?

— Não exatamente, senhor. Ele disse que alguém quebrou a janelinha ao lado da porta de trás, e conseguiu abri-la usando a chave que foi deixada na fechadura. Eu disse que alguém iria para lá logo que possível, e pedi para que solicitasse à sua mãe que fizesse uma lista de tudo o que achasse que tinha sido levado. Eu pensei que era a melhor coisa a fazer, senhor. Espero que eu tenha agido certo.

— Sim, claro que sim, Ferris. Bem, podemos dar a Jimmy uma carona para casa, já que temos de ir até lá novamente. Você pode ir junto com ele no banco de trás e ajudar a mim e à sargento Drake lá na casa, presumindo que os dois filhos ainda estejam lá, assim como Connie. Quantos mais de nós para tomar declarações, melhor. É melhor você ir e informar a sargento Drake, e então ir encontrar Jimmy

antes de terminarem de processar sua liberação de fiança, e certifique-se de que ele espere por nós. Não quero que ele vá para casa por conta própria.

Vinte minutos mais tarde, Ross, Drake e Ferris, acompanhado de um mal-humorado e silencioso James Doyle, estavam em uma viatura, mais uma vez a caminho da casa de Doyle. Ross pode não ter percebido no momento, mas este caso estranho e o misterioso e desconcertante desaparecimento de Marie Doyle estavam prestes a passar por mais uma, e neste caso derradeira, reviravolta.

Capítulo 33

ANJO!

— Parece que alguém esperou que você saísse, e então se aproveitou da situação para fazer uma rápida invasão — disse Izzie Drake enquanto analisava a vidraça quebrada ao lado da porta da frente. Ela tinha buscado por sangue, caso o ladrão tivesse se cortado no vidro quebrado, talvez deixando uma conveniente e potencial amostra de DNA, mas nada estava evidente ao redor ou sob os cacos de vidro que sujavam o chão da cozinha.

Ross e Ferris tinham dado uma rápida olhada ao redor da cozinha e da limpa e arrumada sala de estar, mas não viram qualquer evidência de algo fora do lugar, muito menos quaisquer sinais visíveis de algo ter sido tirado dos quartos.

Os membros da família obviamente não esperavam que Jimmy Doyle chegasse em casa tão cedo, e certamente não na companhia de três oficiais de polícia. Ross tinha explicado a Ronnie as circunstâncias que cercaram a liberação de seu pai sob fiança, mas Ronnie ignorou totalmente o velho, que, parecendo estar em transe e sem tentar ajudar com o inquérito sobre a invasão, se retirou para o jardim, onde começou sua habitual atividade de jardinagem com sua pequena variedade de flores.

Ronnie explicou que Mickey tinha levado sua mãe para se deitar no andar de cima. A pobre mulher tinha sofrido choque e agitação suficientes para um dia, Ross pensou consigo mesmo enquanto subia a escada estreita, sabendo que tinha de falar com Connie. Seria ela que poderia dizer se alguma coisa tinha sido levada de sua casa.

Batendo na porta do que ele achou que era o quarto principal da imaculadamente limpa casa geminada, Ross a empurrou gentilmente para dentro, revelando Mickey sentado ao lado da cama dos seus pais, e sua mãe deitada de costas, coberta por um cobertor que Mickey provavelmente tinha tirado do otomano estampado floral que ficava aos pés da cama.

— Desculpe incomodá-la, Senhora Doyle — disse Ross baixinho, entrando timidamente no quarto.

— Está tudo bem, Mickey — disse Connie, colocando uma mão no braço dele quando sentiu que seu filho estava prestes a protestar contra a intrusão de Ross. — O inspetor tem que fazer suas perguntas, ou ele não vai saber quem fez isto conosco. Por favor, entre, inspetor. Eu estou bem, realmente, um pouco cansada, só isso. As

coisas foram um pouco agitadas hoje, como você sabe, e temo que eu não esteja ficando mais jovem, sabe.

O sorriso que Connie dirigiu a Andy Ross poderia ter derretido o coração de qualquer homem, e naqueles curtos segundos antes de ele se desvanecer, viu a linda mulher que ela devia ter sido em sua juventude, tanto quanto sua filha Marie deveria ser quando desapareceu há trinta e três anos. Sorrindo de volta para ela, Ross também viu pela primeira vez desde que o havia conhecido o quão amável e gentil Mickey Doyle poderia ser. Qualquer pretensão de ser um cara durão simplesmente desapareceu enquanto ele se sentava ao lado de sua mãe, cuidado e respeito as duas emoções prevalentes no seu rosto. Se apenas o pai dele tivesse sido abençoado com tal personalidade, Ross pensou consigo mesmo, em vez do seu modo de vida mesquinho, intolerante e cruel. Afastando tais pensamentos, Ross respondeu a Connie em uma voz suave e gentil, sabendo que a pobre mulher tinha sofrido o bastante em sua vida e não querendo aumentar os seus problemas:

— Sra. Doyle, Connie, me desculpe, eu sei que é um momento terrível, mas nenhum de nós esperava por isso. Pode ter algo a ver com a prisão de Jimmy, só crianças, ou mesmo um ladrão oportunista que tenha feito isso. É por isso que precisamos saber o que foi roubado. Você já teve a oportunidade de dar uma olhada e talvez fazer uma lista das coisas que estão faltando?

— Lamento, inspetor. Eu estava prestes a dar uma olhada e ver se algo estava faltando, quando fiquei tonta, e Mickey insistiu que eu viesse para cá para me deitar.

— Está tudo bem, Connie, e tenho certeza de que Mickey estava com razão ao se preocupar com você, e fez a coisa certa em trazê-la para cá para se deitar e descansar. Mickey, você saberia o que está faltando se viesse dar uma olhada junto com Ronnie?

— E ele, o velho? — perguntou Mickey. — Eu vi você sair do carro com ele. A casa é dele, inspetor, não minha. Não sei mesmo se alguma coisa importante foi levada, mas posso dizer que nada de óbvio estava faltando quando nós entramos, você sabe, a televisão, o vídeo, o aparelho de som, todos ainda estão aqui. São essas as coisas que os ladrões normalmente levam, não é?

— Sim, são — concordou Ross. — Se você não se importar, se você se sentir bem o suficiente, Connie, eu realmente apreciaria se você pudesse vir dar uma olhada para mim.

Connie Doyle colocou-se em uma posição sentada.

— Mickey, ajude-me a levantar, ok? Bom menino. Vou dar uma olhada, inspetor, se você acha que vai ajudar.

— Tenho certeza de que vai, Connie, e obrigado.

Ross liderou o caminho para as escadas estreitas, Mickey apoiando a mãe na parte de trás. Na metade do caminho, o som de uma pequena explosão reverberou na

estreita passagem que formava a escada. Mickey achou que era o som de fogos de artifício sendo soltados por crianças do bairro. Eles pareciam soltá-los durante o ano todo hoje em dia, não só para celebrar a noite de Guy Fawkes. Andy Ross, no entanto, reconheceu imediatamente o som de um tiro, disparado de uma arma de pequeno calibre.

— Que diabos...? — exclamou Ross, e saltou os últimos poucos degraus em dois pulos, correndo para a cozinha pois o som tinha vindo de trás da propriedade.

A cozinha estava deserta, a porta de trás aberta e, enquanto ele cuidadosamente caminhava em direção à porta, Ross percebeu que Mickey e sua mãe tinham entrado na cozinha e tentavam segui-lo. Ele rapidamente levantou as duas mãos em um gesto de "pare" e disse aos dois:

— Por favor, fiquem aqui até eu ter certeza de que é seguro lá fora. Cuide da sua mãe, Mickey. Não vou demorar.

Ross chegou à porta dos fundos e, antes de sair, chamou sua sargento:

— Sargento Drake, policial Ferris, vocês estão bem?

— Senhor, nós estamos bem, mas você precisa vir aqui, agora — veio a resposta de Izzie Drake.

Ross saiu para o jardim, onde ele rapidamente viu a cena que o aguardava. Drake e Ferris estavam de pé sobre o corpo de Jimmy Doyle, que estava deitado sobre um dos seus canteiros de flores premiados, o sangue pingando de sua camisa devido a um tiro no peito. Seu filho mais novo, Ronnie, estava ajoelhado ao lado de seu pai, segurando a cabeça dele em suas mãos.

— O que diabos aconteceu aqui? — gritou Ross a seus detetives, no momento em que Connie e Mickey Doyle apareceram na porta e viram a cena que estava se passando no jardim. Connie ofegou audivelmente e, quando Ross se virou, as pernas da velha senhora cederam e ela desmaiou, felizmente sendo apanhada e apoiada por Mickey.

— Mickey, leve sua mãe para dentro de casa e fique com ela — ordenou Ross, e Mickey, atordoado, obedeceu, levantando sua mãe com ternura em seus braços, levando-a para casa, enquanto Ross se aproximava da cena.

— E então, alguém vai me contar o que aconteceu? — perguntou ele novamente.

Izzie Drake forneceu a resposta:

— Você estava lá em cima com Connie e Mickey, senhor, e Ronnie estava verificando a cozinha comigo e Ferris, para ver se podia identificar algo que pudesse estar faltando, e Doyle estava aqui, cuidando de suas flores. Ouvimos um barulho, obviamente o tiro, e no momento em que chegamos aqui, Doyle estava de joelhos, quase como que se estivesse orando e, quando chegamos até ele, ele se virou, e Ronnie ficou com ele até agora.

— Ele está morto? — perguntou Ross.

— Não, senhor, pelo menos, não ainda. Eu solicitei apoio e uma ambulância pouco antes de você aparecer pela porta dos fundos.

Ross foi até onde Ronnie estava ajoelhado ao lado de seu pai, e colocou uma mão em seus ombros.

— Ronnie, seu pai falou algo sobre o que aconteceu?

Ronnie olhou para Ross. Apesar de sua aversão ao que seu pai tinha feito no passado, ele, afinal de contas, ainda era seu pai, e Ronnie não pôde evitar ficar perturbado e confuso com os acontecimentos dos últimos dois minutos.

— Ele... ele... tentou dizer... algo — Ronnie quase se engasgou com suas palavras. — Parecia algo, tipo, "Um anjo, um anjo veio até mim". Não faz sentido. Por que ele pensaria que um anjo tinha vindo até ele quando quem quer que fosse atirou nele? Papai, espere, está me ouvindo? A ambulância estará aqui em um minuto.

Curvando-se, o policial Ferris colocou dois dedos no pescoço de Doyle e, em seguida, olhou para cima e balançou a cabeça.

Izzie tocou Ronnie gentilmente em seu braço direito e disse, com tristeza:

— Lamento, Ronnie. Ele se foi.

— Ronnie, por favor, você deve entrar e ficar com sua mãe e Mickey — disse Ross, e ele delicadamente mas com firmeza ajudou Ronnie a se levantar, e acenou para Ferris, que levou Ronnie lentamente em direção à casa, deixando Ross e Drake junto do corpo.

Ross virou-se para sua sargento:

— E ninguém viu ou ouviu nada, certo?

— Nada, senhor. Um minuto tudo estava em paz, então ouvimos o tiro, nós saímos, corri para o portão de trás e olhei para os dois lados ao longo do beco, mas não vi ninguém.

— Então quem atirou em Jimmy Doyle veio e foi embora discretamente, e também se movimentou muito rapidamente. Pena que não tínhamos alguém lá na frente no momento, caso o assassino tivesse um carro esperando na rua.

— Nós nunca esperávamos que alguém daria um tiro nele em seu próprio quintal, não é, senhor?

— Não, Izzie, nós não esperávamos, mas talvez deveríamos, depois do que aconteceu com Patrick Bryce.

— Mas isso foi na Irlanda do Norte, senhor.

— Que está apenas a um passeio de barco através do Mar da Irlanda de distância, e é muito fácil para um assassino com sede de vingança chegar aqui e terminar o que havia começado com Bryce.

O som das sirenes interrompeu a conversa deles e, segundos depois, Paul Ferris estava escoltando um par de paramédicos pela porta dos fundos, suas habilidades

agora redundantes para a situação, e eles rapidamente confirmaram o fato de que Jimmy Doyle tinha realmente ido ao encontro do seu criador. Eles foram seguidos de perto pelos policiais Dodds, Gable e McLennan, que olharam de forma quase incrédula para a cena da morte na então pacífica rua. O corpo de Jimmy Doyle foi rápida e profissionalmente retirado do canteiro de flores, as flores ao seu redor esmagadas e quebradas devido à sua queda, e colocado em uma maca com rodas e, para poupar a família da dor desnecessária, levado pelo portão dos fundos e ao longo do beco dos fundos até a ambulância que aguardava na rua. Enquanto a ambulância ia embora, a caminho do necrotério do hospital, Ross reuniu sua equipe a seu redor:

— Bem, temos que ser rápidos. Como eu dizia à sargento Drake, isto é um caso de vingança. Alguém, e eu acredito que seja a misteriosa "Srta. Jones", levou a cabo o assassinato de Patrick Bryce e Jimmy Doyle em vingança pela morte de Brendan Kane. Precisamos encontrá-la rapidamente, antes que ela desapareça para a obscuridade na qual ela se escondeu por um longo tempo.

— Mas, por que vingança agora, senhor? — perguntou Derek McLennan. — Faz mais de trinta anos que Kane foi morto. Por que ela, se é que foi esta tal de Jones, não fez nada contra Bryce e Doyle anos atrás? Por que esperar até agora?

— Eu não sei. Vamos perguntar isso a ela quando, e se a pegarmos — respondeu Ross.

— Senhor? — disse Drake. — E quanto ao que Doyle tentou dizer a Ronnie, enquanto agonizava? O que quis ele dizer com "um anjo" vindo até ele? Ele estava apenas delirando, ou estava tentando dizer a Ronnie algo sobre o assassino?

— Eu realmente não sei a resposta para isso também Izzie, ainda não. Ouça, ainda não determinamos se alguma coisa foi levada durante o assalto. Precisamos saber se foi serviço do nosso assassino, ou um crime de oportunidade separado e independente, alguém se aproveitando da ausência de Doyle.

Um pensamento atingiu Ross, e ele disse à sua sargento: — Você passou um bom tempo aqui há alguns dias, Izzie. Por favor, é um tiro no escuro, eu sei, mas vá lá dentro, dê uma olhada nos cômodos lá de baixo, e veja se alguma coisa está diferente ou fora do lugar em comparação com sua última visita. Ferris, vá falar com a família. Eles tiveram alguns minutos para se recompor. Eu sei que é uma hora ruim para eles, mas precisamos saber se Connie, especialmente, viu ou ouviu qualquer coisa ultimamente que ela possa ter achado suspeita. Seja gentil com eles, eles tiveram um choque, mas também precisamos de uma declaração de Ronnie, ele foi um dos primeiros a chegar. Descubra se o seu pai disse mais alguma coisa enquanto ele estava lá. A família pode não ter gostado muito de Jimmy Doyle no final, mas eu duvido que eles iriam querer que seu assassino escapasse da justiça.

Drake e Ferris foram logo para dentro de casa executar as ordens de Ross. Então ele instruiu que Dodds e Gable iniciassem inquéritos de casa em casa na rua, no caso

de qualquer um dos vizinhos de Doyle ter visto ou ouvido o assassino, antes ou depois do crime. Infelizmente, sendo meio-dia, a maioria dos residentes provavelmente estaria no trabalho, e as chances de encontrar alguma testemunha útil eram ínfimas. Mesmo o som do disparo teria provavelmente sido confundido com o som de fogos de artifício sendo soltos. A juventude de hoje parecia capaz de obtê-los durante todo o ano, e a noite de 5 de Novembro tinha pouca exclusividade com relação ao comércio de fogos de artifício. Ele ordenou que Derek McLennan o ajudasse a examinar o jardim e o beco dos fundos, em busca de quaisquer sinais que o assassino pudesse ter deixado para trás, e estava prestes a começar quando o pessoal de cenas de crime chegou para realizar sua própria investigação, e foram seguidos de perto por uma Izzie Drake um pouco sem fôlego.

— Senhor, tenho algo importante para reportar — disse ela.

— Vá em frente, sargento — exclamou Ross —, eu preciso mesmo de uma boa notícia em meio a esta confusão horrível.

Drake respirou fundo e disse: — Bem, senhor, acabei de subir e descer as escadas para ver uma coisa com Connie, daí meu estado ofegante, porque quando estávamos aqui no outro dia, ela me mostrou algumas coisas que ela guarda como lembranças de Marie. Uma delas era o pequeno rádio a transistor amarelo de Marie. Ela o guarda atrás de uma fotografia de Marie no aparador na cozinha. Quando olhei em volta, como você me pediu há alguns minutos, olhei para a foto e estava prestes a seguir em frente quando algo me fez olhar atrás dela. O rádio se foi, senhor. Corri lá em cima onde Mickey tinha feito sua mãe se deitar e descansar. Ela ainda estava em choque, mas eu só tinha que saber se ela tinha tirado o rádio dali, talvez durante a limpeza, ou para colocar as pilhas, pois ela tinha me dito que ainda colocava pilhas novas nele o tempo todo. De qualquer forma, ela disse que não havia tocado no rádio desde que eu estive aqui no outro dia, senhor. Que tipo de ladrão entra em uma casa com aparelhos modernos em todos os quartos, mas leva apenas um rádio a transistor com uns trinta anos?

Ross pensou nisso por um momento, antes de responder:

— O tipo de ladrão que estava aqui para uma coisa, e apenas uma coisa, Izzie. Quando Doyle estava dando seus últimos suspiros, você ouviu as suas palavras exatas para Ronnie?

— Bem, na maior parte sim, senhor, mas ele não estava falando claramente, tossindo sangue e tudo mais.

— Bem, então, quando ele falou sobre o "anjo", ele realmente falou "um anjo", ou poderia ter sido "meu anjo"?

— Eu não tenho certeza absoluta, senhor. Ouvi "anjo" muito claramente, mas o resto foi muito confuso.

Ouvindo a conversa deles, Derek McLennan fez um comentário que deixou os pelos da nuca de Ross em pé:

— Doyle falou sobre um anjo no final, é? Talvez ele tenha sido visitado por aquela freira que eu e Nick vimos por aí no outro dia.

— Freira? Você disse que viu uma freira, McLennan?

— Sim, senhor. Quando estávamos observando Doyle no outro dia, e quando ele e a senhora Doyle saíram para ir às compras, enquanto nós os seguíamos e viramos a esquina no final da rua, vimos uma freira do lado de fora da casa de apostas. Parecia que ela estava ali esperando por alguém. Nós brincamos sobre não ser bom para o negócio de apostas ter uma freira parada na porta da frente.

— É isso, Izzie — gritou Ross animadamente. — Lembra que nós, ou melhor, você viu uma freira andando pela rua quando viemos pela primeira vez para entrevistar James Doyle?

— Sim, senhor, eu me lembro — respondeu Drake. — O que exatamente você está pensando sobre ela?

— Você não entendeu, Izzie? A freira, pelo amor de Deus. A freira, a maldita Srta. Jones, elas são a mesma pessoa, e sob esse hábito, se não estou enganado, está a resposta para a outra metade do nosso mistério. Marie Doyle não está morta e, por razões conhecidas apenas por ela mesma, ela ressurgiu depois de tanto tempo, para se vingar pela morte de seu namorado. Tudo faz sentido agora, tirando a questão de onde ela esteve por trinta e três malditos anos.

— Meu Deus, senhor. Marie Doyle!

— Sim, sargento, Marie Doyle. Você, jovem Derek, é um maldito gênio, bom trabalho rapaz.

Derek McLennan irradiou orgulho quando Ross bateu-lhe no ombro:

— Sou, senhor? Obrigado, senhor.

— Sim, Derek, você é. Se você não tivesse mencionado a freira agora, eu não teria entendido tão rapidamente. Era isso que Jimmy Doyle estava tentando dizer a Ronnie no final. Ele tinha sido visitado por *seu* anjo, sua filha desaparecida, depois de todos esses anos, só que ela não era sua filha amorosa, seu anjo, era? Marie Doyle se tornou um anjo vingador, e nós temos que encontrá-la e acabar com isso agora. A questão é, para onde ela iria? Ela tinha algum um lugar especial por aqui, talvez algum lugar que ela e Brendan tratavam como seu lugar de encontros secreto ou algo assim? Izzie, vá agora mesmo perguntar a Connie, mas pelo amor de Deus, não diga a ela que achamos que Marie está viva e é a assassina de duas pessoas.

Izzie desapareceu rapidamente para dentro da casa, retornando alguns minutos depois:

— Senhor, Connie se lembrou que outra coisa desapareceu há alguns dias. Pode ser significativo. Marie tinha um diário de cinco anos, sabe, um daqueles grossos

com fechadura a chave que as pessoas costumavam manter anos atrás. Era guardado em uma gaveta no aparador, e no dia em que ligamos da primeira vez, Connie percebeu à tarde que ele havia sumido. Se a freira era Marie, ela pode ter entrado na casa pela porta dos fundos, que os Doyle habitualmente deixavam aberta quando alguém estava em casa, embora eles a tenham trancado hoje quando todos eles foram para a sede da polícia, e vasculhou o aparador, o encontrou e o levou. Ela não saberia que sua mãe o pegava regularmente, apenas para segurá-lo, senti-lo e sentir uma proximidade com sua filha desaparecida. Mas o problema é que ela deve ter corrido um grande risco, entrando assim, se o casal estivesse em casa no momento.

— A menos que ela soubesse que os dois estavam fora, como no dia em que eles foram às compras. Deve ter havido outras oportunidades para ela entrar e dar uma boa olhada por aí — disse Ross. — E sobre o lugar especial?

— Connie não pôde nos ajudar com isso, senhor. Ela disse que, se alguém soubesse de um lugar especial de Marie e Brendan, esse alguém seria Clemmy De Souza, ou Clemmy Oxley como agora a conhecemos, é claro.

— Certo, Izzie, pegue o telefone agora. Ligue para a casa de Oxley. Se ela não estiver lá, mas Phillip estiver, pegue o número de trabalho dela. Diga a ele que é importante, mas não mencione o assassinato, ok?

— Certo, senhor, mas por que a urgência? O que você acha que pode acontecer? — perguntou Izzie ao seu chefe, que parecia obcecado pela necessidade de agir a toda velocidade.

— Izzie, me escute por um minuto, ok? Por uma questão de argumentação e, baseado nos pedaços de informação que nós recebemos de seus amigos e de sua família, vamos dizer que Marie saiu de casa uma noite para encontrar com o seu namorado. Ela não levou seu amado rádio a transistor, que nós somos levados a acreditar ela levava consigo a todos os lugares, ou porque ela o esqueceu ou, eu suspeito, porque ela não esperava ficar fora por muito tempo, ou talvez porque as pilhas estivessem fracas. De qualquer forma, lá vai ela, mas antes que ela possa se encontrar com o namorado, ele é interceptado por seu pai e por Patrick Bryce. De alguma forma ela os vê juntos, e então os segue, sem ter certeza do que está acontecendo. Quando ela vê Bryce e seu pai matarem Brendan, bem, admito que a minha teoria aqui é um pouco confusa, mas talvez seu cérebro tenha se desligado, ou ela ficou apavorada demais para dizer ou fazer alguma coisa, então ela corre. Deus sabe onde ou com quem ela acabou, mas de alguma forma ela conseguiu permanecer fora de vista por mais de trinta anos, até que a notícia sobre a descoberta dos restos de Kane saiu no jornal. Talvez isso tenha agido como um gatilho, que a colocou nesse curso de vingança pelo que ocorreu há trinta e três anos. Se a pegarmos, podemos perguntar a ela.

— Senhor, é uma boa teoria, mas quando você diz se...?

— Olha, Izzie, ela é obviamente instável, conseguiu o que se propôs a fazer, e ainda tem uma arma. Será que eu preciso desenhar?

Uma luz instantânea piscou no olhar de Drake. Ela sabia o que Ross estava insinuando, e pôde entender seu raciocínio. — Vou fazer esse telefonema agora mesmo, senhor.

Ross só pôde esperar pelo que pareceram intermináveis minutos enquanto Drake fazia a chamada de dentro da casa dos Doyle. Enquanto isso, ele tentou se distrair assistindo aos técnicos da cena do crime trabalhando, mas sem muito sucesso. Não era como se fossem encontrar alguma coisa que pudesse acrescentar ao seu caso, afinal de contas.

Eventualmente, Drake retornou e, livre do fardo da espera, seus nervos relaxaram um pouco enquanto ele ouvia o que ela tinha a dizer:

— Felizmente Clemmy estava em casa, senhor. Ela estava obviamente muito curiosa sobre a urgência do meu pedido, mas eu disse a ela que iria informá-la mais tarde. Ela pensou sobre a questão por um minuto e depois lembrou-se de que Marie e Brendan gostavam de visitar New Brighton. Brendan levou-a furtivamente para lá para passar o fim de semana em algumas ocasiões. Ela mentia para os pais e dizia que iria ficar com algumas amigas. Eles naturalmente não tinham razão para suspeitar dela naquela época. Marie disse a Clemmy que ela perdera a virgindade com Brendan uma tarde em um trailer que ele tinha alugado para o fim de semana por lá.

Ela entregou um pedaço de papel a McLennan: — Entre em contato com a sede, Derek. Veja se esse lugar ainda existe.

McLennan assentiu e se aproximou do portão de trás para verificar o endereço com a sede, e Drake continuou falando com Ross:

— Eu também tomei a liberdade de perguntar se o nome "Srta. Jones" significava alguma coisa para ela, no caso de existir uma segunda mulher, talvez trabalhando com Marie. Ela riu e me disse que "Srta. Jones" era a mãe dela, senhor. Aparentemente, quando seu pai, o marinheiro português, conheceu sua mãe, seu nome de solteira era Victoria Jones. Seu pai, Luis, era um grande fã de Ava Gardner naquela época, e levou a mãe de Clemmy, que ele sempre dizia que se assemelhava a Gardner, ao cinema para ver *A Encruzilhada dos Destinos*, estrelado por Ava Gardner e Stewart Granger. Luis ficou maravilhado que a personagem de Ava Gardner se chamava Victoria Jones, e muitas vezes se referia à sua esposa como "Srta. Jones" de forma carinhosa. Marie sabia de tudo isso, senhor, era exatamente o tipo de história romântica que melhores amigas compartilham, então eu acho que você está absolutamente certo.

— Isso foi bem pensado, Izzie, bom trabalho. Alguma coisa, Derek? — perguntou para McLennan, que terminou de falar em seu rádio da polícia e

rapidamente atravessou o jardim para onde estavam Ross e Drake:

— O camping ainda existe, senhor. Modernizado e atualizado, com chalés e coisas para aqueles com um bolso mais cheio, e aparentemente ainda tem a mesma parte de frente para a praia, a área arborizada para caminhadas e assim por diante. Um dos caras na sede me escutou falando com Mackie no telefone, e veio dar uma informação extra. Disse-me que ele muitas vezes passa os fins de semana em um chalé com a esposa e os filhos lá, nas férias escolares.

— Ótimo trabalho, Derek. Ok, eis o plano. Nós vamos deixar a policial Gable aqui, e instruir Dodds a continuar com a investigação casa a casa. Derek, eu quero você e Ferris em outro carro. Vocês podem seguir a mim e a sargento Drake. Vamos lá, vamos acelerar. Vamos para a praia!

* * *

A estrada para New Brighton estava relativamente vazia. Usando o moderno túnel Kingsway, uma travessia de pouco mais de dois quilômetros sob o Mersey, a viagem se tornava mais fácil e rápida do que ter de apanhar um ferry como nos "velhos tempos", e os dois carros da polícia chegaram rapidamente à cidade de Wallasey, e daí para a sua parceira de beira-mar, a antes grande, mas agora um pouco derrubada New Brighton.

Seguindo as instruções fornecidas pelo policial Mackie da sede, eles chegaram ao camping apropriadamente chamado de Seaview apenas cinco minutos depois de chegar no lado sul do rio. Parando em uma entrada cercada, Ross saltou do carro, permitindo que Drake passasse com o carro, seguida por Ferris e McLennan no segundo carro. Ross seguiu as instruções aos motoristas de "Por favor, fechem o portão, ajudem a manter nossas crianças seguras" e atravessou até o prédio da recepção, a uns dez metros do portão, também adornada com uma mensagem, "Todos os visitantes devem se apresentar à recepção".

Ross praticamente explodiu através da porta do serviço de recepção, construída para se assemelhar a uma cabine de registro tais como as encontradas nos parques do Canadá ou dos Estados Unidos, pegando a jovem moça no balcão de recepção totalmente de surpresa, seguido de perto por Drake que tinha estacionado na frente da porta, deixando o motor da viatura ligado.

Agindo com rapidez para dissipar seus medos, Ross gritou a palavra "Polícia" para ela, produzindo sua identificação imediatamente, como se por mágica.

— Co...Como posso ajudá-lo? — perguntou a jovem moça, trêmula, que parecia não ter mais que dezoito ou dezenove anos, ainda sem muita certeza do que estava acontecendo. Ross leu o crachá fixado no lado esquerdo do seu peito.

— Kylie — ele disse —, eu não tenho tempo para explicar agora, mas precisamos de indicações para a sua caminhada da floresta e para a área de praia, e não temos tempo a perder.

Tentando se recompor rapidamente depois do choque inicial devido à entrada pouco ortodoxa de Ross, Kylie pegou uma cópia de um dos folhetos de apresentação do parque para aqueles que estivessem passando as férias por lá. Abrindo-o totalmente em cima da balcão, ela apontou para um mapa do parque, convenientemente espalhado nas duas páginas centrais do folheto informativo.

— Basta seguir a estrada principal através do parque — disse —, em seguida, siga os sinais verdes para a caminhada da floresta e praia onde a estrada se divide para os vários chalés e estacionamentos para trailers. É uma estrada muito mais estreita, mais um grande caminho na verdade, e chega a um beco sem saída a uns oitocentos metros da praia em si, e receio que você tenha de andar a partir daí. Carros não são permitidos. Por favor, pode me dizer o que está acontecendo? Meu gerente vai querer saber.

— Não temos tempo para explicar, Kylie. Vamos falar com seu gerente sobre isso mais tarde. Obrigado por sua ajuda.

Com isso, ele foi para a porta, Izzie Drake em seu rastro. Não demorou mais do que um minuto para as duas viaturas, facilmente excedendo o limite de dez quilômetros por hora do parque, chegarem à entrada bloqueada para o caminho que os levaria através da pequena área arborizada até a praia.

Os quatro oficiais se reuniram e Ross passou rapidamente as suas instruções:

— Ouçam com atenção — começou ele. — Eu quero que todos fiquem perto de mim até sairmos da caminhada da floresta que, de acordo com o mapa, se abre para fora cerca de uns cem metros da praia. Estes tufos pouco difusos no mapa do parque parecem indicar uma área de grama alta entre as árvores e a praia, então vamos parar por aí e avaliar a situação antes de decidir como realizar a busca por ela.

— Você tem certeza de que ela vai estar aqui, senhor? — perguntou Ferris.

— Não, Paul, não tenho 100% de certeza, mas todos os meus instintos me dizem que é onde ela gostaria de estar depois de completar o que ela vê como seu trabalho. Quando nos separamos para procurar, eu quero silêncio absoluto. Não quero que ninguém faça nada para que ela se assuste e faça algo estúpido. Entenderam?

Recebendo acenos de reconhecimento de seus três oficiais, Ross respirou profundamente, disse "Vamos", e lentamente levou sua pequena equipe através da estreita entrada para a trilha na floresta.

* * *

Parada nas longas e ondulantes fibras de grama do mar que formavam uma fronteira natural entre a floresta e a praia, a irmã Mary Dominique olhou para as ondas que pareciam ociosamente abordar a costa, pequenas espumas brancas se formando quando quebravam na praia. Ela sorriu enquanto sua mente começava a devanear, e em segundos ela tinha deixado de ser a irmã Mary Dominique, a freira, vestida em seu monótono hábito cinza e branco. Agora ela se via como tinha sido, uma jovem mulher, com vinte anos novamente, e quando ela olhou para baixo, ela admirou o lindo vestido amarelo com sua estampa floral alegremente decorada. Ela deu uma risadinha quando a areia fez cócegas nos seus pés descalços, e ela olhou para a praia, assistindo à maré subindo e descendo. Em sua mente, ela colocou a mão em sua bolsa de praia de alças longas; na realidade, ela estava colocando a mão no grande bolso frontal do seu hábito, do qual ela tirou seu estimado rádio a transistor e seu diário. Ela ficou olhando para a praia, como à espera de ver alguém. De alguma forma, ela sabia que ele não voltaria. Marie Doyle ligou o pequeno rádio, girando a sintonia, até encontrar uma estação tocando os mais recentes sucessos. Ouvindo com dificuldade a música que parecia ter que brigar para sair do alto-falante minúsculo e bastante gasto do seu rádio, ela percebeu que esta música estava totalmente errada. Esta não era a música com a qual ela e Brendan tinham crescido, e ela suspirou ao girar novamente a sintonia, finalmente encontrando uma estação que tocava "clássicos de ouro", os sons dos anos sessenta, sons dela e de Brendan. Ela começou a bater seu pé descalço e sorriu quando o som de *When You Walk in the Room* dos Searchers ecoou pelo alto-falante minúsculo, como ele havia feito tantas vezes, tantos anos antes.

O som dos Searchers estava começando a desaparecer quando Ross e sua pequena equipe de detetives surgiram da linha das árvores e pisaram no caminho que levava à praia. O rádio começou a reproduzir outro clássico, os Cascades cantando *Rhythm of the Rain* e, enquanto o som fluía através do espaço aberto entre os policiais e Marie, ela se virou para olhar para eles como se ela tivesse percebido sua presença no segundo em que tinham aparecido no caminho.

Marie sorriu na direção de Ross, e então virou-se mais uma vez, olhando para fora em direção à maré entrante, seu rosto uma máscara de concentração. Ela ficou tensa por um segundo, e uma brisa ligeira soprou, levando o som da música do seu rádio diretamente no sentido de Ross e seus policiais. Ross olhou para a mulher, a freira, a poucos metros de distância, embora ele de alguma forma sentisse como se ele estivesse vendo um quadro surreal, algo real e ainda assim não real, quando Marie colocou uma mão no bolso da frente do seu vestido/hábito e lentamente puxou lá de dentro o que só poderia ser o seu diário. Ela se virou para Ross mais uma vez, segurando o diário na direção dele, como se o convidando, e então ela lenta e deliberadamente colocou o diário no chão, ao lado de seu estimado rádio a transistor.

Ela se virou mais uma vez, encarando a maré, e colocou mais uma vez a mão no bolso do vestido. Ross de repente congelou, sabendo exatamente o que ela estava prestes a tirar das dobras volumosas de seu hábito. O tempo parecia ter parado, o quadro totalmente surreal se passando diante dos detetives em câmera lenta, enquanto Marie lentamente tirava do bolso a forma ameaçadora de um pequeno revólver. Sabendo que era a arma usada para matar tanto o pai de Marie como Patrick Bryce, Ross agora não tinha dúvidas do que Marie pretendia fazer a seguir, mas, no entanto, ele se sentiu inexplicavelmente enraizado no lugar, congelado naquele momento no tempo enquanto Marie virava-se para ele uma última vez.

Ela sorriu mais uma vez e olhou para as ondas novamente, antes de se virar para encarar Ross e dizer, muito claramente, sua voz levada pela brisa: — Ele está esperando por mim.

Nos próximos poucos, confusos e assustadores segundos, enquanto os detetives pareciam recuperar o controle de suas faculdades, Marie levantou a arma, colocou-a contra a têmpora direita e, quando Ross gritou "Marie, não, não faça isso", o som do tiro ressoou através das areias, Marie desabando para a esquerda enquanto a arma caía dos seus dedos sem vida com um suave baque nas areias de New Brighton.

Ao lado do corpo agora sem vida de Marie Doyle, não mais uma pessoa desaparecida, seu pequeno e insignificante rádio a transistor amarelo tocava *No Milk Today*, dos Herman's Hermits.

Ross abaixou-se, pegou o rádio, desligou-o e o colocou no bolso.

Epílogo

Nos dias seguintes à morte de Marie Doyle, Ross e Drake foram capazes de descobrir bastante sobre o mistério em torno de seu desaparecimento e os subsequentes anos na obscuridade.

Antes de acabar com sua própria vida na praia de New Brighton, Marie, como suspeitava Ross, deixou algumas notas detalhadas na parte de trás do seu velho diário, o que contribuiu muito para preencher os espaços em branco.

Verificou-se que Marie Doyle era uma freira genuína. Irmã Mary Dominique tinha surgido logo após a morte de Brendan Kane. No seu caminho para encontrá-lo naquela fatídica noite, trinta e três anos antes, Marie tinha perdido o ônibus e acabou se atrasando. Quando finalmente chegou à cidade, ela correu para encontrar Brendan perto das docas, onde normalmente iam a um pequeno café por lá, que fornecia privacidade e Coca-Cola gelada. Quando estava prestes a entrar na rua onde ficava o café, ela ouviu vozes, reconhecendo imediatamente a de Brendan e, para sua surpresa, a de seu pai, Jimmy Doyle. Marie tinha percebido que algo não estava certo, e entrou na porta de uma loja, de onde ela ouviu seu pai dizer a Brendan que ele tinha sido visto, por um amigo de Doyle, com ela, saindo do camping em New Brighton, na sua última visita lá. Doyle tinha rapidamente somado dois com dois e supôs, com razão, o motivo pelo qual o casal tinha contratado um trailer no camping. Ela viu Patrick Bryce, o seu assim chamado tio Patrick, sair das sombras e empurrar Brendan pelas costas.

O diário dela passou a descrever os acontecimentos no cais, isentando o pai de diretamente cometer qualquer violência contra Brendan, mas não de instigar o que aconteceu depois. Estava tudo lá nessas últimas páginas tristes, o espancamento, os tiros nos joelhos, os protestos de seu pai, e Brendan sendo atingido com o martelo e atirado sem a menor cerimônia no Mersey a partir do cais da Cole & Sons.

Horrorizada com o que tinha visto e congelada pelo medo, Marie ouviu Bryce dizendo para seu pai se livrar do carro de Brendan, e ele correu para onde Brendan havia estacionado seu carro, e ela nunca soube o que ele fez com o carro, embora ela tenha escrito que suspeitava que seu pai o tivesse escondido por um dia ou dois, e depois o tivesse vendido como sucata para um dos muitos sucateiros obscuros da cidade que pagavam um preço decente sem fazer perguntas.

Ela não podia ir para casa, não depois do que tinha testemunhado, então ela caminhou por quilômetros até chegar às portas de um convento onde foi recebida

inquestionavelmente pelas irmãs que habitavam por detrás de seus muros sólidos e seguros.

Ross tinha visitado o convento, onde a Madre Superiora, irmã Mary Angela, tinha preenchido mais algumas lacunas para ele. Elas nunca souberam o nome verdadeiro de Marie. Ela tinha simplesmente se chamado de Clemency quando chegou, pegando emprestado o nome de sua melhor amiga, Clemmy De Souza. A Madre Superiora anterior, que estava no comando no momento da chegada de Marie, respeitava a sua necessidade de privacidade, percebendo que a garota tinha sido vítima de uma terrível tragédia, e Marie nunca foi questionada sobre o que a trouxe para as portas do convento, e Marie certamente nunca ofereceu qualquer informação sobre tudo o que tinha acontecido a ela, e eventualmente ela tomou as ordens sacras e se tornou uma parte valiosa do seu convento, apesar de evitar as muitas oportunidades que lhe foram dadas para se envolver no trabalho desenvolvido em escolas locais e em vários projetos na comunidade, preferindo permanecer dentro do santuário do convento, cuidando dos jardins onde as freiras cultivavam vegetais e também alguns canteiros de flores muito impressionantes. Ross pensou que seu pai teria ficado orgulhoso de sua filha por isso.

Os anos que se seguiram revelaram-se sem incidentes, embora Mary Dominique, como Marie se tornou conhecida após sua ordenação, sempre parecia estar acometida por uma grande tristeza, e os olhos às vezes traíam uma pitada de medo, como se, mesmo na segurança fornecida pelo convento, ela se sentisse ameaçada ou insegura de si mesma. Ela possuía uma bela voz e tinha sido membro importante do coro do convento.

As coisas tinham tomado um rumo para o pior cerca de seis meses antes do assassinato de Patrick Bryce, quando, após uma curta enfermidade, a irmã Mary Dominique tinha sido diagnosticada como sofrendo de um tumor cerebral inoperável. A personalidade dela mudou, e ela de repente decidiu envolver-se com um projeto evangelístico que ajudava ex-condenados em sua reabilitação para a comunidade. Ross supôs que ela obteve a arma, que tinha se mostrado impossível de identificar, de um de seus novos amigos da fraternidade criminal. Ela certamente não teria sabido como eliminar o número de série da arma, ou onde obter a munição correta para ela. Mais recentemente, ela tinha tirado umas curtas férias do convento, que Ross presumia coincidiram com a sua visita à Irlanda do Norte, onde ela tinha infligido a sua própria versão de justiça poética a Patrick Doyle.

Conforme sua condição se deteriorava, ela passava mais e mais tempo fora do convento, e a maioria das suas colegas freiras achava que ela estava apenas talvez visitando lugares e pessoas que ela conhecia, antes que o tumor levasse à inevitável conclusão. Pouco suspeitam do que realmente estava acontecendo em sua mente, a

sua doença finalmente levando-a a buscar uma vingança terrível para os erros cometidos contra ela e Brendan tantos anos antes.

Não havia muito mais a dizer, e a polícia ficou satisfeita que mais ninguém tinha sido envolvido na trama de Marie para matar Bryce e seu pai. Alguém, talvez um amigo de James Doyle que trabalhava na BICC, provavelmente tinha digitado a carta falsa para ele enviar ao senhorio de Brendan, mas nada seria obtido com um novo inquérito sobre aquele detalhe do caso. Ross tinha carimbado "Caso Encerrado" no arquivo que ele tinha aberto para o assassinato de Brendan Kane, e depois para o desaparecimento de Marie Doyle.

* * *

O Dr. William "Gordo Willy" Nugent tinha realizado o obrigatório exame post-mortem do corpo de Marie Doyle, confirmando a presença do tumor cerebral que, de acordo com sua estimativa, a teria matado em menos de três meses. Além de artrite, presente em suas mãos e pés, nada mais de significativo apareceu no seu exame.

Um atestado de óbito rapidamente redigido dava a causa da morte de Marie como "suicídio enquanto o equilíbrio da sua mente estava perturbado", e o corpo foi liberado para o enterro.

Uma psiquiatra de primeira linha tinha confirmado a Ross que a mente humana, complexa e às vezes incompreensível, tinha a capacidade de "desligar" quando confrontada com acontecimentos ou visões que eram demasiado terríveis de suportar, e isto foi o que provavelmente aconteceu no caso de Marie. Incapaz de lidar com o que tinha visto na noite em que Brendan fora assassinado, ela tinha desenvolvido um bloqueio, retraindo-se para dentro de si, e passou a viver em um novo e seguro mundo próprio, até que a notícia da recuperação dos restos de Brendan chegou a ela, ressuscitando a lembrança de eventos que levaram a essa conclusão trágica.

Com a cooperação da polícia e do médico legista, a família Doyle decidiu realizar um funeral conjunto para Marie e Brendan Kane, cujos restos mortais finalmente puderam descansar ao lado da mulher que ele havia amado, sua bela Marie.

Em contraste com o funeral de Jimmy Doyle realizado antes, do qual participaram apenas Connie e seus filhos, e mesmo assim só porque eles sentiram a obrigação de estarem presentes, o funeral de Marie e Brendan tornou-se uma espécie de espetáculo de mídia. Apesar de Marie ter assassinado Patrick Bryce e Jimmy Doyle, sua história e de seu condenado caso de amor com Brendan Kane, e o papel executado por Bryce e seu pai no assassinato do jovem tinha se tornado notícia nacional e, com uma ajudinha da mídia, Marie virou uma celebridade.

De repente, Brendan Kane and the Planets atingiu um nível de fama com o qual eles talvez tinham apenas sonhado no início dos anos 60, quando ainda jovens tentaram e não conseguiram alcançar o sucesso no brutal mundo da indústria da música pop. Uma gravadora até se deu ao trabalho de entrar em contato com Mickey, Ronnie e Phil Oxley na tentativa de convencê-los a aceitar um contrato de gravação para produzir um álbum baseado em algumas das canções escritas por Brendan Kane no início. Os três declinaram da oferta, sem exceção. Eles haviam crescido, a vida era diferente agora, e eles nunca teriam suportado o brilho da mídia moderna, mesmo que as canções tivessem sucesso nas paradas atuais, algo que todos eles duvidavam que pudesse acontecer.

O funeral conjunto teve uma participação maciça, contando até com a presença de alguns dos artistas mais populares para fazer suas próprias homenagens a um dos precursores da indústria pop moderna, uma descrição que Brendan Kane teria adorado. Connie Doyle e seus filhos fizeram belas homenagens à bela, mas derradeiramente debilitada filha e irmã, que o tempo e as circunstâncias haviam retirado deles, não como resultado de sua recente morte, mas devido ao mal que espreitava no coração dos homens mais de trinta anos antes. Cada um fez uma homenagem adicional para Brendan, ao amor que ele compartilhou com Marie, e ao fato de que o que lhes fora roubado em vida, eles agora compartilhariam para sempre na morte.

Ross e sua equipe estavam lá, apenas Paul Ferris ausente, pois ele e sua esposa estavam no hospital infantil com seu filho Aaron depois de serem notificados de que um rim tinha sido disponibilizado após a morte de um menino de oito anos em um acidente rodoviário.

Dr. William Nugent e Hannah Lewin, que tinham trabalhado duro para identificar os restos mortais de Brendan, participaram para prestar suas homenagens, assim como Ethan Tiffen, que viajou de Londres, tendo sido tocado pela história dos dois amantes cujo sonho impossível tinha sido viver e trabalhar em seu país.

Phil Oxley estava lá, naturalmente, e ele falou sucintamente de seu velho amigo Brendan e de Marie, sempre feliz, sempre sorridente, e sempre acompanhada pela música do seu rádio. Talvez a palavra final tenha sido da antiga melhor amiga de Marie, Clemmy, agora Sra. Phil Oxley, que chorou ao relembrar da época em que conviveram, quando cresceram no que ela chamou de "um mundo diferente, um mundo mais limpo e feliz, e do qual nós que crescemos nele nunca vamos esquecer." — Onde quer que esteja agora, menina — disse ela —, uma coisa é certa: você vai fazer com que a música nunca morra.

Enquanto o caixão de Marie desaparecia lentamente dentro do solo, "America" de Neil Diamond era tocada em um sistema de som instalado especialmente para o

dia. De acordo com Connie Doyle, após pedir que o rádio a transistor de Marie fosse enterrado com ela, isso foi perfeitamente apropriado para a ocasião.

Connie, é claro, certificou-se de que o pequeno rádio amarelo recebesse pilhas novas antes de se juntar a Marie em seu lugar de descanso final.

Sobre o autor

Brian L Porter é um autor premiado, cujos livros também lideram regularmente as listas de mais vendidos da Amazon. Escrevendo como Brian, ele ganhou um Prêmio de Melhor Autor, e seus livros de suspense receberam os Prêmios de Melhor Thriller e Melhor Mistério.

Como Harry Potter, seus livros infantis alcançaram três classificações de mais vendidos na Amazon nos EUA e no Reino Unido.

Além disso, sua terceira encarnação como o poeta romântico Juan Pablo Jalisco trouxe reconhecimento internacional com sua coletânea de trabalhos, *Of Aztecs and Conquistadors*, chegando ao topo das listas de mais vendidos nos EUA, Reino Unido e Canadá.

Brian vive com sua esposa, filhos e uma maravilhosa matilha de dez cães resgatados.

Além disso, ele também é o roteirista interno da ThunderBall Films (Los Angeles), onde também é coprodutor em vários de seus projetos cinematográficos.

Morte no Rio Mersey e seus outros romances já tiveram seus direitos de adaptação cinematográfica cedidos para a ThunderBall Films, que os adquiriu para uma franquia.

Caro leitor,

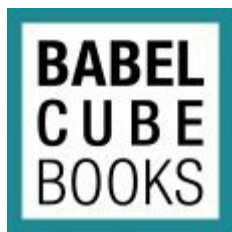
Obrigado por ter lido *Morte no Rio Mersey*. Se você gostou, por favor, considere contar aos seus amigos ou postar uma curta avaliação. O boca-a-boca é o melhor amigo de um autor, e muito apreciado.

Sua classificação e suas recomendações diretas farão a diferença

Classificações e recomendações diretas são fundamentais para o sucesso de todo autor. Se você gostou deste livro, deixe uma classificação, mesmo que somente uma linha ou duas, e fale sobre o livro com seus amigos. Isso ajudará o autor a trazer novos livros para você e permitirá que outras pessoas também apreciem o livro.

Seu apoio é muito importante!

Procurando outras ótimas leituras?



Seus livros, seu idioma

A Babelcube Books ajuda os leitores a encontrar ótimas leituras. Ela tem o papel de mediadora, aproximando você e seu próximo livro.

Nossa coleção é alimentada por livros produzidos no Babelcube, um mercado que aproxima autores de livros independentes e tradutores e distribui seus livros em vários idiomas no mundo todo. Os livros que você encontrará foram traduzidos, para que você possa descobrir leituras incríveis em seu idioma.

Temos a satisfação de trazer livros do mundo todo até você.

Caso queira saber mais sobre nossos livros, acesse nosso catálogo e solicite nossa newsletter. Para conhecer nossos lançamentos mais recentes, visite nosso site:

www.babelcubebooks.com